

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – UNICAMP
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GERONTOLOGIA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

PROGRAMAS INTERGERACIONAIS:
um estudo sobre as atividades que aproximam
as diversas gerações

Autora: CRISTINA RODRIGUES LIMA

Orientadora: DR^a ZULA GARCIA GIGLIO

2007

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

***Programas Intergeracionais:*
um estudo sobre as atividades que aproximam as diversas gerações**

**Autor: Cristina Rodrigues Lima
Orientadora: Dr^a Zula Garcia Gliglio**

**Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida
por Cristina Rodrigues Lima e aprovada pela Comissão Julgadora.**

Data:

Assinatura:.....

(Orientadora)

COMISSÃO JULGADORA:

2007

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

L628p Lima, Cristina Rodrigues
Programas intergeracionais : um estudo sobre as atividades que aproximam
as diversas gerações / Cristina Rodrigues Lima. -- Campinas, SP: [s.n.],
2007.

Orientador : Zula Garcia Giglio.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade
de Educação. Programa de Pós-Graduação em Gerontologia.

1. Relações entre gerações. 2. Idosos. 3. Interação. 4. Cooperação. I.
Giglio, Zula Garcia. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade
Educação. III. Título.

07/123-BFE

Título em inglês : Intergenerational Programs : a study about activities that bring generations together

Keywords: Intergenerational relationships; Senior Citizen ; Interaction; Cooperation

Área de concentração : Gerontologia

Titulação: Mestre em Gerontologia

Banca examinadora: Profa. Dra. Zula Garcia Giglio (Orientadora)

Profa. Dra. Margareth Brandini Park

Prof. Dr. Fernando César Paulino Pereira

Profa. Dra. Neusa Maria Mendes de Gusmão

Prof. Dr. Vera Madruga

Data da defesa : 27/08/2007

E-mail: cristinarl@uol.com.br

Programa de pós-graduação: Educação

Dedicatória

Dedico aos meus avós paternos, João e Auta, e aos meus avós maternos, Eloi e Odete, pois que na condição de neta tive a oportunidade de conhecer o valor e a sabedoria da intergeracionalidade, verdadeiras lições de perseverança, solidariedade, esperança e alegria.

Dedico este trabalho também, registro de minhas pesquisas e reflexões de mais de duas décadas, aos participantes desta pesquisa, com destaque para os idosos, principalmente aqueles que entrevistei. Agradeço imensamente a confiança e a gentileza por terem me fornecido excelentes relatos que compõem e dão sentido a esta dissertação.

Agradecimentos

Ao amor do meu esposo Luiz, meus dois filhos, Felipe e Daniel, meu enteado Rafael que acreditaram no meu objetivo e proporcionou todas as condições para que eu conseguisse alcançá-lo, e que precisaram conviver com minha ausência durante todo o tempo que me dediquei ao curso, sendo privados de minha atenção e dedicação. Agradeço a tolerância, solidariedade, paciência e o constante estímulo de confiança, força e persistência.

Ao amor de meus pais, Domingos e Cleusa (in memoriam), meu irmão Marcelo, que me ensinaram a lutar pelos meus sonhos. Com eles aprendo e reaprendo cada dia a amar, a ser amada e o eterno fazer a vida.

À professora Dra. Zula Garcia Giglio, orientadora deste trabalho, que desde o início acreditou em mim e nesta dissertação, que pela sua competência acadêmica instigou o meu pensamento e o meu afeto, permitiu-me ver um pouco mais longe o desenvolvimento e a solidariedade humana no contexto do ciclo da vida.

À professora Dra. Anita Liberalesso Neri, coordenadora do programa de mestrado, pelas supervisões do conteúdo deste trabalho e acolhida durante as aulas do curso.

À banca, pelas sugestões e pertinentes observações que fez na ocasião de meu exame de qualificação e defesa.

Ao Serviço Social do Comércio – SESC/Campinas, uma entidade pioneira no trabalho com os idosos e que goza de reconhecimento social com as demais gerações; à equipe e colegas de trabalho que me apoiaram durante o curso, especialmente a Luciana Martins e a Valdirene Roberto pela compreensão desta realização e carinho.

Para finalizar, a todas as pessoas que estiveram próximas, no período que escrevi esta tese, em especial Fernando Paulino, Nirlei Oliveira e Frank Susumu que me toleraram nos momentos difíceis, mas que também, através da experiência de cada um deles, fizeram-me um ser confiante, sentimento que apaziguou minha alma nesta caminhada.

Ilustração 1



“Aprendi muito com a velhice. Acho que fiquei um pouco mais sábio. Sábio não é quem sabe mais que os outros. O sábio diminui saberes. Ele escolhe o que é essencial. Os saberes essenciais são aqueles que nos ajudam a viver”.

Rubem Alves

Lima, C.R., **Programas Intergeracionais: um estudo sobre as atividades que aproximam as diversas gerações**. Campinas/SP; 2007: Dissertação de Mestrado em Gerontologia, Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas.

Resumo

Este estudo investiga quais recursos, além daqueles dentro do âmbito familiar, promovem melhor interação entre as gerações. Foram observadas, na condução das atividades intergeracionais, quatro atividades diferentes com o objetivo de descrever o processo de interação e de cooperação nas relações entre as diferentes gerações e de analisar a sua importância e implicações no contexto sócio-cultural, na perspectiva dos conhecimentos gerontológicos, que permeiam o envelhecimento ativo. Tendo-se em conta os dados que apontam para uma expectativa de vida cada vez mais alta, os estudos sobre a intergeracionalidade ganham proeminência na literatura e se constituem em um material efetivo para fomentar um envelhecimento ativo e com boa qualidade. Nas relações familiares saudáveis e em algumas situações sociais positivas, os velhos ensinam o conhecimento do envelhecer, transmitem a memória cultural e valores éticos fundamentais do seu grupo, e as outras gerações lhes ensinam os conhecimentos tecnológicos e os colocam em contato com as transformações sociais em curso, o que enfatiza o papel do diálogo entre as gerações como fundamental na prevenção da dependência do idoso e do preconceito etário. Realizamos uma investigação qualitativa, para a qual foram utilizados os seguintes instrumentos: observações diretas, depoimentos orais e entrevistas semi-estruturadas de 40 participantes, de 6 a 81 anos, das atividades do Programa "Gerações" do Sesc-Campinas. Os **resultados** apontam a geratividade como a maior forma de cooperação que uma geração pode dar à outra. Os programas e atividades intergeracionais são grandes incentivadores para as diversas gerações participarem significativamente, na sua comunidade e no seu mundo; os participantes aprendem a ser sensíveis, compreensivos, respeitosos e podem crescer confortavelmente com as diferenças e semelhanças individuais entre eles e, ao mesmo tempo, enfraquecer qualquer tipo de discriminação. Espera-se que esta pesquisa contribua para a programação de futuros projetos com grupos intergeracionais e amplie os conhecimentos sobre a problemática atual do idoso, principalmente quanto ao preconceito etário e ao menosprezo de que, muitas vezes, os velhos são alvo, frutos de uma sociedade de consumo e da mercantilização das relações sociais presentes em nossa cultura.

Palavras chaves: relações intergeracionais; idosos; interação; cooperação.

Lima, C.R., *Intergenerational Programs: a study about activities that bring generations together* Campinas/SP; 2007: Dissertação de Mestrado em Gerontologia, Faculdade de Educação na Área de Concentração em Gerontologia da Universidade Estadual de Campinas, SP. Brasil.

Abstract

This study investigate which resource, besides the family environment, promotes a better interaction between generations when conducting intergenerational activities. Four different activities has been observed with the **goal** to describe the interaction and cooperation process between different generations relationship and also to analyze the importance of each activity and its implication to the social-cultural context in a gerontology perspective that comes along the active aging process. Considering the data pointing out to higher life expectance, the studies on intergeneration are gaining evidence in the literature and are becoming an effective field to support the quality active aging process. In healthful family relationship and in some positive social relationship, the senior teach the aging knowledge, transmitting the cultural memory and fundamental ethic values of their group, and the other generation, on the other hand, teach them the technological knowledge and put them in contact with the social transformation in course, emphasizing the dialogue role between the generation as a fundamental act on the prevention of the dependency and the aging prejudice. It has been chosen to develop a qualitative investigation, for so the following instruments have been used: direct observation, oral depositions and semi structured interviews of 40 participants from 6 to 81 years old from the Programs “Generation” of Sesc-Campinas, through which has been researched how a generation views the other, how one develops and change, or not, its conceptions regarding the other. The **results** point generativity as the major form of cooperation that one generation can give to another. The intergenerativity programs and activities are great incentives for diverse generations to participate significantly, in their communities and their worlds; the participants learn to be sensitive, comprehensive, respectful and can grow comfortably with the differences and individual similarities between them and, at the same time, weaken any type of discrimination. **Hoping** this research contributes to the programming of future projects with intergenerational groups and amplify its knowledge on the currents aging issues, mainly about the aging prejudice and the disdain that several times the older are target, because of a consuming society and the capitalization of the social relationship that are now present in our culture.

Keywords: intergenerational relationships; seniour citizen; interaction; cooperation

SUMÁRIO

Introdução	01
Justificativa	03
Cap. I As gerações nas sociedades contemporânea	07
1.1 Um breve histórico	07
1.2 Acepção de geração nas sociedades ocidentais contemporânea	09
1.3 Transição demográfica	13
1.4 O estilo de vida atual das gerações	17
1.4.1 A infância	18
1.4.2 A juventude	21
1.4.3 Os velhos	23
1.4.4 As relações intergeracionais intrafamiliares	28
1.4.5 A relação da criança e do jovem com os avós	31
1.4.6 As relações intergeracionais além do âmbito familiar	35
1.5 A segmentação das gerações e as perdas nas relações intergeracionais.....	39
Cap. II Os Programas Intergeracionais (PIs)	43
2.1 Definição	43
2.2 Os trabalhos e as pesquisas	46
2.3 A cooperação como estratégia de aproximação	53
Cap. III A escolha de um caminho	61
3.1 Descrição do campo da pesquisa	61
3.2 Trabalho Social com Idosos (TSI)	63
3.3 Programa “Curumim”	66
3.4 Programa Sesc “Gerações”	67
3.4.1 As Atividades intergeracionais do programa	70
3.4.1.1 Oficinas de Teatro	70
3.4.1.2 Atividades eventuais	72
3.4.1.2.1 “De Carta em Carta”	72
3.4.1.2.2 “Sarau Intergeracional”	74

3.5	Objetivos	74
3.5.1	Gerais	74
3.5.2	Específicos	75
3.6	Participantes da pesquisa	75
3.7	Método	76
3.8	Reunião dos dados para pesquisa	80
3.9	Interpretação dos dados	81
3.10	Critérios de análises	83
Cap. IV	Análise das Atividades Intergeracionais (AIs)	89
4.1	“De Carta em Carta”	89
4.1.1	Análise das cartas	90
4.1.2	Análise do Grande Encontro	101
4.1.3	As categorias	103
4.1.4	Observações parciais	105
4.2	“Sarau Intergeracional”	110
4.2.1	As categorias	112
4.2.2	Observação parcial	125
4.3	“Oficinas de Teatro”	128
4.3.1	Oficina de Teatro 2005	128
4.3.1.1	As categorias	136
4.3.1.2	Observação parcial	142
4.3.2	Oficina de teatro 2006	144
4.3.2.1	As categorias	151
4.3.2.2	Observação parcial	161
Cap. V	Considerações finais	163
5.1	Os mais velhos	163
5.2	As gerações mais novas	165
5.3	Atividades Intergeracionais (AIs) do Programa Sesc “Gerações” ...	166
5.4	Os profissionais	167
5.5	A interação cooperativa	169
5.6	Conclusão	171
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS		175

ANEXO I	Quadro 1: Análise de conteúdo das cartas das crianças	185
	Quadro 2: Análise de conteúdo das cartas dos idosos	186
	Quadro 3: Análise dos achados em comum idosos e crianças ...	187
ANEXO II	Quadro 4: “Sarau” - Entrevistas: Crianças e técnicos	188
	Quadro 5: “Sarau” – Entrevistas: Idosos	190
ANEXO III	Quadro 6: Análise de conteúdo Teatro05 – categoria das crianças e jovens	191
	Quadro 7: Análise de conteúdo Teatro05 – categoria idosos	192
	Quadro 8: Análise dos achados em comum idosos e crianças ...	193
	Quadro 9: Análise final	194
ANEXO IV	Quadro 10: Análise de conteúdo Teatro06 – categoria das crianças e jovens	195
	Quadro 11: Análise de conteúdo Teatro05 – categoria idosos ..	196
	Quadro 12: Análise dos achados em comum idosos e crianças .	197
	Quadro 13: Análise final	199
ANEXO V	Termos de Consentimento Livre e Esclarecido.....	201
ANEXO VI	Termo de Autorização (menores de 18 anos)	202
ANEXO VII	Termo de Autorização (Campo da Pesquisa)	203
ANEXO VIII	Termo de Autorização – FEAC	204
ANEXO IX	Transcrições brutas das entrevistas	205
	1. “De carta em carta”	206
	2. “Sarau Intergeracional”	214
	3. “Teatro Intergeracional” (2005)	225
	4. “Teatro Intergeracional” (2006)	248

SIGLAS

AI: Atividades Intergeracionais

CMU: Centro de Memória da Unicamp

ECA: Estatuto da Criança e do Adolescente

EREC: Encontro Regional de Escolas Cooperativas da Região Sudeste do Estado de São Paulo

FEAC: Federação das Entidades Assistenciais de Campinas

FGTS: Fundo de Garantia por Tempo de Serviço

GAP: Ginástica com aparelhos

GETI: Gerência de Estudos e Programas da Terceira Idade

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INDESP: Instituto Nacional do Desenvolvimento do Desporto

OMS: Organização Mundial de Saúde

PI: Programas Intergeracionais

SESC: Serviço Social do Comércio

TSI: Trabalho Social com Idosos

UNESCO: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNICEF: Fundo das Nações Unidas para a Infância

INTRODUÇÃO

De acordo com Moragas (1997 e 2004) e Debert (2004, p. 56-57) entre outros autores, as mudanças no estilo de vida e a segmentação das gerações surgiram depois da Segunda Guerra Mundial paralelamente à revolução industrial. Essas modificações influíram na estrutura social, ao transformarem a sociedade rural ou agrária em sociedade urbana organizativa, marcadas pela massificação de três segmentos distintos: as crianças e os jovens e o aumento da vida escolar; os adultos e o mundo do trabalho, com a valorização da juventude em função da força e da beleza física adequadas às necessidades da produção econômica e a velhice, a aposentadoria devido à suposta incapacitação física para a jornada de trabalho. No mundo moderno, a compartimentalização de espaços sociais para as diversas gerações quase não chama atenção, uma vez que se considera tal fenômeno normal, esperado e inevitável; [...] *este princípio é válido para as atividades produtivas, despreza nas relações sociais, a dimensão humana, a qualidade e não quantidade das relações sociais [...]. Esquece-se de que uma sociedade não pode ser eficiente apenas nestes termos* (MORAGAS, 2004, p. 17)

Assim como Moragas (2004) e Debert (2003), outros autores como Ferrigno (2003), Uhlenberg (2000), Riley & Riley (1999) e, principalmente, a Unesco (2000)¹ chamam a atenção quanto às consequências negativas dessa organização rígida do curso de vida que identifica atividades particulares com fases específicas da vida.

¹ HATTON-YEO, A. *Intergenerational Programs: public policy and research implications. An Intergenerational Perspective*. The UNESCO Institute for Education. The Beth Johnson Foundation (2000)

Vivemos um novo tempo. O idoso vive mais, a transição demográfica que se opera na população, na faixa acima de 60 anos de idade, processa-se com espantosa velocidade; o isolamento entre as gerações torna-se um fato cotidiano, e modifica, inevitavelmente, o papel dos adultos, dos jovens, das crianças e, principalmente, dos velhos.

Conforme Moragas (2004, p. 17), as novas estruturas familiares, menores e mais maleáveis, os mais velhos, que eram as figuras centrais do modelo de família patriarcal, passaram a exercer papéis periféricos. Se, por um lado, os idosos ganharam mais autonomia e independência; por outro, houve um afastamento entre os grupos. Assim, o convívio dos mais velhos com os mais novos - condição primeira para o aprendizado de um vocabulário comum - é muito menor e agrava ainda mais o isolamento e o estranhamento entre as gerações. O respeito aos velhos, por sua experiência como base social, é substituído pelo respeito à ciência e à inovação tecnológica. Para o autor, a estigmatização de uma geração transformou-se em um conflito silencioso, que categoriza os idosos como inúteis e forma um bloqueio intergeracional, o que fortalece o fechamento de grupos etários. Ainda que a segmentação das idades seja significativa para o desenvolvimento em determinados momentos, é, porém, alienante enquanto postura definitiva.

Neste sentido, as pesquisas citadas ao longo deste estudo apontam a importância de se criarem mecanismos de reeducação social para uma saudável convivência com a velhice, de garantir ao idoso a dignidade como um bem legitimamente reconhecido a qualquer ser humano e o respeito aos seus direitos não como próprio de uma minoria a ser protegida, mas como verdadeiro sistema de convívio de gerações.

Sob esse contexto, o Sesc, campo desta pesquisa, uma das entidades pioneiras nos programas com idosos, iniciou, em 2003 o Programa SESC “Gerações”, que têm como principal objetivo a aproximação entre as gerações e a inclusão social que contempla a diversidade; um espaço oportuno para buscar novos conhecimentos que possibilitem a discussão e a reflexão dos programas intergeracionais. Nesse programa, optamos por observar 4 atividades intergeracionais e questionar como elas acontecem, assim como a experimentação da riqueza que podem ter as relações entre sujeitos participantes, o que destaca o papel do “velho” nas relações intergeracionais além do âmbito familiar.

JUSTIFICATIVA E A RELEVÂNCIA PARA OS ESTUDOS EM GERONTOLOGIA

A partir da formulação teórica apresentada e com base nas constatações no distanciamento entre idosos e as gerações mais novas, no empobrecimento das trocas de experiências entre as gerações e na existência de espaços que permitem a convivência coletiva das gerações no cotidiano das atividades, cujos resultados não têm sido sistematicamente avaliados, torna-se fundamental investigar os novos significados que perpassam a realidade da vivência das diferentes gerações hoje.

Como profissional desse segmento, considero² essencial o enfoque na construção de registros dessa realidade a partir das falas dos idosos, jovens e crianças que, de alguma maneira, preservam, ainda que em parte, as experiências vivenciadas em espaços onde são promovidos encontros intergeracionais.

Este estudo tem um constante e relevante interesse pelas seguintes questões: Dentre as atividades intergeracionais do Programa SESC “Gerações”, quais são as manifestações humanas subjacentes que promovem a mensagem intergeracional? Quais são as características deste programa que permitem trabalhar de forma diferente e potencialmente mais eficazes? O que nos faz pensarmos no valor de um trabalho intergeracional?

De acordo com o levantamento bibliográfico apresentado neste estudo, os encontros intergeracionais propiciam trocas de afetos e de conhecimentos que podem contribuir no combate ao preconceito etário, seja das gerações mais velhas ou das mais novas. Entretanto, a forma como tais encontros foram conduzidos, foi decisiva para os resultados obtidos, e fez-se necessário observar e descrever todo o processo que rege grupos desse tipo e a reflexão sobre eles.

Portanto, tomamos como base, para as observações diretas e análise dos dados a interação de forma cooperativa, ao pressupormos ser uma das formas que mais propicia a quebra de barreiras, que encurta as distâncias e que aproxima as pessoas sem distinção de idades. Este trabalho procura ser uma contribuição para compreender as relações intergeracionais além do âmbito familiar em espaços onde são promovidos encontros e atividades intergeracionais, tendo

²Licenciatura Plena em Educação Física, Instrutora de Atividades Físicas, atua com grupos de idosos desde 1985, no Sesc-Campinas. Especialização em Educação e Envelhecimento – PUC/SP, 2004.

como foco o idoso dentro da perspectiva do isolamento, do preconceito e marginalização, visto que, o exame dessas relações é fundamental na revisão e construção pedagógica dos projetos e programas intergeracionais e futuros estudos sobre a interação das gerações.

Para isto, o nosso estudo organiza-se em cinco capítulos.

No **capítulo 1** iniciamos com o conhecimento teórico sobre “gerações”, e o estilo de vida atual de cada uma como referencial para analisar as relações entre elas nas atividades analisadas deste estudo, assim como as conseqüências negativas da segmentação etária para o idoso nas relações intergeracionais (MORAGAS, 1997 e 2004; FERRIGNO, 2003; SARMENTO, 2005).

No **capítulo 2**, fizemos um levantamento bibliográfico sobre os programas intergeracionais (NEWMAN, 1997a, 1977b e 2006), apresentamos algumas pesquisas nacionais e internacionais sobre como tais programas podem ter um impacto direto na qualidade de vida das pessoas envolvidas. Nesta seqüência, apontamos quais os caminhos e os autores que consideramos como parâmetro para este estudo.

No **capítulo 3**, apresentamos o campo deste estudo – o Sesc/Campinas, o Programa Sesc “Gerações” e a análise das atividades. Apresentamos também a metodologia usada e os atores principais para a análise – crianças, jovens e idosos que participam das atividades intergeracionais do programa referido. Para compreender melhor a **interação** (UHLENBERG, 2000) entre as gerações foi elaborado um roteiro de avaliação das atividades, no qual a **cooperação** (BROTTO, 1999; MAÇADA e TIJIBOY, 1997; MONERO e GISBERT, 2005) ocupa um papel central nas análises e serviu de guia para observar e estudar como idosos, crianças e adolescentes se sentem pessoas pertencentes e ativas, ou não, num grupo intergeracional.

No **capítulo 4** desenvolvemos a análise dos dados coletados primeiramente em três quadros: 1. com os dados das crianças; 2. com os dados dos idosos e 3. o cruzamento de ambos, dos pontos em comum e divergentes que colaboraram para que o alvo da leitura das transcrições das entrevistas ganhasse clareza. A seguir, a realizamos a interpretação e a discussão dos achados, recorrendo-se à literatura sobre a velhice e a intergeracionalidade.

No **capítulo 5**, depois de cruzar os dados das mais variadas formas no capítulo anterior, apresentamos as considerações finais em itens: a) quanto aos idosos e b) quanto às gerações mais novas; c) quanto às atividades intergeracionais do programa; d) quanto à importância do

profissional no processo de co-educação e aprendizagem através da convivência entre as gerações envolvidas; e, finalmente, quanto ao valor do trabalho intergeracional em sua forma mais legítima; logo após, as referências, apêndices e anexos.

Capítulo I

AS GERAÇÕES NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

*Pouco importa venha a velhice, que é a velhice?
Teus ombros suportam o mundo
e ele não pesa mais que a mão de uma criança.*

Carlos Drumond de Andrade

1.1 Um breve histórico

Durante o último século, principalmente, com o fim da Segunda Guerra Mundial e paralelamente com a revolução industrial formou-se uma sociedade organizativa, segmentada por grupos etários, a qual, de certa forma, atua como determinante das atividades e do comportamento dos indivíduos.

De acordo com Moragas (2004):

Os grupos sociais se organizam para conseguir um objetivo de eficiência definido, segundo critérios economicistas, recursos investidos versus resultados materiais ou quantidade obtida. [...] Com bases em critérios de produtividade social, aparecem grupos de lazer com segregação absoluta por idade, clubes esportivos com atividade por idade, os partidos políticos com grupos de gerações isoladas, as associações ideológicas e religiosas especializadas por idade (p. 17).

Para o autor, a segmentação das idades é funcionalmente lógica e defensável até certo ponto, mas *se levado aos seus extremos, supõe a ruptura do diálogo entre as gerações e a perda da saudável integração social através do contato entre os sujeitos de idades diversas* (p. 17). O mundo adulto do trabalho e do mercado, a “invenção” da aposentadoria, o aumento da escolarização de crianças e adolescentes e outros fatores socioeconômicos criaram espaços exclusivos para cada geração e desvalorizaram, por um lado, a velhice devido à suposta incapacitação física para a jornada de trabalho e, por outro lado, ressaltaram a juventude em função da força e da beleza física – da adequação às necessidades da produção econômica.

Para Moragas (1997, p. 95), o sentido atribuído às etapas da vida é um dado cultural, capaz de variar conforme a época e a sociedade em questão. Tais etapas são qualificadas como “idade social ou legal”, isto é, estabelecidas pelas normas sociais como “adequadas” ou “inadequadas” para desempenhar determinados papéis. Cita o autor que, até a metade do século XX, as sociedades tradicionais estabeleciam, com maior rigor, a passagem ou transição de uma etapa para a outra, “definiam a idade adequada para assumir determinados papéis”, isto é, para entrar na adolescência, casar e trabalhar, geralmente marcados por rituais estabelecidos por normas sociais apoiadas pela comunidade e por um aparato cultural. Nas décadas seguintes, os ritos foram, paulatinamente, perdendo a importância, e as pressões cada vez menores, ao cederem espaços para a independência pessoal.

Nos dias atuais, ocorrem diversas situações em diferentes idades sem ritos prévios, como, por exemplo: os filhos podem nascer e ser educados fora do casamento; a fonte de renda da família não é mais exclusivamente do sexo masculino; o arrimo da família não é necessariamente o adulto, pode ser o adolescente ou o aposentado; há a co-habitação entre duas pessoas sem serem casadas. Ao se comparar com o passado, a idade nas sociedades modernas tem sido um critério cada vez menos importante para determinar papéis sociais (MORAGAS, 1997, p. 95).

Atualmente, as etapas da vida citados acima são reconhecidas, regulamentadas e categorizadas como: infância, adolescência ou juventude, adulto e velho, “des-historizando” ou “desnaturalizando” o construto das categorias de idades ou grupos etários como único, e construindo, paralelamente, o conceito de geração conjugado com os efeitos de classe, de gênero ou de raça. Na categorização das posições sociais, cada etapa da vida é continuamente “preenchida” e “esvaziada” pelos grupos etários concretos (SARMENTO 2005, p. 363). A

“padronização” ou “institucionalização” dessas quatro etapas da vida principais (infância, adolescência, adulto e velhice) é o resultado de uma necessidade de nossa sociedade ocidental moderna e contemporânea para uma determinada organização e controle social que difere, radicalmente, de outras sociedades e culturas, (MAGRO, 2003, p. 45).

Por um lado, essas etapas são essenciais na constituição de realidades sociais específicas, estabelecem direitos e deveres diferenciados para a população, distribuem poder e privilégios considerados conquistas positivas próprias na constituição de atos políticos como o Estatuto do Idoso, a aposentadoria, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) (MORAGAS, 1997; DEBERT, 2004). Além desses benefícios, a padronização das etapas teve e tem repercussões importantes no desenvolvimento de várias ciências que estudam o Homem e a Sociedade, na Sociologia, associam os fatos históricos como: guerras, revoluções, crises econômicas, movimento político, desenvolvimento industrial e tecnológico a registros de comportamentos semelhantes da experiência vital de cada etapa. Mas por outro lado, a nova construção das etapas da vida criou espaços sociais exclusivos para cada geração, formou um bloqueio intergeracional e fortaleceu o fechamento de cada grupo etário que discutiremos com mais detalhes nos próximos itens.

1.2 Acepção de “geração” nas sociedades ocidentais contemporâneas

Consideramos neste estudo, a acepção de geração relevante na compreensão da intergeracionalidade, uma vez que são consideradas em nossa análise, as interações entre as diversas gerações e suas respectivas narrativas. O foco deste estudo tem sua acepção com base no construto sociológico das sociedades ocidentais, visto que os sujeitos estão reunidos num mesmo espaço de diversas idades, vivendo o mesmo momento político, histórico e cultural, sendo o conteúdo geracional, isto é, os eventos e os períodos históricos mais importantes, o que constitui a compreensão da diferença entre geração e grupo etário.

De acordo com Chaves Junior (1999):

O conjunto de indivíduos das mais diversas idades, em um determinado período, constituiria a base para a compreensão da diferença entre geração e grupo etário. O que distinguiria uma geração de outra não seria meramente a faixa etária que as delimita, mas principalmente o conteúdo que ela simboliza que atua como elemento das demais gerações.

Nesse sentido, as pessoas que compõem a mesma geração não são necessariamente do mesmo grupo etário, mas compartilham um conjunto de experiências comuns, usufruem, ao mesmo tempo, das vantagens e desvantagens da estrutura social vigente. Tais acontecimentos marcam a experiência vital das pessoas que os compartilham de forma semelhante e se “*convertem em rótulos das respectivas gerações que as vivenciaram, evocando atitudes comuns em seus membros que permitirão conhecer suas possíveis reações futuras*” (MORAGAS, 1997, p.96). Em um outro artigo de Moragas (2004) complementa que a vivência dos mesmos acontecimentos históricos origina:

[...] atitudes, sentimentos e condutas semelhantes, que permitem identificar os seus membros como sujeitos da mesma geração, do mesmo modo, identificam-se com outras variáveis sociais que facilitam a análise dos grupos, que podem ou não coincidir com idades próximas. A experiência compartilhada na escola, em organizações econômicas ou ideológicas, a profissão, o lazer, a história, as guerras, as revoluções, o estilo de vida, a moda, a música e qualquer denominador da conduta de grupos identificam-se também como geração, sem referência à idade. (p.8)

Segundo o autor (1997, p. 96) um mesmo acontecimento histórico pode ter duração variável, por exemplo, uma guerra de longa duração ou pode reduzir-se em algumas horas ou minutos (bomba atômica em Hiroshima ou atentado de 11 de setembro) e vivenciado por várias idades, *identificados como acontecimento definidor da geração* que são suficientes para mudar todo o comportamento de um recorte da população.

Além dos acontecimentos históricos mais importantes, o conceito de geração também corresponde a um fenômeno cuja natureza é essencialmente cultural, que possui características e marcas próprias o que leva a uma consciência comum e permanece ao longo do respectivo curso de vida. *A ação de cada geração, em interação com as imediatamente precedentes, origina tensões potencializadoras de mudança social* (SARMENTO, 2005, p. 364); tais interações foram

amplamente discutidas no campo da antropologia. Os estudos e as pesquisas antropológicas tiveram uma considerável importância no desenvolvimento de um novo conceito de geração através da perspectiva da continuidade (preservação e tradição das gerações predecessoras) e descontinuidade (oposição às preservações e às tradições) numa mesma sociedade ou entre sociedades diferentes (BOGHOSSIAN, 1999, p. 47). Os resultados obtidos concordam com os autores acima e apontam que a idéia de geração, além de incluir o nascimento numa mesma época e num determinado tempo histórico, inclui também um conceito de geração menos marcado pela idade das pessoas, mas com experiências compartilhadas pela vivência de determinados eventos que marcam as trajetórias passadas e futuras, o que implica um conjunto de mudanças e transformações influenciadas por grupos extremamente ativos quanto aos comportamentos, uma vez que, cada geração traz na sua bagagem cultural, seus valores, suas crenças e seus costumes que vão além das experiências familiares (DEBERT 2004, p. 52). Essas mudanças alcançam, assim, uma dimensão coletiva e, como consequência, a construção de uma tradição. A autora cita, como exemplo, a geração pós-guerra, advento da televisão, momento político, a pílula anticoncepcional e a tecnologia; (...) *o processo de agrupar pessoas em função de sua geração é totalmente distinto do de agrupar pessoas em função de seu estágio de maturidade e de sua idade cronológica* (p. 52).

De acordo com Ferrigno (2003, p.45-46), a construção social das gerações é continuamente construída, desconstruída e reconstruída; a geração é o que permanece como categoria estrutural e as relações entre elas são sempre refeitas. Dessa forma, em cada mudança e transformação, novas relações determinam novos comportamentos manifestados em valores morais e expectativas de conduta para cada geração em diferentes etapas da história. Para o autor, a vivência compartilhada por sujeitos, num mesmo processo histórico, não é desordenada e difusa, mas apresenta um modo de ordenação característico:

[...] é uma experiência estratificada. Sendo compartilhada, a estratificação da experiência é responsável pela afinidade de localização social. Os mesmos acontecimentos que compõe o acervo de experiências de uma geração, forma o estilo de conhecimentos e de atuação característicos de cada geração (p.41-42).

Em síntese, o conceito de geração que se remete ao contexto histórico e sociológico é mais amplo do que o conceito de idade, ou seja, quando as manifestações de cada geração em interação com as outras gerações, sejam mais novas ou mais velhas, aparentadas ou não por laços de sangue, provocam efeitos em potencial de mudanças sociais interpretadas pelos autores como “evolução intelectual” da sociedade, uma vez que se perpetua na história da humanidade. Cada geração é a expressão coletiva e o reflexo de estágios de mudança no desenvolvimento da personalidade, no comportamento e nos valores em um grupo etário num período de tempo específico e se baseia no fato de os atores serem contemporâneos e de terem vínculos em comum que podem ser chamados de “sentimento de geração” ou “consciência de geração” (FORQUIM, 2003)³.

Para Sarmiento (2005):

A inclusão do conceito de “geração” na análise das relações sociais contemporâneas parece ser uma indisfarçável necessidade, não apenas porque os processos de estratificação têm uma dimensão (também) geracional, mas também porque as relações intergeracionais têm constituído um aspecto vital na mudança social (p. 376)

A necessidade de associar os conceitos de geração e intergeracionalidade encontra-se principalmente no fato de que os papéis sociais, o estilo de vida e as relações entre as gerações são elementos chave na mudança das estruturas sociais. Tendo como interesse apreender quais são as condições que previnem ou ampliam o preconceito etário sob o ponto de vista, tanto das gerações mais novas quanto das mais velhas, uma vez que a percepção de cada uma reafirma-se em sua relevância.

Dentre as várias acepções de geração, o nosso estudo se ateve ao conceito que se estabelece sob o contexto sócio-histórico-cultural nas sociedades ocidentais, uma vez que as pessoas em estudo se reúnem para uma determinada atividade intergeracional por livre escolha, o que pressupõe que estão dispostas a se relacionarem sem se preocuparem com as barreiras da idade ou de fazerem parte de “nichos geracionais”. Para nós, mesmo com a disposição de

³ FORQUIM, J.C. *Relações entre Gerações e Processos Educativos: Transmissões e Transformações*, Congresso Internacional Co-Educação de Gerações, Sesc, 2003

conviverem juntos no mesmo espaço, ainda não é um fator satisfatório, pois supõe apenas o começo para a tomada de consciência sobre a intergeracionalidade.

1.3 Transição Demográfica

Assim como as idades, as gerações também são representativas na abordagem dos dados demográficos que indicam como os eventos históricos, isto é, guerras, crises políticas e econômicas, imigrações e migrações influenciam, diretamente, na estrutura etária. Verifica-se, em vários países, um aumento da expectativa de vida e crescimento da população idosa.

O envelhecimento demográfico das populações é um fenômeno irreversível nas nossas sociedades modernas e se processa em um ritmo acelerado. Nunca houve, na história da humanidade, uma população tão grande e com tais características, isto é, com o segmento idoso (pessoas com mais de 60 anos) o qual cresce mais do que os outros, tanto nos países desenvolvidos, como nas nações em desenvolvimento. Nunca tantos viveram tanto. Para Prada⁴, trata-se de uma revolução social em marcha no mundo – silenciosa, contínua, inexorável a qual vem se processando, inobservada há algumas décadas – *é a revolução da longevidade, também chamada de revolução demográfica; não há mais como ignorá-la.*

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), as estimativas no Brasil para os próximos vinte anos indicam que o país ocupará o sexto lugar em idosos. De acordo com os gráficos abaixo (IBGE, 2004)⁵, o número de pessoas com 60 anos ou mais deve aumentar quinze vezes, isto é, três vezes mais que a população total, alcançando, em 2025, cerca de trinta e quatro milhões de pessoas acima de 60 anos. Em 40 anos, o número de idosos quintuplicou, quando passou de três milhões, em 1960, para catorze milhões, em 2000. De acordo com o censo de 2000, um ponto que merece destaque é a “feminização da população idosa”, visto que 55% dessa população eram mulheres, devido a uma maior expectativa de vida da população idosa feminina, um fenômeno que ocorre em todo mundo; no Brasil, as mulheres, vivem em média, oito anos a mais que os homens, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

⁴ Cecília Prada, *O que você vai fazer com os seus cem anos?* Disponível em: www.sescsp.org.br/conferencias. Acesso: 27/09/06

⁵ IBGE: *Projeção da População do Brasil por Sexo e Idade para o Período de 1980 - 2050 – Revisão 2004* Metodologia e Resultados

A expectativa de vida brasileira, em 1900, era de 33 anos. Nos anos 40, era de 39 anos, quando se iniciou uma queda nas taxas de mortalidade em todos os grupos etários.

Até 1980, como mostra a figura 1, o Brasil era considerado um país jovem, representado por uma pirâmide com base larga e afunilada no topo, mostrando uma predominância na população em crescimento: havia mais jovens do que adultos com mais de 40 anos.

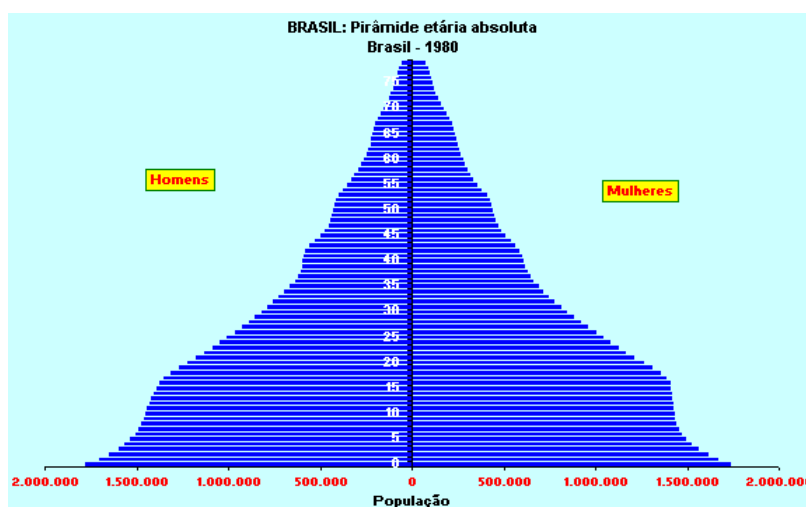


Figura 1: Pirâmide etária do Brasil que mostra a expectativa de vida de homens e mulheres no ano de 1980.

Fonte: IBGE: Projeção da População do Brasil por Sexo e Idade para o Período de 1980 - 2050 – Revisão 2004 Metodologia e Resultados

A partir da década de oitenta a pirâmide etária mudou. Em 2000, a base da pirâmide sofreu uma diminuição, principalmente na faixa etária de dez anos e, inversamente, a faixa etária idosa aumentou. De 1950 a 1980, isto é, em três décadas, a expectativa de vida da população brasileira aumentou 20 anos.

Segundo os dados do IBGE (2004), em 2020, essa expectativa deve ser de 73 anos. Conforme a figura 2, as projeções para 2025 permitem supor que a expectativa média de vida do brasileiro estará próxima dos 80 anos. Tal fenômeno que compõe esse cenário, principalmente no mundo ocidental, acarreta grandes mudanças, com implicações no ritmo do crescimento da população brasileira e no seu perfil etário.

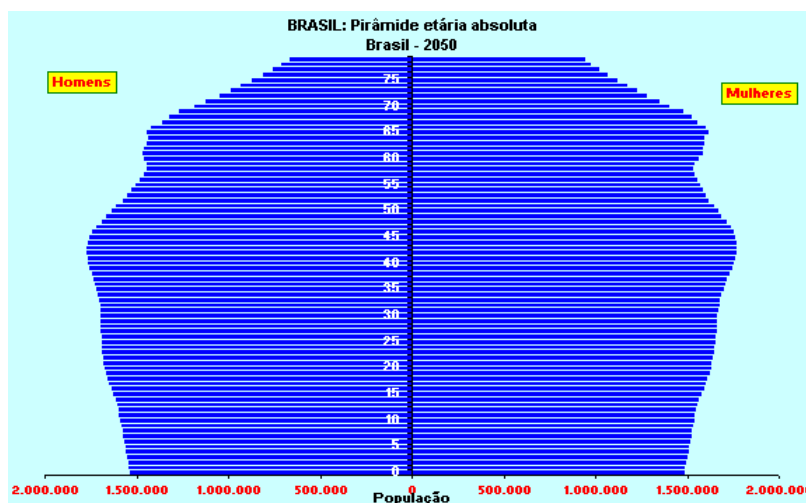


Figura 2: Pirâmide etária do Brasil que mostra a projeção da expectativa de vida de homens e mulheres para o ano de 2050.

Fonte: IBGE: Projeção da População do Brasil por Sexo e Idade para o Período de 1980 - 2050 – Revisão 2004 Metodologia e Resultados

De acordo com Prada⁶, a inversão da pirâmide etária, isto é, a redução da população mais nova e o aumento da população mais velha, apontam uma tendência para o agravamento do desequilíbrio intergeracional.

A redução crescente dos nascimentos equivale à redução das proporções de jovens, enquanto o aumento relativo dos restantes grupos etários irá, em médio prazo, afetar de novo o equilíbrio intergeracional pela correspondente redução dos jovens adultos e dos adultos ativos, e o que significa exatamente isso?

Segundo a autora, o problema não é só da população que envelhece, mas de todas as faixas etárias, daí os questionamentos:

O que fazer com os muitos milhões de velhos que já estão tendo hoje uma perspectiva de ócio e desperdício vital nos 20, 30 anos (que logo poderão ser 40 ou 50) após a aposentadoria? [...] o que fazer com seus filhos e netos triturada por uma engrenagem social de obsolescência rápida e planejada do ser humano, que faz pairar sobre profissionais de 30, 35 anos o fantasma do e se eu perder o emprego? A sociedade de modo geral deve reestruturar-se para absorver o potencial disponível de seus cidadãos desocupados, desempregados, subempregados, aposentados – jovens, adultos, idosos.

⁶ Cecília Prada, *Revolução dos Velhos*, artigo publicado na revista Problemas Brasileiros, nº 349, jan/fev de 2002. Disponível em: http://www.sescsp.org.br/sesc/revistas_sesc/pb/artigo

Para Ludgleydson e cols. (2004)⁷ são fundamentais as “discussões acerca das reais condições que a sociedade contemporânea dispõe para atender as necessidades básicas deste contingente populacional”. Até a década de 1970, o Brasil era considerado o “país dos jovens”, pois naquela época, foram responsáveis por grandes mudanças sociais, havia a expectativa “de uma realidade mais justa e igualitária”. Esses mesmos jovens são hoje um futuro não muito distante, os gerontes no Brasil, ao mesmo tempo em que o percentual da geração atual dos jovens deixa de ser significativo na população total em nosso país. No Estado de São Paulo, a proporção de idosos aumentou 56,3% e a de jovens 28,2% no mesmo período. Em Campinas⁸, segundo a Secretária Municipal de Saúde, o índice de envelhecimento está em 49,41% (em 1980 era de 20,04%), as mulheres têm uma esperança de vida ao nascer de 78,4 anos e os homens 71,2 anos, esse índice sofreu um aumento nos últimos 26 anos de 146%, enquanto que no Estado de São Paulo, o crescimento foi de 117,6%. O envelhecimento da população alterou intensamente a presença dos idosos no total da população da cidade de forma que a participação geral de pessoas com mais de 60 anos cresceu 67,9% entre 1980 e 2006, enquanto a participação dos jovens com menos de 14 anos sofreu uma queda de 31,8%.

Este cenário traz novos problemas para serem administrados, como por exemplo, os custos do governo para o pagamento de benefícios previdenciários crescerão; na saúde o aumento de atendimento ambulatorial já é relevante, o que leva à necessidade de mudar a forma de administrar a saúde, uma delas é preparar famílias para receberem o paciente idoso quando tiver alta hospitalar.

Diante dessa realidade, estado, sociedade e família precisam promover uma ampla conscientização e priorizar a instalação de políticas de reeducação social em relação à pessoa idosa com baixa capacidade funcional, principalmente, em contato com outras gerações. É neste sentido que a intergeracionalidade entra neste cenário social: de um lado, as crescentes demandas de idosos potencialmente dependentes necessitam de apoio das gerações mais novas, o que possibilitaria a redução e as buscas pelos serviços públicos, assim como idosos com boa capacidade funcional poderiam oferecer numerosos apoios sociais através de trabalhos voluntários para as gerações mais novas, principalmente onde há jovens em riscos de gravidez

⁷ LUDGLEYDSON e cols, *Envelhecimento e Universidade Solidária: Relato de Experiência com Intervenção Psico-social*. Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária Belo Horizonte, 2004 disponível em: www.ufmg.br

⁸ Jornal da cidade de Campinas: Correio Popular, *População de Idosos aumenta 164%, Campinas*, 22 de julho de 2007

precoce e drogas (NEWMAN, 1997, p.3-4). Por outro lado, observa-se desatenção e a falta de conscientização social quanto às transformações futuras decorrentes, não só da ampliação numérica dos idosos na sociedade, mas também das conseqüências advindas da tecnologia para o prolongamento da vida que mudarão num futuro muito próximo a organização da sociedade. Possivelmente teremos idosos menos fragilizados e mais produtivos fisicamente, hoje já é possível ver idosos com 60 anos iniciando um novo ciclo de vida que pode durar mais 30 a 40 anos, assim como mudanças na educação para idosos e novas formas de trabalhos; um convívio familiar de cinco ou seis gerações (VERAS, 2003, p.8).

A sociedade e os poderes públicos precisam estar preparados para enfrentar esse novo desafio, que já se torna cada vez mais presentes. As repartições públicas municipais precisarão cada vez mais de recursos financeiros, estruturais, humanos e materiais para atender aos idosos de nossa sociedade. Com essa transição demográfica, a convivência entre as diversas gerações torna-se igualmente indispensável para a transformação da sociedade.

Dadas essas necessidades, é importante falar de intergeracionalidade e do papel deste conceito em pesquisa, a fim de se esclarecer a necessidade de compreensão mútua entre as gerações na sociedade contemporânea. Isto requer um levantamento da literatura associado à compreensão do ciclo de vida e dos diversos acontecimentos históricos e percursos do tempo (NOVAES, 2005, p. 11), para trazermos um conhecimento fundamentado no novo cenário das vivências intergeracionais. Portanto, discutiremos, a seguir, o estilo de vida atual de cada geração e as conseqüências da sua segmentação na atualidade.

1.4 O estilo de vida atual das gerações

As *categorias sociais* – ou gerações – como a infância, a adolescência ou a juventude, são resultado das transformações materiais, conceituais, religiosas, históricas, culturais, sociais, econômicas, ideológicas e outras, que as ações humanas no mundo desencadeiam, criando assim novas realidades e formas de existência para cada segmento geracional. É objetivo deste estudo investigar os elementos que definem cada etapa da vida examinando seus estilos de vida específicos. Examinar como acontecem as relações entre as gerações no dias de hoje em nossa

sociedade é um caminho para promover um entendimento mais detalhado sobre a intergeracionalidade.

Este levantamento bibliográfico pretende ser útil para analisar as relações entre as diversas gerações nos encontros não formais entre elas, sobretudo, se o que acontece no meio social se reproduz na convivência intergeracional durante as atividades.

1.4.1 A infância

Iniciamos este assunto com os estudos pioneiros de Ariès (1986), que define a criança em relação aos adultos na família moderna, até o século XIII, as crianças não eram separadas do mundo adulto; porém, a partir de um determinado desenvolvimento físico, eram inseridas no mundo do trabalho e da vida social adulta e não eram reconhecidas ou representadas como crianças nas sociedades antigas. Naquele período, surgiu lentamente, o reconhecimento das crianças pela sociedade, refletidas nos espaços que as consideravam como diferentes do adulto. Os signos dessa diferenciação passaram, assim, a ser as roupas mais adequadas, os jogos, as brincadeiras e também o surgimento de um sentimento novo da sociedade em relação a elas, advindos das transformações sociais inerentes ao modo de produção capitalista (DEBERT, 2004, p. 43).

Hoje as crianças integram uma categoria social geracional, a infância. Para Oliveira (2002, p. 4) o ser humano se torna criança, e isto implica dizer e assumir que a infância é construída e marcada pelo modo como as crianças são recebidas, tratadas e educadas e como as outras gerações são educadas por elas em cada sociedade e em cada cultura, assim como pela forma como são inseridas no meio social ao qual pertencem.

De acordo com o relatório da Unicef (2005) intitulado *Infância Ameaçada*, uma criança é privada de sua infância quando vive em condições de pobreza, violência, sem acesso a educação, abrigo e saneamento básico; atualmente, em escala mundial, a cada duas crianças, uma é pobre, e a cada dois pobres, uma é criança. Certamente não são esses os únicos fatores que comprometem a infância na atualidade, mas seguramente são os mais significativos, com danos que os

acompanham ao longo da vida, com probabilidade de que gerações futuras sejam afetadas pelas mesmas ameaças. Tais ameaças são consequências de desigualdades sociais; as soluções para combater esses problemas são bem claras, basta que os órgãos políticos, públicos e econômicos tenham vontade de implementá-las. No percurso histórico da construção categoria da *infância*, foi-lhe atribuído um estatuto pela modernidade baseado em um conjunto de regras que estabeleceram referenciais de seu lugar na sociedade e recursos socialmente disponíveis. Tudo isto permeado por interesses políticos e de controle definido por uma série de *nãos* (DELGADO e MULLER, 2006):

[...] a criança não trabalha, não tem acesso direto ao mercado, não se casa, não vota nem é eleita, não toma decisões relevantes, não é punível por crimes; normas estruturadas por instituições que trata de se incumbir da “educação” da criança, sobretudo, a família e a escola (p.18).

Esse processo, tenso e contraditório, não se esgotou, pois essas atribuições vêm sendo questionadas e desafiadas pelos estudiosos da Sociologia da Infância, posição compartilhada por outras ciências sociais, como por exemplo, a Antropologia, as Ciências da Educação e até mesmo a Psicologia. Tais normas são inseridas pelos adultos no meio social ao qual pertencem *e ainda pela forma como “nós” adultos organizamos e acionamos seus estatutos nas diferentes sociedades* (OLIVEIRA, 2002, p. 4). A criança é percebida numa situação de transitoriedade e de dependência, o que é endossado por uma determinada posição da Psicologia Social que a compreende como um ser incompleto, incompetente nas formas de pensar, legitimando não só a dependência e o controle dos adultos, mas a assimetria radical de poderes intergeracionais na condução da vida das crianças (SARMENTO, 2005, p. 372). Assim, o adulto assume a atitude de quem responde socialmente por ela num processo que infantiliza e, ao mesmo tempo, sinaliza que ela é um vir-a-ser (TEDRUS, 1998, p. 45). Nesse fogo cruzado discursivo sobre a criança entre o que não é e o que ainda será (um adulto), destaca-se a relação de poder do adulto, esquece-se a relevância da alteridade daquilo que ela é, interpretada por si mesma. Segundo Oliveira (2002), esse desafio impõe um trabalho de desconstrução de um olhar adultocêntrico⁹ de muitas das bases

⁹ Nas palavras de Oliveira (2006, p.2): "o termo adultocêntrico aproxima-se aqui de outro termo bastante utilizado na Antropologia: o etnocentrismo: uma visão de mundo segundo a qual o grupo ao qual pertencemos é tomado como centro de tudo e os outros são olhados segundo nossos valores, criando-se um modelo que serve de parâmetro para

teóricas com que as crianças foram sistematicamente tematizadas e discutidas nas Ciências Sociais. Acredita Oliveira (2002, p. 4) que ver as crianças enquanto “diferente”, na relação adulto/criança é necessário à compreensão da identidade genérica humana por aproximação entre os “diferentes”; a criança não *um adulto em miniatura*, isoladas do mundo social dos adultos, *ou sujeito inacabado da condição humana*. A autora ainda afirma:

Sujeitos de pouca idade sim, mas que lutam através de seus desenhos, gestos, movimentos, histórias fantásticas, danças, imaginação, falas, brincadeiras, sorrisos, caretas, choros, apegos e desapegos e outras tantas formas de ser e de expressar-se pela emancipação de sua condição de silêncio. Condição que lhes foi imposta segundo uma visão adultocêntrica, engendrada no caminho histórico-social trilhado pela humanidade e que, em alguns casos, insiste em reinar nos mais diversos contextos contemporâneos vividos pelas crianças (p.4).

As referências que a autora traz sobre a criança ampliam nossa compreensão de como a ela se anuncia em seu mundo e no mundo de todos, o que deixa transparecer a imagem de si mesma, da sua infância e dos outros de forma idiossincrática. As crianças pensam com sentimento, seguem seus instintos e desejos. Para o desenvolvimento deste estudo, a participação infantil na vida coletiva, por formas próprias, permitirá certamente favorecer o conhecimento sobre a intergeracionalidade numa perspectiva de emancipação não só dos idosos, mas também das próprias crianças.

Como lembra Oliveira (cit.), ainda:

Afora termos consciência de tal realidade, faz-se necessário uma compreensão das crianças não mais pelo olhar impositivo de máscaras esculpidas pelos adultos, definidoras de crianças e infâncias, e sim pela via do reconhecimento e respeito à alteridade presente nos pequenos(as). Assim, urge a construção e disseminação na sociedade de um olhar que vá ao encontro do Outro de pouca idade (p. 6)

Conforme o relatório da Unicef (2004), “ser criança” é mais do que simplesmente pertencer a uma faixa etária de zero a 12 anos. Seu significado vai muito além, pois está

qualquer comparação. Nesse caso o modelo é o adulto e tudo passa a ser visto e sentido segundo a ótica do adulto, ele é o centro" (Gobbi, 1997:26).

relacionado à qualidade dos seus anos de vida, isto é, de compartilhar suas vivências, de existir e ser, de sentir e expressar, de falar e agir, de produzir e reproduzir culturas, portanto faz parte do meio social com todas as demais idades.

1.4.2 A juventude

Em geral os relacionamentos dos jovens parecem ser especialmente motivados pela falta de segurança em si mesmo. Esse caráter é acentuado pela ambigüidade que caracteriza a fase juvenil, que consiste no adiamento das “responsabilidades adultas” com a condição de adquirir habilidade para “ganhar a vida” e livrar-se da dependência de amparo da infância, da família e da escola. Assim como a infância supostamente definida pelo futuro, a idade adulta, pelo presente e a velhice, pelo passado; a geração da adolescência e da primeira juventude confunde-se na transição entre o ser criança e o ser adulto, caracterizadas por uma indeterminação marcada por um conjunto de atribuições, como por exemplo: insegurança, instabilidade, turbulência ou de revolta, e irreverências que provoca uma desqualificação por parte dos adultos quando não se dão conta de que todos esses sinais são meras manifestações típicas de uma passagem da dependência para a autonomia preconizada por uma ordem social adulta. Para Sposito (2000)¹⁰, é preciso “*cada vez mais considerar a juventude como um momento do percurso de vida capaz de reter sua peculiar forma de vivê-lo e menos como mera etapa preparatória para a vida adulta*” (p.12). Essa autora expõe as vias investigativas utilizadas para conceituar a juventude como categoria sociológica, no campo da educação, e coloca que atualmente o conceito não é concreto e está dividido entre a idéia de uma fase ou um ciclo de vida, com influências da cultura e da sociedade.

Descreveremos algumas formas de como os jovens estão inseridos na organização estrutural da sociedade com um esforço de nos mantermos o mais próximo possível da sua realidade.

Da década de 90 para cá, houve uma rápida inversão de valores própria de uma sociedade de consumo dirigida por interesses de grandes grupos empresariais que tem produzido no

¹⁰ Este artigo retrata alguns resultados de pesquisa com o apoio do INEP, concluída em novembro de 2000 sob o título "O Estado do Conhecimento sobre juventude em Educação".

imaginário social a noção lamentavelmente equivocada de que o importante é consumir, é ter, e não internalizar valores. Diferente da década de 70, hoje as crianças e os jovens são duas gerações consideradas como consumidoras responsáveis por movimentar grande capital, possuem poder de compra, de escolha, consumindo e reproduzindo como se já fossem adultos, bens que apenas satisfazem desejo e trazem status. Para o adolescente, telefone celular, videogame, cartão eletrônico, videocassete e computador sempre estiveram presentes. Nessa inversão de valores passamos de uma sociedade de cidadãos para uma sociedade de consumidores, em que os jovens não têm projetos de vida, apenas anseio de possuir algo que lhes satisfaça, e aí também incluem-se as drogas. Numa sociedade onde poucos têm acesso ao consumo, inclusive aos bens necessários para uma vida digna, os jovens das famílias menos favorecidas economicamente são as grandes vítimas desse efeito da mídia e da exposição de produtos altamente atraentes que vêm na televisão, nas vitrines das lojas bens caríssimos que potencializa simultaneamente o desejo e a frustração.

Além disso, os jovens de hoje também são considerados agentes de mudança social, geralmente, com uma visão de mundo em oposição à sociedade estabelecida e cheios de propostas inovadoras que geram a descontinuidade, quebram tradições e pressionam para a substituição de antigos valores e padrões de comportamentos por novos (RUSCHEL e CASTRO, 1998). Em geral, na fase inicial da vida juvenil, as pessoas demonstram tendências para formar grupos de amigos compostos por indivíduos de mesma idade ou de idade bem próxima, assim como ao "esnobismo" e à aparência através dos trajes e adereços. Nessas tendências, pode haver uma ênfase ainda maior na formação de grupo com idéias, valores e hábitos bem semelhantes, como as "*tribos juvenis*", "*Mauricinhos e Patricinhas*", "*punks*", "*carecas*", "*darks*", "*góticos*", "*metaleiros*", "*rap*", "*hip hop*", "*funk*" e excluem-se os membros que não se afinam com a sua "galera", Ferrigno (2003, p.50). Segundo Novaes (2005, p.12), esses "nichos ou tribos geracionais" perdem de vista o *continuum* do próprio ciclo de vida e assumem uma interpretação estereotipada das gerações e das idades. Devido à sua forte afinidade com grupos de mesma idade, também levam a uma segmentação etária, e os relacionamentos com outras gerações tanto mais novas quanto mais velhas acontecem em menor número.

Apesar de os jovens de hoje terem mais liberdade, são carentes de referenciais sociais. Aquele que é participativo tem a necessidade do voto de confiança das gerações mais velhas e da oportunidade de participação nas decisões que afetam sua vida em seu entorno social. Entretanto,

se as gerações jovens estão dispostas a criar caminhos para reinventar suas vidas políticas e um futuro coletivo, as gerações adultas precisam comprometer-se em assegurar-lhes o direito ao exercício da liberdade de fazer escolhas – ao permitir-lhes que decidam livremente, por exemplo, as formas de agrupar-se e cultivar seus interesses comuns; ao dar-lhes, durante suas vidas escolares, a chance de participarem ativamente da criação das normas de convívio, de somarem-se às gerações mais velhas, assim como oportunidades de refletir e agir em seu meio social com base na cooperação intergeracional, estimulando-lhes a parcela de responsabilidade na construção do bem comum, seja na família, na escola e na comunidade em que moram. É, nessa etapa, que um jovem define se vai tornar-se uma pessoa capaz de fazer as escolhas que seu tempo e sua existência impõem. É nessa etapa de suas vidas que os adultos, têm a maior chance de lhes dar a oportunidade de definir, por si mesmos, que tipo de pessoas, cidadãos e futuros profissionais serão (RUSCHEL e CASTRO, 1998; FERRIGNO, 2003; PACHECO, 2003).

1.4.3 Os velhos

Um dos fenômenos que mais se evidencia nas sociedades modernas é o estilo de vida dos velhos de hoje, visto que esse processo indica a realidade futura de todos nós. É cultural, quando se refere ao envelhecimento, referir-se à cronologia como grandes somatórias de anos, considerando que só os velhos envelhecem e com um agravante – este processo sempre associado às doenças.

Segundo Monteiro (2000):

A velhice não deve ser confundida com o envelhecimento. Enquanto o envelhecimento é um processo natural de transformação do ser humano através da temporalidade, a velhice é uma produção social e não uma categoria natural. Contudo essa produção social irá influenciar diretamente o processo do envelhecimento dos indivíduos, pois, ao mesmo tempo que somos produtores de uma cultura, somos também produtos dela própria (p.56)

Para o autor, a crença cultural da velhice é por uma imagem carregada de significados negativos que têm uma postura deprimida, curvada para frente; o velho é percebido como

dependentes e um peso para a família. Essas construções imagéticas negativas da velhice além de gerar o preconceito, induzem à rejeição da própria velhice.

De acordo com Heller (1989, p.04-05), o preconceito é entendido como um fenômeno básico a partir do qual se sustentam práticas de exclusão social. O indivíduo preconceituoso é aquele que se prende a uma determinada opinião, adota uma postura dogmática que o impede ter acesso a uma informação ou conhecimento mais real e abalizado da questão. Para a autora, é apresentado com conteúdos negativos, isto porque: “[...] *todo preconceito impede a autonomia do homem, ou seja, diminui sua liberdade relativa diante do ato da escolha, ao deformar e, conseqüentemente, estreitar a margem real de alternativa do indivíduo*”. (ibid., p. 59), mas com caráter provisório, ou seja, ele pode se alterar e modificar-se na atividade individual e social, o que levaria a uma reavaliação de seus conceitos e opiniões.

É neste sentido que o preconceito da velhice é visível na vida cotidiana, através de expressões que categorizam o velho como improdutivo e inútil. As expressões que mais se aproximam do preconceito etário é a intolerância e a indiferença. A intolerância se caracteriza na não aceitação da diferença e tentativas de censurá-las e silenciá-las, e a indiferença na ignorância e na falta de solidariedade aos que não pertencem ao seu grupo, o que constitui a discriminação porque não compõem aos padrões dominantes da produção industrial, da estética, da sexualidade, do etário, “*crer em preconceitos é cômodo porque nos protege de conflitos, porque confirma nossas ações anteriores*” (HELLER, 1989, p. 60). Entretanto, faz-se necessário destacar que essas atitudes preconceituosas são resultados de valores típicos de uma sociedade de consumo e de mercantilização das relações sociais com seus interesses econômicos e pressões ideológicas, com sua cultura e valores vigentes (MORAGAS, 1997, 2004; FERRIGNO, 2003).

Segundo Butler (1969) (apud NERI, 2006), os preconceitos refletem-se em três fenômenos interrelacionados:

*1) predisposição contra os idosos por parte dos não-idosos e dos próprios idosos; 2) práticas sociais discriminatórias contra idosos e 3) práticas e políticas institucionais que, mesmo sem intenção explícita de fazê-lo, perpetuam estereótipos, reduzem oportunidades e prejudicam a dignidade dos idosos.*¹¹

¹¹ Sem paginação – texto distribuído em aula pela própria autora na disciplina Psicologia do Envelhecimento. O texto atualmente é parte integrante do capítulo: Atitudes em relação à velhice: questões científicas e políticas. In: Tratado de Geriatria e Gerontologia, 2ª edição, 2006.

Conforme essas construções sociais vão se transformando em problemas sociais, outras definições de velhice e do envelhecimento ganham novas formas de expressão como: “terceira idade” e “melhor idade”, que para a autora acima não passam de:

[...] eufemismos, usados de forma não-crítica, para mascarar práticas baseadas em preconceitos. [...] Não são percebidos pelos idosos, que parecem ser naturais as formas de tratamento discriminativo a que são submetido no trabalho, na propaganda, e nos serviços de saúde (idem).

Essas crenças atribuídas à velhice contribuem para que as gerações mais novas desenvolvam um olhar do “outro”, do “diferente” dele próprio, o que inviabiliza o diálogo entre os “diferentes”, e por essa causa, surgem o preconceito, o estereótipo e a marginalização dos velhos de forma a torná-los rejeitados e excluídos no meio social. Para Neri (2006):

A exclusão social limita o acesso dos idosos a recursos sociais, causa isolamento social, senso de inferioridade, baixa auto-eficácia percebida e prejudica a sua funcionalidade física e social. Sociedades que excluem seus idosos oferecem poucas oportunidades às novas gerações de construir relações saudáveis com a velhice e de lutar contra os estereótipos associados ao envelhecimento. Cria-se um círculo vicioso em que fatos, comportamentos e preconceitos interagem reciprocamente. Mudar esse estado de coisas é um grande desafio. (idem).

Tais crenças influenciam no estilo de vida dos velhos que passa por dois momentos distintos. Por um lado, os velhos adotam atitudes que aceitam muitas vezes inconscientemente e passivamente a influência desses atributos; neste caso, muitos dos contatos sociais de pessoas velhas tendem a se tornarem rarefeitos o que provoca um esvaziamento progressivo de papéis, fato que determina ao velho um crescente isolamento ou recolhimento ao espaço doméstico. A aposentadoria e a chamada "síndrome do ninho vazio"¹² são fenômenos que, supostamente, impõem aos mais velhos uma expressiva diminuição de funções sociais. Por outro lado, ocorrem

¹² Trata-se de uma fase pelas quais muitos pais, principalmente as mães, passam quando os filhos vão viver as suas próprias vidas. É a sensação da “casa vazia” do “colo vazio”, os lugares onde os filhos tinham o hábito de ocuparem ficam vazios, como por exemplo, durante as refeições, o telefone toca menos, a dinâmica da casa reduz, o silêncio é mais freqüente. Nesta fase é muito comum casos de depressão.

atitudes que dão respostas de negação ou opostas a esses atributos, a partir das quais as pessoas velhas podem criar uma nova fase no ciclo da vida (FERRIGNO,2003 e NERI,2002).

Segundo Neri (2002 e 2005b), a pessoa velha tem toda uma história vivida, um modo de compreender o mundo e a si mesma; valores, metas, motivações e expectativas e um conjunto de repertórios comportamentais adaptativos. Se continuar neurologicamente bem; se manter boa saúde ou se cuidar de suas eventuais doenças e suas limitações; se manter papéis compatíveis com sua idade e posição social e se estiver satisfeita e ativa, ela pode viver muito bem a sua velhice. A autora aponta ainda que a capacidade de recuperação durante a vida, ou resiliência, é ingrediente essencial para o envelhecimento bem-sucedido. Esse conceito refere-se à capacidade do indivíduo de se recuperar das perdas, eventos que provocam estresse e doenças que, muitas vezes, acompanham o processo de envelhecimento (NERI, 2005, p.178). O isolamento físico e emocional é fator de alto risco que afeta, de forma negativa, a saúde e o bem-estar dos velhos, enquanto o apoio social, tanto emocional como instrumental, pode ter efeitos positivos importantes para a saúde. Afirma Ferrigno (2003, p.157) que as diferentes maneiras de reação psicológica frente ao próprio envelhecimento constituem diversos estilos de vida e se refletem no âmbito social, quando mostram às gerações mais novas *“modelos a serem seguidos ou evitados dependendo do grau de sucesso em viver satisfatoriamente esse período da vida”*.

À medida que as pesquisas nesse campo fornecem novos indicadores dos determinantes do envelhecimento bem-sucedido, proporcionalmente, avançam os estudos sobre longevidade que oferecem claros indícios de que a prevenção de doenças e deficiências, a manutenção das funções físicas e cognitivas e a participação constante em atividades sociais e produtivas são fatores cruciais para uma velhice bem sucedida. Torna-se fundamental criar e promover a idéia, em todos os escalões de um estilo de vida ativo, pleno de atividades que oferecem oportunidades de apoio social e têm uma considerável importância sobre a saúde, condição física e funcionalidade e, como tal sobre a qualidade de vida dessa população em particular. Nas últimas décadas, multiplicou-se o número de instituições que propiciam a formação de grupos de velhos, principalmente, para atividades de lazer e cultura. Muitos têm buscado um estilo de vida mais participativo, quando se tornam, assim como os jovens, importantes agentes de mudança social, chamando a atenção da mídia, dos meios de consumo, lazer e turismo, e, portanto, são incluídos na vida pública e surpreendem, até mesmo, a literatura e as políticas públicas. *“Estas mudanças geraram o estudo social da velhice, tal como ocorreu com a infância”* (SESC, 2003a, p. 6).

Nos países em desenvolvimento, como o Brasil, as autoridades e o poder público vêm acompanhando tal processo de mudança social, cultural e política. No ano de 2003, foi aprovado o Estatuto do Idoso para garantir os direitos sociais dessa faixa etária, o qual tem como objetivo criar condições dignas para prover a autonomia e a integração do velho na sociedade. Aponta Neri (2005b)¹³ que a garantia ainda não é suficiente, pois é fundamental uma cautelosa tomada de consciência ao se retratar sobre a velhice para não contribuir ainda mais com o preconceito e a discriminação dela por parte das autoridades e profissionais que tiveram influência na constituição do Estatuto do Idoso. Cite-se, como exemplo, o artigo 27, que, embora garanta o direito à profissionalização, ao trabalho e vede a discriminação em virtude da idade, inclusive em concurso público, persiste, ainda, nele a exclusão de velhos no mercado de trabalho. Conforme a autora: *Bom seria se, a exemplo do que se propõe na União Européia, houvesse no Brasil a noção de que a sociedade não deve discriminar os mais velhos no trabalho para não desperdiçar seu cabedal de experiência* (p. 20).

Na maioria das profissões, a discriminação começa a partir dos 40 anos, principalmente, se há baixo nível educacional. Além da idade, ocorrem também por critérios de gênero, raça, aparência e classe social. Dar prioridade apenas ao velho é aumentar a discriminação, mas: *Se for exposto a desafios compatíveis com suas condições, pode demonstrar desenvolvimento intelectual e social. Além disso, os velhos não são todos iguais entre si, pois a experiência de velhice comporta forte heterogeneidade* (p.23). Para a autora, além das autoridades, os velhos potencialmente ativos devem estar envolvidos com associações que lutam na defesa de seus direitos com o fim de viabilizar o cumprimento do Estatuto do Idoso, o que pode contribuir para sua importância social, visto estarmos diante de um cenário de preconceitos, marginalização e isolamento desta faixa etária.

Em síntese, quando as gerações se tornam tema de pesquisa, concordam os autores citados neste item que ser criança, jovem ou adolescente, e velho não pode ser definido pela idade cronológica por haver multiplicidade em cada uma delas e ser relativo, uma vez que diversos fatores constituem identidade de cada geração, assim como: formas de interação e participação social, lugar, cultura e a linguagem vigente que configuram cada uma delas. Consideramos as

¹³ NERI, A.L., *As políticas de Atendimento aos direitos da Pessoa Idosa Expressa no Estatuto do Idoso*, Revista “A Terceira Idade”, Sesc - São Paulo, v.16, nº34, p.7-24, 2005

definições de cada geração e seu estilo de vida fundamentais, pois estamos discutindo grupos de pertencimento com características próprias, no qual os discursos analisados nesta pesquisa emergem na inter-relação entre esses fatores acima, e que são importantes elementos de análise para compreendermos como cada geração é vivenciada e como uma influencia a outra.

1.4.4 As relações intergeracionais intrafamiliares

Apesar de o nosso estudo ser focado nas relações intergeracionais além do âmbito familiar, a abordagem intrafamiliar da criança e dos jovens com as gerações mais velhas, sejam com os pais, sejam com os avós é necessária uma vez que, a família é considerada pelas várias ciências como um grupo social primário, pois inclui membros de diversas faixas etárias e *é espaço inevitável de relações entre as gerações, portanto é o campo no qual tem lugar a maioria das relações intergeracionais seja, em cooperação ou conflito.* (MORAGAS, 2004, p. 9) ou *pelo menos por proximidade física* (FERRIGNO, 2003, p. 24). De qualquer forma, proporciona a primeira oportunidade para o exercício de relações com conteúdos e atribuições diferentes.

Segundo Moragas (1997, p. 127-138), as relações familiares, de modo geral podem ser divididas em duas grandes categorias:

a) as *intergeracionais* (relações assimétricas) que envolvem pessoas nascidas em diferentes épocas e contextos históricos que determinam diferentes trajetórias e estilos de vida, relações que reúnem avós, filhos e netos, os quais proporcionam a “primeira oportunidade para o exercício de relações com conteúdos e atribuições diferentes”;

b) as *intrageneracionais* (relações simétricas) que agregam indivíduos de uma mesma geração (menores diferenças etárias e, conseqüentemente, menos diferenças histórico-contextuais) como, por exemplo, as relações que congregam parentes (irmãos, primos, sobrinhos de uma mesma família) para os mesmos fins, geralmente baseadas no afeto e na espontaneidade.

Conforme a tendência mundial existe alguns pontos relevantes na realidade das famílias atuais entre eles, o baixo índice da taxa de natalidade, o qual tornou as famílias menos numerosas, com média de dois filhos por casal. Outra característica relacionada à realidade atual é o grande aumento de separações entre casais; pois, de acordo com dados oficiais do IBGE (2004), as famílias mono parentais, isto é, compostas apenas por um dos pais e filhos cresceram de 7,8% do total para 14,4% nos últimos 15 anos. Não só no Brasil, como na Europa e EUA, em 90% dos casos é a mulher quem fica com a responsabilidade da guarda dos filhos, o que aumenta a sua sobrecarga na rotina diária.

Na observação de Thompson (1993), a família é representada como um sistema estruturado de relações interpessoais, construída e mantida por certos pressupostos, geralmente não declarados. Para ele, supõe-se que essas relações desenvolvam ordens e regras claras, em particular, para estabelecer fronteiras e diferenças entre gerações, o que tem sido prejudicado a atualidade:

Uma fonte de patologias transgeracionais costuma ser a incapacidade das gerações mais velhas de distinguir claramente entre as próprias necessidades e as de seus filhos e, em contrapartida, a incapacidade dos filhos de estabelecer sua independência. Assim os pais transferem as tensões, frustrações e hostilidades não resolvidas de suas vidas para seus filhos, que, por sua vez, podem se sentir obrigados a realizar as ambições fracassadas dos “fantasmas” do passado familiar (p. 13).

Os autores Ruschel e Castro (1998), essas regras fazem parte da dinâmica relacional entre pais e filhos, compõem a organização familiar na aquisição de conhecimentos, recebem influências externas decorrentes do sistema social vigente, muitas vezes, ocasionam choques de informações, que podem gerar conflitos. Há, portanto, no relacionamento familiar, um processo recíproco de influências.

Nesse processo bidirecional de influências, os pais preocupam-se com a transmissão dos seus valores como forma de projetar sentido e justificação de suas vidas. Os filhos, ao contrário, querem estabilizar seus próprios valores recorrendo a estratégias compatíveis com as modernidades tecnológicas, demográficas e políticas. Localiza-se aí o drama da sucessão contínua de família: a diversidade nos valores e comportamentos; e a luta entre as gerações pela estabilização da identidade (p. 527).

Essa realidade na sociedade ocidental vem de encontro às afirmações dos autores mencionados anteriormente (MORAGAS, 1997, p. 95 e DEBERT, 2004, p. 53). As transformações dos modelos familiares clássicos ocasionaram o desaparecimento do desempenho de papéis bem definidos, quer na família, quer na sociedade em geral; atualmente, o curso da vida transformou-se em um espaço de experiências abertas, não de passagens ritualizadas de uma etapa para a outra. Além disto, também predomina a descontinuidade, isto é, a oposição às preservações e às tradições.

Retomando os dados acima do IBGE (2004), nos estudos de Ricci (2001)¹⁴, realizados junto às famílias de alunos de escolas públicas e privadas do país, observou-se que, no caso de casais separados ou não, o tempo de convívio familiar é roubado pelo mercado de trabalho e diminuiu, drasticamente, nos últimos anos, especialmente na região sudeste. O autor apontou que os pais convivem uma média de seis horas por dia: o pai mais ao final da tarde e, mesmo assim, em 75% dos casos à televisão, e as mães dividem a atenção entre a administração das tarefas de casa com a atenção aos filhos, o que reduz o diálogo e os comentários, e conseqüente diminuição do universo vocabular entre pais e filhos. Segundo o autor, atualmente, muitos pais entregam o papel da educação à escola que, infelizmente, não é capaz de assumi-lo totalmente, pois faltam às crianças e aos jovens os valores formadores de caráter e o refinamento da personalidade, tarefa inerente aos pais. Há uma concordância entre o autor acima citado e Ferrigno (2003) afirmando que:

[...] muitas crianças são escolarizadas logo cedo, desde os primeiros meses passam muitas horas em creches e instituições assemelhadas. Embora nesses locais haja contato com adultos, eles são poucos, a relação é restrita, marcada por papéis bem definidos, com a marca da autoridade do adulto (p. 49)

Além da escola, da televisão e do tempo no trabalho, atualmente, também ocorre, no ambiente familiar, a introdução dos jogos vídeo-informáticos, os quais desenvolveram tendências de consumo, provocaram uma drástica alteração nos tipos de brinquedos, modificaram as formas de brincar e o uso de espaço-tempo lúdico das crianças, reduziram a convivência e geraram novas formas de linguagem (SARMENTO, 2006, p. 366). O impacto e o reflexo desses fatos nas

¹⁴ *Família e Responsabilidade Social*, Revista espaço acadêmico, nº00, maio/2001, ISSN 1519, disponível em: www.espaçoacademico.com.br, acesso em 12/10/2005

relações intra e intergeracionais contribuem, em parte, para o distanciamento e a segmentação das gerações, uma vez que tais tipos de jogos e brincadeiras não oferecem oportunidades efetivas de boa qualidade de interações, mas não podem deixar de ser considerados na análise contemporânea das culturas das relações intergeracionais. Nesse cenário, os pais perdem a noção de responsabilidade paterna e materna, há um distanciamento silencioso em detrimento de uma conversa com os filhos, estes crescem sem a imagem real do papel social dos pais, o que gera sérios conflitos entre as gerações.

1.4.5 A relação da criança e do jovem com os avós

O estilo de ser avô/avó pode assumir diferentes formas de desempenho: formal, divertido, substitutivo, autoritário e distante (NEUGARTEN e WEINSTEIN, 1968, apud SOUSA, 2006)¹⁵. Os avós formais não assumem a tarefa de criar os netos e nem dão aconselhamentos. Com os divertidos, a relação entre avós e netos ocorre, essencialmente, como se fossem colegas de brincadeira, isto é, através de uma relação informal e lúdica, que enfatiza a mútua satisfação. Os avós que adotam um estilo substitutivo parental são os que tendem a assumir todas as responsabilidades educativas na ausência dos pais, seja no caso de morte, emigração ou negligência, em que, às vezes, até lentamente tornam-se *pais* dos netos. Segundo Myriam Lins de Barros¹⁶, em entrevista à revista eletrônica Comciência, “os avós se percebem mais perto do dia-a-dia dos filhos casados e dos netos do que seus pais eram com eles. São chamados para ajudar no cuidado com as crianças pequenas e se mostram disponíveis para auxiliar nos momentos de separação de casais. Esta aproximação maior acontece, numa aparente contradição, no momento em que as mulheres entram mais francamente no mercado de trabalho, em que os casais se separam com maior frequência, fatos que se associam à idéia de modernidade da vida urbana”. Os autoritários adotam um estilo aceito pelos pais da criança, os quais se colocam numa posição de subordinação face aos próprios pais, uma vez que os netos ficam aos cuidados dos avós

¹⁵ Liliana Sousa: *Avós e netos: uma relação afetiva, uma relação de afetos*, é coordenadora do curso de Pós-Graduação em Geriatria e Gerontologia, nível mestrado acadêmico, da Universidade de Aveiro, Portugal

¹⁶ Sua pesquisa é sobre a família, baseada na visão dos avós das camadas médias da sociedade, analisando as questões de permanência e as mudanças de valores na família. Trecho da entrevista comciência disponível em: <http://www.comciencia.br>, acesso: 10/03/2006

enquanto os pais trabalham. Os distantes são aqueles avós que mantêm apenas contacto com os netos em ocasiões especiais (como aniversários e festas).

A configuração familiar hoje, como vimos, traz transformações muito acentuadas para os papéis parentais, advindas das novas configurações do mercado de trabalho, das novas dinâmicas conjugais e da própria realidade econômica. Para os avós, partícipes necessários das modificações familiares, não há um mapa definido, conforme reflexões traçadas no artigo *Ser avós ou ser pais: Os papéis dos avós na sociedade contemporânea* (LOPES, NERI & PARK, 2005).

Nosso contacto com os participantes do Programa Sesc “Gerações” nos mostrou, entretanto, que a situação mais emergente naquele contexto tem sido a de avós que desejam preservar tempo/espço para cuidar de seus próprios interesses, a despeito de sua ligação afetiva com os filhos e os netos e da vontade de ajudá-los.

Outros pesquisadores encontraram dados análogos:

“Numa pesquisa envolvendo avós de classe média no Rio de Janeiro, Barros (1987) ouviu depoimentos de avós que não querem ser “avós de profissão” ou “avós de tempo integral”, pois julgam essas categorias como faces negativas do papel de avós e não pretendem assumi-las. (...) Muitos avós acham que criaram seus filhos e agora têm o direito de ir em busca de outros interesses, sentem-se num outro momento da vida e não desejam assumir tal compromisso (Papalia & Olds, 2000; Sommerhalder & Nogueira, 2000). Talvez esse posicionamento relacione-se com a construção social do conceito de Terceira Idade e com as idéias veiculadas sobre a mesma. Sobre o assunto, Debert & Simões (1998) definem a criação dessa etapa da vida pela sociedade, como uma forma de negar o envelhecimento, transformando os anos iniciais da velhice num período caracterizado como o momento de voltar-se para o lazer, para novas descobertas e aprendizados, e para a concretização de sonhos e planos que as exigências da vida adulta não permitiram realizar. Assim, os idosos acabam por adotar um estilo de vida em que não cabe cuidar dos netos como babás ou cuidadores primários. Percebe-se então, a presença de posições distintas quanto ao cuidado dos netos. (...) Fatores como nível educacional e classe sócio-econômica dos avós podem influenciar o posicionamento dos idosos nessa situação. Idosos com melhor nível sócio-econômico apresentam-se como o alvo principal da mídia, pois têm maior possibilidade de acessar as oportunidades que o mercado lhes oferece para viver uma velhice classificada como ativa, recheada por viagens, atividades variadas e busca pelo rejuvenescimento. As decisões dos idosos refletem posições que não devem ser julgadas, mas compreendidas como exemplos da heterogeneidade que caracteriza a experiência de envelhecer e de posicionar-se nas relações familiares”. (LOPES, NERI & PARK, 2005).

Segundo Moragas (1997), as flexibilidades implícitas no papel de ser avô/avó e neto/neta, na sociedade contemporânea, são recentes; os avós têm uma conduta mais livre do que os pais, porque a sociedade ainda não determinou condutas específicas do que se deve ou não fazer.

No âmbito das relações entre avós e netos, elas começaram há pouco tempo a ser definidas, pois existem novas realidades demográficas e novos estilos de vida, as relações têm mais importância que no passado e possuem uma profundidade que ninguém podia prever. O fundamento das relações positivas avós/netos baseia-se na liberdade e na flexibilidade que são oferecidas com pouca frequência nas sociedades altamente organizadas (p.135)

Numa de suas pesquisas, o autor questionou os interesses entre avós e netos para investigar a qualidade das relações entre eles. A análise apontou, entre muitas interpretações, que o conflito intergeracional aconteceu quando os pais tiveram dificuldades de compreender os valores dos filhos, ao colocarem barreiras e limitações nos encontros entre avós e netos; nas relações livres de obrigações em relação à sociedade e ao próprio neto, os avós se apresentaram mais afetivos, flexíveis, disponíveis para os netos com os quais têm condições de tecer relacionamentos de longa duração, ao mesmo tempo, lúdico e profundo, os quais prevalecem bem distantes de toda imagem de conflito ou de ruptura radical (FORQUIM, 2003, p. 16). Para os autores, a variável não é a idade, mas sim, o papel de avós, pais e filhos.

Afirma Moragas (1997) que a solidariedade na família constitui o tipo mais importante de cooperação e apoio social, porque facilita a prestação de serviços sanitários e ajuda econômica que as administrações não podem propiciar; nestes casos cita o autor que: *os avós proporcionam às gerações jovens uma âncora situacional ao transmitir-lhes uma história social geral e da própria família* (p. 135). Existem várias formas através das quais uma geração pode apoiar a outra, dentre elas, as principais são: o apoio que os idosos podem dar aos netos enquanto os pais trabalham, e o apoio das gerações mais novas aos idosos em facilitar desde a superação ou formas de lidar com a doença até em suas tarefas cotidianas. Os idosos transmitem para as gerações mais novas os valores humanísticos e a herança histórica da família, o que contribui para a formação dos jovens; apesar de não ser a nossa realidade, um exemplo é a análise feita por Pinto (1997) em sua tese de doutorado, sobre famílias nipo-brasileiras, a velhice está associada à sabedoria, isto é, à experiência de vida, à consciência das próprias realizações, à geratividade e à integridade,

atributos que garantem respeito e poder aos idosos, e se configuram como valor tradicional da família nipônica. O processo educativo familiar, configurado no respeito aos idosos pelas gerações mais novas, é visto por todos como dever moral de reciprocidade entre as gerações. “A aceitação da dependência e do cuidado pelos filhos é considerada como virtude associada à sabedoria”, fundamentado “no dever moral de reciprocidade atribuído aos filhos e da solidariedade que idealmente dever reger as relações entre as gerações”. Mas no Brasil, existem cerca de 220 etnias indígenas e, na maioria delas, os velhos são considerados figuras fundamentais na organização e reorganização social fundamental para a sobrevivência do grupo. A figura do ancião é valorizada como um arquivo vivo. Os saberes tradicionais englobam vários aspectos da vida nas aldeias, desde as curas através dos conhecimentos dos remédios feitos de ervas e dos rituais xamânicos até os cantos e as danças para os dias de festas. Essas culturas são identificadas como pós-figurativas onde predominam a tradição, a autoridade dos anciões e as marcas do passado que se perpetuam de geração para geração e ocupam maior espaço na história. Sob esse contexto, as contribuições de Margaret Mead, em seu livro “O fosso Entre as Gerações”, são consideradas por autores da educação as mais originais para definir a cultura pós-figurativa.

De acordo com a autora (apud FORQUIM, 2003)¹⁷:

Uma cultura pós-figurativa é uma cultura na qual a mudança é tão lenta e tão imperceptível que os avôs, segurando os seus netos recém-nascidos no colo, não são capazes de imaginar para eles um futuro diferente do que foi o seu próprio passado. Nesta cultura, o passado dos adultos é o futuro de cada nova geração (p. 27-28).

De um modo geral, mesmo que ainda, em algumas sociedades, resista a cultura pós-figurativa, os estilos de vida das diversas gerações nas sociedades modernas têm uma enorme influência nas constantes e aceleradas mudanças que têm um caráter “simultaneamente imprevisível, radical e universal” (FORQUIM, 2003). Todas as formas de transmissão cultural sejam familiares, educativas, religiosas e sociais, estão comprometidas e são caracterizadas por Margaret Mead como uma cultura pré-figurativa: *Hoje, não se encontra em nenhum lugar do mundo pessoas mais velhas que sabem o que as crianças sabem, por mais distantes e simples que*

¹⁷FORQUIM, J.C. Relações entre Gerações e Processos Educativos: Transmissões e Transformações, Congresso Internacional Co-Educação de Gerações, Sesc, 2003, disponível em: www.sescsp.org.br, acesso: 23/06/2006

sejam as sociedades onde vivem essas crianças (p. 123-124). Apesar das constantes mudanças de caráter radical e em ritmo acelerado, na visão do autor “para tornar-se si mesmo”, não seria necessário soltar as amarras da família, rejeitar as normas que prendem?

[...] o desaparecimento da autoridade em proveito de uma relação mais igualitária entre as gerações incentiva-os a permanecer em contato; assim estamos vendo se afirmar a cada nova geração um crescimento da autonomia que, contudo, não resulta num definhamento do sentimento familiar (idem).

Na sociedade contemporânea, os novos laços familiares, avós, pais e netos não impedem que cada geração desenvolva seu modo específico de interpretar sobre a vida familiar, ao mesmo tempo deixam cada um perseguir seus objetivos individuais sem que haja prejuízo nas relações familiares intergeracionais. Fato que se justifica quando os avós modificaram suas formas de pensar e agir *na medida em que acompanharam as transformações sociais mais amplas da sociedade e realizaram modificações profundas nas maneiras de compreender e vivenciar as próprias relações familiares* (BARROS, 2003)¹⁸.

A maior parte das referências aqui citadas aponta que apesar de existir poucos estudos sobre o papel dos avós de hoje, o interesse em pesquisar o assunto vem crescendo conforme o número crescente de idosos que vivem essa situação, e uma preocupação em conhecer os efeitos nos estilos de vida dos idosos (LOPES, NERI, PARK, 2005).

1.4.6 As relações intergeracionais além do âmbito familiar

Atualmente, o conceito da intergeracionalidade vem despertando um interesse considerável em estudiosos e pesquisadores, fundamentalmente nas áreas da Sociologia, Psicologia e Antropologia, pois o fenômeno afeta as famílias e as comunidades, as quais se preocupam com as semelhanças e diferenças de valores e comportamentos entre as gerações tais como: o número de estudantes que abandonam a escola, gravidez na juventude, cuidado inadequado da criança, isolamento dos velhos e abuso das relações entre os membros das diferentes gerações, situações, que podem gerar estereótipos negativos e preconceitos que

¹⁸ Palestra proferida no Congresso de Co-Educação de Gerações, no Sesc São Paulo em outubro de 2003

resultam no distanciamento entre os grupos etários. Para os estudiosos e pesquisadores, o distanciamento e a segmentação são os fatores mais relevantes e geradores de controvérsias, posto que eles alegam que a descontinuidade geracional é um fenômeno da diversidade, provocada pela modernidade e pelos meios de consumo, fortemente influenciados pela mídia, enquanto que a continuidade geracional é um fenômeno reconhecido nas transmissões de heranças culturais familiares (BENINCÁ, 1998).

De acordo com o exposto acima, concordamos com Moragas (1997, p. 127-138)¹⁹ e Lopes (2005, p. 175), quando definem as relações intergeracionais, isto é, são relações que ocorrem entre indivíduos pertencentes a diferentes gerações que compartilham os mesmos eventos históricos, sociais e culturais, como por exemplo: guerras, momento político, revoluções, moda, hippies, televisão e que determinam diferentes trajetórias e estilos de vida e quando se encontram, se reúnem, proporcionam oportunidades de trocas com conteúdos e atribuições diferentes seja de conflito, de competição, de indiferença de autoritarismo ou cooperação, afetividade e igualitarismo.

Os trabalhos dos autores Newman (1997); Uhlenberg (2000) e Ferrigno (2003) demonstraram de forma empírica, que, nas relações intergeracionais conflituosas, há maior discriminação nas relações sociais entre as pessoas que compõem as diferentes gerações, provocadas por diferenças no estilo de vida; nas atrações e recusas psíquicas; nos valores éticos e morais e nas afinidades culturais e sociais incompatíveis de cada geração do que por diferença de idade. Por sua vez, as relações intergeracionais consideradas positivas incluem estilos de vida que colocam como valores superiores as atividades: religiosas, na comunidade, em clubes, associações esportivas, recreativas e culturais, nas quais existem objetivos comuns e mais motivadores do que a diferença de idade entre os participantes Moragas (1997, p. 133). Os autores Newman (1997), Uhlenberg (2000), Riley e Riley (2000) e outros concordam que as relações intergeracionais também se remetem às necessidades básicas das crianças, jovens, adultos e idosos e são baseadas nas características desenvolvidas por tais populações apresentadas por Newman (1997, p. 17), no quadro a seguir:

¹⁹ Verificar a página 28 desta dissertação

Quadro1: As necessidades de cada geração

Das crianças	Dos idosos
Ser cuidada e apoiada	Para cuidar e apoiar
Ser ensinada	Para ensinar
Aprender sobre o passado	Ter uma revisão bem sucedida da vida
Ter uma identidade cultural	Compartilhar valores culturais continuidade
Ter modelos positivos de envelhecimento	Transmitir valores éticos
De ser conectado às gerações mais velhas	Se preocupam com as futuras gerações – legado

Fonte: Newman, 1997a, p 17.

De acordo com a autora, a interação mútua das pessoas de uma geração a outra podem contribuir para o crescimento e desenvolvimento mútuo enquanto realçam suas próprias vidas. Ao preocupar-se, comunicar-se, colaborar e aprender, como o idoso é um modelo de envelhecimento individual e social positivo para as gerações mais novas, a relação positiva desses benefícios que todos estabelecem é inerente na troca intergeracional e, possivelmente, estendem-se a toda a comunidade, ao afetar valores e comportamentos e ajudar a dar formas a uma sociedade que respeita as necessidades desenvolvidas entre as gerações. Essas interações refletem uma sinergia ímpar entre os dois grupos de idade fundamental para o desenvolvimento humano, e é reforçada pela interdependência dessas gerações e pela necessidade familiar dos cuidados intergeracionais.

Na observação da estrutura familiar verificaram-se laços fortes entre as gerações dentro de uma família (KINGSON, 1986 apud NEWMAN, 1997a, p. 18); a gênese da iniciativa intergeracional exemplifica uma troca de cuidados que foi aceita tradicionalmente, isto é, aprendida com as gerações anteriores e que cuidados intergeracionais dentro da família são tão comuns e naturais que não são bem percebidos, são valorizados só depois que cessam. Sob esse contexto, a necessidade de estimular os cuidados intergeracionais está relacionada ao reconhecimento das necessidades desenvolvidas nas gerações em questão. A autora apontou

ainda que, nas sociedades ocidentais atuais, pessoas estão cada vez mais atentas a essa ausência de cuidados e sentem necessidade de recriar os laços originais de cuidados mútuos familiares. Numa das pesquisas de Newman e cols. (1997b), investigou-se o ponto de vista das crianças americanas sobre o envelhecimento, quando se verificaram percepções amorosamente positivas, e também as percepções delas relativas à velhice têm forte influência da qualidade dos relacionamentos e experiências pessoais com os idosos.

Dentre as pesquisas brasileiras sobre as relações intergeracionais, além de Ferrigno, muito citado neste estudo, se destacam-se outros autores como: Novaes, Oliveira, Ruschel e Castro, as pesquisas focalizam entre outros, no conflito, no afeto e a cooperação.

Novaes (2005) desenvolveu uma pesquisa a fim de se comparar as diferentes lições de vida das diversas gerações. Foram ouvidas 452 pessoas com idades entre 17 a 101 anos, cujos depoimentos foram organizados e divididos por tópicos formando uma espécie de roteiro que permitiu a abordagem de temas importantes na vida das pessoas para uma pesquisa intergeracional a qual permitiu comparar as opiniões sobre os tópicos das várias gerações. Os achados revelaram que alguns jovens deram depoimentos muito mais profundos do que os de faixas etárias mais elevadas e pôde-se perceber que já possuíam certa vivência referente ao assunto abordado.

Por sua vez, Oliveira (1999) realizou uma pesquisa com crianças que estavam sob os cuidados de seus avós, pertencentes às classes populares. Através de entrevistas, procurou identificar como os sujeitos (avós e netos) se modificavam nessa convivência diária. Os resultados apontam que, na convivência baseada em **afetos**, o diálogo prevalece, reduz espaços para rancores e desmandos, o que, para o autor, é sinal de as diferenças se resolverem sem que se exerça uma relação dominadora que subjuguem um ao outro. Diferentemente das observações de Ruschel e Castro (1998) que discutiram o **conflito** causado nas relações vinculares entre filhos, pais e avós, ao fundamentarem-se nos tópicos interação e **poder**. Através da análise dos discursos dos sujeitos (20 mulheres idosas e 10 jovens), constatou-se que as relações de poder na prática do cotidiano familiar parecem estar presentes em ambos os casos pais/filhos e avós/netos e enquanto há uma tendência maior de **conflito** entre pais e filhos, a relação entre avós e netos é caracterizada por uma dinâmica menos conturbada. Ressaltou-se também que, para os jovens, a forma legítima de poder é entendida através da experiência de vida adquirida pelos avós, ou seja, há um reconhecimento do poder instituído através das gerações; os avós, quando perdem o poder

em relação aos filhos, direcionam-no à geração dos netos, o que, dialeticamente, é exercida com uma suave cumplicidade.

O podemos observar entre estas pesquisas que o estilo de vida adotado no poder ou no afeto, influi na forma como se constroem as relações intergeracionais familiares que podem ser formados, ou mesmo, co-construídos pelos seus membros e transmitidos às outras gerações.

De acordo com o que foi exposto até aqui, pertencer a uma geração pode ser bom ou ruim, vantajoso ou desvantajoso, que ganham ou perdem status social. É neste sentido que “novas idades” sejam “inventadas”, o que faz surgir questões diferenciadas tanto para cada geração, como para as relações intergeracionais.

1.5 Segmentação das gerações e as perdas nas relações intergeracionais

Afirmam Moragas (1997 e 2004) e Debert (2004, p. 56-57) que o contexto atual das relações intergeracionais familiares também têm sido afetados pela sociedade organizativa por outros fatores que trazem consequências muitas vezes de conflito tanto no âmbito familiar quanto no social. Esses fatores são: envelhecimento populacional, padrão de vida dos idosos, vitalidade x falta de papéis sociais, crises governamentais quanto à seguridade social e mudanças nas estruturas e duração dos papéis sociais; mostram, com clareza, que o enfoque organizativo provocou uma grande perda das relações intergeracionais. Nesse sentido, Pacheco (2003) alerta para as consequências negativas desse processo:

[...] a educação obrigatória proporciona aos mais jovens maior escolaridade, aumentando a probabilidade de estes estarem mais bem capacitados que os mais velhos, portanto mais aptos aos melhores lugares, alargando a distância entre as gerações e acentuando o declínio do status dos idosos (p. 228)

A discriminação do velho, devido à idade e à experiência que eram fontes de status e poder social, cede lugar à inovação e ao experimento; ao desenvolvimento acelerado das tecnologias e à globalização que privilegiam a juventude e geram *uma competitividade geracional pelo mercado de trabalho nos quais os idosos são empurrados para cargos de menor*

renda e menor prestígio (p. 229). Isto representa um grande desafio para as pessoas mais velhas provocados por suposições sobre sua capacidade e produtividade e deixa de reconhecer o potencial cultural, social que elas representam na sociedade.

Conforme Moragas (2004):

O preconceito etário cria categorias falsas para os adultos que trabalham, [...] o trabalhador idoso é menos seguro, sofre mais acidentes, é menos estável [...] apresenta mais dificuldades para aprendizagem, [...] não pode participar como trabalhador produtivo (p.12).

Afirma o autor que essas falsas categorias dão origem às aposentadorias antecipadas, isto é, antes dos 65 anos, sem nenhum papel social reconhecido e aceito. As empresas que adotam a política de substituições de trabalhadores adultos com altos salários por jovens com menores salários estimulam o preconceito etário e associado à etapa da velhice a perdas físicas e mentais.

Segundo Ferrigno (2003), a perda do status dos velhos e o alargamento da distância entre as gerações nas sociedades contemporâneas se tornaram um problema social intergeracional, transformaram-se em um conflito silencioso, geraram a estigmatização, os estereótipos negativos e os preconceitos de uma geração que categorizou os velhos como improdutivos e inúteis, formou um bloqueio intergeracional e fortaleceu o fechamento de grupos etários. Ainda que, em determinados momentos, a segmentação das idades seja significativa para o desenvolvimento, é alienante enquanto postura definitiva. Segundo o autor, o conflito entre gerações é mais uma consequência do que causa de conflitos sociais refletidos, principalmente, nas gerações entre *jovens e velhos, ambos carregados de estereótipos, observados entre os jovens uma visão distorcida e preconceituosa em relação à velhice* (p.49). Ainda para ele, o distanciamento, as indiferenças e a subestimação do antigo são notórios num histórico de discriminação dos velhos, um desprezo de suas experiências e saberes, resultado de valores típicos de uma sociedade de consumo e de mercantilização das relações sociais; a autoridade do velho é menos suportada pelas novas gerações, numa época de transição, em que os estilos de vida transformam-se com rapidez, mudanças que não podem ser negadas, mas devem ser compreendidos, enfrentados e superados.

Os autores França e Soares (1997, p. 144-150) também concordam que estas situações são consideradas pelos estudiosos uma agravante nas relações sociais e enfocam:

[...] a importância da sociedade se preparar, com todas as suas gerações, para a troca de informação, comunicação, e solidariedade, visando a que essa população possa envelhecer melhor e retardar uma dependência, principalmente física, que atinge principalmente pessoas com mais de 80 anos (p. 150).

Os programas de atividades físicas e sociais podem e devem surgir como um interesse especial em todas as etapas da vida. Nesse contexto, parece importante aumentar a consciência e a participação das crianças, adolescentes, adultos e idosos, quando estes poderiam se renovar quando necessário, e os mais jovens aprenderem com a experiência (PACHECO 2003, p. 233). Além disso, é importante também a discussão de aspectos pedagógicos educativos para crianças, jovens, adultos e idosos, tendo como referência a interação entre essas gerações, podendo servir como um meio determinante para fomentar a coesão e fortalecer a interdependência das gerações nas relações intergeracionais.

Ao se levarem em consideração os estudos gerontológicos de preconceito, de isolamento social e de abandono dos idosos, entre outros, as relações intergeracionais e suas formas de contribuição são fortes imperativos sociais para elaborar programas intergeracionais. De acordo com os autores citados, tais implicações que ocorrem, em longo prazo, não são apenas individuais, mas contemplam também os valores e comportamentos coletivos das populações mais jovens e mais velhas junto à necessidade de satisfazê-los na sociedade de hoje.

O cabedal teórico composto sobre o conceito de gerações, o estilo de vida atual de cada geração, as relações intergeracionais e as consequências negativas da segmentação geracional apresentados neste capítulo, nos aproxima do conceito de intergeracionalidade, uma vez que a presença simultânea das gerações exige um olhar sensível e aprofundado dos diversos percursos do tempo, o que estabelece [...] *limites e possibilidades de cada um no seu tempo, somos levados a articular a função do tempo com uma visão humana, na qual todos tenham um lugar e papel significativos, além de sua história para relatar* (NOVAES, 2005, p. 11-12).

A seguir apresentaremos os programas intergeracionais como forma de educação social não formal e estímulo para aproximar as gerações que auxiliam no combate da marginalização e preconceito etário em que os velhos muitas vezes são alvo.

Capítulo II

PROGRAMAS INTERGERACIONAIS (PIs)

“Uma pessoa permanece jovem na medida em que ainda é capaz de aprender, adquirir novos hábitos e tolerar contradições”.

Marie von Ebner - Eschenbach

2.1 Definição

Uma das alternativas interessantes para promover uma percepção positiva sobre o envelhecimento são os programas intergeracionais (PIs), criados para propiciar a relação entre as diversas gerações. Tais programas contam com o apoio de atividades interativas que fornecem uma boa estrutura para entender como as diversas gerações podem representar um papel importante para mudar o comportamento compartilhado entre eles.

Os programas intergeracionais tornaram-se populares em muitos países, a partir de uma iniciativa da Unesco para estimular o desenvolvimento de políticas públicas. Com a colaboração de vários países, foi elaborado pela Unesco (Hatton-Yeo, 2000)²⁰, um documento, o qual reuniu informações com considerável riqueza sobre os programas intergeracionais (PIs). O documento descreve o debate sobre o potencial deles para promover relações e intercâmbios entre jovens e

idosos, como parte integrante da Política Social Pública. Descreve as perspectivas por que tal aproximação é considerada essencial em experiências nas percepções dos programadores em diferentes culturas e povos.

As atividades intergeracionais relatadas pelos colaboradores acontecem em torno de movimentos de paz, como respostas a experiências de guerras, trabalhos voluntários, principalmente, em situações escolares e que oferecem cuidados e atividades de lazer. Em particular, esse documento nos ajuda a entender as raízes históricas e culturais do pensamento intergeracional e as práticas nas diferentes culturas, ao determinar as tendências comuns que podem ser específicas em cada país, bem como a relevância delas para a política social. A partir desse documento e o incentivo da Unesco, os programas de interação intergeracional tornaram-se populares em muitos países desenvolvidos.

Para a Unesco, a abordagem "intergeracional" é um instrumento eficaz e inclusivo para seus programas de aprendizagem continuada, como "a aprendizagem ao longo da vida". No contexto dos programas a ação intergeracional tem a seguinte dinâmica:

- idosos que auxiliam crianças e jovens;
- crianças e jovens que auxiliam idosos;
- adultos e jovens que colaboram para ajudar a comunidade; adultos e jovens que se envolvem em atividades de aprendizagem informais.

Este documento estabeleceu alguns conceitos que deram início da descrição de vários programas intergeracionais, os investigadores, que participaram nos estudos comparativos, concordam em comum a seguinte definição de programa intergeracional:

Os programas são espaços que oferecem oportunidades para trocas de experiências e aprendizagem das diversas faixas etárias para benefícios individuais e sociais, considerando a aproximação de gerações como um instrumento eficaz, com efeito, de inclusão social e o desenvolvimento da comunidade (UNESCO, 2000, p.3)

E contribuiu para configurar os seguintes objetivos comuns dos PIs nas diversas culturas:

Quanto aos idosos:

- a minimização das perdas do processo do envelhecimento;
- a promoção da inclusão e da valorização da pessoa idosa;
- a oportunidade de transmissão dos conhecimentos, habilidades e valores humanos a outras gerações.

Quanto às crianças:

- a promoção do contato diferenciado com o idoso, isto é, incentivado através da interação;
- a oportunidade de trocas de experiências entre as pessoas de idades diferentes e da aprendizagem de habilidades através da educação informal;
- o despertar de um novo olhar sobre as questões que cercam o envelhecimento;
- o estímulo ao resgate das brincadeiras tradicionais;
- o desenvolvimento de novas aptidões;
- a promoção da educação ao longo da vida.

Resultados positivos entre os diversos países e cultura:

Para o idoso:

- a re-significação da sua identidade social;
- o despertar de um novo olhar sobre as questões do envelhecimento;
- o aumento da auto-estima e melhoria da saúde;
- a possibilidade de uma nova perspectiva de vida e realização pessoal;
- a criação de oportunidades que lhes permitiram transferir a experiência de vida, valores acumulados e afetividades;
- a promoção de novos relacionamentos positivos e estimulantes com as crianças, com profissionais e com comunidade em geral;
- a redução do isolamento e promoção de um estilo de vida mais saudável e estimulante;
- e maior disponibilidade para aceitar e compreender o comportamento dos jovens de hoje.

Para as gerações mais novas (criança e adolescente):

- a promoção da troca afetiva entre as gerações;
- o fortalecimento dos vínculos intergeracionais através da interação;
- o aumento do interesse pela aprendizagem, pelo saber e pelo conhecimento, através do convívio informal com os idosos;
- a melhoria do relacionamento com os mais velhos;
- e um melhor entendimento sobre o envelhecer e suas necessidades, através do estímulo para ajudar os mais velhos.

2.2 Os trabalhos e as pesquisas

A maior parte das pesquisas já desenvolvidas, publicadas no *The Journal Intergenerational Relationships*, menciona a escassez e a falta de informações cientificamente validadas. Devido ao incentivo da Unesco em implantar PIs com apoio em políticas públicas, grande parte do corpo de estudos o qual descrevem as experiências em programas intergeracionais são trabalhos voluntários desenvolvidos nos EUA, como²¹:

Programas Intergeracionais em escolas:

Escola Primária em Phoenix, Arizona e Mentor Programs of the University of Maryland, que contam com trabalhos diários de idosos voluntários como tutores de crianças, ao quais as auxiliam em tarefas escolares e atividades culturais entre as gerações:

Os programas, que associam os idosos à escola e a comunidade e lhes dão oportunidade de compartilharem seu tempo, suas habilidades e suas experiências com as crianças e jovens, tornam-se um valioso recurso para a escola e para a comunidade. O papel que um idoso pode representar inclui o de mentor, tutor, cuidador, amigo maduro ou educador. Em todos os casos, serve como modelo positivo; relação distinguida por um “laço” especial de compromisso mútuo, um caráter emocional de

²¹ FRANÇA, L.H., & SOARES, N.E. *A importância das relações intergeracionais na quebra do preconceito contra a velhice*. In: VERAS, R., *Desafios para o Terceiro Milênio*. RJ, Petrópolis, ed. Vozes, 1997

respeito, lealdade e identificação (NEWMAN, 1997a, p. 82). Os participantes incluem idosos que são, ou não, aposentados, que, com frequência, compartilham um interesse comum, como um assunto acadêmico específico ou um passatempo, com a pessoa jovem. As gerações mais novas podem ser de qualquer idade, inclusive estudantes de faculdade. Os resultados deste tipo de PI incluem maior realização acadêmica para os jovens, como: maior motivação para aprender, maior auto-estima e melhor auto-imagem, maior consciência sobre a carreira a seguir e disposição para o conhecimento de habilidades e experiências de vida e cultura das pessoas mais velhas. De acordo com Newman (1997a), os PIs são uma das alternativas interessantes para promover uma percepção positiva do envelhecimento.

Programas Intergeracionais em asilos:

Youth in Service to Elders in Pittsburg, Pensilvânia: voluntários jovens de 14 a 22 anos que auxiliam velhos dependentes e inválidos, com o objetivo de melhora do bem-estar psicológico e a auto-estima de ambas as partes, através do entusiasmo, do afeto e da espontaneidade.

University of Flórida: um trabalho realizado há mais de vinte anos, onde professores de escolas de Ensino Fundamental orientam crianças em visitas a asilos. As visitas são compostas de atividades como desenho, leitura, música, entre outras, as quais estimulam e aprimoram a comunicação e a interação.

Numa pesquisa realizada por Saavedra, Ramirez, e Contreras (1997) (apud BRANDÃO, SMITH, SPERB e PARENTE, 2006) com idosos institucionalizados aponta que, através da mensuração por uma escala de depressão, verificou-se o efeito de atividades interativas com crianças no estado afetivo de idosos institucionalizados:

Os resultados demonstraram que idosos que participaram do PI e que fizeram uso de medicamento antidepressivo tiveram uma maior redução da depressão em comparação ao grupo controle que também estava medicado. Esse estudo demonstra que a interação com as crianças pode trazer benefícios afetivos aos idosos, que com frequência sofrem de depressão. A depressão é uma das causas mais frequentes de problemas de memória nessa faixa-etária, sendo que projetos como o de Saavedra et al. (1997), além de proporcionarem benefícios afetivos, também podem constituir ações preventivas relevantes no âmbito cognitivo (p. 102)

Programas Intergeracionais como apoio de cuidadores:

Foster Grandparents and Family Friends, Washington: programa composto de pessoas de ambos os sexos, de baixa renda, que auxiliam os que cuidam de idosos e de crianças com deficiência física, mental ou inválida. Atualmente, 250 voluntários compõem o programa Foster, incluindo idosos que disponibilizam vinte horas por semana na atenção às crianças com necessidades especiais; recebem treinamento mensal adicional, são remunerados por hora de trabalho, além de receberem auxílio para transporte, para refeições e um seguro em caso de acidentes.

Para os idosos, os resultados incluem a percepção de maior satisfação de vida, a criação de novos papéis que os fazem sentirem-se úteis e respeitados e a oportunidade para compartilhar experiências de vida, ao transferirem suas habilidades para a geração mais jovem que auxiliam os idosos.

Há também algumas pesquisas que comparam mais do que um PI:

Angelis (1992): num estudo qualitativo, foram avaliados seis programas sob os seguintes critérios: benefícios, satisfação, mudança de atitude e o impacto dos PIs. Os achados apontam quatro componentes essenciais na criação de um programa intergenerational: uma necessidade, uma crise ou um problema; um profissional responsável; uma fonte de incentivo e apoio e um sistema acessível para aproximar as diversas gerações. Os programas adotaram uma estratégia criativa que gerasse uma idéia em comum para trabalhar as diversas formas de aproximações entre as gerações.

Bartlett (2005): essa pesquisa qualitativa focou as percepções de um grupo de suporte intergenerational. Foram observadas e entrevistadas 5 mulheres, cujas idades variavam de 62 a 80 anos, e 7 meninas adolescentes de 13 a 15 anos, sem nenhum grau de parentesco. O estudo teve uma duração de quatro anos, aos finais de semana, e o objetivo era o de orientar e de acompanhar o desenvolvimento das adolescentes, quando as mulheres compartilharam suas experiências pessoais da mocidade. As adolescentes também discutiram, descreveram e refletiram as próprias experiências com as idosas. Na última entrevista, as adolescentes estavam com 17 a 19 anos, e as mulheres, com 66 a 84. Os achados confirmam a influência positiva para o desenvolvimento das

adolescentes e, nas cinco idosas, aumentaram a auto-confiança e a tendência para se ocupar em empenhos novos e a disposição para serem mais abertas às gerações mais novas.

No Brasil, são poucas as ações ou trabalhos intergeracionais. Há mais estudos no contexto familiar, alguns estudos e poucas pesquisas no âmbito intergeracional além da família, principalmente, sobre os programas intergeracionais. Alguns trabalhos foram desenvolvidos por:

Programas Intergeracionais em centros de atividades sociais:

Ferrigno (2003): Através das entrevistas abertas, identificou qualitativamente, quais são os benefícios propiciados num processo de co-educação entre gerações, no cotidiano de trabalho dos centros de atividades sociais com idosos e professores jovens. Entrevistou 12 alunos idosos, moradores da capital ou do interior, o estudo observou as conversas entre jovens e idosos. Verificou-se, através da co-educação, que os idosos repassam aos jovens a memória cultural e modelos de como vivenciar o envelhecimento. Os jovens transmitem aos velhos novos valores de comportamentos e habilidades para o domínio das novas tecnologias.

Souza (2003): Realizou uma pesquisa qualitativa junto ao Programa de Atenção Integral à Saúde do Idoso da Secretaria de Estado de Saúde, em colaboração com as escolas da rede pública de ensino do Distrito Federal, no qual elaborou atividades de integração entre as gerações no projeto “Reminiscências Integrando Gerações”. O processo de reminiscência foi adotado como estratégia de aproximação intergeracional. O propósito desse estudo foi avaliar as atividades do projeto citado sob o ponto de vista dos participantes. A coleta foi composta por 13 grupos de estudantes, entre 08 e 13 anos de idade e três grupos de idosos. Os grupos foram entrevistados para a obtenção de dados relativos às relações intergeracionais, antes e após atividades que envolveram jovens e idosos. Os resultados apontam que antes das atividades os jovens apresentavam preconceito. Nas últimas entrevistas apontaram mudanças positivas de comportamento tanto dos jovens quanto dos idosos; os idosos apresentavam melhora no estado de saúde e, nos dois grupos, aprimorou-se a convivência entre eles; indicam ainda que as atividades de integração através do processo de reminiscência contribuem para desenvolver a confiança mútua.

Programas Intergeracionais e o trabalho com memória e contação de histórias:

Brandão; Smith; Sperb & Parente (2006) realizaram uma revisão na literatura sobre a produção narrativa de crianças e adultos idosos, ao localizarem estudos intergeracionais. Neste levantamento, verificou-se que:

[...] as crianças ganharam em termos de conhecimento e de perspectiva para considerar a história e as gerações mais antigas, na melhora do comportamento e capacidade de escuta, e na aquisição de habilidades para apresentações. Os professores obtiveram materiais adicionais para as referências em sala de aula e tomaram consciência sobre a importância das velhas gerações. Quanto aos idosos, aumentaram suas habilidades narrativas, ampliando-as para outros contextos, desenvolveram um maior senso de orgulho pessoal e uma rede maior de contatos humanos. Alguns deles continuaram contando suas histórias em outras escolas. Os pesquisadores ressaltaram a rapidez com que os idosos desenvolveram suas narrativas, tanto em termos do conteúdo como em termos de forma. Programas educacionais, como o descrito acima, podem ajudar o idoso a ampliar a perspectiva da sua experiência, significando-a e tornando-a útil para as novas gerações (p. 103).

O Centro de Memória da Unicamp (CMU)²², com uma equipe formada por pesquisadores e auxiliada por alunos de graduação e pós-graduação da Universidade, realizou uma pesquisa cujo objetivo era o de resgatar a história de três bairros periféricos de Campinas (Vila Costa e Silva, Vila Castelo Branco e Jardim Campineiro). Os pesquisadores e voluntários convidaram os moradores mais antigos para falar às gerações mais novas sobre a constituição dos bairros. Crianças e adolescentes passaram a tomar conhecimento não apenas da história do local onde vivem como a compreender melhor a realidade deles e a reconhecer a própria identidade. Von Simson, (2005), no texto “Memória, Cultura e Poder na Sociedade do Esquecimento”, coloca que o relato vivido cria vínculos fortes e decisivos entre idosos e gerações mais novas: “*o ato de compartilhar a memória é um trabalho que constrói sólidas pontes de relacionamentos entre indivíduos [...] envolvendo participantes de diferentes gerações*” (p.66). A autora e pesquisadora aponta que: “*[...] as narrativas dos mais velhos, obtidas a partir de um roteiro de questões elaboradas pelos próprios adolescentes dos bairros populares permitiram a eles construir compartilhadamente um novo conhecimento sobre a memória recente da região onde vivem* (p.12). Para a autora, os velhos têm um papel fundamental na transmissão de valores e da cultura

²² Jornal da Unicamp, ed. 305, p. 12, outubro de 2005, título: “O resgate que deu samba”

o que facilita às gerações mais novas enfrentar os problemas atuais com mais segurança, e, também possibilita a transformação da consciência das pessoas, gerando ações conjuntas.

Lopes (2006), este estudo teve como objetivo investigar a representação social de dois grupos de crianças sobre a velhice e os velhos e a influência do encontro intergeracional no processo de formação dessa representação durante o Projeto Jarinú tem Memória realizado pela Unicamp, os velhos se sentiram úteis e valorizados pela comunidade ao terem a oportunidade de transmitir seus saberes às gerações mais novas, o que indicou o sentimento de geratividade e satisfação pessoal, além disso, ganharam reconhecimento social. As crianças ampliaram seus conceitos sobre velhos, no início atribuíram-os com muitas limitações físicas, e depois, com muitos saberes.

De acordo com os autores citados, a intergeracionalidade é por si só, um fator de promoção de igualdade entre as gerações. Em uma dimensão maior, propicia a mudança de mentalidades, reforça a cidadania e envolve valores éticos, de igualdade social, democracia, justiça e dignidade, os quais dependem de conceitos culturais, econômicos e sociais. O exercício da cidadania fortalece a auto-estima e possibilita o acesso aos bens culturais de nossa sociedade, desenvolve a capacidade de interação e participação, o pensamento criativo e reflexivo. Essa área temática tem como objetivo de estabelecer o diálogo e reforçar a cooperação entre as gerações. Os autores apontam a importância da pesquisa em favor aos programas de políticas governamentais para que tais metas sejam alcançadas.

Algumas investigações de PIs analisadas por Newman (2006), levam à conclusão de que as práticas intergeracionais são inclusivas e construídas através de trocas de recursos mutuamente benéficos e que é possível desenvolver relacionamentos significativos. Segundo a autora, as pesquisas empíricas nos PIs, geralmente, descrevem o que ocorre nos programas, seus resultados, suas estruturas, e suas implicações para o futuro, bem como as interações e os relacionamentos intergeracionais que são inerentes a colocações formais e informais (p.112-113). Alguns dos modelos de programas formais, base de pesquisa empírica, referem-se a: tutores que ensinam e aconselham; cuidado da criança; prestação de serviço para a manutenção da aprendizagem; desenvolvimento da comunidade; ensino fundamental; asilos; locais compartilhados e aconselhamento através de ligações telefônicas ou em escolas.

Dentre os modelos apontados pela autora, o que mais se aproxima do programa intergeracional avaliado neste estudo é o de *locais compartilhados* e aqueles desenvolvidos em

centros de atividades sociais, em que cada atividade tem um nível de interação com maior ou menor intensidade.

As aproximações e interações intergeracionais analisadas por Uhlenberg (2000) são maneiras eficazes que norteiam a elaboração de novos projetos de educação não formal que promovem a cidadania como, por exemplo, ao construir a história do bairro ou da comunidade, estimula-se, assim, a participação dos moradores, com ênfase na aproximação entre jovens e idosos.

Os programas intergeracionais que envolvem voluntários de diferentes gerações trabalham em atividades mutuamente benéficas são enriquecidos pelas diferentes gerações que juntos contribuem e aprendem: idosos podem ensinar às crianças Matemática, leitura, ou realizar, em conjunto atividades como pesca, culinária, música ou arte. Ao mesmo tempo, podem aprender a entender sua contribuição nas situações em que as crianças têm pouca atenção dos adultos, e as crianças podem beneficiar-se da atenção de adultos que se dediquem a elas. Certos jovens têm dificuldades de se relacionar com suas famílias, mas podem responder ao contato com adultos interessados externos à família.

Ferrigno (2003) observou que as atividades intergeracionais em que as gerações mais novas contribuem com as gerações mais velhas, através da transmissão de conhecimentos tecnológicos e suas tendências, propiciam aos “velhos melhores condições de enfrentar tantas e tão aceleradas mudanças sociais, principalmente, as discriminações de que são objeto”. O grau de participação nessas atividades pode diminuir casos depressivos, aliviar o isolamento e melhorar a saúde. Para Newman (1997a e 1997b), o exercício de ver o mundo através de um olhar mais novo pode ser uma medicina potente. Nesse sentido, assim como os estudos das relações intergeracionais apresentam uma grande contribuição para desenvolver relações pacíficas entre todas as gerações, os estudos levantados sobre PIs parecem, também, benéficos e de forte impacto sobre elas, quando possibilitam a interação continuada em torno de atividades conjuntas. Afirmam Brandão, Smith, Sperb e Parente (2006, p. 102), a interação é o canal que promove o diálogo intergeracional e uma maior apreciação da companhia mútua.

Conforme o levantamento bibliográfico deste estudo, vários autores apontam a interação, a cooperação e a co-educação como formas de benefício mútuo. No próximo item, pretende-se fazer um levantamento teórico mais detalhado da cooperação para efeito de análise dos PIs, onde

serão abordados os fatores que serviram de referência para a nossa compreensão dos achados e nortear nossas análises.

2.3 A cooperação como estratégia de aproximação das gerações

Segundo Uhlenberg (2000, p. 264-265), para examinar tais programas e seus objetivos, é necessário considerar os diversos tipos de envolvimento que podem ocorrer numa interação entre pessoas de idades diferentes, ao se observar a forma como as relações são construídas. Para que a interação entre as gerações tenha uma dimensão relevante e alcance uma transformação na relação com o outro, são necessários vários fatores:

- duracão: o tempo de convivência entre os participantes deve ser suficiente para a mudança de comportamento e opinião em relação à outra geração;
- igualdade: todas as pessoas devem ter valores e direitos iguais na execução das tarefas, o que evita a subordinação e poder nas relações;
- intimidade: os contatos devem gerar um grau de intimidade desejado entre as diversas faixas etárias;
- complexidade: são os desafios para alcançar um objetivo comum que cercam muitos aspectos da vida;
- cooperação: propor ações conjuntas de reciprocidade e respeito mútuo.

Como a aproximação das gerações é a base maior dos objetivos dos programas intergeracionais, escolheu-se para esta pesquisa o estudo da **cooperação** como foco de entendimento e via de construção e transformação da convivência de diferentes gerações. Pressupõe-se que as atividades que envolvem formas de cooperações buscam, simultaneamente, um consenso em grupo e a harmonização dessas diferenças de forma pacífica, decisões que podem apoiar entre si e chegar a resultados favoráveis.

Assim como nas empresas, as formas de **aprendizagem cooperativa** nas escolas e projetos com atividades de lazer, em geral, também têm ampliado cada vez mais o uso da **cooperação** na prática pedagógica, pois considera o aluno um ser humano integral, como por exemplo, o “Programa Esporte Educacional” do INDESP-MEC, O “EREC” (Encontro Regional

de Escolas Cooperativas da Região Sudeste do Estado de São Paulo) e a realização de projetos para “Jogos Cooperativos” em Santos-SP e Porto Velho-RO, (BROTTO, 1999, p. 40). Considera esse autor a Educação Física um dos modos mais eficazes para *o aprendizado da Cooperação e o Exercício da Convivência, principalmente para descobrir e enriquecer nossas “Habilidades de Relacionamento”*.

Em sua dissertação de mestrado (1999), registrou importantes experiências aplicadas em jogos cooperativos no suporte de movimentos comunitários em Santos-SP e, a sensibilização de lideranças comunitárias para ruas de lazer, em Santo André-SP. Essas experiências reforçaram o potencial dos jogos cooperativos na resolução de conflitos, ao transformá-los em soluções, ao gerar um ambiente de confiança e harmonia na construção de objetivos comuns a partir da identificação do perfil da comunidade, na otimização de ações comunitárias.

Para Brotto (1999):

Cooperação é um processo de interação social, onde os objetivos são comuns, as ações são compartilhadas e os benefícios são distribuídos para todos (p. 9).

Praticar a Convivência e Cooperação é um exercício para o cotidiano. Como tal, é necessário que seja aprendido, aperfeiçoado, incluído como uma experiência interior, compartilhando com o mundo exterior e, então reaprendido.... num Ciclo de Ensino permanente. (p. 45)

O termo “ensinagem permanente”, usado pelo autor, tem o mesmo sentido do termo *life-span* nos estudos da gerontologia, isto é, a possibilidade de mudar, para adaptar-se ao meio através de novas aprendizagens, e possibilitar o aumento da resiliência, definida como a capacidade de recuperar-se dos efeitos estressantes, como, por exemplo, perdas, doenças, traumas físicos e psicológicos, refletindo na (re)organização do curso de vida dos indivíduos (NERI, 2002, p. 151)

O princípio da “ensinagem permanente” tem seu correspondente na noção de educação permanente, defendida por autores tão diversos como Paulo Freire e Carl Rogers, segundo os quais a educação é um empreendimento para toda a vida. No âmbito da educação gerontológica, a noção de educação permanente aparece com os seguintes significados: a) o homem nunca está acabado e deve ser agente da própria educação; b) uma sociedade em mudança exige educação

permanente; c) não deve haver separação entre o ensino regular e todas as possibilidades de educação permanente (Faure, 1973 apud TODARO, 2005).

A educação permanente expressa em programas de atualização cultural, de educação em saúde, de convivência, de relações intergeracionais e de lazer para idosos, tão em voga na atualidade.

Ambos os conceitos relacionam-se com a teoria de desenvolvimento ao longo de toda a vida (*life-span*), Essa teoria considera que a educação é a forma pela qual a cultura influencia o desenvolvimento do potencial humano ao longo de toda a vida, mas é especialmente importante na velhice, quando ocorrem perdas nos domínios biológicos e psicossociais. Nesse contexto, segundo a teoria *life span*, a educação não formal exerce importante papel ativador e motivador sobre a atualização das capacidades de reserva. Quando atualizadas e desenvolvidas, podem compensar as perdas, manter a funcionalidade em domínios selecionados e aumentar o senso de bem-estar e a resiliência psicológica. Um idoso ativo, socialmente envolvido e motivado, é também uma pessoa que terá melhor conceito de si mesmo e terá sua imagem social valorizada e com autonomia, o que é especialmente importante em sociedades como a nossa que valoriza a produtividade dos jovens (CACHIONI e NERI, 2005, p. 29-33).

Brotto (1997, 1999 e 2003) coloca, de maneira geral, em suas afirmações, que as atividades que privilegiam os aspectos cooperativos são importantes por contribuírem para o desenvolvimento do sentido de pertencer a um grupo. O desenvolvimento da cooperação como um exercício de co-responsabilidade para o aprimoramento das relações humanas em todas as suas dimensões e nos mais diversificados contextos deixou de ser uma tendência, passou a ser uma necessidade e, em muitos casos, já é um fato consumado, mas não definitivo.

Para Brotto (2003)²³:

[...] é fundamental nutrir e sustentar permanentemente a cooperação em interação no cotidiano pessoal através da confiança e do respeito mútuo comunitário e planetário, reconhecendo-a como um “estilo de vida”, uma conduta ética vital, que esteve consciente, ou inconscientemente, presente ao longo da história de nossa civilização.

²³ Parte integrante do texto sem página: *Sociedade e Cooperação*. Projeto Cooperação – Comunidade de serviços, 2003. Disponível em: www.sescsp.org.br/sesc/images/upload/conferencias/14.rtf.

A maior parte das conclusões dele indica que o processo de ensino-aprendizagem é enriquecido quando os alunos são colocados em situações de **aprendizagem cooperativa**.

Os sistemas cooperativos de aprendizagem em grupo, estudados por Monero e Gisbert (2005), são mais pesquisados nas estratégias de ensino que permitem e promovem um agrupamento heterogêneo de alunos; estrutura em que os alunos não são só responsáveis pela própria aprendizagem, como também pela dos outros membros do seu grupo. O autor apresenta a diversidade como um poderoso recurso:

A aprendizagem cooperativa é uma metodologia que transforma a heterogeneidade, isto é, as diferenças entre os alunos – que logicamente encontramos em qualquer grupo – em um elemento positivo que facilita o aprendizado. Na verdade, os métodos de aprendizagem cooperativa não tiram partido apenas das diferenças entre os alunos, mas muitas vezes precisam delas [...] é vista como algo positivo que favorece o trabalho docente (p.10-11)

O papel do professor é o de transmitir as informações, facilitar a aprendizagem e adaptá-la à capacidade de cada aluno, processo que, a partir do professor, desenvolve o respeito e a confiança; por analogia os demais aprendem o respeito quanto às dificuldades de aprendizagem do colega e isto os leva a ajudá-los quando podem.

As condições que propiciam a **aprendizagem cooperativa** requerem: **interdependência** do grupo, isto é, o sucesso de cada membro está ligado ao restante do grupo e vice-versa; maximização das oportunidades de **interação** as quais permitem dinâmicas de ajuda, apoio, motivação, entre outros; divisão das responsabilidades, resolução de conflitos construtivos; participação e destinação de um tempo para reflexão conjunta sobre o processo de trabalho em função dos objetivos, reajustes e melhorias.

Conforme Maçada e Tijiboy (1997)²⁴, é fundamental que os participantes do grupo tenham uma **postura cooperativa** para que tal dinâmica aconteça, isto é, que estejam predispostos a interagir, contribuir, colaborar, ser solidários, ter uma **consciência coletiva** e responsabilidade, atitudes que requerem respeito e reconhecimento mútuo, **relações igualitárias** entre os envolvidos e uma postura de tolerância e cooperatividade. Para as autoras, a **postura cooperativa** é o elemento mais importante para possibilitar que as ações num grupo sejam realmente conjuntas e derivadas da participação de todos, já que consideram a **cooperação** mais

²⁴ MAÇADA, D.L. e TIJIBOY, A.V. *A Colaboração e Cooperação Via Internet nas Organizações*. Anais do 21 Encontro da ENAMPAD, 1997, Rio das Pedras, RJ, 1997, (no prelo)

processo do que resultado entre os interlocutores, isto é, um processo aberto às várias formas de significação e diversas interações entre eles, constituindo-se em uma sucessão de situações instáveis e estáveis encadeadas entre si, em busca de um consenso e equilíbrio específico para o alcance do objetivo comum.

De acordo com as autoras acima referidas, para que haja **cooperação** real é necessária a existência das seguintes condições: existência de uma escala de valores e de uma reciprocidade na interação:

[...] o conceito de cooperação é mais complexo que o de interação e de colaboração, pois além de pressupor ambos requer relações de respeito mútuo e não hierárquicas entre os envolvidos, uma postura de tolerância e convivência com as diferenças e um processo de negociação constante. [...] a diferença fundamental entre os conceitos de colaboração e cooperação reside no fato de que para haver colaboração o indivíduo deve interagir com o outro existindo ajuda - mútua ou unilateral. Para existir cooperação deve haver interação, colaboração, mas também objetivos comuns, atividades e ações conjuntas e coordenadas.

Concordam os autores em que cooperar é trabalhar junto, é fazer com a ajuda de outros o que, com maior dificuldade, se conseguir-se-ia sozinho. O ato de ajudar não irracional, produzido por instintos (como no caso das formigas e das abelhas), mas uma resposta intelectual e criativa do homem frente às suas necessidades e realidades; envolve uma ou mais ações interativas conscientes de pessoas com diferentes pontos de vista, num mesmo grupo, com uma finalidade ou objetivo comum, num processo de negociação constante.

Como os PIs são considerados pela Unesco instrumentos eficazes de **inclusão**, a **cooperação** torna-se um elemento relevante para os programas intergeracionais. Nesta pesquisa, essa relevância pressupõe a redução da segregação e preconceito geracional, isolamento e marginalização social dos idosos apontados nos estudos da gerontologia.

A **inclusão** institui a inserção de uma forma mais radical, completa e sistemática que a interação, uma vez que o objetivo é inserir um aluno ou pessoa anteriormente excluída de algum grupo social ou comunidade. A meta da inclusão é, desde o início, não deixar ninguém fora, de modo que cada membro do grupo tenha oportunidade de se adaptar às particularidades de todos os outros membros do grupo (MANTOAN, 1998, p.31).

No conceito de Santos e Carvalho (1999/2000) consideram a **inclusão** como:

[...] processos que aumentem a participação e reduzam exclusão de alunos das culturas, do currículo e de comunidades em centros locais de aprendizagem. Esta perspectiva implica em compreender a inclusão com um processo permanente e dependente de contínuo desenvolvimento pedagógico e organizacional dentro das escolas regulares, ao invés de vê-la como uma simples mudança sistêmica nas redes de ensino (p.50).

A razão mais importante para a **inclusão** é o valor social de igualdade, a metodologia inclusiva ensina que, apesar das diferenças todos tem direitos iguais e reforça a prática da idéia de que as diferenças são aceitas e respeitadas, Para Karagiannis, Stainback & Stainback (1999, p. 21) existem três componentes para que ocorra a inclusão: a) **rede de apoio** que envolve a coordenação com base de apoio mútuo; b) a **cooperação** e o trabalho em equipe e c) a **aprendizagem cooperativa**. Todos os participantes são beneficiados por terem a oportunidade de aprender uns com os outros e de desenvolverem o cuidado com o próximo, atitudes positivas, habilidades e os valores humanos necessários para o acolhimento de todos os cidadãos e a vida na comunidade.

Atualmente, a **inclusão** é reconhecida como o novo paradigma da educação especial escolar, uma tendência capaz de acolher distintas possibilidades que viabilizem melhores condições para todas as pessoas que apresentam necessidades especiais diferenciadas para cumprir a sua trajetória de aprendizagem, com possibilidades de redimensionar, não só na escola como também a interação dessas pessoas em um projeto de trabalho pedagógico e social. Esse trabalho pedagógico é articulado com vários setores da sociedade, no intuito de resgatar os que estão em situação de desvantagem para um convívio repleto de oportunidades e novas aprendizagens enriquecedoras.

Assim como Maçada e Tijiboy (1997), os autores Karagiannis; Stainback e Staninback (1999) consideram que aprender através da **interação** e da **cooperação** é um dos aspectos mais significativos numa metodologia de **inclusão** social, além de combater a exclusão e redimensionar a **interação**, proporciona “às pessoas a oportunidade de adquirir habilidades para o trabalho e para a vida em comunidade” (p.25). Além disso, esses indivíduos aprendem como atuar e interagir com seus pares no mundo "real". “É igualmente importante para os professores que aprendem como agir e interagir com alunos” (idem), componente essencial para que se

possa incluir e propor recursos de aprendizagem/interação que favoreçam o exercício da cidadania.

Apesar de os referenciais teóricos destacados estarem associados diretamente à educação especial como campo de conhecimento, a meta deste trabalho é valer-se dele para elucidar seus pressupostos e, assim, propiciar entendimento de como acontece o processo de **interação** entre gerações para programas intergeracionais no combate ao preconceito etário, ao isolamento e à marginalização social dos velhos, através da aproximação intergeracional.

As pesquisas indicam que as atividades que integram as gerações contribuem para fortalecer a confiança mútua e a **reciprocidade**, podem ser uma alternativa de investimento em capital social e no bem-estar dos participantes e trazer, em última instância, perspectivas positivas à sociedade.

Capítulo III

A ESCOLHA DE UM CAMINHO

"Desejo que você, sendo jovem, não amadureça depressa demais e, sendo maduro, não insista em rejuvenescer, e que sendo velho, não se dedique ao desespero. Porque cada idade tem o seu prazer e a sua dor e é preciso que eles escorram entre nós".

Victor Hugo

3.1 Descrição do Campo da Pesquisa – SESC

O SESC foi criado em 1946, pelo Decreto Lei nº 9.853, é mantido e administrado pelo empresariado do comércio e serviços e possui departamentos regionais em todos os estados do Brasil. O Sesc protagonizando, há 60 anos iniciativas inovadoras em campos diversificados da cultura, do lazer e do tempo livre do comerciário e seus dependentes, de outras categorias profissionais e da população em geral. Tem por finalidade a promoção do bem-estar social, do desenvolvimento cultural e da melhoria da qualidade de vida dos trabalhadores desses setores, de suas famílias e da comunidade em geral. Ao longo de sua existência, a entidade vem acompanhando as mudanças no perfil demográfico do país, uma vez que tem por objetivo principal a valorização e promoção da pessoa humana.

Essa realização expressa o sentido de responsabilidade social das empresas, um conceito amplamente discutido em todo mundo. Ao efetivar sua escolha como entidade educativa não

formal, o Sesc elegeu o lazer sócio cultural como campo prioritário de trabalho. As atividades físico-esportivas contêm elementos que favorecem a participação em grupo, permitem a oportunidade de retomada de novas amizades e de novos relacionamentos possibilitando, assim, a reintegração social.

O campo de interesse desta pesquisa restringe-se ao Sesc-Campinas e às atividades intergeracionais entre idosos, crianças e adolescentes. Por isso faz-se necessária uma apresentação das atividades, em particular, as dos idosos e as gerações mais novas que compõem o programa Sesc “Gerações”. Atualmente²⁵, o Sesc desenvolve trabalhos sociais em 29 cidades do estado de São Paulo. Na unidade de Campinas, o número de matriculados maiores de 60 anos é de 3.987. O quadro de atividades permanentes compõe-se de 61 atividades para todas as idades, dentre elas, 45 são adaptadas para a terceira idade. O total de matriculados nessas atividades é 1.016, o que representa 45% do total de inscritos. A faixa salarial dos matriculados maiores de 60 anos distribui-se da seguinte forma:

01 a 03 salários: 2.444 idosos

04 a 05 salários: 393 idosos

06 a 09 salários: 1.150 idosos

Total: 3.987 idosos

Os inscritos são homens e mulheres acima dos 60 anos, com predominância do sexo feminino. A capacidade funcional dos usuários idosos e o modo de chegada ao grupo são quesitos importantes para o esclarecimento de suas características, especialmente, quando correlacionados aos níveis de autonomia global, já que ambos são decisivos sobre o maior ou menor controle sobre suas vidas.

²⁵ Dados colhidos em maio de 2006

3.2. Trabalho Social com Idosos – TSI

Em 1963, o SESC iniciou um trabalho com um pequeno grupo de idosos na cidade de São Paulo, época em que o crescimento acelerado e desordenado trazia profundas modificações na estrutura familiar e no comportamento social, o que dificultava contatos entre parentes e aumentava o desamparo e a solidão entre os idosos. Esse foi o início do TSI que traz diariamente para o Sesc, nos dias atuais, um grande número de idosos, que exercem e desfrutam o direito de serem reconhecidos e valorizados num processo permanente e contínuo de desenvolvimento cultural e social.

A instituição tem se constituído numa referência nacional para as ações relacionadas ao envelhecimento, revolucionou o trabalho de assistência social ao idoso e seu trabalho foi decisivo na deflagração de uma política voltada a esse segmento populacional, pois, até então, as instituições eram apenas voltadas para o atendimento asilar. O TSI não tem como objetivo formas de amparo e proteção. Nesse sentido, a entidade optou por ações que promovessem o desenvolvimento das pessoas como a inclusão e valorização social dos idosos através da educação não formal. Segundo Giglio (2006)²⁶:

“Educação Não Formal é um conceito que começou a ser precisado nos anos 70, como vemos, por exemplo, em BREMBECK (1978); teve sua definição bem colocada, por exemplo, em Almerindo Janela AFONSO (1989), e entre nós ela foi firmada de maneira muito clara e operativa em Educação Não-Formal – Cenários da Criação (SIMSON; PARK; FERNANDES [orgs], 2001). Posteriormente, sua conceituação foi ampliada e aprofundada ainda em: Educação Não formal: Sujeitos, Contextos e Percursos (Orgs: Margareth Brandini Park & Renata Siero Fernandes.– Holambra: Editora Setembro- 2005). Trata-se, basicamente, de um processo de educação que responde a necessidades específicas de um determinado grupo em um determinado contexto. Ela não precisa necessariamente de um lugar geográfico fixo ou exclusivo, não se preocupa com a certificação nem dos aprendizes nem do educador, mantém a flexibilidade e adaptabilidade durante seu decurso, tem caráter voluntário e participação descentralizada. Por suas características, ela é a que melhor serve aos processos de educação em contextos marcados pela instabilidade, por conflitos e pela exclusão social. A Educação Não Formal não se opõe à Formal, que é a educação que acontece no contexto institucional da escola regular. Ao contrário, pode complementá-la, valendo-se de sua agilidade e des-institucionalização, ao mesmo tempo em que metodologias desenvolvidas no seio dela podem ser incorporadas pela Educação Formal, vivificando as relações da escola regular com o processo de ensino e aprendizagem.”

²⁶ Citação de GIGLIO, Zula Garcia: *Transdisciplinaridade: porque rima com Criatividade* – artigo publicado em www.criabrasilis.org.br, no boletim eletrônico da CRIABRASILIS - Associação Brasileira de Criatividade, fevereiro de 2006

De acordo com as características da educação não formal, o idoso é estimulado a pensar, a refletir, a se conscientizar, fazer e refazer seus pontos de vista sem dissimular a realidade, lhe é dada, assim, a oportunidade para *alcançar novos níveis de percepção, conhecimento e de ação* (LIMA, 2001, p. 55). Com esse intuito, o SESC criou e ampliou possibilidades de participação ativa dos idosos na dinâmica social; e propiciando-lhes uma ampliação do exercício da cidadania, colocando o idoso como educador e ressaltando a importância do repasse de seus conhecimentos às novas gerações, foram iniciativas eficazes a fim de sensibilizar as comunidades para as questões do envelhecimento e estimular a criação de outros programas voltados à valorização dos idosos.

Os objetivos específicos do TSI são:

1. Socialização ou ressocialização: responde às necessidades associativas, de confraternização, de convívio com pessoas de hábitos e valores semelhantes através de diversas formas de encontro e atividades sociais, culturais e recreativas. O sentimento de pertencer a um grupo é inerente e imprescindível a todo ser humano;
2. Atualização de conhecimentos: a ampliação do universo cultural, através do aumento de informações sobre o mundo atual, é muito importante para a inclusão do idoso em uma sociedade caracterizada por rápidas e profundas transformações;
3. Desenvolvimento de novas habilidades: através de oficinas de criatividade e de outros processos, o idoso tem a oportunidade do desenvolvimento de novas linguagens de expressão nas áreas de música, teatro, dança, artes plásticas e atividades corporais;
4. Reflexão sobre o envelhecimento: o conhecimento dos fatores determinantes do processo de envelhecimento em seus aspectos físico, psíquico e social é fundamental para uma satisfatória adaptação a essa fase da vida. A desmistificação de concepções e o combate a mitos e preconceitos propiciam a segurança e o equilíbrio emocional necessário para o enfrentamento das perdas reais e inevitáveis, típicas dessa fase da vida;

5. Desenvolvimento de novos projetos de vida: contempla a reflexão sobre as amplas possibilidades de ocupação do tempo livre, através de atividades sociais, culturais, políticas, de lazer, além do voluntariado e de uma nova carreira profissional;

6. Prevenção e manutenção da saúde: o desenvolvimento de pesquisas médicas comprovam que hábitos saudáveis como: atividades físicas, boa alimentação, sono reparador, entre outros, são decisivos para o prolongamento de uma vida com qualidade. Portanto, é importante que se programem atividades que provoquem a consciência do idoso sobre esses cuidados;

7. Interação com as demais gerações: através de atividades conjuntas nas quais o idoso tem a oportunidade do convívio com outras faixas etárias, ensinando e aprendendo com crianças, adolescentes e adultos mais jovens. Sob essa perspectiva, um novo programa está sendo criado na entidade, o "SESC Gerações". Em decorrência da natureza desse programa, vale lembrar que o mesmo conta com intenso envolvimento tanto das demais gerências técnicas da Administração Central quanto dos técnicos das demais áreas de programação das unidades operacionais.

As atividades físicas esportivas são dirigidas por três coordenadores responsáveis pela programação e organização; a equipe de professores é composta por doze instrutores de atividades físicas e cinco estagiários. Cada atividade tem de um a três instrutores, conforme a sua abrangência; o número de vagas varia de 15 a 50, dependendo da atividade, do espaço disponível, assim como de outras necessidades específicas. Todas as atividades são adaptadas à terceira idade e têm como meta que os idosos tenham uma nova consciência de si mesmos, da corporeidade e de interação deles com o mundo, um mundo em que predominam os jovens. As atividades oferecem, também, uma oportunidade de recuperar a auto-estima, o respeito próprio, o interesse pela participação social e o exercício de cidadania. A base educativa procura relacionar o trabalho corporal às atividades do cotidiano. Desse modo, os participantes são levados a integrar, de forma consciente e voluntária, o que aprendem nas “aulas” às situações da vida cotidiana. As atividades desenvolvidas são: ginástica com aparelhos (GAP); hidroginástica; voleibol Terceira Idade; dança; yoga; tai chi chuan e futebol masculino.

As atividades sócio-culturais são dirigidas por um coordenador e um estagiário e têm o objetivo de desenvolver a comunicação grupal, a troca de experiências e a convivência entre idosos e pessoas de outras faixas etárias. As atividades oferecidas são: turismo, trabalhos

voluntários, educação ambiental, cursos de artesanato e internet livre, oficina de memória e de teatro. Na escola aberta, são realizadas palestras que têm como objetivo a informação, a atualização e o oferecimento de oportunidades para a (re)inclusão do idoso como um cidadão participante da sociedade.

As atividades físicas esportivas e as atividades sócio-culturais são consideradas permanentes, isto é, não possuem um fim programado, ocorrem em dias da semana, horários e locais pré-determinados. Através dessas atividades, a instituição considera a participação dos idosos imprescindível à transmissão de valores fundamentais às gerações mais jovens, como a cooperação, tolerância e a solidariedade. A GETI foi criada para administrar, exclusivamente, o TSI, o que evidencia a importância técnica e política desse programa para a entidade.

Em 2003, o trabalho social com idosos completou 40 anos, e a abrangência e significado desse trabalho tem contribuído, de forma considerável, para a evolução crescente dos estudos gerontológicos no Brasil, na formação de profissionais de várias áreas, envolvidos com os trabalhos dirigidos à terceira idade.

3.3. Programa “Curumim”

O Sesc Curumim é um programa permanente que atende a crianças de 7 a 12 anos, filhos das famílias de comerciários. Tem como principal objetivo o desenvolvimento integral da criança, uma vez que concilia o desenvolvimento físico, intelectual e social. Desenvolve-se, paralelamente, à vida escolar da criança, em espaço não formal, marcado por relações espontâneas.

O Sesc organiza as atividades educativas (sociais, culturais, esportivas) através da utilização de seus recursos materiais e envolve diferentes clientes da unidade. A equipe do Curumim é composta por um coordenador, quatro educadores e quatro estagiários. O número de vagas disponibilizadas por período é de 60 pessoas que frequentam as atividades do projeto duas vezes por semana.

Uma parte do programa Sesc Curumim é destinada para crianças com algum tipo de dificuldade familiar ou social. Trata-se do Projeto Curumim Sesc/Federação das Entidades Assistenciais de Campinas (FEAC), com a finalidade de realizar atividades de educação, também

não formais, com crianças de 07 a 12 anos que estão amparadas por Entidades Assistenciais ligadas à FEAC.

A Fundação FEAC congrega 110 entidades sociais e seus departamentos, que assistem, direta e indiretamente, cerca de 60 mil pessoas em todas as fases da vida (crianças, adolescentes, idosos, pessoas portadoras de necessidades especiais, etc). A Fundação FEAC tem como objetivos a promoção humana, a assistência e o bem-estar social, dando prioridade à criança e ao adolescente de baixa renda na região de Campinas. Em parceria com o Sesc, participam as seguintes entidades: Grupo Comunitário Criança Feliz, Associação Espírita Lar Caminho da Verdade (abrigo), Associação Beneficente Direito de Ser e Associação Beneficente 13 pais "Criança Feliz" (abrigo)

Cabe à FEAC definir as instituições participantes e administrar o transporte das crianças ao Sesc e de volta à Instituição. A nutricionista da FEAC é responsável pela orientação nutricional do lanche das crianças, faz o cardápio e viabiliza receitas. As instituições disponibilizam um monitor para cada 20 crianças, e como são 60, vêm com elas 03 monitores, os quais participam das atividades com os educadores do Sesc.

O Curumim SESC/FEAC, por sua vez, é uma extensão do projeto que atende às crianças de famílias comerciárias, e um pouco diferenciado, pois as vagas disponíveis são 50 por período, e cada criança vem uma só vez por semana ao Sesc.

3.4 Programa Sesc “Gerações”²⁷

Em 2003, o Sesc lançou o programa Sesc "Gerações", cujo principal objetivo é a **inclusão social**. Para o Sesc, a ação cultural intergeracional tem como objetivo promover a aproximação comum de todas as faixas etárias frequentadoras da instituição, através de atividades nas áreas de arte, lazer, cultura, esportes, turismo e voluntariado, as quais podem facilitar a emergência de interações geracionais, estimulando, simultaneamente, a ludicidade e a troca de experiências.

²⁷ Documento elaborado pelos técnicos da GETI – Gerência de Estudos da Terceira Idade do Sesc/SP que define a proposta do programa "Sesc Gerações", Sesc, 2003

Os técnicos responsáveis do Sesc, em conjunto, elaboraram um documento que descreve a proposta do programa para efeito de treinamento da equipe que atua, de forma direta, nos programas. Além da bibliografia citada, esse documento serve como uma das bases de referência para a descrição do programa "Sesc Gerações".

De acordo com o documento, as atividades intergeracionais do programa Sesc "Gerações" fazem parte do agrupamento de programas de lazer que foram organizados e classificados por faixas etárias. Através desses cursos já existentes foram estudados e analisados por meio de cruzamentos de atividades temáticas, aquelas que tinham a viabilidade intergeracional em sua estrutura. O programa tem como objetivo central o combate ao preconceito etário e a aproximação das diferentes faixas etárias. Tais atividades são: teatro; música; contos de história; artesanato; recreação; passeios; oficinas de brinquedo e fotografias e algumas atividades físicas. Realizam-se encontros que abordam assuntos do cotidiano dos participantes, de modo a estimular e desenvolver a consciência das diferenças e semelhanças entre gerações. As possibilidades de atividades são muito amplas, visto que agregam várias gerações simultaneamente, pois organizadas envolve crianças e adolescentes; crianças e adultos jovens; crianças e idosos; meia idade e idosos. A ação pedagógica é caracterizada pela co-educação entre gerações. Para Oliveira (1999, p. 277 apud FERRIGNO, 2003, p.147):

"[...] a co-educação de gerações supõe da parte dos que estão envolvidos, uma predisposição para aceitar as peculiaridades que a diversidade de tempos imprime na formação de cada qual. Aquiescer a um tal convite é muito mais do que tolerância; implica o trabalho de convergir em busca de relações igualitárias, acatando (e não abolindo) as diferenças, pois é por meio delas que se renova as possibilidades de modificação recíproca dos participantes. Em outras palavras, é através da percepção do outro como diferente que posso, numa dada relação, divisar meu inacabamento, quer dizer, enxergar possibilidades que o outro sugere para a minha mudança. É uma trajetória nada simples, mas que acena com promessas luminosas".

A proposta do programa coloca três pontos essenciais para o processo de co-educação: a **motivação** de todos os integrantes do grupo; o **igualitarismo** estimulado pelo profissional da atividade e a **aprendizagem recíproca**, embora seja fundamental que as pessoas tenham tempo para se conhecer e desenvolver o convívio, a duração, por si só, não garante interações mais intensas e produtivas.

O documento descreve três níveis de interação:

Nível 1: A presença das diversas gerações num mesmo espaço, com pouco tempo de duração (duas vezes por semana com uma hora de duração a cada encontro). Os objetivos para cada participante não precisam ser necessariamente os mesmos, uma vez que se caracterizam por uma interação mínima. Entretanto, acreditam os técnicos que atividades desse nível podem ser o começo de uma aproximação;

Nível 2: As atividades desse nível são programadas, tem objetivos comuns que propiciam a aproximação intergeracional com a intervenção de um profissional, há uma ação clara de uma geração sobre a outra. Os encontros podem variar de uma a duas vezes por semana, com uma hora de duração;

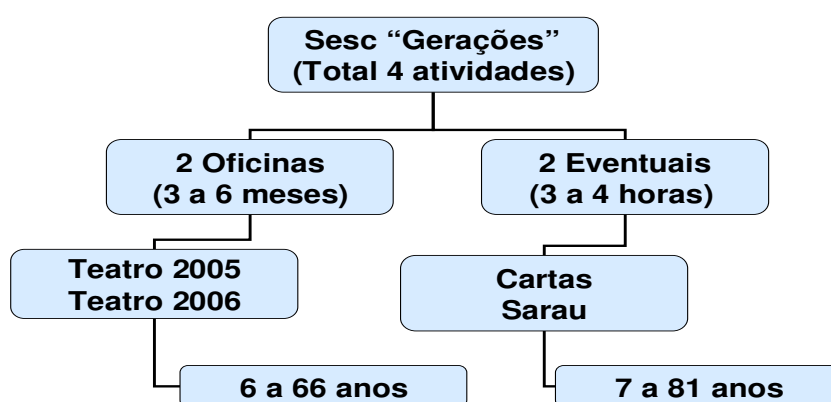
Nível 3: Idem à anterior, com um maior tempo de duração, uma a duas vezes por semana com três horas de duração cada encontro; a interação é mais intensa, de forma que a intervenção do profissional é a de facilitador. O professor (não é o coordenador, pois este faz a programação permanente e eventual, e o professor executa as atividades) da atividade oferece uma tarefa e os participantes constroem o conteúdo das atividades, ação que favorece a troca de idéias, dinâmicas de colaboração e cooperação e negociação constante.

O programa SESC "Gerações" é recente (2003), e ainda não tem uma diretriz definida; mas, para os técnicos, este é um momento favorável para intensificar e sistematizar tais experiências através dos profissionais envolvidos no programa. Os técnicos contam com o apoio do presente estudo para avaliação; assim a cada término de atividades eventuais e das oficinas, é elaborado um documento de avaliação pela pesquisadora e enviado à Gerência de Estudos e Programas da Terceira Idade, GETI, departamento responsável.

3.4.1. Atividades intergeracionais do programa

Para a elaboração deste estudo, as atividades intergeracionais do programa escolhidas como meio de investigação, foram organizadas em módulos conforme podem ser visualizados no quadro 2:

Quadro 2: Distribuição das atividades do programa SESC “Gerações



Os critérios foram escolhidos de acordo com os níveis de interação propostos pelo documento que descreve o programa, associados aos objetivos desta pesquisa: desde os que compartilham o mesmo espaço físico sem uma intervenção técnica, como: o sarau, até os que propõem uma intervenção proposital de aproximação das gerações (teatro2005 e teatro2006).

3.4.1.1. Oficinas de teatro

As atividades desenvolvidas tiveram como base a demanda das necessidades apresentadas pelos participantes, observadas nas aulas práticas e diálogos com o professor e técnicos da coordenação.

Segundo os professores, nas aulas práticas trabalharam-se o ritmo e a sensibilidade musical, além do desenvolvimento da coordenação motora. O ritmo, juntamente com a expressão corporal, tem um papel importante que favorece a exteriorização das emoções e alivia as tensões. Esse trabalho está associado à inter-relação das partes que compõem o seguinte trinômio: ouvir/expressar-se/interagir. Leituras e interpretações de pequenas tiras de textos, resgate histórico e exercícios de memorização, de “deixa” (uma expressão usada no teatro para esperar ou dar lugar para a fala do outro); confecção de fantasias e cenários dão possibilidades de ampliar a percepção de criação, interpretação e execução e expressão corporal. Ao final de cada oficina, foi montada uma peça para apresentação a convidados, amigos e familiares, com entrada gratuita.

O teatro intergeracional do ano de 2005 ocorreu no segundo semestre (agosto-novembro), a professora era terceirizada, contratada exclusivamente para a realização das atividades teatrais desse ano. Foram solicitadas inscrições antecipadas dos interessados em participar mediante o pagamento de uma taxa de dez reais e mais duas mensalidades de valores iguais. Os encontros eram semanais e tiveram duração de três meses. Essa oficina foi o piloto da pesquisa, pois nela foram feitas entrevistas semi-estruturadas individuais, observações diretas, e a participação indireta na atividade através de trocas de idéias com o professor, principalmente, quando se referia ao conflito e ao preconceito etário, o que permite abordar neste estudo, o método pesquisa-ação (THIOLENT, 2004).

O teatro intergeracional do ano de 2006 aconteceu no primeiro semestre (março-agosto), com os mesmos critérios de inscrição e valores de pagamentos. O professor também era terceirizado, contratado exclusivamente para a realização das atividades teatrais desse ano. A única diferença é que a oficina teve a duração de seis meses, e nela foram feitas entrevistas semi-estruturadas individuais, observação direta (TURATO, 2003); porém, em contrapartida houve a participação da pesquisadora como avaliadora da atividade referida, segundo solicitação da superintendência da GETI.

Ambas as oficinas foram desenvolvidas todas as quinta-feiras no teatro e em outros espaços da unidade. Iniciaram-se as atividades em dois grupos separados: o grupo “A” era composto por participantes idosos e adultos de meia-idade; o grupo “B”, por gerações mais novas, com uma hora e meia de duração cada grupo.

- Grupo “A” : de “35 a 66 anos” no horário das 14hs00min às 15hs15min
- Grupo “B” : de “6 a 34 anos” no horário das 15hs30min às 17hs00min
- Observação: apesar de terem sido estipulados os grupos de acordo com as idades, não houve uma regra rígida para inserir as pessoas com idade transitória entre “25-35 anos”, as pessoas que pertenciam a esta faixa etária fizeram sua escolha (do grupo “A” ou grupo “B”); de acordo com suas as afinidades de pertencimento.

O momento da união dos grupos ficou a critério do professor e o tempo de duração das oficinas passou de uma hora e meia para três horas (das 14hs00min as 17hs00min) com um intervalo de 10-15 minutos.

3.4.1.2 As atividades eventuais do programa

As atividades eventuais ocorreram quando os integrantes de uma das atividades, como: ginástica, yoga, taichichuan, grupo da escola aberta, sarau, encontro de letras, compostas apenas por idosos, são convidados para participar de atividades do Curumim, que são freqüentadas por crianças de 06 a 14 anos, ou vice-versa. As atividades avaliadas foram:

3.4.1.2.1 “De Carta em Carta”:

As atividades intergeracionais do Curumim do primeiro semestre de 2005 tiveram como tema “Passa tempo, vem história”, com vários tipos de atividades e com o objetivo de possibilitar a aproximação de crianças e idosos, que freqüentam o Sesc, através das atividades físicas culturais e artísticas, dentre as atividades programadas, a escolhida para a análise foi de “De Carta em Carta”, baseada no livro de Ana Maria Machado, uma história verídica que conta a história de um garoto que se correspondia com o avô por cartas. O garoto não sabia ler e, devido às cartas, aprendeu a ler e a escrever, e hoje é um escritor. O objetivo da atividade, além de estimular o convívio intergeracional, foi também o de conscientizar as crianças do programa sobre a importância da aprendizagem e utilidade da leitura e da escrita; as crianças escreviam cartas para os idosos e os idosos escreviam cartas para as crianças.

A estratégia seguiu os seguintes passos: primeiramente, a convite do Curumim, foram convidados os idosos que participam das atividades físicas e culturais permanentes do Sesc para que comesçassem a correspondência por carta com as crianças. A idéia inicial era conseguir um idoso para cada criança, o que não foi possível, devido ao fato de não haver disponíveis ou voluntários, uma vez que o número de idosos era menor que o de crianças. No entanto, alguns idosos participantes concordaram em se corresponder com até três crianças. As cartas foram entregues aos professores das atividades permanentes dos idosos ou ao setor do projeto Curumim com datas pré-determinadas para serem entregues às crianças e, conseqüentemente, para aguardar as respostas correspondentes.

Depois de recolhidas as (primeiras) cartas dos idosos, as crianças assistiram a uma peça de teatro baseada no livro mencionado acima, e, no final da apresentação, elas receberam as primeiras cartas dos idosos.

Nessas cartas, os idosos escreveram um pouco do que fazem no Sesc e quais os brinquedos e as brincadeiras que marcaram suas infâncias; temas que foram determinados pelos professores para iniciar o contato.

No total, foram três trocas por correspondência: a primeira, em março; a segunda, em abril e a terceira em maio, com datas previamente estabelecidas. Na terceira e última carta, foi feito um convite pelas crianças aos idosos para irem à festa de confraternização, denominada como “O Grande Encontro”, em junho, com o objetivo de se conhecerem. Além do convite das crianças, foi enviada em anexo, uma carta oficial dos professores para os idosos, conscientizando-os da importância da presença deles para as crianças.

A condição para as correspondências era a de não se passar dados pessoais dos idosos para as crianças, como, por exemplo, endereço e telefone, mas sim, apenas dados informais que não comprometessem as partes. Não foi permitido aos idosos levar presentes para as crianças no dia do “Grande Encontro”, visto que outras crianças não receberiam.

Algumas crianças de seis e sete anos que ainda não dominavam a leitura e a escrita, tiveram o suporte dos professores, estagiários e de outras crianças de doze a catorze anos. Quanto as que, definitivamente, não sabiam nada, puderam contar com os instrutores e coleguinhas ajudantes escrevendo por elas, além da sugestão de anexar um desenho feito pelas primeiras numa outra folha.

3.4.1.2.2 “Sarau Intergeracional”:

O sarau é um encontro cultural mensal composto por idosos cujo objetivo é colocar o talento dos idosos em ação. Cada encontro tem um tema como a poesia, a literatura, o teatro, o cinema, a música e a dança.

A atividade avaliada foi apenas em um encontro de três horas, que ocorreu no final do mês de agosto de 2006. Nessa ocasião, propôs-se aos idosos que recebessem as crianças do Curumim, e o tema escolhido foi a poesia sobre a criança e/ou o idoso. Depois das apresentações, houve um lanche comunitário com o objetivo de deixar as crianças e os idosos livres para trocarem idéias.

Toda interação interpessoal envolve trabalhos em grupos, caracterizados pela identificação dos membros em torno de interesses e objetivos comuns. O sentimento de pertencimento ao grupo demora certo tempo, e não se espera um resultado já nos primeiros encontros. A função do professor, inicialmente, é a de facilitador quanto à aproximação entre as gerações, e à medida que o grupo vai alcançando a autonomia, o professor vai saindo de cena e se coloca apenas como guia e referência aos objetivos da ação institucional.

3.5 Objetivos

3.5.1. Gerais

Verificar nas atividades intergeracionais que ocorrem no programa Sesc “Gerações”, o impacto da interação cooperativa na aproximação entre as gerações (crianças, adolescentes, adultos e idosos), segundo os critérios de Uhlenberg (2000) e Maçada e Tijiboy (1997), apresentados nas páginas 51 a 57.

3.5.2 Específicos

- Investigar os sentidos e significados que as gerações mais novas (crianças e jovens) atribuem aos idosos.
- Investigar os sentidos e significados que os idosos atribuem às gerações mais novas.

- Observar nas atividades de grupos intergeracionais: contato físico, disponibilidade para trocar e escutar depoimentos, colaborar e cooperar nas atividades, assim como manifestações de laços afetivos.
- Descrever e analisar como os participantes dos diferentes grupos etários formulam (nos primeiros encontros) e reformulam (no decorrer das atividades) o conceito de "velho".
- Investigar o impacto das atividades do programa nas possíveis reformulações de conceitos.
- Apontar, a partir do estudo realizado, quais atividades são as que mais propiciam a aproximação intergeracional.

3.6 Os participantes da pesquisa

O quadro de sujeitos foi composto por 40 pessoas, sendo eles, três professores de atividades intergeracionais, um técnico responsável pelo programa e 36 participantes das AIs. Foram realizadas 42 entrevistas semi-estruturadas que abrange uma faixa etária de 06 a 81 anos; o total das pessoas entrevistadas distribuiu-se da seguinte forma:

- grupo de idosos: 15 participantes idosos, homens e mulheres com idade entre 60 e 81 anos, classe média, solteiros(as), casados(as), separados(as) ou viúvos(as);
- grupo de adultos: 07 participantes, moços e moças entre 28 e 54 anos com ou sem relação de parentesco com os participantes. Nesta faixa etária incluem os professores e técnicos envolvidos no programa Sesc “Gerações”;
- grupo de jovens: 06 entre moças e rapazes de 13 a 21 anos, com ou sem relação de parentesco com os participantes;
- crianças: 12 participantes, meninos e meninas entre 06 e 12 anos, com ou sem relação de parentesco com os participantes.

Quadro 3: Distribuição dos sujeitos por gerações, faixa etária, e sexo

Gerações	Sexo Masculino	Sexo Feminino	Faixa Etária	Total de Participantes
1. Idosos	04	11	60-81 anos	15
2. Adultos	03	04	28-54 anos	07
3. Jovens	03	03	13-21 anos	06
4. Crianças	06	06	06-12 anos	12

Foram feitos contatos com os idosos durante as atividades do referido programa, para explicitar-lhes o objetivo da pesquisa e a importância da participação deles, com a garantia da preservação sigilosa de suas identidades. Em relação às crianças e os jovens, foi feito um contato antecipado com os responsáveis e com as crianças. Em todos os casos, devido à necessidade do registro das entrevistas, foi assinado pelos participantes e responsáveis um termo de consentimento (ver Anexo VI).

Algumas atividades que fazem parte do estudo proposto são com crianças de baixo estrato social, vindas das instituições co-ligadas à FEAC, como já se mencionou anteriormente. Nesse caso, o termo de consentimento foi único e assinado pelo assistente social da FEAC, com a permissão de uma fala conjunta e anônima das crianças; as fotos autorizadas são aquelas que não expõem a identidade dos infantes (ver anexo VIII). Todos os termos foram aprovados pelo Comitê de Ética da Unicamp, número: 071/2006.

3.7 O Método

Para este estudo, optou-se por uma pesquisa de nível local, ao considerar-se a importância da especificidade do contexto do programa escolhido para a compreensão das relações intergeracionais além do âmbito familiar, colocando nele o papel do idoso em destaque. A fim de se alcançarem os objetivos propostos, decidiu-se pela abordagem qualitativa como forma de aproximação do nosso objeto, “veículo” de compreensão, visando a compreender o universo dos sujeitos, suas vivências e representações. Trabalhou-se através da observação direta das atividades e da linguagem, através da fala dos participantes das atividades intergeracionais captadas nos diálogos, nos debates e nas entrevistas. A partir desta investigação considerada como um primeiro passo, quiçá se possa, num momento futuro, relacionar o conteúdo explorado

com outras vivências e contextos. O programa Sesc “Gerações” do Sesc-Campinas é, portanto, o nosso espaço de pesquisa. As atividades intergeracionais observadas são um fazer em conjunto que reúne crianças, jovens e idosos no mesmo espaço, promovendo dessa forma, a aproximação entre as diferentes gerações.

Para efeito de escolha do grupo observado, a condição era que nele estivessem presentes, pelo menos, duas gerações, em que uma delas fosse a dos idosos. A escolha dos sujeitos para entrevista procurou englobar tanto os que mostravam possuídos de um forte sentimento de pertencimento ao grupo como os que não explicitavam tal pertencimento. Também usou-se, como critério, entrevistar os que aceitaram, de maneira espontânea, colaborar com a pesquisa, e mesmo os que assinaram o termo de consentimento, tiveram a liberdade de retirar-se a qualquer momento.

Em busca do atendimento aos objetivos propostos e do desenvolvimento do tema em estudo, realizou-se uma investigação de natureza descritiva, como uso de técnicas de observação direta e entrevistas semi-estruturadas, e da abordagem de pesquisa qualitativa.

Segundo Turato (2005), no contexto da metodologia qualitativa, emprega-se a concepção trazida das Ciências Humanas, segundo as quais não se busca estudar o fenômeno em si, mas entender seu *significado* individual ou coletivo para a vida das pessoas. Para o autor, o *significado* tem uma função estruturante: *em torno do que as coisas significam, as pessoas organizarão de certo modo suas vidas*. (p.509). Além desses aspectos, permite ao pesquisador criar um *modelo de entendimento profundo de ligações entre elementos, isto é, de falar de uma ordem que é invisível ao olhar comum*, o que favorece a compreensão do todo em relação aos questionamentos da pesquisa e possibilitando o entendimento em um dado contexto social.

O autor contempla Minayo (1999), em sua visão sociológica, pois a autora aponta a metodologia qualitativa como: [...] *aquelas capazes de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações, e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas* (p.10).

Esses autores têm em comum o termo “significado”. Seja no campo clínico ou sociológico, para eles, conhecer as “significações” é essencial para entender mais profundamente certos sentimentos, idéias e comportamento das pessoas e, até mesmo, dos profissionais

envolvidos em questão. Para Turato (2005), a atenção dada pelo pesquisador a essas significações propicia:

[...] respectivamente: uma postura de acolhida das angústias e ansiedades inerentes do ser humano; uma aproximação própria de quem habitualmente já trabalha na ajuda terapêutica; e a escuta e a valorização dos aspectos psicodinâmicos mobilizados, sobretudo na relação afetiva e direta com os sujeitos sob estudo (p. 510).

Os autores nos chamam a atenção sobre as possibilidades de se considerar, ou não, como científico, um trabalho que procura levar em consideração a profundidade das relações sociais, ao focalizar as decorrências da interação social como componentes funcionais da realidade. Para este estudo, esse método de conhecimento possibilita investigar a eficiência das atividades do programa como estratégia de aproximação e **interação** entre as gerações, assim como permite o estudo da re-significação do conceito de velhice; da maneira como as pessoas envolvidas elaboram, re-elaboram e vivenciam relações de colaboração e **cooperação**, e até mesmo, de conflito no grupo; de que modo dão significados às suas vivências e de que forma constroem suas representações do mundo a partir de suas próprias experiências. O trabalho de observação da pesquisadora em relação ao grupo deu-se de forma direta e participativa, através do diálogo e da convivência com o grupo e como as dependências do local são de conhecimento dela, muitas vezes lhe foi solicitada ajuda para conseguir materiais, salas e organizar re-encontros depois do término das oficinas.

Na trajetória da investigação, surge a necessidade de aplicar o método da pesquisa-ação, pois, no decorrer da coleta, em determinados momentos de avaliação das atividades, a convite dos técnicos atuantes, foi solicitado o auxílio da pesquisadora como co-participadora para desenvolver técnicas de intervenção como, por exemplo, na formulação de estratégias de aproximação das gerações, ou quando surgia um conflito entre os participantes, assim como elaborou, também, relatórios de avaliação das atividades a pedido da supervisão da GETI²⁸. Usamos como referencial teórico Thiolent (2004) e Ludke (1986).

²⁸ GETI: Gerencia de Estudos e Programas da Terceira Idade – SESC

Afirma Thiollent (2004) que a pesquisa-ação é:

[...] um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com uma resolução de um problema coletivo e no quais os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (p. 14).

Para Lüdke (1986, p.26):

[...] a observação direta permite também que o observador chegue mais perto da “perspectiva dos sujeitos”, quanto mais o observador participante estiver inserido na situação da pesquisa, será menos provável que sujeitos distorçam a pesquisa, evitando vieses, um importante alvo nas abordagens qualitativas. (p.74)

Os autores têm como referência, a ação que é intrínseca à condição humana quando às expressões de valores, crenças e motivos. É possível estudar, dinamicamente, os problemas, as decisões, ações, negociações, conflitos e tomadas de consciência durante o processo que se intercala entre intervenções e avaliações. Esses aspectos, quando considerados relevantes num trabalho de pesquisa qualitativa, auxiliam a compreensão de como o sujeito vê, sente e pensa a realidade a partir da tomada de consciência que ocorre entre os agentes durante e após a intervenção dos profissionais, o que propicia o aumento do conhecimento da pesquisadora para o estudo proposto. O caráter de ação prática exige definição clara dos objetivos da pesquisa e dos objetivos de ação, assim como a relação existente entre esses dois tipos de objetivos para a produção de conhecimentos e transformação da situação (THIOLLENT, 2004, p. 18). Sendo assim, *as pessoas podem ser ativas na construção e modificação do mundo real, podem promover modificações e afetar o comportamento dos outros* (BOGDAN; BILKEN 1994, p. 284), o que propicia a vivência da unidade e transcendência da pessoa no processo de formação humana, baseadas em relações humanas sãs em que o processo de conhecer torna-se o processo de viver, como exercício de cidadania e melhor qualidade de vida.

A entrevista é o principal instrumento de coleta, pois complementa a análise da observação direta das atividades e das relações intergeracionais, além do que, oferece pistas para a compreensão do processo do desenvolvimento da análise a partir dos comentários e justificativas dos sujeitos. No roteiro, a primeira pergunta foi direcionada à atividade, a partir da

segunda, abordaram-se os participantes e o professor e, na seqüência, adquiriu-se sobre as gerações e o próprio programa.

O planejamento de pesquisa com recursos qualitativos, através do uso de técnicas de entrevistas (TURATO, 2003), requer um planejamento minucioso do que focalizar, em quem e clareza sobre o porquê de interrogar as pessoas, exigindo rumo e direção centrada nas informações que o problema requer, respeitando-se a ética e trabalhando a partir da linguagem expressa na fala dos sujeitos.

Os depoimentos registrados constituem uma fonte de informação histórica única e preciosa, um amplo painel de vivências pessoais. Por meio de cada uma das respostas, é possível compreender como pessoas das mais diversas idades e formações culturais vivenciam as diferenças de cada geração, como constroem e reconstroem seus conceitos de juventude e velhice e qual o significado do programa para elas.

Dada a importância de se compreender e de se fundamentar a aproximação das gerações e as relações entre as diferentes faixas etárias, a interação humana é uma das unidades de análise deste estudo; portanto, para a realização dele, estão sendo usados como referenciais teóricos: Maçada e Tijiboy (1997), Brotto (1999) no processo de cooperação e colaboração; Stainback & Stainback (1999) que discutem a educação inclusiva em escolas como forma de trabalhar com as diferenças em nível de aprendizagens cooperativas e Uhlenberg (2000), Riley e Riley (1999) que avaliaram a importância da interação entre as diferentes gerações.

Esse cabedal teórico oferece a este estudo classificações fundamentais para avaliar os níveis de interação (duração, igualdade, intimidade, complexidade e a cooperação) que podem variar de relacionamentos positivos, relações mutuamente benéficas e até antagônicos e/ou conflituais.

3.8. Reunião dos dados para a pesquisa

Em todas as atividades intergeracionais, as investigações foram realizadas através das observações diretas nos momentos de interação ou não entre as partes e entrevistas semi-estruturadas. No caso das entrevistas, houve uma variação de conduta para cada módulo:

- a) Como as oficinas são programadas por um tempo determinado (3 a 4 meses), as entrevistas foram divididas em três momentos: nos primeiros encontros, depois de um determinado tempo de convivência e no encerramento da oficina.
- b) No módulo das atividades eventuais (um dia), as entrevistas foram realizadas no final de cada atividade.
- c) Além das entrevistas, usamos anotações no diário de campo no momento em que se apreenderam as informações que não puderam ser captadas pelas gravações de sete fitas cassetes de 90 minutos; fotografias e nove horas de filmagens. O uso das gravações dependeu do grau de aceitação do material.

3.9 Interpretação dos dados

Depois de realizadas as entrevistas e as transcrições brutas, os dados coletados foram analisados qualitativamente através da Análise de Conteúdo, conforme descrição de Turato (2003, p. 444 - 446), Lüdke e Andre (1986, p. 48), Minayo (1994, p. 77) e Freitas, Janissek e Moscarola (2005).

Ao seguirem-se os autores citados, a análise consistiu em leituras cuidadosas de cada uma das respostas das entrevistas e dos textos das cartas, a partir das quais foram extraídos os significados mais relevantes e pôde ser feito um mapeamento bastante preciso do sentido do todo. (FREITAS, JANISSEK e MOSCAROLA, 2005, p. 44).

Na primeira etapa, foram utilizados os critérios de pré-análise, preconizados para o primeiro contato com o documento, quando se buscam as linhas de força de cada material coletado.

Baseado em Turato (2003), a leitura flutuante ou pré-análise é assim caracterizada: *fazendo com que pouco a pouco, o alvo da leitura vá ganhando clareza para nossa consciência* (p. 444).

Para a clareza dos conteúdos, foram elaborados três quadros dos assuntos mais abordados nas cartas e nas entrevistas: um quadro dos idosos, um das crianças e outro comparativo, para a identificação dos núcleos temáticos (ver os anexos).

Mediante a pré-análise, que forneceu um arcabouço temático inicial, procedeu-se a segunda etapa: a categorização através de significados-chaves [*expressões emblemáticas*] retirados das falas dos depoentes: *classificação dos elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero* (Idem p. 445).

Nessa etapa, foram feitas leituras sucessivas, em busca do aprofundamento nos conteúdos das respostas. Foram retiradas das transcrições brutas todas as expressões verbais consideradas emblemáticas de um determinado significado já apontado como relevante pelo trabalho da etapa anterior. Assim, puderam-se criar as categorias de respostas ao agregarem estas *expressões-chave* e os sentidos gerais manifestos.

Configurou-se, nesse sentido, um mapeamento e uma ordenação de todas as informações obtidas no trabalho de campo.

Deve-se ressaltar que os conteúdos que aparecem com mais frequência não foram submetidos a uma abordagem quantitativa, mas considerados relevantes sob um ponto de vista qualitativo. O aparecimento constante de um mesmo conteúdo muitas vezes adquire, neste trabalho, a importância de apontar para um significado subjetivo relevante para os depoentes, e assim, por contigüidade, talvez aponte para uma significância para todo o grupo dos quais esses poderiam ser representantes: idosos, jovens e crianças. As falas revelam, em suas repetições, a maneira como os participantes subjetivam a realidade que o programa intergeracional lhes oferece, *o qual permite que o analista registre a subjetividade do seu julgamento ou percepção e vá tendo ao mesmo tempo uma noção do resultado da análise em curso, em todos seus aspectos* (FREITAS, JANISSEK e MOSCAROLA, 2005, p.39).

Na apreensão que o pesquisador faz das falas de seus entrevistados, a gestualidade tem um papel importante. Silêncios, expressões faciais, pausas, risos, comoção, tom de voz, tudo isso é significativo e faz parte do discurso, portanto são elementos simbólicos da linguagem individual. Segundo Turato (2003), entre outros, deve haver atenção aos símbolos considerados e um cuidado nas interpretações, pois *a verdade está no silêncio que habita entre elas* (as palavras), *sendo preciso investir no que não foi dito*. (p. 445)

Para o autor, o mergulho na subjetividade do entrevistado permite explicar ou compreender razões de um determinado comportamento ou preferência de um grupo, no caso deste estudo de um grupo geracional ou intergeracional, pois as falas escondem em suas entrelinhas opiniões, perfis e posicionamentos, que exigem uma leitura atenta e ferramentas que

possibilitem chegar com maior clareza às informações realmente pertinentes, sem faltar com a fidelidade devida ao discurso do entrevistado.

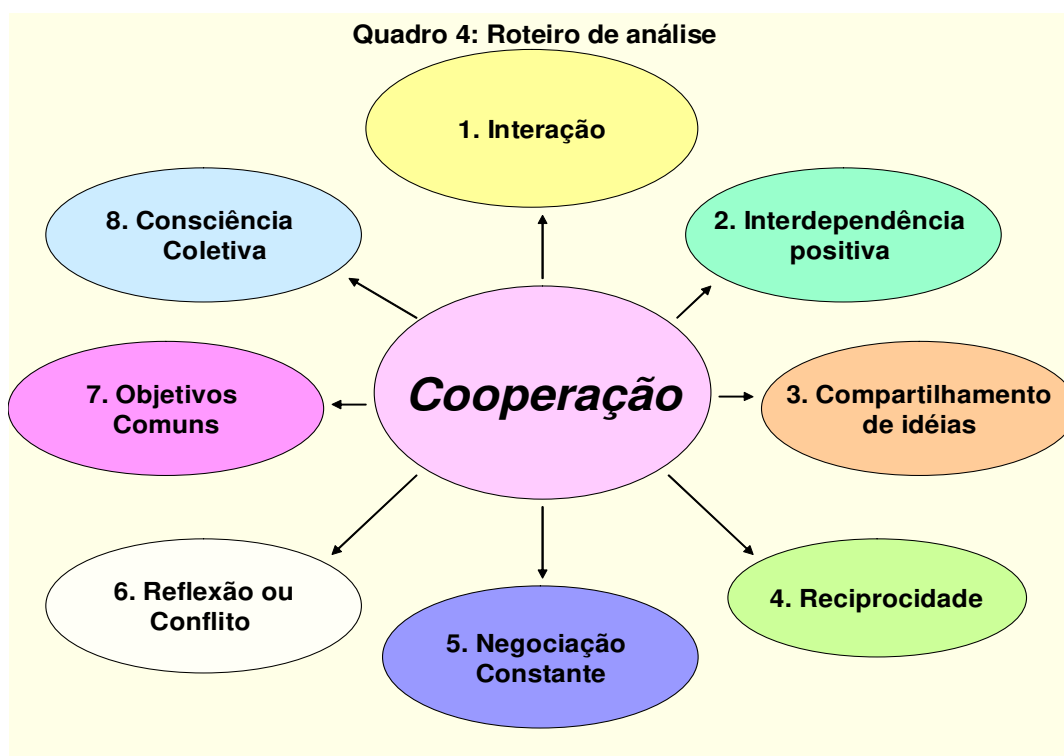
Na terceira etapa foi elaborada uma exploração e, sobretudo, o cruzamento de todas as formas possíveis dos significados para a geração de idéias, para que fossem criadas categorias pertinentes e claras de acordo com os questionamentos da pesquisa e a fundamentação teórica, a fim de permitir a elaboração dos resultados até chegar às conclusões de forma legítima.

O tempo de trabalho da pesquisadora na instituição (23 anos), inevitavelmente influência numa determinada postura e possibilita certas estratégias quanto às perguntas que contribuíram para o estabelecimento de confiança e acolhimento das diferenças entre a pesquisadora e os sujeitos. Em outras vezes, esse percurso dentro da instituição conduziu a formas de percepção e a intervenções, visando a garantir a participação e colaboração dos depoentes, que não teriam sido possíveis a partir de uma outra posição, especialmente, em situações em que foi identificado o conflito entre os participantes do programa. Conforme se acredita que, numa entrevista qualitativa, a pesquisadora não é neutra, toma-se parte com o que só é e com o que se sente, portanto, houve a preocupação de reconhecer, à medida do possível, as influências que pesaram sobre o olhar da pesquisadora, identificadas ao longo deste trabalho, que foi de pesquisa ação (cf. THIOLENT, 2004).

3.10 Critérios de análise

De acordo com os objetivos deste estudo, propôs-se um roteiro baseado nas escalas de valores apontadas por Maçada e Tijiboy (1997). O modelo deste estudo se utiliza das idéias dessas autoras fazendo-se, no entanto, algumas modificações decorrentes do trabalho que se desenvolveu sobre as relações e os programas intergeracionais, focalizando a cooperação como um conjunto de atitudes, ao pressupor-se ser fundamental na resolução de possíveis conflitos e harmonizações das diferenças entre gerações. O modelo do roteiro (quadro 4), além de facilitar a observação direta das atividades intergeracionais, também orientou na escolha dos sujeitos para as entrevistas (tanto aqueles que se mostravam possuídos de um forte sentimento de pertencimento ao grupo como os que não explicitavam esse pertencimento). O modelo referido é uma forma de aproximação de entendimento das relações que promovem interação e inclusão dos participantes do programa do Sesc “Gerações”. Embora o roteiro tenha uma ordem de análise, os

critérios podem ou não seguir esta ordem, podendo ou não ocorrer todos, isto dependerá do tempo da atividade e da intensidade da interação cooperativa.



A **Cooperação** desempenha um papel central; as participações das pessoas devem desempenhar papéis relativamente semelhantes ou ter um nível equivalente de responsabilidades que produz uma relação geral de simetria. Quando ocorrem as relações assimétricas, elas vão sendo compensadas principalmente através da interdependência positiva e a reciprocidade – crucial para uma efetiva cooperação.

1. Interação: é o elemento mais importante, é o primeiro passo para a participação cooperativa e deverá estar presente em todo o processo, é o canal de comunicação, estimula o contato corporal, delimita a noção do “eu” e do “nós” entre os participantes envolvidos; requer um relacionamento consciente entre as pessoas, uma vez que o estabelecimento da finalidade comum necessitará que a conduta individual seja interdependente.

2. Interdependência Positiva: dentro do trabalho em grupo, não basta agrupar pessoas, para que haja a potencialização da interação é necessária à interdependência positiva, isto é, “*o sucesso de cada membro está ligado ao restante do grupo e vive-versa*”, de acordo com o objetivo do grupo (MONERO & GISBERT, 2002, p.15).

3. Compartilhamento de Idéias: nessas somas de ações conjuntas e coordenadas observadas no grupo, ocorre o compartilhamento de idéias, que possibilita o intercâmbio dos pontos de vistas, refletir sobre seu próprio pensar, ampliar com autonomia sua tomada de consciência para buscar novos rumos, observados nas contribuições individuais coordenadas com uma consciência coletiva, que podem ser: propostas, questionamentos e dúvidas, conhecer e refletir sobre diferentes questionamentos, independentemente de ocorrer conflitos. Nesse caso, devem estar presentes a tolerância e a harmonia da convivência com as diferenças para desenvolver o respeito mútuo e a consciência social, frutos desse trabalho coletivo. Essas ações, quando presentes na interação entre as pessoas, iniciam o processo de colaboração, o que, certamente, enriquece o grupo, cada indivíduo e cada geração. Pensar e agir em função dos outros é substituir o egocentrismo do próprio ponto de vista e os enganos da imposição verbal por relações verdadeiras, que asseguram a compreensão recíproca, bem como a constituição da própria razão; a aproximação entre os participantes fortalece a coesão.

4. Reciprocidade: é um dos valores mais eficazes nessa forma de interação, é percebida quando a pessoa sente-se valorizada e apoiada pelos seus colegas através da preocupação que manifestam com o sucesso dela, assim como passa a preocupar-se com o sucesso de seus colegas. O sentimento é recíproco e apresenta-se como um poderoso incentivo para considerar os sentimentos dos outros e desenvolver as relações igualitárias, não importa a idade.

5. A Negociação Constante: deve ocorrer quando as trocas dos pontos de vista dos sujeitos são confrontadas, descentrando o pensamento de cada um; aí surge a necessidade de uma negociação constante com os demais para que haja o estabelecimento da finalidade comum. Desse modo, é necessária a capacidade de entender e respeitar as diferenças e fazer relações. O resultado individual só é possível se houver um comportamento cooperativo mutuamente adaptado e

consciente entre as pessoas, uma vez que a negociação constante estimula a reflexão ou o conflito.

6. Reflexão ou Conflito: inicialmente caso haja alguma oposição, pode até ocorrer um desequilíbrio nas relações; mas, sob um olhar positivo, é essencial que a conduta individual seja interdependente com os envolvidos para que ocorram os ajustes e um possível acordo ou a tomada de decisão em grupo.

7. Os Objetivos Comuns: é importante alcançar certa homogeneidade dos participantes, identidades de interesses, necessidades em comum e confiança na força do grupo para atingir os objetivos comuns.

8. A Consciência Coletiva: percebida através dos diálogos e das narrativas dos participantes focados no compartilhamento de idéias que constroem os objetivos comuns. Dessa forma, é possível gerar um sentimento de pertencimento estabelecido pelas pessoas envolvidas para a construção de uma consciência coletiva.

Para Monero & Gisbert (2002):

Agindo de forma conjunta e coordenada é possível construir uma "Inteligência Coletiva", que é muito mais do que apenas a soma das contribuições individuais, é um todo coletivo construído e reconstruído, elaborado e re-elaborado, partilhado e compartilhado, o que certamente é mais enriquecedor para o grupo e também para o indivíduo (p. 14-15).

A partir desse roteiro, é possível observar e estudar como idosos, crianças e adolescentes se sentem pessoas pertencentes e ativas, ou não, num grupo intergeracional. O processo de interação cooperativa permite entender e atribuir significados a informações encontradas que fundamentam esta pesquisa, o reconhecimento e identificação de padrões de condicionamentos existentes nesses grupos, tais como: individualismo; tendência à omissão ou alienação; exclusão; relação domínio/dominado e as transformações desses condicionamentos de modo dinâmico e criativo.

A **interação** com base na **cooperação** pode ser entendida como processo de desenvolvimento das relações intergeracionais além do âmbito familiar e da transformação da

convivência de diferentes gerações, que buscam, simultaneamente, a valorização e a harmonização dessas diferenças de forma pacífica, com resultados favoráveis a todos.

Capítulo IV

ANÁLISE DAS ATIVIDADES INTERGERACIONAIS (AIs)

Sente-se diante dos fatos como uma criança e prepare-se para sacrificar todas as noções preconcebidas, siga humilde por toda parte e por todos os abismos a que a natureza o levar, ou você não aprenderá nada.

(T. H. Huxley)

Os dados foram organizados de maneira sistemática de acordo com os significados-chave que mais foram emergiram nas falas dos sujeitos, associados aos objetivos específicos.

4.1. Primeira Atividade: “DE CARTA EM CARTA”

De acordo com a proposta metodológica, a construção do conteúdo das cartas, inicialmente, foi organizada em três quadros (ver Anexo Ia, Ib e Ic), seguindo o critério de senso comum de repetição de palavras, formando um conjunto de palavras-chave e de relevância de pontos correspondentes nas ocorrências, nas entrevistas com idosos, na observação direta e no uso do diário de campo, o que formou um *corpus* para o procedimento analítico.

Participaram desta análise 8 idosos de 61 a 81 anos, também, 8 crianças de 07 a 12 anos e 1 adolescente, veja com mais detalhes no quadro abaixo:

Quadro 5: Investigação – “De carta em carta”

	Idosos		Crianças	
	Homens	Mulheres	Meninos	Meninas
Participantes	3	5	5	4
Faixa etária	61 a 76 anos	64 a 81 anos	7 a 11 anos	7 a 13 anos
Cartas	6	8	10	8
Entrevistas	3	2	5	4

Os nomes dos sujeitos são fictícios; os dos idosos são escolhidos por eles. Para identificar as crianças da Feac, seguem-se as seguintes abreviações:

Meninos Feac (iniciais do nome maiúscula + (M = Masculino) + idade)

Meninas Feac (iniciais do nome maiúscula + (F= Feminino) + idade)

Por estarem essas crianças judicialmente afastadas das famílias e sob a guarda de uma entidade assistencial ligada à Feac, obtivemos o consentimento (conforme o anexo VIII) para incluir na redação deste estudo, as entrevistas individuais (identificadas com o código acima) e coletivas, as imagens apenas as que não comprometem as crianças. Os dados, em sigilo, serão usados somente para análise da pesquisadora.

4.1.1 Análise das cartas:

a) Nas cartas, os idosos e as gerações mais novas contam um pouco do que fazem:

A atividade agregou os idosos e as crianças do período da manhã e da tarde. A escrita das cartas iniciou-se pelos idosos e quando foram escolhidas pelas crianças, foi de maneira aleatória. Dessa forma algumas crianças do período da manhã pegaram as cartas dos idosos do período da tarde e vice e versa. Na primeira carta, os idosos escreveram para as crianças as atividades e os horários que freqüentavam, dando-lhes um ponto de referência:

Gosto muito de ir ao Sesc, onde eu faço hidroginástica e yoga.

(Ivonete, 64 anos; 3ª carta)

[...] é só vocês me procurarem nas terças e quintas feiras das 9 as 10 horas na sala de yoga.

(Adailton, 61 anos; 3ª carta)

Essas referências aguçaram a curiosidade das crianças, que passaram a procurar os idosos nas atividades; algumas até chegavam a sair das suas atividades sem a permissão do professor, o que mostra o grau de interesse das crianças em conhecer seus missivistas. Todos os meses, as turmas das atividades físicas (yoga, ginástica, taichichuan e outras) preparam um café da manhã, ou um chá da tarde para comemorem os aniversariantes do mês e algumas atividades das crianças são bem próximas do local onde acontece o encontro dos idosos. Quando ambas as atividades coincidiam, as crianças corriam até lá em busca de seu missivista, mas foram poucos os casos em que isto deu certo, visto que os idosos não eram do mesmo período.

Nas cartas, os idosos falam das amizades que cultivam nas atividades, assim como das vantagens de pertencer a uma rede de relações comuns e mútuas. Segundo Neri (2005) *a amizade entre idosos é particularmente benéfica por ser de livre escolha e mais funcionais ao atendimento das necessidades dos envolvidos porque compartilham experiências de vida, necessidade, valores e significados* (p.173):

O Sesc me proporciona muitas alegrias, além de conservar minhas condições físicas, fiz grandes amizades na qual as considero muito.

(Lúcia, 64 anos; 1ª carta)

Quando os idosos expressam e compartilham com as gerações mais novas o fato de que na idade deles, assim como na infância e juventude, as amizades continuam sendo significativas em sua vida, às crianças desenvolvem uma imagem positiva de envelhecimento, de pessoas ativas e participativas socialmente. A maior parte das cartas se encerra com perguntas às crianças: nome, idade, onde mora, escola, sobre as brincadeiras de que mais gostam, mas a condição

proposta pelos professores do Curumim era não perguntar sobre a família, uma vez que muitas delas estavam afastadas das famílias por maus tratos.

Na primeira carta das crianças, de um modo geral, elas responderam seus nomes, idade, escola, série que estavam cursando. Algumas comentaram mais detalhes, como, por exemplo, declararam ter gostado de receber as cartas, pois muitas não sabiam o que era uma carta e um correio. Os meninos comentam sobre o futebol e o time para o qual torcem; as meninas que não moram com a família da faixa etária de 11-12 anos comentam sobre o lugar onde moram:

Eu sou RF(F), tenho 12 anos, moro no Lar da Criança Feliz, [...], gosto das monitoras; aqui onde eu moro mora também um monte de bebê e gosto de ajudar elas cuidarem deles também!

(RF, 12 anos, 1ª carta)

As meninas mais novas declaram que gostam de brincar de bonecas, pega-pega, esconde-esconde, amarelinha, queimada. Outras meninas, que moram com a família, comentam seus relacionamentos com os pais, irmãos e que apreciam aprender fazer crochê, tricô e ponto cruz com as avós; os meninos, de pescar com os avôs, e outras, como: jogar futebol; dançar; jogar capoeira; queimada; basquetebol; voleibol; nadar; navegar na internet (atividade de informática no projeto Curumim).

Na segunda carta dos idosos, a conversa escrita continua: relataram também quais foram os brinquedos e brincadeiras que marcaram sua infância: futebol, o time; brincar com bonecas; amarelinha; pular corda; nadar no rio; bordar; desenhar e pintar. Quanto ao presente, mostram para as crianças que a idade não é barreira para os momentos de “brincadeiras”, o tempo só muda o modo de “brincar” e, mesmo assim, continua uma relação de “brincar” possível e comum entre eles:

Eu já não brinco como você, mas gosto de jogar dominó, dama, palavras cruzadas, nadar, viajo muito e brinco com meus netos e bisnetos, contamos histórias, piadas, brincamos de força e outras coisas.

(Vovó Feliz, 81 anos, 2ª carta)

No trecho, “*Eu já não brinco como você*” estão implícitas as diferenças nas competências físicas entre a criança e o idoso, o que não impede as brincadeiras com os netos, pois para ela

outras formas criativas de brincar também são prazerosas. Este tipo de dado é interessante para refletirmos sobre a forma como o idoso interage com as gerações mais novas e vice versa, o que envolve a complementaridade dos papéis, dando margem a um compartilhamento de necessidades e significados que quebram as barreiras da cultura contemporânea e o isolamento dos mais velhos.

Em entrevistas com os idosos, um dos dados mais observados foi a volta ao tempo da infância, ao relatarem suas brincadeiras prediletas; muitas delas vieram acompanhadas de saudades dos pais e parentes, com diversas reações emotivas de risadas, de choro; demonstrando reações reflexivas, suas falas vinham acompanhadas de pausas e silêncios, um olhar no horizonte e muitas vezes com os olhos cheios d'água:

Para mim foi uma experiência muito boa, e me ajudou a voltar no tempo de criança.

(entrevista, John, 75 anos)

John é um americano missionário aposentado pela Igreja Metodista, sua experiência de vida mais intensa foi no início de seu trabalho, no Brasil (mais ou menos há 40 anos), quando trabalhou com jovens e crianças. É muito sociável, intelectual, gosta de ler muito e contar causos:

Gosto de ler livros que falam das coisas que ainda não conheço, sobre os animais, pessoas de outros países, o mar, a terra, as estrelas e coisas misteriosas.

(John, 75 anos, 1ª carta)

A experiência deles como missivistas suscitam uma série de recordações que os remetem à infância. Segundo os autores Bussab (2003)²⁹ e Brandão, Smith, Sperb e Parente (2006, p. 100), *somos seres brincalhões e este traço não fica restrito às crianças*. Para os autores, pessoas brincalhonas têm uma predisposição natural para a formação de vínculos afetivos, *uma vez estabelecidos a base de segurança afetiva, cria-se condições para a exploração do ambiente físico e social assim como para as brincadeiras* (idem). Para Bussab (2003), a reciprocidade que ocorre, nas interações em geral e nas brincadeiras em particular, oportuniza ajustamento mútuo e

²⁹ BUSSAB, V.S.R. Compartilhamentos, afetos, e implicações para a co-educação de gerações: reflexões a partir de uma perspectiva evolucionária, Congresso de Co- Educação de Gerações, Sesc SP, 2003

acordo sobre um significado comum e compartilhado como podemos perceber na fala deste senhor e em seguida da menina que dançou quadrilha e lanchou com ele:

A correspondência... (pausa), a troca, achei importante, mas o lado interessante é que eu me sinto criança e me sinto bem no meio deles, entendeu...(pausa) , eu não cresci, eu não sou o que eu aparento, eu continuo criança...(pausa), pode perceber no meu modo, no meu comportamento, eu continuo me sentindo criança até o dia de hoje.

(entrevista, Sr. Wilson, 76 anos)

Há quase 30 anos, Sr. Wilson é do grupo de idosos do Sesc é muito brincalhão e emotivo. Na sua infância e mocidade foi atleta de natação e participava de um grupo de salto acrobático que se chamava “Aqualoucos” e fazia apresentações antes das competições de natação ou em inaugurações de clubes. Ele também tem um outro talento que é o de fabricar brinquedos de raciocínio e de mágicas e a coordenadora do Programa “Gerações”, ao perceber o seu talento, convidou-o para dar uma oficina de confecção de brinquedos para as crianças do projeto “Curumim”.

[...] isso é coisas que já foram coisas (fazer brinquedos) passadas pelo meu pai, então meu pai já era criativo, e é lógico que desde criança ele passou tudo isso para mim, então isto (a confecção dos brinquedos com as crianças do curumim) é uma coisa que me divertiu e eu gostei demais, e como a coordenadora me convocou eu passei tudo estas brincadeiras aí para elas.

(entrevista, Sr. Wilson, 76 anos)

Seguindo a experiência que teve com seu pai, hoje a transmite da mesma forma para as gerações mais novas. Suas brincadeiras são grandes atrativos e as usa para alegrar as crianças. De acordo com sua declaração, quando se aproxima das crianças, sente-se como tal, sem dificuldades e, para ele, reviver esses momentos do passado traz-lhe muitas alegrias e sustenta sua auto-estima. Para Simson e Giglio (2005, p. 147), criar condições e iniciativas para as gerações mais velhas recordarem o passado e trocarem experiência em que haja uma mensagem significativa para as gerações mais novas *é uma das maiores provas de respeito à memória compartilhada por diversas gerações*. Para as autoras, enquanto recorda, o idoso revive o passado no momento presente, tem a oportunidade reconstruir suas vivências e experiências e projeta-se para as ações com uma visão mais real e mais segura no enfrentamento dos problemas atuais e futuros (p. 160).

b) Palavras de apoio dos idosos quanto ao futuro das crianças

Uma das perguntas mais elaboradas pelos idosos era quanto ao futuro das crianças, quando demonstravam preocupação, principalmente, por serem crianças de baixo estrato social. Algumas responderam que queriam ser: modelo; dançarina; professora; motoboy; mecânico ou advogado. Revelaram seus sonhos e fantasias, muitos influenciados pela mídia; poucos se referiram a uma profissão que dependesse de uma formação acadêmica.

De acordo com as escritas dos idosos, observa-se uma reação imediata de palavras de apoio ou conselhos. As palavras de apoio formam o maior banco de palavras encontradas dos idosos para as crianças, entre as quais: “não perca a vontade, a realização do teu sonho depende do teu esforço”..., e mais:

Quero mais uma vez pedir para vocês aproveitarem a oportunidade de lerem bastante [...] a leitura é o caminho do saber e um mundo maravilhoso está aí para ser desvendado e descoberto. Não tenham preguiça e quanto mais vocês lerem, mais sábios e inteligentes ficarão.

(Bibi, 65 anos; 2ª carta)

O depoimento acima ilustra a preocupação com o futuro das crianças baseado na experiência de vida acumulada, a qual pode contribuir para a construção de novas gerações. A expressão “*mais uma vez*” significa que houvera mais conselhos na carta anterior. Dar conselhos também parece ser uma forma de retratar as experiências de (in) sucessos no passado. Sr. Adailton tinha muita disposição e interesse pelas crianças, mostrou-se muito conselheiro, e apesar de as crianças não atenderem às suas opiniões, demonstravam-lhe simpatia e respeito.

É... por exemplo a menina quer ser professora, o menininho que não está aqui agora, quer ser motoboy, (risadas do Adailton). Então escrevi para ele ser motoboy no início e depois fazer outra coisa porque é muito perigoso ser motoboy e ela seguir nisso aí, ser uma professora...

(entrevista com Adailton, 61 anos)

Para os idosos “tudo” é motivo para dar conselhos e quando as crianças observam a experiência deles, estão aprendendo também sobre a satisfação de compartilhar. Tal fato é observado, principalmente, quando o idoso transmite seus saberes de forma atenciosa, e o sucesso dele significa uma crença no sucesso das gerações mais novas. Por exemplo, D. Celina, durante

as correspondências, enviava cartões postais de suas viagens. Nas cartas contava sobre seus passeios; no dia do encontro, apenas uma pergunta que a criança fez foi motivo de uma longa conversa entre elas:

[...] ela quando me conheceu falou: Tia, você é muito viajada, você é rica? Falei: não, a tia não é rica, a tia é aposentada, eu trabalhei 30 anos para agora ter um dinheirinho e fazer as minhas viagens. É assim que você vai fazer, você vai estudar bastante, você vai ser uma boa profissional, para você poder depois quando adulta também fazer as suas viagens.

(entrevista com Celina, 64 anos)

Observam-se aconselhamentos sobre assuntos variados: estudos, carreira profissional, amizades. Por exemplo, para este estrangeiro, John, o maior motivo de ter permanecido no Brasil foi sua grande identificação com a cultura do país e a facilidade de estar integrado socialmente. Para ele a socialização foi um grande marco na construção da sua qualidade de vida hoje.

[...] aprender na vida, procurar ter uma profissão, fazer amizades com gente boa, porque amizade que nós temos é uma coisa muito importante na nossa vida e que nos leva para frente, nos faz melhorar.

(John, 75 anos, conversa com as crianças da Feac durante o lanche)

Brandão, Smith, Sperb, e Parente (2006) colocam que uma das variáveis mais relacionadas à expressão da sabedoria em idosos é o apoio social, percebido como benéfico não somente para eles próprios, como também para as pessoas com quem entram em contato. As autoras citam alguns estudos de Pratt & Norris (1994) e Pratt (1992) que investigam aspectos psicossociais sob uma perspectiva cognitiva. Para eles, a sabedoria tem sido compreendida como:

[...] uma capacidade de resolução de problemas de ordem social e uma habilidade de julgamento moral para situações de vida, verificou que a sabedoria dos idosos está relacionada a certas variáveis ligadas à personalidade e à própria experiência de vida do idoso (p. 99).

Segundo Moragas (2004), existem várias maneiras de uma geração apoiar a outra; entre elas, a mais importante é o apoio dos idosos para as gerações mais novas. As falas acima dos

idosos ilustram esse nosso entendimento, além de evidenciar o tratamento que dão às crianças, como seres pertencentes à sociedade. Nesse sentido, transmitem os valores humanísticos e a herança histórica da família, da comunidade e sociedade. Entendem os idosos que são fundamentais para as gerações mais novas se apropriarem dos conhecimentos da atualidade, agregando estes ao seu meio social.

c) Palavras de afeto e carinho

Essa categoria segue uma seqüência decrescente, mas com um número considerável de palavras caracterizando trocas no campo sentimental. Revela que é possível, mesmo não se conhecendo, que se criem laços afetivos e imaginários, que constituem uma fonte de energia psíquica a qual motiva o diálogo através da escrita e cria possibilidades de *relações harmoniosas e solidárias*. Foi possível subdividi-las em:

Nas cartas, idosos escrevem palavras de elogios e afetos para as crianças:

Recebi sua cartinha e fiquei muito contente principalmente por saber que gostaram de mim. Eu também gostei muito de vocês dois, achei que são meninos bons e carinhosos.

(Bibi, 65 anos, 2ª carta)

Quero que saiba o quanto te quero bem...

(Vovó Feliz, 81 anos, 2ª carta)

As crianças direcionaram suas palavras para seu imaginário como: *pelo jeito você é muito legal / sei que você é carinhosa e alegre / eu quero ver como você é, te amo*. Elas criaram, no seu imaginário, como seria o seu correspondente. Essas expressões são um dos dados que pode justificar a aproximação das crianças nos horários das aulas dos idosos, a ser apresentados na próxima categoria.

Nas entrevistas e nos depoimentos durante os intervalos de aulas dos idosos:

Na entrevista com John, ele mostrou-se encantado com a facilidade das crianças e adolescentes em expressarem, nas cartas, seus sentimentos de carinho para com ele. Correspondeu-se com uma criança e dois pré-adolescentes:

Foi muito gostoso, eu senti que eles têm muita emoção, muito amor é, interessante as cartas, tio eu te amo, eu acho que é muito importante eles não só trocarem informações, mas também sentimento, eu acho isso muito importante!

(entrevista, John, 75 anos)

Na convivência dos participantes idosos com a pesquisadora muitos comentários espontâneos aconteciam sobre as cartas. Dona Lúcia, hoje aposentada, foi professora e diretora escolar, tem uma larga experiência com crianças e jovens e, numa conversa informal depois da aula de yoga, conta que dividiu com a família o brincar de escrever cartas e, para todos da família, isto constituiu uma experiência que foi além da atividade:

Interessante que eu cheguei em casa e fiz um comentário bobo com meu marido e filhos sobre a carta que recebi, para a minha surpresa eles pediram para ler e depois acompanharam todas as outras, inclusive o encontro. Eu e o meu marido nos empenhamos muito na educação dos nossos filhos e acho que isto ficou marcado em nossas relações para outras pessoas fora da família também.

(comentário, Lúcia, 64 anos)

Esse comentário é muito interessante, pois ele nos dá vários indicativos: de como Lúcia está motivada para trocar cartas com as crianças; de como a atividade reflete-se além do espaço dela e a disposição de trocar experiências tanto com a família quanto com seus missivistas.

Fiquei muito feliz com sua cartinha e de saber que você gostaria de brincar comigo mesmo sem me conhecer [...] Mande um abraço especial para seu amigo, de sua amiga...

(Lúcia, 64 anos; 2ª carta)

Tanto as palavras de apoio ao futuro das crianças quanto o afeto contribuem para a valorização dos atributos da outra pessoa e formam um relacionamento de reciprocidade que contribui para a formação de novas gerações, assim como a valorização da experiência dos mais velhos permitindo que, conforme dizem Neri (2002) e Newmam (1997a), passem o bastão adiante, satisfazendo a necessidade dos velhos de deixar um legado para a geração seguinte.

a) Curiosidades e interesses em comum:

Essa categoria foi a que mais incentivou a comunicação escrita, criou fantasias tanto nas crianças como nos idosos sobre como eles seriam fisicamente, perguntam em que escola e qual série estavam cursando e, conseqüentemente, criou motivação para continuar o assunto na segunda carta:

a.a) idosos: *fiquei imaginando como seria o nosso encontro, estou ansiosa para te conhecer;*

a.b) crianças (Feac): *gostaria muito de te conhecer pessoalmente antes do encontro/ tenho muita curiosidade de saber como é seu rosto, seu coração já sei como é/ como você é?, morena, loira....*

O assunto mais comentado foi o “futebol” até mesmo as senhoras demonstraram certo interesse e também têm seus times prediletos.

Gosto do Santos por causa do Robinho, pois ele me lembra muito o Rei Pelé quando era mais jovem. Quanto aos times de Campinas, sou ponte pretana, e vocês, gostam de jogar futebol?

(Ivonete, 64 anos, 2ª carta)

O futebol foi assunto tanto para os idosos quanto para as gerações mais novas. Comentaram sobre seus times, qual a posição do jogador de que mais gostavam, se eram do mesmo time ou não. De um modo geral, foi mencionado que o mais importante não são as divergências e, sim, a amizade que eles estavam construindo. À medida que as cartas iam e vinham, aumentavam as expectativas de se conhecerem de ambos os lados. Na segunda carta que

os idosos receberam das crianças perceberem a expectativa delas, experimentaram o receio de não dar certo o encontro no dia da festa final. Desse modo, pediam mais uma vez para as crianças, na carta, que fossem até o local e no horário das atividades deles para se conhecerem antes, embora nem sempre coincidissem os horários.

Pretendo conhecê-los pessoalmente, se por acaso não der certo, poderemos conhecer outro dia no Sesc, é só vocês me procurarem nas 3ª e 5ª feiras, das 9 às 10 horas na sala de yoga, beijos.

(Adailton, 61 anos; 3ª carta)

Este mês de maio organizaram uma aula de yoga para as crianças do Curumim aqui no Sesc. Eu participei de uma das aulas e fiquei na torcida para que você estivesse participando e assim ter a chance de conhecê-lo antes do programado. Mas não deu certo... tudo bem, vamos nos conhecer no dia do Grande Encontro!

(Lúcia, 64 anos, 2ª carta)

A maior parte dos horários dos idosos e das crianças não coincidia por serem de períodos diferentes, quando o horário do idoso coincidia com o horário da criança, a criança ia até à sala de atividade do idoso voluntariamente. Alguns se conheceram antes do encontro final da atividade, uma atitude que não era esperada pelos professores, pois as crianças, às escondidas, ausentavam-se, temporariamente, de suas atividades para irem ao encontro dos idosos e o contato era rápido, mas com intensa satisfação e alegria. O mesmo ocorreu com alguns idosos, que iam ao local das atividades das crianças, sempre com um chocolate, uma barrinha de cereal, balas e gibis. A aproximação entre as gerações foi muito mais intensa, sempre procuravam se encontrar, trocar adesivos, figurinhas, ou apenas um “oi” era o suficiente e sempre demonstrando um carinho mútuo. É interessante essas ocorrências; apesar de terem sido poucas, a pergunta é: caso a atividade tivesse um tempo de duração maior e interações mais efetivas, seria possível uma aproximação mais afetiva, uma vez que foram observados contatos físicos de carinho e afeto?.

Na terceira carta, as crianças foram orientadas para fazer o convite do dia do encontro, e houve a anexação de uma outra carta, enviada pelos professores, conscientizando os idosos da importância da presença deles. Nessa última carta, talvez motivados pela curiosidade e/ou

expectativa, observou-se uma cobrança muito maior das crianças para os idosos quando foi feito o convite para o “Grande Encontro”.

Ao entrevistar os idosos e lhes perguntar sobre se queriam perguntar mais, num “desabafo”, disseram que não puderam, mas que gostariam de saber mais sobre o modo de vida das crianças, principalmente, as que estavam judicialmente afastadas dos pais por maus tratos, uma curiosidade que reservaram para o dia da festa. No encontro, tiveram a oportunidade de expor suas curiosidades; pois neste caso, não havia nenhuma restrição por parte dos professores.

4.1.2 Análise do Grande Encontro

Foi dividido em dois grupos: um, para a turma da manhã e outro para a turma da tarde; os idosos vieram ao encontro no período das crianças. No primeiro momento, o encontro foi na área de convivência do Sesc (lanchonete). Os instrutores do Sesc e monitores das instituições ajudaram as crianças a encontrarem seus missivistas idosos. Num segundo momento, foi improvisada uma quadrilha (o encontro aconteceu no final do mês de junho) com os pares correspondentes; os que ficaram sem par se juntaram com outros idosos, parceiros de seus coleguinhas. Num terceiro momento, foram assistir a uma peça de teatro juntos “Circo de Latão”. Até esse momento, a coleta da pesquisa foi feita através de observações diretas e filmagens. No quarto momento, para encerrar o “Grande Encontro”, foi realizado um lanche comunitário oferecido e organizado pelo Sesc. Durante o lanche foram feitas entrevistas com os idosos, as crianças e os adolescentes. A filmagem foi feita por um assistente de gravação à distância, para não inibir o procedimento da coleta.

Numa das mesas, estavam John e seus missivistas: eram quatro meninos com idades entre sete a doze anos e uma menina de sete anos; três estavam sem correspondentes e, como eram amigas dos cinco que estavam com o idoso, todos ficaram juntos em duas mesas acopladas. O americano contou um pouco da sua vida e possível uma aproximação entre eles, o que gerou consideráveis diálogos intergeracionais. A relação intergeracional naquele pequeno encontro manifestou-se na atenção e nos interesses observados durante os contos, olhares de admiração dos mais novos, bem como nas colocações, nas argumentações, nas perguntas e nas risadas.

Espero que de vez em quando, quem sabe, encontrar eles na rua ou aqui no Sesc, ter um elo para gente bater papo.

(John, 75 anos, entrevista logo após o lanche)

Observou-se, num grupo de quarenta crianças, ao menos cinco que se afastaram de seus missivistas várias vezes; os idosos tentaram se aproximar e reaproximar de suas crianças missivistas com alguns resultados forçados como, por exemplo: as crianças ficavam sentadas na mesa do lanche, algumas não queriam responder aos idosos correspondentes ou dialogar com eles; outros fugiam e eram abordados pelos seus professores. Esses mesmos idosos se uniram com outros grupos intergeracionais ou com outros idosos na mesma situação. Houve algumas intervenções de idosos que pediam aos professores que deixassem as crianças à vontade. Eles disseram:

[...] são crianças e estamos em clima de festa eles não querem ficar o tempo todo sentados na mesa quietinhos, conversando, querem brincar também;

[...] Já conversamos agora eles querem brincar;

[...] acho que faz parte da festa não precisam ficar conosco o tempo todo.

(durante um bate-papo na mesa com os idosos)

Embora fosse uma festa intergeracional, pôde-se perceber o clima de respeito e descontração e disposição dos idosos em deixar as crianças à vontade. Para os professores e monitores, aquela atitude dos infantes representava falta de disciplina, mas os idosos não compartilharam dessa opinião, o que confere como os idosos compreendem a criança, isto é, de como ela se anuncia em seu mundo e no mundo de todos, o que permite deixar transparecer a imagem de si mesma, da sua infância e dos outros de forma idiossincrática, o que contribui para a construção de um olhar que vá ao encontro do outro de pouca idade.

Ao perguntar o que acharam do programa, responderam que o mais interessante foi passar a experiência deles para as crianças e a frase que melhor representa tal fato é a fala do idoso, transcrita abaixo:

[...] me senti útil falando com eles!

(Adailton, 61 anos)

Uma das características mais aparente nesta atividade é à manifestação de geratividade, uma forma de se reconhecer como útil socialmente através do cuidado, da construção e da manutenção de futuros cidadãos, o que para alguns pode trazer um grande sentido para a vida. O bem-estar implícito na declaração do Sr. Adailton, possivelmente é resultado da interação proporcionado pela atividade com efeitos positivos. Neste sentido, percebemos também que através dos diálogos intergeracionais foi possível observarmos as possibilidades de **troca recíproca**, baseadas em consenso de afeição que pode contribuir para reforçar o sentimento de valor pessoal; viu-se também, que a atividade trouxe satisfação para ambas as gerações, uma vez que empresta significados à existência de uma geração para a outra.

4.1.3 As categorias

De acordo com os objetivos específicos desta pesquisa, os resultados encontrados foram:

Os sentidos e significados que as gerações mais novas (crianças e jovens) atribuíram aos idosos

As aproximações das crianças do local de atividade dos idosos sugerem ausência de preconceito e de estereótipo negativo devido ao comportamento de interesse pelo seu correspondente.

Ao entrevistar as crianças e os jovens sobre o que pensam a respeito dos conselhos e palavras de apoio dos idosos, responderam que os mais velhos sabem o que estão falando, o que é bom e o que não é, porque já viveram muito e têm muita experiência. Muitas crianças se mostraram surpresas pela disposição física dos idosos a dançarem a quadrilha e ao perceber neles alegria e bom humor.

Uma das meninas ficou sem seu missivista (ele não veio), no encontro se uniu com o grupo de missivistas de Sr Wilson, todos sentaram na mesma mesa para tomar o lanche e conversar. Quando perguntei ao grupo o que acharam da quadrilha e das pessoas mais velhas, esta menina respondeu:

Nossa, achei que foi uma boa experiência de conviver com as pessoas mais velhas, de idade. Assim meu correspondente não veio, mas encontrei ele (Sr. Wilson) que é uma pessoa nossa... demais. A gente vê que pela idade que ele tem a gente não imagina que é uma pessoa assim que anda brincando fazendo brincadeiras, muito alegre assim. Foi uma experiência muito boa, inesquecível.

(Feac, P/F, 13 anos - sobre Sr. Wilson)

Para evitar esse tipo de contratempo, os professores tomaram seus devidos cuidados, foram enviados bilhetes antecipados conscientizando os idosos sobre a importância da presença no encontro, eles fizeram visitas nas salas de aulas dos idosos para lembrá-los da importância da presença de cada um no dia do encontro, pois há de se tomar muito cuidado com atividades que contenham pares, principalmente no caso de crianças institucionalizadas que tem um histórico de vida delicado. Os missivistas que não puderam comparecer avisaram com antecedência, assim, os professores criaram estratégias de compromisso e pediram para que os idosos ou as crianças escrevessem uma carta para seus missivistas justificando sua ausência. O caso acima foi o único que o missivista não justificou antecipadamente, mas ligou momentos antes da atividade para os professores, e ao que parece, a garota não se sentiu prejudicada; percebe-se na sua fala o encantamento com Sr. Wilson, para ela, ele foi um bom companheiro.

Quanto às crianças que se recusaram, em parte, a interagir com os idosos, não foram entrevistadas; mas segundo a opinião dos professores não foi confirmado nenhum tipo de preconceito ou estereótipos negativos por parte delas e atribuem aquela atitude a um comportamento de “rebeldia” constante, que é comum naquelas crianças em qualquer atividade, em relação a pessoas de qualquer idade.

Os sentidos e significados que os idosos atribuíram às gerações mais novas

Ao lerem as cartas das crianças, os idosos perceberam o baixo nível de escolaridade delas, o que chamou a atenção. A reação a tal fato estimulou a carta seguinte, através dos conselhos que visavam incentivar a leitura e a escrita. Quanto ao futuro das crianças, os idosos perceberam a ausência de respostas concretas sobre essa questão; em muitas cartas escritas por esses jovens, assim como sinais de um futuro distante e sem força, sem sonhos, sem perspectiva, sem estímulos e sem orientação. Sobretudo, crianças com disposição para dialogar, trocar afetos, pedem para os idosos contar como é o mundo deles, pedem acolhimento e juras para continuar se encontrando como foi ilustrado anteriormente no relato de Celina, quando a menina perguntou se ela é rica.

As interações através do contato físico, a disponibilidade para trocar depoimentos, a manifestação de laços afetivos

Através da observação direta, percebeu-se que, no primeiro momento do encontro, houve uma interação intencional corpo-a-corpo, os contatos físicos foram espontâneos e mais intensos, observados em muitos abraços, muitos beijos. Logo após, uma quadrilha improvisada foi conduzida por um dos professores o que dava continuidade aos contatos corporais: braços dados, mãos no ombro para formar o túnel, a grande roda, o grande baile e o que mostrou ser uma estratégia muito eficiente de interação a qual estimulou a descontração e a simpatia entre as gerações.

Num segundo momento, foram para o teatro, sentaram-se lado a lado e não houve muito diálogo, mas trocas de olhares, de observações de reações mútuas. Houve uma queda no nível interacional, as crianças ficavam procurando seus colegas, numa demonstração de “certo” afastamento ou estranhamento ao seu missivista. No terceiro momento, o do lanche, enquanto fez-se a entrevista coletiva, pôde-se perceber um nível de interação maior entre idosos e crianças do que no teatro e diferente da quadrilha; o diálogo foi mais intenso, mais íntimo, falaram sobre as cartas, puderam expor suas curiosidades sobre as famílias, seus desejos, suas impressões e expectativas elaboradas nas fantasias feitas antes do encontro pessoal. Naquele momento, retornou o diálogo intergeracional nos conteúdos das falas quando se observou a curiosidade que as crianças tinham de saber como era a vida dos idosos e vice-versa, e ocorreram muitos conselhos. A comunicação oral, assim, foi a continuidade da comunicação escrita.

4.1.4 Observações parciais:

A duração da atividade final (um período de 3 horas) não é considerada um tempo suficiente para desenvolver laços de amizade duradouros em nenhuma idade, principalmente em um contexto histórico intergeracional onde a relação entre as gerações é fragmentada e com outro agravante considerado por Bussab (2003) que, crianças que vivem numa instituição, quando não tem oportunidades de formar vínculos, estão distanciadas do contexto sócio-afetivo natural de desenvolvimento, mesmo cercada por muitas pessoas. No entanto, a aproximação intergeracional aconteceu de fato, o tempo antecedente das correspondências (3 meses e 3 cartas) propiciou um

contato indireto que alimentou motivações para se conhecerem, o que intensificou e enriqueceu as interações observadas no dia do encontro. Conforme os achados, as situações que apontaram a **aproximação e a interação intergeracional** foram:

- a procura inesperada de algumas crianças e alguns idosos em suas respectivas atividades e o carinho mútuo percebido na motivação do pequeno encontro fora do curso. Para a nossa investigação deste estudo, tal fato foi uma das observações mais interessantes no decorrer dessa atividade;
- através dos relatos dos professores, a ansiedade das crianças para receberem as cartas. Embora não seja uma situação de interação, é considerada uma motivação para que ela aconteça;
- no dia da festa final, no momento do encontro ambas as gerações se cumprimentaram com abraços como se se conhecessem há muito tempo;



Ilustração 1: Quadrilha intergeracional

- a quadrilha (ilustração 1) propiciou muitos contatos físicos e alegria na atividade, os acontecimentos durante a dança, como por exemplo: a falta de jeito de coordenação motora, ritmo e as falhas nas evoluções foi motivo para o surgimento de um discurso;
- nas despedidas, as promessas de continuarem a trocar cartas e promover novos encontros.

A apresentação da peça de teatro não foi um ponto positivo na atividade, pois não propiciou interação, as crianças começaram estranhar seus missivistas e percebeu-se a dispersão do grupo.

Alguns idosos não compareceram ao encontro, o que, inicialmente, não foi positivo para as crianças missivistas. Todavia, através da condução dos professores, essas crianças se uniram com outros grupos e, aos poucos, demonstraram facilidade de aproximação e interação com seus

diferentes. O papel do professor mostrou-se fundamental nos ajustes das relações pela aplicação da proposta co-educação³⁰ do Programa Sesc “Gerações”.

Além da interação, observou-se o **respeito mútuo** quando as crianças entendiam as limitações físicas dos idosos durante a quadrilha e também quando os idosos compreendiam as dificuldades de escrita, fala e expressão emocional das crianças, o que conduzia a **relações igualitárias**, quando todos têm a aprender e a ganhar; portanto, o bom convívio intergeracional tornou-se possível.

A curiosidade impulsionou as crianças à aproximação com os idosos e, as atitudes dos idosos de apoio e os conselhos sobre o futuro das crianças, assim como, as palavras de afeto e carinho transmitiram experiência e segurança num diálogo como continuação das cartas, o que caracteriza as relações de **cooperação**. Não foi observado palavras de desconforto, chateação ou incômodo, mas de esperanças. Foi possível filmar a atividade, mas nas entrevistas o gravador inibiu as crianças, pois tinham desconfiança ou medo, poucos responderam às perguntas; neste caso usamos apenas o diário de campo. Investigou-se a reação junto às crianças que receberam conselhos de seus correspondentes; disseram que as pessoas mais “velhas” sabem o que estão falando porque já viveram bastante e têm muita experiência, o que está de acordo com o sentido de **reciprocidade** e complementaridade citado por Brotto (1999), Maçada e Tijiboy (1997), Monero & Gisbert (2005)³¹.

Os relatos referentes às brincadeiras demonstraram que a idade não é barreira para “brincar”, apenas o tempo é que muda a maneira de fazê-lo, basta para tal estarem às pessoas disponíveis e de acordo com as condições mútuas como: no dominó, na dama, na forca e no jogo da velha. Segundo Novaes (2005, p. 109-112), o ato de “brincar” está relacionado a algo “fortemente positivo”, como um meio de alcançar a felicidade por meio da descontração, “um recurso saudável e feliz que estimula a imaginação, a criatividade e o potencial humano, fundamental” para todo e qualquer ser humano, principalmente, para os que não conseguem acrescentar a brincadeira e o prazer por ela oferecido à própria vida, sendo importante redescobrir para reconstruir seus prazeres.

Nos achados analisados, tanto nas cartas quanto nas conversas durante o encontro, às gerações mais velhas descrevem o “brincar” quando recordam os fatos do passado como prazerosos, que se sobrepõem a qualquer tipo de sentimentos desfavoráveis. Tal relato desperta

³⁰ Verificar página 68 desta dissertação

³¹ Verificar página 55-59 desta dissertação

nas crianças, motivação para um diálogo e incorpora no seu imaginário a intensidade das vivências do contador. Essa transmissão das experiências vividas dos idosos a partir do relato oral e os questionamentos que as gerações mais novas têm caracterizam o diálogo intergeracional na complementaridade de ambas as gerações, favorece, assim, a comunicação e a convivência humana de forma harmoniosa. Essas observações remetem às necessidades mútuas citadas por Newman³². Portanto, as necessidades mútuas e o recurso do diálogo intergeracional são fatores fundamentais de suporte social e de apoio entre as gerações, na perspectiva do “curso da vida” (*life span*).

Segundo Pollak (1989, p. 13) reviver, relembrar, resgatar os sentimentos e emoções oferece oportunidades de re-significação e de re-construção da identidade e definem o lugar social do sujeito e suas relações com os outros.

A atividade não teve continuidade, encerrou-se nesse ponto, mas foram observados alguns contatos depois da atividade num passeio que foi programado pelo Curumim, quando idosos e crianças foram ao passeio cultural da “Maria Fumaça” e três idosos que participaram da atividade das cartas e do passeio encontraram seus missivistas. A dinâmica do contato foi voluntária, observaram-se satisfação e alegria no reencontro. No trem, sentaram-se lado a lado, desfrutaram juntos as paisagens e as informações dadas pelo historiador sobre a história do café na região de Campinas. No decorrer do passeio, em alguns momentos se aproximavam da roda de amigos de seus missivistas e vive-versa. Um outro fato interessante foi uma idosa (Vovó feliz, 81 anos) que mostrou interesse em conhecer a família da criança, mas a criança não dava retorno. Então Vovó Feliz entrou em contato com a pesquisadora, para ir atrás da criança. O retorno da resposta não foi feliz, pois a família não queria a aproximação da idosa com receio de um seqüestro. Os professores do Curumim entraram em contato com a família da criança, esclareceram-lhe os fatos; mas, mesmo assim, não foi possível a visita. A idosa não se abateu, entendeu e, no dia do aniversário da menina, foi até o local da atividade e levou-lhe uma boneca de presente. Para evitar esse tipo de desconforto, é necessário que haja mais cuidado, por parte do professor, na condução da atividade.

Para os profissionais interessados nesse tipo de atividade intergeracional, uma vez que observamos a finalização da atividade num momento de intensa motivação entre as gerações, considera-se importante, nesta pesquisa, que pensassem na continuidade das trocas das cartas

³² Verificar a página 36 desta dissertação

depois do primeiro encontro, além de programarem mais encontros com os mesmos grupos ou pessoas. Essas atividades propiciam maior aproximação entre as gerações, pois, será possível, assim, cultivar uma amizade efetiva para escreverem e receberem as cartas, o que, inclusive, favoreceria os que têm dificuldades e/ou pouco interesse em ler e escrever (tanto criança, quanto idosos). Essas possibilidades configurariam a **aprendizagem cooperativa**, quando o idoso assumiria um papel de colaborador, cooperador; a criança receberia a atenção e o acolhimento: uma **reciprocidade** que se complementa, no ciclo da vida, por um **objetivo comum**: “o que eu preciso você tem para me dar”.

Um dos aspectos mais interessantes nos depoimentos é a geratividade revelada nos relatos escritos e verbais, observados principalmente nas categorias: (b) Palavras de apoio dos idosos quanto ao futuro das crianças e (c) Palavras de afeto e carinho. O desejo ou a necessidade dos idosos de dar conselhos os coloca em relação com a experiência pessoal da infância. A herança da afeição e o amor recebido pelos seus familiares, congregam o cuidado pelo presente e o futuro (ERIK ERIKSON, 1959 apud THOMPSON, 1993, p. 13), assim como os impele a garantir que as próximas gerações vivam bem. Dessa forma o idoso, ao invés de se preocupar com as perdas e a fragilidade da velhice, valoriza e focaliza seu potencial em favor do próximo e consequentemente mantém seu senso de significado pessoal (NERI, 2002, p. 25-26). No nosso entender, isto é uma das maiores formas de **cooperação** que uma geração pode dar à outra – o **apoio social**.

Tanto nas análises das cartas quanto das observações no encontro, a aproximação intergeracional alimentou “certos” vínculos; para o idoso, a tendência é a de reviver, lembrar e resgatar sentimentos e emoções seja nos conselhos, seja nos momentos de lembranças da sua infância ou nas palavras de carinho e de apoio; um momento de vida em que suas lembranças se cruzam com o presente, isto é, com o “tempo do envelhecimento” e re-significam suas experiências, e traduzem-nas para o contexto atual de vida, o que consiste numa maneira de preservar as gerações mais novas e cuidar delas.

De acordo com Brandão, Smith, Sperb, e Parente (2006):

Compreender melhor as características das narrativas de crianças e idosos pode contribuir para a discussão sobre o desenvolvimento cognitivo num contexto cultural, fundamentando propostas educacionais que utilizem a interação entre idosos e crianças, não apenas numa concepção “filantrópica” de doação de paciência e atenção de um lado ou do outro da diáde, mas numa perspectiva de amplos benefícios recíprocos que envolvam o desenvolvimento de possibilidades específicas dessas faixas etárias (p. 99).

Neste contexto, as possibilidades que a atividade oferece são: para o idoso, ajuda-os colocar o seu conhecimento a serviço da **cooperação** da construção de novas gerações e **reciprocamente** a serviço de sua construção como sujeito, com **solidariedade e compaixão**. Neste sentido, a atividade “De carta em carta” foi considerada promotora de mudanças de mentalidades ao se considerarem as reflexões das lembranças das experiências compartilhadas entre as gerações, demonstradas nas participações em conversas, perguntas e respostas com pensamentos criativos e reflexivos de cada uma delas, assim como os contatos posteriores no passeio mencionado, nas dependências do Sesc, e na procura de ambas as gerações em suas atividades respectivas.

Embora a atividade não tivesse continuado, houve uma grande repercussão para as ambas as gerações. Para as crianças, os idosos que cruzam nos corredores e outras dependências do Sesc não são mais pessoas estranhas, a convivência entre eles as ensinou a compreender melhor as limitações físicas dos idosos e as educa para, no futuro, disponibilizarem ajuda seja na família seja no convívio social; os idosos passaram a ser mais tolerantes, pacientes e compreensivos com a vitalidade das crianças, se conscientizaram do quanto é significativo socialmente para elas estar nas atividades do Curumim. Quando se encontram, cumprimentam-se, respeitam-se e às vezes conversam.

4.2. Segunda atividade: “SARAU INTERGERACIONAL”

Nessa atividade, reuniram-se 20 crianças do Curumim, não vinculados à FEAC, (filhos de comerciários associados ao Sesc), e 18 idosos que fazem parte das programações culturais do Sesc. Entre estes participantes, apenas duas idosas e nove crianças foram entrevistadas; inclusive o coordenador do programa e uma das professoras.

Quadro 6: Investigação – “Sarau intergeracional”

	Adultos e Idosos		Crianças	
	Homens	Mulheres	Meninos	Meninas
Participantes*	1	3	4	3
Faixa etária	51 anos	29 a 70 anos	8 a 12 anos	7 a 12 anos
Entrevistas	1	3	5	4

*Inclusive os técnicos

O tempo de duração da atividade foi de três horas (uma tarde), as crianças e os idosos não se conheciam. Conforme o documento do programa, essa atividade foi elaborada dentro da proposta do nível de interação um, configurada como de interação leve e voluntária. Os participantes dividiram o mesmo espaço, trocaram olhares, e as aproximações entre as gerações e os poucos diálogos foram espontâneos, isto é, sem a intervenção do professor. A atividade foi filmada por um assistente de gravação e fotografada por um dos professores do Curumim; as observações diretas foram anotadas no diário de campo; foram realizadas entrevistas coletivas com as crianças durante o lanche, gravadas em fitas cassetes, logo após as apresentações de músicas, contos e poesias, e com os idosos, professores e o coordenador, logo após a atividade.

O sarau aconteceu num dos salões de eventos do Sesc (ilustração 2), a disposição de idosos e crianças no ambiente se deu da seguinte forma: no centro do ambiente, havia mesas, cada uma com quatro cadeiras onde se sentaram os idosos; e algumas crianças ficaram distribuídas em cadeiras encostadas nas paredes do salão, e outras, no chão, pois havia mais crianças do que cadeiras.



Ilustração 2: Distribuição dos idosos e as crianças durante o Sarau intergeracional

Durante as apresentações, não houve nenhuma forma de interação uma vez que, ora a criança é que declamava uma poesia, ora o idoso, e cada um voltava para o seu lugar. Essa etapa foi longa e cansativa, as crianças dispersavam-se, e notava-se a necessidade de se movimentarem. No momento do lanche (organizado pelo Sesc), abriu-se um segundo ambiente acoplado, com mais mesas e cadeiras, e esperava-se alguma forma de interação, ao menos, naquele momento. As crianças sentaram juntas nesse segundo ambiente, e os idosos ficaram no primeiro, onde

aconteceram as apresentações. Nesse momento, fizeram-se as entrevistas, primeiro, com as crianças porque os pais logo viriam buscá-las.

As crianças gostaram de ser filmadas e fotografadas, fato perceptível quando o entrevistador apareceu com o gravador para registrar as entrevistas e, todas queriam falar ao mesmo tempo; o que gerou, inicialmente, um clima de confusão para decidir quem seria o primeiro, e deu origem à opção por se realizar a entrevista coletiva. A pesquisadora fazia uma pergunta e todos respondiam um de cada vez; algumas respostas influenciaram outras, mas também despertaram opiniões mais elaboradas em outras crianças.

4.2.1 As categorias

Segundo o objetivo específico desta pesquisa, as categorias constituíram-se da seguinte forma:

Os sentidos e significados que as gerações mais novas (crianças) atribuem aos idosos

Pergunta n.1: *O que vocês acham das pessoas velhas?*

Observa-se que, na maior parte das respostas, há uma justificativa espontânea e imediata, não é necessário, pois, o entrevistador perguntar o porquê do sim ou do não. Mesmo não ocorrendo a oportunidade de entrevistar as crianças antes da atividade para verificar seus conceitos sobre velhice, pode-se observar que estes estavam implícitos nas entrelinhas das respostas, principalmente, quando se referiam aos velhos da sua família.

O nosso avô, a nossa avó, a gente tem que respeitar muito eles porque logo eles vão morrer e a gente não vai ter mais nem avô e nem avó.

(Renato, 10 anos)

O sentimento de perda dos avós pode significar para essa criança o sentido da vida e levá-la a aproveitar com qualidade a convivência com eles (avós), porque têm valores que enriquecem a convivência. Essas atribuições de consideração, respeito e carinho acolhidas pelas crianças,

encantam o relacionamento e promovem o vínculo intergeracional forte, tão claro na declaração acima, o que pode promover também a projeção para outros idosos que não são da sua família.

Quando vejo as pessoas, elas, elas olham com amor para a gente... Elas olham com carinho; elas não são nossos avós, mas elas olham para gente... Até parece que elas são nossos avós? (falou olhando para Marcia e com um tom de pergunta)

(Dara, 9 anos)

As falas nos apontam uma relação positiva com os avós, talvez o respeito advenha do reconhecimento do saber e da história de vida dos seus avós, pois entre eles existem conversas e o reconhecimento de uma singularidade. Por outro lado, na fala de Carlos, observa-se um sentido lógico, racional e um significado distante do coração, o que nos mostra um outro olhar da criança; essa fala subsidiou a interpretação dos dados e possibilitou uma aproximação maior dos dados reais.

Que são meus parentes e que eles me conhecem e ponto final!

(Carlos, 8 anos)

As crianças sabem descrever algumas características dos idosos, com certeza baseadas na convivência com os familiares, em que o velho se apresenta como um exemplo *a ser seguido ou evitado*, no qual depende da qualidade da relação entre eles; da forma como os idosos transmitem suas experiências de sucessos e fracassos desse período de vida para os mais novos (FERRIGNO, 2003, p. 157).

Dá para vê os rostos alegres, parece que eles são bem simpáticos assim com as pessoas.

(Mariana, 12 anos)

Ah eu acho que eles são pessoas alegres assim que.... Viveram a vida inteira e eles merecem ficar um pouco com a gente, porque somos criança, aí eles lembram do passado como eles eram.

(Fernando, 10 anos)

Concordando com o autor acima, o respeito atribuído aos idosos prevaleceu e parece estar associado ao tempo vivido pelos avós e, possivelmente, uma educação vinda dos mais velhos influenciada pela maneira como eles lidam com a velhice, seja dos pais ou dos próprios avós. Os depoimentos viabilizam a reflexão de como a história individual de cada um cruza com a convivência dos avós, do coletivo e do social e contribui para a construção de sentidos e significados dos vários segmentos geracionais.

Quando a pesquisadora percebeu que as colocações estavam muito voltadas à imagem dos avós, a pergunta foi feita, novamente, para outro grupo de crianças ao apontar os idosos (ainda presentes no ambiente) que participaram do sarau:

Pergunta 2: *O que vocês acham dos idosos que participaram do sarau?*

Dentre várias respostas como:

Elas sentem muito amor pelas crianças, tem vez que..... tem gente que também gosta da gente como filha, como neta, como amigo, porque tem muita gente que gosta de criança. Eu também gosto muito deles.

(Marcia, 9 anos)

Surgiu a seguinte declaração:

Quando eu olho para eles, têm alguns homens que parecem meu pai, que o meu já morreu faz muito...(vem uma forte emoção – silêncio) Quando eu era menor eu nem conhecia ele, quando fui conhecer ele, eu tinha 7 anos, e olho para eles como meu pai, meus avós, meus tios....gostei deles!

(Marcia, 9 anos)

Para essa reflexão, encontramos na literatura a citação de duas psicólogas: Para Lígia Py (2006, p. 13)³³, especialista em tanatologia, a morte é *um processo psíquico de elaboração de perdas que se inicia na infância*, uma vez que o outro é a referência no processo de identificação até adquirir a capacidade de escolha própria e autonomia. Concorda Rosely Sayão³⁴, que faz

³³ Lígia Py é psicóloga e gerontóloga. Pesquisadora convidada do núcleo de estudos e pesquisas em tanatologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, é também convidada para ministrar a disciplina Bioética e Envelhecimento do curso de Mestrado em Gerontologia da Unicamp.

³⁴ Rosely Sayão em entrevista realizada na Uol News – Momento em Família, no dia 07/03/2006, às 20:30 hs. É autora do livro: Como educar meu filho?

menção à morte dos pais e recomenda que, antes que eles morram é necessário perdê-los em vida, senão a morte se transforma num drama. Para Sayão, é necessário, na educação dos filhos, ensinar a independência com segurança, saberem ser sozinhos com os pais em vida. Retomando a declaração acima, percebemos duas perdas: primeiro a separação do pai “*quando fui conhecer ele, eu tinha 7 anos*”; a segunda perda, a morte do pai “*que já morreu faz muito...*”, possivelmente a criança, ao transferir a imagem do pai para as pessoas mais velhas “*Quando eu olho para eles, têm alguns homens que parecem meu pai*”, busca identificação no outro, de segurança, de acolhimento, de carinho e afeto, pois a morte do pai aparece num momento em que ainda não foi possível alcançar a sua independência. Neste caso e outros, como o afeto e o carinho que as crianças atribuem aos idosos são percepções positivas, isto favorece a aproximação, o exercício da convivência de boa qualidade entre as gerações através de sentimentos recíprocos baseados em confiança e **respeito mútuo** e desenvolve vínculos com os mais velhos, seja na família, seja na sociedade.

Sob esse contexto, pode-se dizer que uma atividade dessa natureza, isto é, de acordo com os níveis interacionais propostos pelos técnicos do programa, nível um, possibilita às crianças um momento de reflexão ampliada sobre o conceito de “ser velho”, também percebido quando foi perguntado sobre a declamação das poesias sem especificar se era das crianças ou dos idosos. Obteve-se a seguinte reposta:

Elas falaram versos muito bonitos, que é de muito tempo... De quando a gente nem existia, eu acho muito legal tudo isso que elas falam.

(Dara, 9 anos)

A criança ao assistir às declarações dos idosos e ao ouvir suas poesias e histórias dialoga não só com quem fala, mas com a visão de mundo, carregada de *emoções e intenções, em diferentes lugares, de épocas e vai tomando consciência sobre seu próprio ponto de vista e existência situada num contexto específico* (BRANDÃO, SMITH, SPERB e PARENTE, 2006, p. 99).

Pergunta n.3: *O que as pessoas velhas ensinam para vocês?*

As falas dos infantes revelam outras percepções, de que os idosos têm muito a ensinar, como o que contribuir apoiar e que estão dispostos a aprender com eles, além de terem a

capacidade de perceber (sentido) como o tempo elabora as experiências dos idosos e lhes permite construir suas histórias de vida.

Minha avó ensina “um monte de coisa”, ela ensina me educar....

Entrevistador: *O que é “um monte de coisa”?*

*Educar, respeitar os mais velhos, não xingar as pessoas mais velhas e....
Fazer lição de casa...*

(Dara, 9 anos)

Não bater...

(Mariana, 12 anos)

Não fazer coisa errada.

(Fabio, 10 anos)

As crianças reconhecem que o idoso, através das histórias que conta, partilha com elas experiências que ensinam. Falam de coisas que viveram, e as crianças compreendem e confiam no valor dos conselhos que vem embutido nas falas: “*respeitar*”, “*não bater ou xingar*”, buscar a ação correta.

Ah! Ensinar muitas coisas porque elas já passaram por muitos problemas já tiveram uma vida.

(Mariana, 12 anos)

Ah! Eles ensinam muita coisa porque quando a gente olha para eles, aí nós lembramos que quando.... que quando nós fica velho nós vamos ficar assim que nem eles.

Entrevistador: *Assim como?*

Ah! Cheio de coisas para ensinar!

(Fernando, 10 anos)

Ao reconhecerem a experiência do idoso, passam a entender que a história dele começa bem antes do que consegue lembrar, além do que a convivência é uma forma de educação para o envelhecimento da criança.

As crianças adoram quando os idosos brincam com elas e “*gastam longas horas lhes dando total atenção, coisas que os adultos ‘saúdáveis’ dificilmente conseguem ou gostam de fazer*” Santos (2003, p. 51).

- *Eu lembro de quando brincava com a minha avó, ela me ensinou brincadeiras de antigamente como a amarelinha.*

Entrevistadora: *Ela pulou amarelinha junto com você?*

- *Não.*

Entrevistadora: *Como ela lhe ensinou?*

- *Ela me mostrou, colocou o 1,2,3, até o 10, colocou o céuzinho e a terra, jogava a pedra e eu começava a pular, não podia pular no um.*

(Fabio, 10 anos)

Nessas falas, observam-se as necessidades das gerações, apontadas por Newman (1997), o qual a criança deve ser cuidada e apoiada, o idoso cuidar e apoiar. Nesse processo de investigação do sentido e do significado que as crianças atribuem aos idosos, buscam-se algumas opiniões contraditórias às anteriores, e pergunta-se às crianças:

Pergunta 4: *e o que vocês não gostam neles?*

Ah! Eu não gosto quando começa a falar aquelas coisas muito antigas essas coisas assim que a gente não entende porque a gente não conhece.

(Mariana, 12 anos)

É isso aí eu também não gosto, eu não gosto de quando eles falam de antigüidade, a gente não viu não sabe do que eles estão falando, aí a gente não entende o assunto, então a gente não fica sabendo do assunto, aí eu não gosto de fica..... (não completou...)

(Dara, 9 anos)

Da mesma forma que as crianças admiram as experiências dos idosos consideram que têm muito a ensinar, apontam também que expressões como “*antigüidade*”, “*coisas muito antigas*” que fogem do alcance de seu entendimento e compreensão. Nesse caso, a criança não reconhece a

geração do idoso no interior da sua geração porque é uma outra época em que ela não viveu, mas a investigação continua:

Entrevistadora: *Mesmo quando eles explicam mostram, por exemplo, uma fotografia do assunto?*

Daí é mais fácil entender!

(Mariana, 12 anos)

Nesse caso, nota-se que o diálogo carece de formas apropriadas, faltam elementos para uma melhor compreensão da criança em relação ao vivido de uma geração que não é a sua. Esses dados trazem duas reflexões importantes para trabalhar com diferentes gerações:

1. nas relações sociais: podem ajudar a compreender melhor o porquê, na convivência intergeracional, do desinteresse das gerações mais novas em sustentar diálogos com idosos quando estes se remetem ao seu passado, seja na família ou na sociedade. Podem ser um dos motivos para inviabilizar o diálogo intergeracional e formular os estereótipos negativos, como, por exemplo: “velhos chatos, que falam só do passado”, isto é, por um lado as gerações mais novas toleram e, por outro, há um discurso unilateral.

As informações acima podem ser uma das causas de desinteresse de aproximação entre as gerações durante uma atividade.

2. para evitar que tais fatos se repitam numa atividade, é oportuno observar quais recursos de linguagem ou materiais tornam a narrativa ou o conto interessante para as crianças, como, por exemplo, a fotografia e o vídeo que contêm valores e perspectivas históricas.

As declarações das crianças citadas acima chamam a atenção quanto ao cuidado dos planejamentos dos programas intergeracionais, principalmente que envolvem memória, conto de histórias e textos que compõem as peças teatrais. Quando há uma diferença geracional, esses recursos fornecem dados concretos e auxiliam na compreensão dos discursos de fatos passados que não eram de conhecimento das gerações mais novas.

Verificou-se não só nas entrevistas, mas também nas poesias que as crianças declamaram para os idosos, que o sentido de imagem dos velhos (capacidade excepcional de perceber ou compreender intuitivamente) é atribuído a percepções positivas e amorosas, enquanto que o significado (valor, importância) é de muito saber e muito para apoiar e ensinar, fatores que geram nelas a admiração, o respeito e a confiança. Para Santos (2003, p. 49) tais sentidos e significados atribuídos aos velhos e à velhice são *fortemente influenciados pela qualidade das experiências pessoais, nas relações e formas de interações com os avós*, assim como na aprendizagem e nas crenças transmitidas de geração em geração nas famílias. Para a autora, talvez esse seja um dos motivos que a convivência entre crianças e idosos “seja tão salutar”.

Investigar os sentidos e significados que os idosos atribuem às gerações mais novas

As entrevistas que se seguem foram feitas de forma individual, depois do término da atividade, com duas senhoras irmãs, viúvas, que moram sozinhas, em casas separadas, e freqüentadoras da entidade há quase 30 anos. No final da entrevista Elisa se aproximou e terminou numa conversa bem proveitosa para análise do preconceito etário. Nesse fragmento de entrevista, percebe-se que a interação dos idosos com as crianças e vice-versa pode significar uma forma terapêutica de mantê-los mais ativos:

Pergunta 1: *O que você achou das crianças no sarau?*

Ah, eu acho que transmite assim... Como que eu falo... Eu acho que eles sentem muita falta de carinho, porque a mãe está sempre trabalhando, correndo, então quando eles vêem uma pessoa de idade dando carinho, conversando, eu acho que eles se apegam, porque eles sentem falta disso, de conversar, de entrar na brincadeira que nem aqui, aqui (no Sesc) tem muitos jogos, então de participar com eles, eu acho que é isso.

(Elisa, 68 anos)

[...] as crianças ficam muito longe dos pais, os pais trabalham, a gente percebe que alguns são muito carentes, sente falta de carinho (observa emoção na sua fala), e nós também idosos (começa a chorar) achamos falta de carinho, eu sinto muita falta de afeição (pausa longa: choro), eu fico muito só sabe, então por isso que eu não saio daqui.

(Mari, 70 anos)

Respeitou-se o choro de Mari, e perguntou-se se queria continuar a entrevista. Ela não demonstrou incomodo com o choro, pediu desculpa e compreensão e continuou seu relato. Esse dado sinaliza um estresse emocional provocado pela ausência de relações familiares mais freqüentes e intensas e que, na relação com a criança, ela busca uma forma de compensação, de apoio social.

Pergunta 2: *E você acha que as crianças do programa podem ajudar nesse sentido?*

Eu acho sim. A gente pode encontrar em alguma criança que não seja nada da gente, uma estranha, aquilo que a gente não tem na família, dos netos, dos filhos porque trabalham, porque estudam, então eu gosto. Eu fico muito sensibilizada quando vejo uma criança assim uma criança carente (ela também demonstra sua carência, no choro e continua chorando).

(Mari, 70 anos)

Depois de terminada a entrevista, Mari se desabafa e relata a falta que sente da família, os filhos trabalham muito e, no final de semana querem descansar, os netos, já jovens, estudam e trabalham, não têm tempo para ela. Quando se encontram, sente-se estranha no convívio com eles. Toda vez, que se sente sozinha, liga para os amigos e passa um bom tempo conversando ao telefone. A solidão e baixos níveis de atividades sociais podem ser preditores de estresse e depressão. Na literatura sobre estresse em idosos, encontram-se a atividade como suporte social para a prevenção e, até mesmo a cura do estresse, especialmente, em atividades que ajudam a manter um autoconceito positivo em fase de declínio da autoestima e situações difíceis emergentes. De acordo com Deps (2002, p. 63), as atividades em grupo não são as únicas capazes de diminuir o estresse; mas nesse caso, *“têm um impacto maior do que as atividades solitárias, em decorrência do apoio social que pode influir nas habilidades de soluções de problemas e reforçar o sentimento de valor pessoal”*.

Pergunta 3: *O que você acha que sua geração pode ensinar para eles?*

Ah, ensina assim coisas que a gente, que eu acho que não tem mais, porque no meu tempo era ali mais junto, almoçar junto, junto com os pais, e agora não, agora é uma correria, as crianças vivem mais em creches ou com empregada, a gente pode ensinar a ficar junto, conversar, a dar mais aquela atenção, porque mesmo as vezes os pais tem a vida muito corrida, então acho que eles sentem falta disso.

(Elisa, 68 anos)

Eu acho assim que as crianças deveriam ter um pouquinho mais de... Amor e sensibilidade por pessoas idosas, sabe.... Por que tem muita criança que não está nem aí com o pai, com a mãe...

(Mari, 70 anos)

O valor que as irmãs atribuem às crianças de hoje são decorrentes do estilo de vida das famílias contemporâneas. Declarações parecidas com as mencionadas acima são várias vezes repetidas no decorrer da entrevista, o que deixa muito evidente, no convívio, a falta que sentem dos filhos e netos. As duas colocações acima remetem ao passado e ao presente. Lamentam não ter a oportunidade de passar esses valores aprendidos com seus pais para seus netos; nas entrelinhas observa-se como se deu, em parte, a relação com os seus pais e depois com os seus filhos e que hoje as competências adquiridas pelas gerações antigas não servem mais porque o mundo em função do qual elas foram produzidas está por acabar, e mais sem perspectivas de adaptá-las para o presente.

Pergunta 4: *O que você aprende com as crianças de hoje?*

Aprendo a dar amor e receber!

(Mari, 70 anos)

Essa declaração parece estar diretamente relacionada às crianças que participaram do sarau. Enquanto respondia à pergunta acima, os olhos dela miravam algumas crianças ainda presentes no local. Essas novas formas de interações intergeracionais que o programa oferece não devem substituir as relações familiares; porém, atuam como outras esferas distintas de relações às quais, além de ensinar “*a dar amor e receber*”, também os sensibilizam para a aceitação e compreensão de “ser” e “estar” das crianças e dos jovens de hoje. As atividades que compõem o programa podem ser motivadoras para ambas as gerações tornarem-se mais participativas e ativas na sociedade, a qual ainda não é dos velhos e sim dos jovens. Conforme Newman (1997a, p. 16) tais fatores contribuem para a revisão de vida das gerações mais velhas, pois segundo ela, quando um idoso sente-se reconhecido pelas gerações mais novas, é mais provável que sua história de vida signifique um processo mutuamente benéfico de transferência e afirmação entre as gerações mais velhas e mais jovens, um conceito intergeracional fundamental para os profissionais da área.

À pergunta sobre o preconceito, obtém a seguinte resposta:

Já, principalmente na hora de pegar condução (ônibus). Muito preconceito. Eles nem param para gente, eles vêem que a gente mostra a carteirinha e não pára.

E essas pessoas que (não entendi....barulho junto com a fala) criança que talvez fosse mal educadas...

Entrevistadora: *Que idade?*

Tipo assim de adolescente, que chama a gente de velha, “Ah essa velha”, isso eu já senti.

(Mari, 70 anos)

Muitas vezes o estigma do outro em torno da velhice é absorvido por alguns idosos, bem como o preconceito com o ser “velho” na sociedade é sentido pelo idoso.

Nessa atividade, não se observou nenhuma forma de preconceito dos idosos quanto às crianças participantes. Para Mari, o preconceito não está relacionado às crianças do sarau; mas, no âmbito social e é absorvido por alguns idosos, assim como ela, refere-se, principalmente, ao adolescente. Na literatura, muitos autores, como Moragas (1997, 2004), Ferrigno (2003), Uhlenberg (2000) e outros, mencionam que os estereótipos e preconceitos, no atual contexto social, estão mais relacionados à juventude e à velhice, e são fundamentais nos estudos das relações intergeracionais. Devem estar sempre presentes na discussão do tema, principalmente, quando o preconceito ocorre nas relações que se estabelecem durante as atividades.

Interações através do contato físico, a disponibilidade para trocar depoimentos, a manifestação de laços afetivos

Observou-se que, por falta de uma intervenção estratégica do professor, não houve muitos contatos, e as aproximações entre os idosos e as crianças foram voluntárias:

[...] acho que o entrosamento das crianças com a terceira idade uma coisa ótima para gente bater papo, acho que com um menino que se chama M.... parece, que tem síndrome de Down. Achei ótimo ir lá conversar com ele, brinquei com ele, ele deu risada. As poesias que as crianças falaram, teve uma que falou da vovó eu gostei muito então achei que o Sesc deveria fazer mais, dar essa oportunidade dos de idade conversar com as crianças.

(Elisa, 68 anos)

[...] acho ótimo o entrosamento aqui dos idosos e das crianças, gostaria mesmo que tivesse mais vezes escola aberta com as crianças e gostaria de participar também no que eu pudesse ajudar.

(Mari, 70 anos)

O espaço compartilhado nas dependências do Sesc e a atividade em si ainda são oportunidades de aproximação, basta se estar sensível e disponível para que aconteça. O significado pessoal para Elisa e Mari quanto aos seus relatos familiares justifica suas declarações, visto que, para ambas, a atividade representa satisfação pessoal, pois compensa a “ausência” dos filhos e netos.

Casos como dessas irmãs valem para a reflexão da pesquisadora, posto que, por ser essa uma atividade de nível interacional um, pode ser uma oportunidade de aproximação voluntária entre as gerações, basta estarem disponíveis, como ocorreu com as duas senhoras. Ao levar-se em consideração o tempo que as irmãs frequentam as atividades oferecidas pelo Sesc, em outras atividades, em outros espaços de atividades sociais oferecidos pela prefeitura e a disponibilidade delas para interagir, nota-se que os contatos sociais mantidos, regularmente, nessas atividades parecem ser significantes e mediadores de suporte social. Nas observações e nas anotações no diário de campo, apenas elas entre 18 idosos participantes, é que se aproximaram. Não houve tempo de entrevistar os idosos que não demonstraram tais disponibilidades; pois, quando terminaram as entrevistas de Elisa e Mari, todos já tinham ido embora.

Nas palavras de Mari: “*e gostaria de participar também no que eu pudesse ajudar*”, resgatamos o sentido da geratividade analisada na atividade anterior. Um dos fatores que tem chamado atenção durante este estudo é que são poucas as atividades em que o idoso é colocado como o gerador de atividades, considerando que possuem capacidades adquiridas através do acúmulo de experiências ao longo da vida, que podem ajudar superar e responder frente aos estereótipos e preconceitos da velhice se estimuladas por meio da geratividade que essas

atividades podem oferecer, o que pode propiciar a sensação superação, de auto estima positiva e satisfação pessoal.

Logo após a entrevista acima (de Elisa e Mari), entrevistou-se o coordenador do programa que estava presente na atividade. Perguntou-se a ele a opinião em relação à atividade e obtivemos a seguinte colocação:

É válido, toda intervenção, toda atividade que nós fazemos para estar diminuindo a distância do idoso e as outras faixas etárias mais jovens é sempre importante, e isto serve como se fizesse parte de um processo, porque até então existe muito preconceito ainda por parte dos idosos, então nós temos que ir devagar para que nós não causemos a eles um choque e aí sim ter uma reversão e uma rejeição de estarmos fazendo esse trabalho que provavelmente no futuro vai estar tendo assim bastante sucesso.

(Frank, 53 anos, coordenador do programa)

Na declaração da professora, porém, nota-se uma insatisfação, uma vez que para ela, num olhar mais crítico, ainda faltaram elementos de interação e estratégias que provocassem o diálogo intergeracional. O olhar dela é específico, os detalhes configuram o todo da atividade:

[...] hoje eu acho que ficou assim, as crianças no lugar delas, os idosos no lugar deles, não houve tanta... (integração), na minha opinião assim está, analisando assim, não acho que houve essa relação, eu acho que todo mundo sai com uma reflexão, da tolerância, que por exemplo, isso tudo faz parte de uma educação, uma co-educação de gerações.

(Maira, 29 anos, instrutora do Curumim)

É uma proposta nova, mas é legal a gente colocar para gente que estratégias utilizar, eu acredito não sei... que essa educação, que esse diálogo de gerações aconteça através de mediações por si só assim, o estalo UH!!! Vai acontecer, eu acho que demora mais tempo, não que não aconteça, mas demora mais tempo.

(Maira, 29 anos, instrutora do Curumim)

Nas colocações acima, mencionou-se o tempo que nos remete à duração discutida por Uhlenberg (2000)³⁵ como um dos elementos fundamentais, a qual deve ser suficiente para que ocorram integração, mudança de comportamento e opinião em relação à outra geração.

³⁵ Verificar a página 53 desta dissertação

Como o programa ainda não tem uma metodologia estabelecida, toda atividade dada é oportunidade para se avaliar, discutir pontos positivos e negativos, e construir-se estratégia para futuras atividades, como foi colocado pela professora:

[...] mas se houver mediação que daí é o nosso papel de educador meu, seu, da forma como a gente mediar isso pode acontecer melhor, pode ser mais produtivo, nesse sentido, então por exemplo, do meu ponto de vista, eu, a próxima vez que for ajudar, colaborar com o Sarau, trazer menos criança, colocar na mesma mesa, então cada mesa dois idosos, duas crianças.

Maira (29, instrutora do Curumim)

Assim como na avaliação feita pela professora sobre a atividade, também, segundo a literatura, que aborda satisfação nas atividades grupais e formas pelas quais estas sejam significativas para os participantes, é necessário haver grupos menores, ou mesmo que sejam grandes que haja subgrupos menores, o que faculta a todos a oportunidade de ouvir e de ser ouvido, conforme Deps (2002, p. 62).

4.2.2 Observação parcial

Como não houve interação significativa, não foi possível avaliar esta atividade através do roteiro de análise da cooperação e seus elementos, mas algumas **interações** deram-se de forma espontânea, sem estratégias de aproximação das gerações que resultassem em interações mais profundas como o diálogo, olho no olho e contato físico entre criança e idoso; mas, como forma inicial de um processo educativo. Ao levar-se em consideração o tempo de implantação do programa (três anos), sem se ter ainda uma metodologia definida e, até mesmo, com uma literatura escassa como apoio no campo intergeracional, é oportuno tomar tais atividades como forma de avaliação. As declarações da professora são de grande contribuição para o planejamento de futuras atividades, uma vez que coincidem com os fundamentos da **interação** entre gerações discutidas neste estudo. Numa atividade desse porte com boas estruturas, como: planejamento e preparação do ambiente, lanche, equipamentos de som, planejamento da atividade antecipada e união de duas atividades diferentes, “sarau” e a outra do “Curumim”, citada anteriormente, não é viável que ocorra um resultado interacional de baixa intensidade. O momento era oportuno para

realizar grandes formas de interações em que se pudessem provocar o diálogo, as trocas de idéias, o “olho no olho” entre as gerações; faltou, no entanto, uma metodologia apropriada para a condução da atividade, o que foi observado não só pela pesquisadora, mas também pelos técnicos da atividade.

Afeto e carinho favorecem a **interação** entre as gerações. É neste sentido que podemos afirmar que uma atividade dessa natureza pode servir como rede de **apoio social** entre as gerações, se realizada dentro das propostas do nível interacional três.

4.3 Terceira atividade analisada: Oficinas de Teatro (2005 e 2006)

Desenvolvemos a coleta de dados em dois grupos separados, em épocas diferentes e profissionais diferentes:

- a primeira oficina – teatro05: foram **três meses** de duração, iniciou-se com um participante e finalizou-se com 33 cujas idades variavam entre 6 a 63 anos;
- a segunda oficina – teatro06: foram **seis meses** de duração, inicialmente, com dezoito participantes, e no fim, com 20 com idades de 6 a 64 anos.

O critério de escolha dessas atividades foi o tempo de duração, o impacto da intensidade da **interação** e da **cooperação**. As entrevistas no começo e no final das oficinas nos possibilitaram conhecer mais profundamente o grupo intergeracional, seus conceitos de velhice e adolescência a disposição para se aproximar de outras gerações e, assim, validar o programa. As oficinas tiveram dois momentos:

Num primeiro momento, os grupos³⁶ foram subdivididos em dois: Grupo “A”: gerações mais velhas; Grupo “B”: gerações mais novas.

No primeiro encontro, tanto na oficina de 2005 quanto na de 2006, o coordenador do programa Sesc “Gerações” começou a atividade com a explicação sobre por que a oficina denomina-se Teatro Intergeracional, assim como os objetivos, quando colocou que o mais

³⁶ Verificar a página 72 desta dissertação

importante não é a apresentação final e, muito menos, formar atores, mas o processo como uma oportunidade de fazer amizades, um exercício de convivência harmoniosa, quando se aprende a lidar com o “diferente”. Explicou a divisão dos grupos e a futura união dos mesmos a critério do professor para se chegar a uma apresentação com um grupo único, isto é, um grupo intergeracional. Com esses esclarecimentos, todos começaram cientes de como seria a oficina até o final.

As dinâmicas basearam-se em jogos teatrais das mais diversas maneiras, como: preparação corporal, canto com danças e ritmos brasileiros, trabalhos que expressam as formas de ser e de pensar, levando em consideração o nível de desenvolvimento tanto das gerações mais novas quanto das mais velhas, para que os participantes pudessem alcançar os objetivos propostos. Os tipos de exercícios aplicados eram iguais para os dois grupos; porém, para o grupo “A”, havia algumas adaptações, eram passados com mais cuidado, repetiam-se mais vezes, o tempo de duração era maior, os intervalos eram mais pausados e os idosos tinham mais oportunidades de trocar de idéias.

Depois de um tempo (estabelecido pelo professor de cada oficina), os dois grupos se uniram: crianças, jovens, adultos e idosos, tornando-se assim um grupo intergeracional. No teatro, segundo a opinião dos professores, há várias maneiras de expressão, vários tipos de linguagens: a linguagem do corpo, dos gestos, dos sentidos, da fala, da escrita de um tema e do preparo das fantasias, enfim, todas as formas de preparo para uma encenação proporcionam o desenvolvimento da criatividade e da autocrítica, ao visar-se à ampliação da sensibilidade para o desenvolvimento do convívio intergeracional.

A montagem das peças foi apoiada em processos coletivos que envolveram improvisação e criatividade; os textos ensaiados visaram a valorizar tanto o cotidiano, a memória, épocas e costumes nas histórias de vida das pessoas idosas do grupo, quanto o preconceito, a gravidez na adolescência, a solidariedade e a cultura no trabalho com os jovens.

4.3.1 Teatro 2005 (Tempo de duração: três meses)

Quadro 7: Participantes

	Adultos e Idosos		Crianças e jovens	
	Homem	Mulheres	Meninos	Menina
Participantes*	1	3	2	1
Faixa etária	63 anos	30 a 60 anos	10 a 12 anos	15 anos
Entrevistas**	2	6	4	2

*Inclusive a professora

** 07 Individuais e 01 coletiva com 3 participantes

Dos 33 participantes, apenas 7 foram entrevistados, entre eles a professora. O critério de escolha foi determinado por aqueles que apresentavam disponibilidade de **interação** e **cooperação**, ou não, com a outra geração. Apesar de ter planejado entrevistas individuais, a pesquisadora foi convidada para uma conversa na lanchonete com três participantes: 01 adulto e 02 idosos durante um café logo após de uma das oficinas, nesta conversa eles comentam o descontentamento das atividades e foi oportuno para a coleta dos dados, configurando uma entrevista coletiva.

Como o tempo de duração foi considerado pequeno para este tipo de atividade, a oficina de teatro de 2005 realizou apenas duas apresentações finais e no mesmo dia, uma no período da tarde e outra no período da noite. Entre uma apresentação e outra houve um lanche preparado pelo Sesc, o que proporcionou um momento de descontração para o grupo e a convivência além da atividade, neste momento foram feitas as entrevistas finais. A idéia central foi baseada no teatro de rua; o tema e o texto foram elaborados pelos próprios participantes, o que constituiu um forte elemento de **interação** e de **cooperação**.

A critério da professora, depois de um mês, os grupos A e B se uniram. Logo no início, houve rigidez e rejeição de alguns idosos em relação aos exercícios propostos (comentários durante a entrevista coletiva):

É parece que a gente não está no planeta da gente! Eu acho que está mais para jovem do que para nós mesmo! A forma como está sendo colocada que não está agradando, talvez por ter mais jovens então está sendo voltado aos jovens...

(Odete, 60 anos)

Não está correspondendo com aquilo que eu queria. Quando era só o grupo de 3ª idade agente se soltava lá na frente...nossa! Eu me surpreendi comigo mesma. Agora não ficou muita criança, Ah! Assim não quero virou muito pastelão.

(Elenice, 54 anos)

Para Odete e Elenice, houve uma falta de respeito para com os mais velhos e declararam as preferências quanto à idade, isto é, sentiam-se melhor quando o grupo era só de idosos. Essas declarações são importantes para a reflexão sobre qualquer tipo de diferença que podem levar a atos discriminatórios. A pergunta é: seria necessário começar com os grupos separados? Será que a segregação atrapalhou no primeiro momento em que os dois grupos se uniram? De qualquer forma, seria pertinente o trabalho em grupo através da **interdependência positiva** desde o início, pois não basta agrupar pessoas, neste caso é válida uma distribuição de tarefas e responsabilidades onde todos possuam valores iguais, além disso, propiciar a construção de valores como tolerância e a ética.

A falta do elemento **interdependência positiva**, colocou o grupo numa situação vulnerável, a qual realçou a segregação e o sentimento de exclusão. No segundo encontro, outro fato ocorreu: um “suposto” preconceito por parte dos idosos. Um dos rapazes subiu para a sala de oficina com alguns amigos que não eram participantes do teatro, deu uma “espiada” no grupo e desceu para jogar xadrez com os companheiros. Passado algum tempo, a professora pediu para uma das meninas chamá-lo, quando esta voltou e disse que o rapaz não vinha para a oficina por ser o grupo da terceira idade. Essa frase da menina foi interpretada pelo grupo como um “suposto” preconceito do rapaz:

[...] agora também tem alguns que vieram para... entendeu..., não respeitam os idosos, acha porque ele é jovem então ele pode mais, já vai passando por cima, já vai menosprezando, diminuindo o mais..., quer dizer idoso, esquece toda a experiência, toda (pausa de indignação), o que ele podia estar aprendendo, o que ele podia tá crescendo como um ser entendeu! Aquele juvenzinho! Porque está começando a vida agora, quer dizer se ele já está caminhando assim, onde vai levar isso? O quê que vai levar?!

(Elenice, 54 anos)

Diante desse fato, a pesquisadora programou uma entrevista com o “juvenzinho” para verificar, com muito cuidado, a existência do preconceito:

Entrevistador: *Na semana passada, você estava jogando xadrez lá em baixo, e aí o pessoal (do teatro) já estava reunido aqui em cima e a M. foi chamá-lo, por que você não veio?*
Ah, eu disse espera que já estou indo, sobe lá que já vou. Porque eu não gosto de parar o xadrez no meio, xadrez é uma coisa que eu gosto, aí estava esperando acabar aquela partida que eu já subia.

(Rafael, 12 anos)

Até a semana anterior àquela, as oficinas eram separadas; grupo A (idosos) e grupo B (jovens e crianças). Como Rafael havia faltado à oficina anterior, não sabia que estavam todos juntos, então, desceu para jogar xadrez até o horário antigo do seu grupo (B). A professora tentou esclarecer o ocorrido para o grupo, mas não convenceu Odete e Elenice. Na declaração dada por Rafael, não ficou constatado se houve, ou não, preconceito por parte dele. Perguntou-se à menina “M.” o que realmente havia acontecido, e ela confirmou o que Rafael havia relatado na entrevista. Investigou-se a opinião de outros idosos quanto ao fato ocorrido, e a pergunta elaborada foi:

Entrevistadora: *Você acha que aqui, neste grupo teatral, existe preconceito dos adolescentes com as pessoas de mais idade?*

É, eu não dou valor para esse negócio de preconceito, sem preconceito porque eu me abro assim mesmo... (gagueja e muito). Agora, não senti preconceito (gagueja e muito), quanto a minha pessoa até presente data não, eu me dou bem no meio de jovens, adultos e velhos, aí não tem problema. Agora, isto é questão das pessoas avaliar, a avaliação que as pessoas fazem.

(Machado, 63 anos)

Assim como o Sr. Machado, outros idosos entrevistados disseram que as crianças e os adolescentes são muito legais e carinhosos, não se sentem desrespeitados ou menosprezados.

Investigamos também a opinião de outra jovem:

Ah eu acho que foi um mal entendido, se fizeram alguma coisa acho que foi sem intenção de magoa sabe, agora acho que está tudo certo, está todo mundo até se chegando, está todo mundo esperando que dê tudo certo.

(Julia, 15 anos)

Durante as observações das atividades propostas nas oficinas seguintes, foi confirmado apenas um mal entendido na comunicação da menina “M.” que trouxe o recado de Rafael, “*por ser o grupo da terceira idade*”, o que significou que, naquele momento, para ele, era o horário do

grupo de idosos, e que estava aguardando o horário do seu grupo, e não, porque ali estava o grupo da terceira idade, como interpretado por alguns idosos. O clima do grupo ficou tenso e tais episódios foram percebidos pela professora e, num tom de desabafo e preocupação, a mesma buscou a pesquisadora para troca de idéias, baseadas nas percepções através das entrevistas e observações até aquele momento. Juntas, buscaram novas estratégias de **interação**, quando a pesquisadora entrou como co-participadora e, ambas puderam chegar a um consenso de que, caso se trabalhasse com uma **abordagem cooperativa**, na qual para cada participante seriam delegados papéis complementares e interrelacionados que especificam as responsabilidades necessárias do grupo para que eles completem uma tarefa conjunta, sendo assim, seria possível uma aproximação maior entre as gerações.

Nas atividades, foi necessário desenvolver um clima de confiança dar a todos oportunidades para falarem e serem ouvidos; a noção entre o “eu” e o “nós” e a **reciprocidade**, inclusive participar à professora, através de observações feitas, alunos com baixo nível interacional. A professora mudou, rapidamente, a forma de trabalho, e o resultado observado apareceu em forma de homogeneidade no relacionamento dos participantes, identidade de interesses (em torno de necessidades comuns) e o aumento da confiança na força do grupo. No início, percebeu-se que, apesar de alguns idosos ainda estivessem com dificuldade para se aproximar dos jovens, estavam mais próximos das crianças, o que pôde ser notado quando os participantes se mostravam mais motivados e mais disponíveis: “eu posso ajudar na preparação das crianças”, “eu fico com esta cena”, “eu carrego o bebê”, o que ilustrou a **interdependência positiva** e um nível **interacional** bem melhor.

Após dois meses, todos começaram a expressar melhor seus talentos, brincar mais, também apresentavam disponibilidade para ajudar e amparar. No dia da apresentação da peça, houve duas sessões; uma, no período da tarde; outra, à noite. Na preparação nos camarins, os adultos e os idosos puderam passar, através de suas experiências, apoio e segurança aos mais jovens num momento em que gerou nos mais novos insegurança, ansiedade, emoção do desafio da apresentação:

[...] eu senti assim que achava que eles estavam com falta de respeito com a 3ª idade. Mas com o correr do tempo foi melhorando a convivência; eles foram... (pensou um pouco); num sei se eles foram chamados atenção ou não, sei que eles foram prestando mais atenção[...] no decorrer da peça (quer dizer das várias oficinas) tornamos grandes amigos porque aí eles tratavam a gente com respeito, com carinho. [...] a gente foi notando que eles foram prestando atenção, foram chegando mais perto da gente !!!

(Odete, 60 anos)



Ilustração 3: Preparação para a apresentação

Na fala de Odete observa-se nas entrelinhas a superação do conflito inicial. A atuação de Odete e Elenice junto às gerações mais novas durante os preparativos da apresentação teatral, passou a ter mais valor quando a professora colocou os adultos e os idosos como auxiliares diretos das crianças, o que destacou a importância social e afetiva de descobrir amizades; esta estratégia também fez com que os jovens se aproximassem mais das gerações mais velhas.

Entre uma apresentação e outra, o grupo combinou que todos permanecessem no local; o Sesc ofereceu um lanche, foi um momento em que se configurou um alto nível de interação (nível 3)³⁷, houve muitas trocas de idéias sobre o que deu ou não certo, comentários sobre as falhas cometidas na primeira apresentação, como esquecimento das falas, “branco” e muitas risadas o que configurou a homogeneidade dos participantes. A consciência coletiva do grupo se caracterizou na força das **ações conjuntas** em busca do sucesso da apresentação, percebida através da identidade de **interesses comuns**, das necessidades em comum. O sucesso de um dos participantes é o sucesso do grupo também; no final, **todos ganham juntos**.

É relevante destacar que as crianças foram grandes responsáveis na formação de um elo entre jovens e idosos, uma vez que a necessidade de segurança e apoio por parte delas era percebida pelos idosos. Esse contato positivo sensibilizou os jovens, e o **trabalho cooperativo**

³⁷ Verificar a página 69 desta dissertação

estimulou-lhes a participação em forma de colaboração e de apoio o que constituiu um elemento intermediário de apoio e segurança entre os idosos e as crianças.

Para a professora, o desequilíbrio inicial das relações entre os jovens e alguns idosos foi um detonador para a busca de novas formas de trabalho, focado na **interdependência positiva** entre os envolvidos. Após alguns exercícios, percebeu-se uma **negociação constante** nas trocas de idéias; todos falaram; todos foram ouvidos e suas colocações também foram valorizados, quando ocorreram, assim, os **ajustes nas relações**. O respeito e o acolhimento das reivindicações por parte da professora contribuíram para o resultado individual de cada um; a mudança de estratégia favoreceu a mudança de conceitos e estimulou a importância de cada um tanto para o grupo quanto para a apresentação. Pressupõe-se que, no entendimento da professora, Elenice estivesse com razão e que, realmente, era preciso mudar a forma de trabalho.

[...] teve esse choque, uma parte queria desistir mesmo alguns da 3ª idade, [...] aí que eu comecei usar algumas dinâmicas de grupo que foi a coisa da, da lâ, da integração, aí foi que eu peguei no sentimento de cada um assim, tentei pegar no lado sentimental e trabalhei muito valores com eles, coisas que a gente faz com as crianças lá traz quando ela é pequenina, que você vai trabalhando valores e isso vai refleti lá na frente, aí fui trabalhando. O pessoal da 3ª idade tem isso muito forte, [...] antigamente era trabalhado com muita intensidade essa coisa [...] de valores de resgate de amizade, de fidelidade, pelo menos é o que eu percebo assim.

(profª Adriana, 30 anos)

Nessa declaração, o trecho: “*O pessoal da 3ª idade tem isso muito forte, [...] antigamente era trabalhado com muita intensidade essa coisa*”, a professora sinaliza seu alto grau de sensibilidade ao resgatar o que foi há alguns anos atrás e que, ao mesmo tempo, não é o dela. Ao considerar essas necessidades, esses interesses, as experiências e os sentimentos desses idosos, a professora teve a oportunidade de aprender a comprometer-se nas escolhas das atividades, de interagir com tato, ter capacidade de “interpretar” uma situação do grupo e mudar a estratégia, consideradas habilidades úteis no estabelecimento de relações positivas. De acordo com Bishop; Jubala; Stainback & Stainback (1999, p. 195), essas habilidades estão na sensibilidade do profissional em perceber o problema e buscar novas estratégias e soluções, o qual os participantes se sintam acolhidos e incluídos na atividade. Numa **aprendizagem cooperativa**, as soluções de um problema ou conflito acontecem quando se potencializa a **cooperação**, isto é, quando há difusão de responsabilidades e **interdependência positiva**, a qual permita **negociação** e acordo

entre as partes envolvidas, o que faz com que o sucesso de cada um esteja ligado ao restante do grupo e vice-versa e, certamente, enriquece o convívio e o vínculo intergeracional.

A se partir da condição de que ensinar é viver em transformações consigo próprio e com os outros, a contribuição da **cooperação** se mostra eficiente para aproximar as gerações. Nesse sentido, estimula também a experimentação de novas alternativas que mostram ser possível existirem outros caminhos que quebram as barreiras e as diferenças entre as pessoas do grupo. Dessa forma, essas vias de aprendizagem podem ser incorporadas, de maneira espontânea e autêntica, com a devida importância de ser e estar na convivência com os outros, seja qual for a idade.

Em relação ao restante do grupo, alguns idosos que saíram da oficina não revelaram disposição para superar essa fase inicial de interação. Logo após a saída, foram entrevistados e disseram que tinham outros compromissos, ou tinham perdido a carona para virem às oficinas, ou porque não conseguiam decorar o texto. Passado algum tempo, numa conversa informal na lanchonete, uma delas comentou sua indisposição para continuar o teatro, pois tinha preferência por grupos mais segmentados, isto é, mais próximos da sua faixa etária. Essa declaração ocorreu, talvez, por esquecimento do que havia falado na entrevista anterior ou por se sentir mais segura para falar um detalhe que despertou a atenção da investigadora quanto às respostas imediatas de um acontecimento recém investigado. Ainda um terceiro grupo de idosos aceitou, facilmente, todas as propostas de exercícios e jogos teatrais, disponibilizando-se com prazer a jogar, atuar, improvisar com as gerações mais novas e desde o início, estavam sempre dispostos a ensinar e ajudar:

[...] no meu modo de avaliar, eu...eu...eu não vi ninguém com preconceito porque para mim está tudo bem, eu chego lá faço, e... [...] me dou bem no meio de jovens, adultos e velhos, não tenho problema.

(Sr. Machado, 63 anos)

Através das observações diretas anotadas no diário de campo, pôde-se analisar Rafael, cujos comportamentos e atitudes não deram indícios de preconceitos, visto que dificilmente faltava aos ensaios, cumpria a tarefa de decorar os textos, era participativo nas atividades, colaborava, ajudou a montar os cenários e as fantasias junto com os idosos, acatava-lhes as idéias

e os conselhos com respeito e permaneceu a maior parte do tempo junto ao grupo, principalmente, com o Sr. Machado, parceiro de muitas cenas no dia das apresentações:

Entrevistador: *O que você achou de trabalhar com os idosos?*

Eu gosto porque tipo, eles conhecem um monte de coisa que eu não conheço e por eu ser mais novo e eu conheço um monte de coisa que eles não conhecem por não ser da época deles.

(Rafael, 12 anos)

Depois do término da oficina, encontrou-se, várias vezes, o Rafael conversando com o Sr. Machado nas dependências do Sesc, até mesmo, lanchando juntos.

Nas observações da pesquisadora conclui-se que, para que ocorra a transformação e/ou aprimoramento das relações, é necessário haver uma devida importância de acolher e de valorizar as atitudes e os comportamentos mais humanos, de modo que se possa desenvolver e aperfeiçoar a capacidade de conviverem juntos, uma vez que a **interação** e a **reflexão** sobre as “diferenças” e o **respeito mútuo** configuram as **relações igualitárias**.

Diante da dúvida de preconceito ou conflito, quando a professora pediu colaboração da pesquisadora, baseada em suas impressões através das entrevistas e observações diretas anotadas no diário de campo até então, configurou-se a participação direta da pesquisadora como colaboradora de estratégias em novas propostas de interação. Naquele momento, trabalharam juntas no esforço de recuperar a **interação** entre as gerações, e as atividades tinham como base atividades cooperativas a fim de resgatar o **respeito** e a **solidariedade**. Havia momentos em que era possível auxiliar o grupo de alguma forma, seja na distribuição de tarefas durante as oficinas, ou na providência de material como xerox de texto e, até mesmo, na preparação das apresentações junto com os atores.

Como sempre se percebiam muita descontração e comunicação do grupo intergeracional nos finais das oficinas, escolheu-se, de preferência, realizar todas as entrevistas logo após o término da oficina, com a finalidade de analisar as interações recém-acontecidas. Talvez pela descontração da atividade, não houve dificuldade para realizar as entrevistas. Houve, sim, problemas no retorno dos termos de consentimento assinados pelos responsáveis dos menores, que sempre caíam no esquecimento. Em alguns casos, foi necessário ir até a residência dos

infantes buscá-los, autorizados e assinados. As respostas foram claras nos depoimentos, percebidas através do tom e posicionamento extrovertido de suas falas e nas expressões de sentimentos seja de rejeição, aceitação, aprendizagem e trocas mútuas.

De acordo com a literatura levantada, esperava-se que o preconceito viesse do grupo dos jovens, no entanto, para surpresa da pesquisadora, nos relatos iniciais dos idosos, constatou-se que alguns se identificam melhor com pessoas da sua faixa etária e mais próximas formando tribos, guetos etc., assim como acontece com os jovens, como, por exemplo, além das participantes idosas que saíram do grupo quando revelaram sua preferência por faixa etária mais próxima; Odete e Elenice, também, no primeiro depoimento, sentiam-se melhor ao fazer teatro com grupo apenas da sua idade. Para (MINAYO, 1994, p.64) “*O que atrai na produção do conhecimento é a existência do desconhecido, é o sentido da novidade e o confronto com o que nos é estranho*”.

Em uma atividade como essa, quando não se tem uma metodologia previamente estabelecida, faz-se necessário a reorganização da dinâmica da atividade de acordo com as necessidades do grupo. Portanto, avaliar e fornecer um *feed-back* permite refletir sobre os pontos positivos e negativos, assim como as falhas, e repensar na organização de um método eficiente para aproximar as diferentes gerações. Nessa fase da pesquisa, a pesquisadora pôde aplicar os estudos que já vinha desenvolvendo sobre **aprendizagem cooperativa** como forma de **inclusão** em **atividades intergeracionais**, discutida no Capítulo II.

4.3.1.1 As categorias

Investigar as imagens, sentidos e significados que as gerações mais novas (crianças e jovens) atribuem aos idosos

As gerações mais novas se referem aos idosos as perdas biológicas, mencionam que têm os ossos mais fracos que as pessoas mais novas, uma das crianças chegaram dar como exemplo uma das participantes idosa que quebrou o braço recentemente num tombo; também se referem

ao volume de remédios que eles tomam para as dores no corpo e sabem que estas dores são provocadas por artroses, artrites reumatismos.

*[...] uma pessoa um pouco mais frágil... Que nem a senhora B..., os ossos das pessoas assim, são mais gastos, mais, mais frágeis (B... é uma das idosas integrantes do grupo de teatro que recentemente fraturou o braço num tombo).
[pensa um pouco], tem um pouco mais de cabelos brancos, pressão alta essas coisas, que tem problemas de joelhos e toma bastante remédio.*

(Danilo, 10 anos)

Para uma criança de 10 anos, que tem esse tipo de imagem dos mais velhos, por mais que para ela isso ainda não seja um preconceito, a oportunidade que a atividade intergeracional oferece é de re-elaborar os conceitos antes que o preconceito fique inserido na sua consciência quando ele se tornar um adulto, o que resultaria em conflito social. Por isso o desafio é a aproximação de gerações, a interação entre gerações, a co-educação entre gerações, no qual se trava uma luta por desenvolver relacionamentos respeitosos, de apoio mútuo nos problemas da vida, de modo que os benefícios da **cooperação**, no sentido da **inclusão** e do acolhimento, passam atingir a todos, participantes, professores, coordenadores e a sociedade.

Mas outros também se referem como pessoas que sabem conviver com as diferenças, para elas os idosos são portadoras de muito conhecimento sobre a vida e que podem ajudá-los com tal sabedoria.

Olha eu acho essa diferença de idade muito boa para se trabalhar, porque você pode interagir com essas pessoas, sabe como essas pessoas vive, ver as diferenças, sabe conviver com essas diferenças, aprender um pouco tanto com os mais novos quanto com os mais velhos, eu que estou ali na adolescência, na metade.

E... você aprende muito com eles o jeito deles muito engraçado, sabe, e é diferente porque tanto que já passei pela idade de criança, um dia sabe que eu vou chegar nos mais velhos e aprendendo um pouquinho com eles.

[sobre a paciência na relação com idosos da sua família] [...] eu sempre procuro pensar sabe que eu tenho que... [ter paciência] que um dia eu também vou ficar velha!

(Júlia, 15 anos)

Além da falta de paciência, mencionaram também que sentem falta de compreensão por parte dos idosos da família quanto as suas escolhas, o modo de se vestirem e de falarem, mas ao

mesmo tempo os reconhecem como importantes, lhes dão apoio, conselhos, segurança e educação. São atitudes que podem ser valorizadas numa atividade e repassadas para o grupo como exemplo intergeracional, promovendo **relações igualitárias** onde as diferenças são aceitas e respeitadas.

Investigar as imagens, sentidos e significados que os idosos atribuem às gerações mais novas

As gerações mais velhas, num primeiro olhar, atribuem os jovens como “os diferentes”, rebeldes, resistentes aos conselhos dos mais velhos. São retratados como pessoas dependentes da orientação dos pais, de cuidados para não se envolverem em aventuras perigosas.

O mundo dos jovens não é o mundo de adultos, eles têm um modo de pensar diferente, um modo de falar diferente, um modo de se vestir diferente. [...] eles não aceitam por exemplo, coisas antigas, você dá um conselho para o jovem ele num vai aceitar, ele acha que está na dele! É questão de idade, de tempo, de época. Então o jovem em si não é ruim, uma vez que haja uma pessoa que possa direcionar para coisas boas.

(Sr. Machado, 63 anos)

Esta colocação, no trecho: “*O mundo dos jovens não é o mundo de adultos, eles têm um modo de pensar diferente, um modo de falar diferente, um modo de se vestir diferente*”. nos permite inferir sobre a forma como é percebida a segregação etária e as perdas nas relações intergeracionais, visto que os valores de cada geração são contraditórios, como mencionado por Moragas (1997 e 2004), Ferrigno (2003) entre outros. A declaração acima deixou claro que o separado não é igual, reforça a mentalidade de que são “nós adultos” contra “eles jovens”. Estas falas vão exatamente ao encontro da idéia de Moragas (1997, p. 99) em que a oposição de valores concentra-se em aspectos externos e formais – roupas, músicas, mais do que na essência de valores. Tal fato contribui para aumentar a desigualdade social e cultural das gerações e deixar de aprender e valorizar as coisas que os unem.

Na última entrevista percebemos a reformulação dos conceitos de algumas senhoras que comentam a discriminação percebida em razão da idade pelos mais jovens (reflexo de como a sociedade os vêem, improdutivos, que se apóia na tecnologia, na estética, e em novos modelos de

família e de costumes), mas no decorrer das atividades percebem (na última entrevista) que um foi mal entendido. No nosso entender não foi um mal entendido e sim mudanças de atitudes e atribuições em relação à outra geração, influenciadas intencionalmente pelo trabalho de aproximar as gerações.

Observar nas interações em grupos intergeracionais: contato físico, a disponibilidade para trocar e escutar depoimentos, de colaborar e cooperar nas atividades, assim como manifestações de laços afetivos

Os exercícios preparatórios foram baseados em improvisação, portanto, muita criatividade e memorização com textos que continham temas referentes para todas as idades como: gravidez precoce, preconceito, abandono de crianças e idosos. Cada texto havia um pequeno debate sobre tema, um momento de trocas e **compartilhamento de idéias** e opiniões, no qual todos falavam, todos eram ouvidos; tais exercícios além de trabalhar a identificação dos participantes com um personagem do texto, também foi um tipo de interação que desenvolveu a perspectiva do outro, isto é, em considerar as necessidades, os sentimentos e interesses dos participantes, os quais os ajudaram a serem apreciados como amigos, momento em que confere a **reciprocidade** - “colocar-se na posição do outro podem melhorar os relacionamentos” (BISHOP; JUBALA; STAINBACK & SATINBACK, 1999, p. 194-195). Nesta ocasião foi perguntado o que uma geração acha da convivência com a outra nesta oficina, obtivemos:

Não adianta conviver só com pessoas de 10 anos, 11 anos 12 anos..., [...] eu só vou estar com crianças, eu gosto também de conviver com pessoas maiores também... podendo passar... (pausa, elaborando uma idéia), podendo passar um pouco de mim para elas e um pouco delas para mim, para poder aprender entendeu? Acho até legal!
[...] você aprende muito com eles o jeito deles muito engraçado, sabe...

(Danilo, 10 anos)

[...] eu acho até mais legal, porque sempre estamos com as pessoas da mesma idade que estão sempre fazendo a mesma coisa que você, vão para os mesmos lugares, agora quando juntam várias idades já tem uma variação.

(Júlia, 15 anos)

[...] acho até mais legal porque dá para trocar bastante idéia, com o pessoal da 3ª idade e com um pessoal mais novo que eu, é bem legal.

(Rafael, 12 anos)

A **interação cooperativa** fez parte de todo o processo da oficina, cada atividade tinha um exercício de **cooperação** e sensibilização. O conflito inicial quanto ao preconceito foi superado (comentado no item anterior) e a maximização da **interação cooperativa** aconteceu durante os preparativos para a apresentação, na decoração do palco, no camarim um ajudou o outro nas roupas e nas maquiagens, nos contatos físicos foram percebidos ajuda e apoio mútuo; todos se beneficiaram do papel de ajudar os colegas. Essas habilidades são componentes em potencial da **interdependência positiva** e podem ser valiosas no desenvolvimento das relações intergeracionais saudáveis. De acordo com Stainback & Stainback (1999) entre os benefícios da **inclusão** *estão a descoberta de pontos em comum com pessoas que parecem e agem de maneira diferente* (p. 53), incluindo a superação do medo das diferenças e o desenvolvimento de **habilidades cooperativas** na resolução dos problemas da segregação etária e as conseqüentes perdas nas relações entre as gerações. Em nossas observações, a construção de um grupo intergeracional começa quando as pessoas das diversas gerações se encontram face a face, descobrem uma à outra e começam adaptar-se e afeiçoar-se reciprocamente.

Descrever e analisar como os participantes dos diferentes grupos etários formulam (nos primeiros encontros) e reformulam (no decorrer das atividades) o conceito da outra geração

O processo descrito no item anterior foi um detonador de mudanças e re-elaboração de conceito da outra geração, nas últimas entrevistas constatou-se que a interação de forma cooperativa desenvolve o compartilhar de várias formas e faz descobrir identificações:

Aprendi ter mais compreensão com algumas pessoas que são pequenas e com adultos, porque eu sou uma pessoa que não tenho muita paciência. Mas aí eu aprendi com essas pessoas, não só com os idosos, mas também com as crianças e gente da minha idade a ter paciência, porque não é com todos que eu tenho, me dá uma..... [vontade] de explodir, então essa foi a experiência que eu tive com essas pessoas super legais o que eu tirei deles foi isso.

Entrevistadora: *E você conseguiu levar isso para sua vida particular, fora do teatro? Consegui. Consegui ter mais compreensão.*

Entrevistadora: *Dá um exemplo.*

[...] em casa, com a minha mãe, com o meu pai, com toda a família, tenho mais compreensão assim sabe? Antes eu mais falava do que ouvia as pessoas, agora ouço mais elas... É que eu falo bastante, mas na hora de ouvir a pessoa falar eu não queria entender?! Então eu aprendi isso também, foi legal!
(Júlia, 15 anos)

O recorte dessa entrevista ilustra a tomada de consciência sobre o outro que não é da sua geração, tanto para os mais novos quanto para os mais velhos. Neste caso podemos entender a atividade como meio da educação não formal que acontece em contato com as afinidades e divergências; potencialidades e fraquezas das pessoas que moldam o crescimento através da tomada de consciência e transformação de velhas formas de pensar de cada um. A atividade parece oferecer recursos para a educação na medida em que os participantes se unem para construir objetivos em comum de forma sustentar o objetivo final. Para essa garota foi necessário renegociar seus limites, relacionamentos e estruturas familiares.

Quando foi retomada a investigação sobre o preconceito, Odete reconhece o mal entendido, pois observou durante as atividades o comportamento de Rafael e a participação dele de forma igual com todos. Durante o lanche entre uma apresentação e outra, foi feita a última entrevista e obteve-se a seguinte resposta:

Eu acho que foi mais mal entendido, na hora, eu achei que era preconceito, como eu falei para você (na entrevista anterior), mas depois com o decorrer do tempo e pelo jeito dele, não. Foi mais má impressão que eu tive, assim de ter falado uma coisa e a gente ter entendido outra, porque ele foi um menino legal, trabalhamos juntos, era companheiro, chegava e me abraçava sempre, me beijava, a mim e a todos os outros também, [...] eu sei que logo nós ficamos bastante amigos e... terminamos muito bem, num teve mais atrito nenhum.



Ilustração 4: Cena teatral

(Odete, 60 anos)

A fala: “..trabalhamos juntos, era companheiro, chegava e me abraçava sempre, me beijava, a mim e a todos os outros também...” pressupõe que, além do mal entendido, a proposta com **atividades cooperativas** para intensificar a **interação**, foi oportuna. Pôde-se perceber que os idosos, que sentiram falta de respeito por parte dos jovens, tiveram não só oportunidades de aproximação com as gerações mais novas, mas também entenderam melhor a forma de ser, de

pensar e de sentir delas, o que lhes propiciou o respeito mútuo ao perceber mais tolerância e compreensão com os jovens.

Numa conversa informal, Elenice declarou para algumas colegas que conseguiu alcançar seus objetivos iniciais, pois se sentia muito só, tímida e com dificuldades de expor suas idéias quando estava com grupo de amigos, com os familiares e de se aproximar dos jovens:

Hoje tenho mais facilidade de conversar, me sinto menos tímida e mais segura de me expor. [...] Se tivesse com grupo de apenas idosos não teria aprendido lidar principalmente com os adolescentes, agora me sinto bem melhor conversando com todos, a minha família também percebeu esta mudança.

(Elenice, 54 anos)

Embora as atividades intergeracionais sejam espaços de interações de diversas formas, não são apenas as habilidades e competências sociais que se desenvolvem, Nelas “*as pessoas podem tomar consciência dos seus traços mais individuais, dos seus medos, do que acha que deve ser guardado como segredo, dos sentimentos mais ocultos, que podem ou não ser compartilhados, de suas preferências, de seus gostos, de sua função e do seu papel dentro e fora dele*” (SILVEIRA, 2002)³⁸.

Concordando com a autora acima, as reformulações de conceitos acontecem na tomada de consciência, ao enfrentar os próprios pontos de vista desajustados, para isto é necessário coragem e humildade para buscar o caminho de reorganização destes pontos de vista, entre o “eu” e o “outro” ou o “eu” e o “nós”, o que renova o **sentido** e o **significado** de suas relações sociais, principalmente com a outra geração.

4.3.1.2 Observação parcial

Investigar o impacto da atividade teatro05 nas possíveis reformulações de conceitos

Acreditamos não ser necessário começar com grupos separados (A e B), pois isto realça a “diferença” entre as gerações quando os grupos se unem. Além disso, o tempo é de um mês sem trabalhar a convivência entre eles; talvez se os dois grupos estivessem juntos desde o início em

³⁸ Disponível em www.unati.uerj.br/tse/scielo, acesso em: 26/06/2004

tratamento de igualdade, não haveria o conflito inicial. Mas, no caso, a sensibilidade da professora recuperou a força da **interação cooperativa** e trouxe resultados positivos.

Observamos que o teatro é um meio rico, diverso e fácil de ser trabalhado com todas as faixas etárias. Depois da intervenção **interativa baseada na cooperação** a convivência intergeracional tornou-se significativa para aproximar as gerações, as trocas de idéias, opiniões e experiências revelaram que houve existência de **interesses comuns** entre as gerações e uma repercussão intensa na mudança de conceitos sobre o “diferente” para todas as gerações. Os idosos sentiram-se aceitos e valorizados pelos mais jovens; os jovens por sua vez, declararam ter aprendido com os idosos muitos valores éticos fundamentais para melhorar a qualidade das relações na família e com os amigos.

[...] e tornamos assim... grandes amigos, até agora (alguns momentos atrás) encontrei um deles aí e a gente continua assim... quando se encontra na rua vem abraçar a gente: (exclama) oi que legal te vê! Então eu achei que é uma questão de convivência, porque mesmo nós adultos, com um pouco mais de eficiência para conversar, para entender e para escutar, as vezes entre nós de 60/70 (anos), as vezes há um pouco de atrito; então eu acho que a gente tem que conviver, com jovem, com a criança, com adolescente e o idoso; a gente trabalhando junto e um tentando compreender o outro, (mudou de frase); eu achei que terminou muito bom mesmo, foi gratificante.

(Odete, 60 anos)

De acordo com a escala de níveis de interação proposta pelo documento do Sesc³⁹, a oficina se caracterizou como nível três, todos cumpriram uma parcela de **participação cooperativa** significativa. Com o tempo, conforme o propósito da professora, os ensaios proporcionaram contatos mais próximos e bem diversificados; a dinâmica de trabalho trouxe contribuições valiosas para soluções de conflitos e criar situações para os participantes desenvolverem potencialidades e habilidades intergeracionais.

Acho que foi suficiente para aprender lidar com pessoas mais velhas, é... eu consegui aprender bem, sabe, o que eu não sabia consegui. Não vejo ninguém que não conseguiu lidar com o grupo e acho que foi uma harmonia boa, principalmente no final, todo mundo já estava acostumado.

(Júlia, 15 anos)

Com efeito, a **interdependência positiva** e o **respeito ao outro**, quesitos fundamentais para o trabalho em equipe, somados à aquisição de uma nova linguagem para a expressão de

³⁹ Verificar a página 69 desta dissertação

idéias e sentimentos que a prática artística proporcionou, revolucionou o grupo, a convivência se tornou harmoniosa. Portanto, tanto os idosos quanto as gerações mais novas mudaram, radicalmente, a maneira de se perceberem, de enxergarem o mundo e, como consequência, houve um desenvolvimento das relações interpessoais as quais têm como base, a **igualdade** e o **respeito às diferenças**, num processo que acontece de forma prazerosa e **recíproca**.

4.3.2 Quarta atividade analisada: Oficina de Teatro 2006

Enquanto a oficina de teatro 2005 durou três meses, a de 2006 durou seis meses, portanto foi possível realizar duas apresentações com temas diferentes: uma, no final de junho e outra, no início de setembro. Nesse grupo intergeracional estavam os participantes da oficina anterior: Odete, Sr. Machado e Júlia, a proporção de jovens foi maior do que as outras gerações. Nesta oficina, o professor não era o mesmo da oficina anterior, foram usados os mesmos critérios de trabalho da anterior: primeiro, em dois grupos separados (A e B), e depois de dois meses, uniram-se. A oficina iniciou com 18 participantes, entre eles, Sr. Machado o único homem idoso, Odete, Elenice e Júlia; apenas Odete e Júlia permaneceram até o final; foram escolhidos 11 participantes para entrevistas, observe no quadro abaixo:

Quadro 8: Participantes teatro06

	Adultos e Idosos		Jovens	
	Homem	Mulheres	Moços	Moças
Participantes*	1	4	3	3
Faixa etária	63 anos	60 a 66 anos	14 a 21 anos	15 anos
Entrevistas	2	6	4	2

*Inclusive o professor

No primeiro encontro, o professor falou para os grupos sobre os objetivos do teatro:

Deve ser uma oportunidade de estabelecer uma convivência boa e a projeção que fazemos no outro, ao se juntar e fazer algo junto vai na contra-mão de um mundo competitivo lá fora e que todos têm razão. Vamos nos valorizarmos como pessoas, que afinal de contas é só o que a gente tem; exercitar a tolerância, e na experiência da convivência... a auto-descoberta. (Diário de campo: 28/03/2006)

(prof. Murilo, 40 anos)

Em sua explanação não deixou claro que, futuramente, seria um grupo intergeracional, mas é interessante observar que, em nenhum momento, ele falou sobre as idades, gerações, o grupo “A” e o grupo “B” e, sim, condutas que valem para todos, de todas as faixas etárias, sem preconceitos e sem segmentações. No início as dinâmicas foram mais fortes que a oficina anterior, os exercícios de preparação corporal e musical foram intensamente dirigidos com danças e ritmos brasileiros e movimentos corporais de soltar o corpo no chão, levantar e agachar. Observava que os idosos e, até mesmo, os adultos com limitações físicas, principalmente, nos joelhos, não acompanhavam tais dinâmicas. Não houve tanto contato físico, tempo para troca de idéias e reflexão em relação à oficina de teatro/05; o ritmo e a intensidade, no início, assustaram um pouco os idosos. Durante o processo foi percebido que os alunos que iam ingressando não tinham as mesmas informações iniciais sobre o objetivo, o procedimento e a intergeracionalidade, estas pessoas tinham poucas informações sobre as características dos dois grupos. O grupo “A” percebe que o grupo “B” é composto de jovens e crianças, mas o contrário, não.

Completados dois meses de atividades, os grupos se uniram e o tempo de duração passou de uma hora e meia para três horas. No primeiro encontro, muitos idosos, ou por cansaço, ou por dificuldades de acompanhar, não ficavam até o final da oficina. Da mesma maneira, nas próximas oficinas, ocorreu o mesmo critério, alguns idosos não voltaram mais na oficina de teatro, as atividades prevaleciam para os mais os jovens do que para os idosos. Outros idosos que permaneceram assim como as gerações mais novas ambas sentiam-se muito bem ao realizarem as atividades propostas. Nas oficinas seguintes, os exercícios corporais que exigiam empenho físico foram se equilibrando e dando lugar a outras atividades onde todos puderam participar de forma mais uniforme, harmoniosa e tranquila.

Observou-se a forma de atenção que o professor dava quanto às sugestões e reivindicações dos participantes; quando era homogêneo o grupo crescia, todos se sentiam valorizados, unidos e coesos. Em alguns momentos, não aconteceu o mesmo, pois nos momentos em que havia algumas atitudes, colocações de idéias e trocas de experiências de um dos participantes consideradas como “inconvenientes” pelo grupo, o que provocou, por parte de alguns, rejeição, preconceito e exclusão. Numa **metodologia inclusiva**, neste caso onde a preocupação maior é o combate ao preconceito, todas as atitudes e colocações são acolhidas e respeitadas, a ética deve estar em todas as atitudes do professor com uma visão e um propósito firme de estabelecer relações igualitárias a todos, principalmente quando surgirem desafios. No

caso de inconveniências, a metodologia de **aprendizagem cooperativa** contempla a maximização das **oportunidades de igualdade na interação**; os papéis desempenhados na atividade são relativamente semelhantes ou têm um nível equivalente de responsabilidade. As habilidades necessárias para o desenvolvimento social do grupo (a comunicação apropriada, a resolução de conflitos, participação e aceitação dos outros) devem ser ensinadas pelo professor para que possam ser aplicadas na vida prática; todas as **ações conjuntas** de sucesso devem ser comentadas e valorizadas para que, dessa forma a assimetria das relações possa ser compensada (MONERO & GISBERT, p.15), procedimento este que se aplica num processo de co-educação⁴⁰.

Na montagem da primeira peça, o tema central era sobre os maus tratos a animais, escolhido e elaborado pelo grupo. Alguns diálogos do texto favoreceram a intergeracionalidade, quando crianças e idosos, adolescentes e idosos formaram o conjunto das falas. Nos ensaios, percebiam-se os idosos ajudando as crianças que não sabiam ler e memorizarem suas falas. Observava-se a dificuldade de aproximação do Sr. Machado com seu par (menina de 6 anos). O personagem dele era uma arara, então, um dia ele foi até o bosque gravar como ela canta e, no ensaio, mostrou a gravação para seu par, mas ela não se mostrou disposta a ensaiar com ele; pois, toda vez em que ele se aproximava; ela, timidamente, afastava-se, o que não representava preconceito, visto que tivesse o mesmo comportamento com os outros adultos, e a tentativa de aproximação do Sr. Machado era infeliz.

Além dos ensaios, a criação e a confecção das fantasias pelos alunos foi outra oportunidade de aproximação e diálogo; o Sesc deu todo o material. Edivaldo não quis participar dos ensaios, mas fez a fantasia de arara do Sr. Machado. Enquanto este esteve do lado de Edivaldo, muitas vezes, iniciou um bate-papo e nenhum deles progrediu. Naquele dia, o Sr. Machado resolveu estudar inglês, isolou-se do grupo e aproximava apenas para os ensaios. Quando a atividade ficava livre, não se observavam muitas **interações** entre as gerações; quando tal acontecia, eram sempre Odete e Delminda que se interagiam; formavam-se pequenos grupos de jovens, de idosos, e as crianças ficavam transitando. O deslocamento de um grupo para o outro era muito rápido, e não chegavam a desenvolver um diálogo duradouro.

Entretanto, no dia da apresentação puderam-se perceber formas de **interações** intensas, isto é, a ajuda do outro, no trabalho próprio de criação plástica para confecção de cenário e figurino, na arrumação da ordem dos materiais que foram usados em cena; no aquecimento, nas

⁴⁰ Verificar a página 68 desta dissertação

massagens nos camarins, na preparação dos atores, nas maquiagens, na colocação e nas trocas do figurino. Assim como os idosos apoiaram as crianças na preparação dos atores do teatro anterior, o mesmo fato foi percebido nesta oficina. Edivaldo não quis participar da encenação, não gostou do tema, mas atuou como assistente de som e luz. Dois dos participantes considerados como “inconvenientes” pelo grupo também não participaram; nos ensaios, um deles sentia-se inseguro, não se lembrava do texto, assim, resolveu não participar, mas ajudou na decoração do palco; o outro com quem os companheiros faziam brincadeiras, nos ensaios anteriores, devido o seu personagem, numa conversa informal, declarou que se sentiu ofendido e não compareceu no dia da apresentação, não voltou mais.

A apresentação denominou-se “Exercício Cênico”, o que descaracterizou uma performance teatral, com sessão única e gratuita. A divulgação foi feita pelo Sesc para os frequentadores da unidade, amigos e familiares dos participantes. Cada momento potencializou os fatores que determinaram o **trabalho cooperativo**, as condições de transformação foram sendo criadas mediante diversas formas de **cooperação** classificadas de acordo com o roteiro de observação. A **interdependência positiva** aconteceu para aqueles que estavam imbuídos de motivação, a emoção e o desafio de encenar maximizou as oportunidades de **interação cooperativa** concretizadas num **objetivo comum** e transformou o grupo em equipe. A encenação foi filmada por um assistente de gravação, foi passada para a equipe teatral assistir e avaliá-la junto ao professor. Nos comentários, o professor e os participantes focaram-se apenas no produto final, na encenação, nas falhas, nos detalhes técnicos, nos sucessos e no que podia ser melhorado. Embora o crescimento social da equipe tenha acontecido, a avaliação revelou que os participantes não tiveram consciência do objetivo principal das oficinas “o processo”, assim como a coordenadora disse, de criar oportunidades para fazer amizades e exercitar a convivência harmoniosa entre os diferentes.

À medida que o grupo crescia e se enriquecia, Sr. Machado, cada vez mais, sem oportunidades, isolava-se, seu comportamento foi diferente da oficina anterior (teatro05) onde era mais participativo e comunicativo, logo após a primeira apresentação não compareceu nas duas oficinas seguintes. Mediante a observação do não pertencimento ao grupo, foi procurado para que se investigasse sua ausência:

Agora comecei fazer um tratamento da catarata na Unicamp e não posso ir mais ao teatro porque coincide com o horário do teatro, você pode transmitir o recado ao professor?!

(Machado, 63 anos)

As observações feitas anteriormente e o tempo de contato com ele (6 anos), não fizeram com que se sentissem seguros em seus argumentos. Ele sempre foi muito explicativo, detalhista em suas idéias, porém, naquela investigação, gaguejou muito, foi breve e falou olhando o tempo todo no jornal. Achou-se melhor respeitá-lo, talvez, esperar um momento mais oportuno de confiança para continuar a investigação.

O Sr. Machado sempre estava na lanchonete lendo jornal, faziam-se breves contatos informais no horário do almoço, procurava-se sentir sua confiança nos contatos para que houvesse reaproximação e retomada da entrevista. Um dia, ele se aproximou e convidei-o para almoçar. A princípio, a conversa não tinha como objetivo a investigação, mas, por iniciativa dele, o assunto do teatro surgiu. Naquele momento, revelou a verdadeira causa da sua saída do grupo. Apesar de o tratamento da catarata ser real, disse que tinha dificuldades para acompanhar as atividades, principalmente, por não conseguir elevar seu tom de voz, portanto, achou que “exigia-se algo” que não era possível para ele, chegou a declarar que as oficinas estavam mais direcionadas para os jovens. A omissão e o fato de achar que as atividades eram mais para os jovens eram opiniões idênticas às da oficina anterior, quando os idosos que saíram, também não falaram, de imediato, a real causa da saída; depois de um tempo, não tiveram receio de contar o verdadeiro motivo.

É fundamental destacar a importância da percepção do pesquisador, em relação aos fatos negativos recém-acontecidos, numa investigação com entrevistas. Ao investigar, é necessário perceber, nas respostas imediatas, elementos de linguagem que decifram omissão os quais geram desconfiança do pesquisador. Também é necessário muito cuidado na reaproximação do pesquisador com o sujeito para uma nova investigação. Nas observações das declarações informais dos participantes tanto no grupo de teatro anterior (2005), quanto do Sr. Machado, não existiam formalidades de entrevista, o gravador e o caderno de anotação. Naquele momento, além de ter permitido que ele falasse quanto ao seu posicionamento e tê-lo escutado, o contato, aparentemente deixou de ser uma investigação, e, sim, uma conversa informal na qual depositou confiança para relatar a verdadeira causa da saída do grupo. Para Lüdke & André (1986):

Há toda uma gama de gestos, expressões, entonações, sinais não-verbais, hesitações, alterações de ritmos, enfim, toda uma comunicação não verbal, cuja captação é muito importante para a compreensão e a validação do que efetivamente foi dito. [...] é preciso analisar e interpretar esse discurso à luz de toda aquela linguagem mais geral e depois confrontá-lo com outras informações da pesquisa e dados sobre o informante (p.36).

A *comunicação não verbal*, também é considerada por Minayo (1997, pág. 61) um fator fundamental no procedimento metodológico a confiança e aceitação do pesquisador, na convivência com o grupo. Para a autora, esse interagir entre pesquisador e pesquisado, que não se limita apenas às entrevistas, é importante para compreender até que ponto o pesquisador pode estar na convivência do grupo, assim como preservar suas limitações: *Essas considerações baseiam-se no pressuposto de que os entrevistados não são ingênuos expectadores, nem subjetividades ao acaso ou atores não-críticos (p.62).*

Recomeçam as atividades, por ser o mês de férias (julho/2006), e muitos participantes adolescentes não retornaram. Os exercícios continuaram os mesmos, mas com uma outra proposta para a encenação seguinte; o tema central foi o tempo: do trabalho, da vovó, do consumismo, do namoro. A equipe foi dividida em vários blocos de apresentação e, na composição de cada um, as gerações ficaram segmentadas apenas no momento inicial, e, no final todos começaram e terminaram juntos. O texto foi considerado pelos idosos mais complexos que o anterior, e os comentários: *“um pouco difícil de memorizar”*. Apesar dessas observações, o grupo gostou da proposta; os idosos desafiaram e superaram a dificuldade de trabalhar com o texto.

A segunda apresentação foi feita em duas sessões: uma à tarde e outra, à noite. O Sesc fez a divulgação, e a entrada foi gratuita. Os preparativos da apresentação potencializaram a integração, a começar pela montagem cênica do palco. Nos camarins, o clima foi de muitas brincadeiras e descontração durante as maquiagens e a arrumação dos figurinos. Mas os jovens não acolhiam todos os participantes. Durante os últimos ensaios, assim como na encenação anterior, Adilson teve muitas dificuldades, pois, no momento da sua fala, dava-lhe “branco” novamente, percebia insegurança, mas fazia esforço muito grande para superar. Nem todos adolescentes do grupo tinham paciência com ele, uma vez que atrasava a dinâmica dos ensaios, a atitude de alguns contaminou outros; a declaração abaixo ilustra esta observação:

Entrevistadora: *hoje você perdeu a paciência?*

Ah! Hoje eu estorei, falei ah... que brincadeira idiota no meio do ensaio, sabe, sabendo que a peça vai ser amanhã e fica com brincadeira no meio da peça para tirar atenção dos atores e eu não concordo com isso, acho que tem que se concentrar para tentar fazer o melhor possível porque amanhã vai ser mostrado tanto para os nossos familiares quanto para gente que a gente não conhece!...

(Julia, 16 anos)

Esta reação de Júlia representa o comportamento de uma parte do grupo de jovens desde a primeira apresentação, anotadas no diário de campo em forma de comportamentos refletidos como desinteresse pela aproximação de Adilson e falta de acolhimento das idéias dele. Esta fala: “Ah! Hoje eu estorei”, significa que houve vários “ontem” no qual suportou as brincadeiras consideradas inoportunas, o que resultou um sentimento de exclusão do rapaz observado na insegurança, nos “brancos” das falas do texto e falta de jeito para se interar com o grupo, o que se estendeu até o último dia. O conflito acontece com a mesma geração, diferente do conflito da oficina anterior; mas semelhante na condução da atividade faltou o trabalho de **interdependência positiva** e a promoção de **relações igualitárias** para estimular a consciência desses jovens se considerarem iguais nos direitos, preservando suas diferenças, suas peculiaridades, que vêm não somente do jeito de ser de cada um, mas da própria condição de **respeito mútuo**. Como Adilson era pressionado pelos companheiros adolescentes para se empenhar melhor, ele se irritou e resolveu não participar da primeira sessão; os idosos, ao perceberem a falta de apoio dos colegas, resolveram conversar com o grupo de adolescentes; na seqüência, não foi percebido nenhum tipo de apoio dos colegas mais jovens, mas deixaram de ignorá-lo. A insegurança de Adilson foi acolhida pelos idosos, eles fizeram um tipo de acordo apoiado pelo professor: no caso de esquecimento da fala dele, os idosos entrariam em cena com uma improvisação da fala dele. Ao sentir-se acolhido, Adilson resolveu enfrentar o desafio e se apresentou na segunda sessão, muito nervoso, mas com sucesso; foi muito aplaudido pelo grupo de senhoras que o apoiaram e o abraçaram no final da apresentação. A força da intervenção **cooperativa e solidária** voluntária dos idosos contribuiu para a importância do sucesso de Adilson e consequentemente para o grupo, uma vez que os jovens reconheceram a intervenção de forma positiva, percebida nos cumprimentos finais dos demais e elogio do professor. O fato dos participantes jovens aprenderem que o desempenho dos colegas determinaram o seu sucesso ou fracasso motivaram-nos para se ajudarem mutuamente. Isto representou a **consciência coletiva** para o

desenvolvimento de competências sociais, mesmo que inicialmente tenha sido inconsciente. Como foi observado, na convivência, nas relações quando um dos pares se acha mais interessante, mais letrado e superior ao outro, desqualificando-o, dificulta a interação e estimula o fechamento de grupos selecionados. Para Heller (1989), tal situação é oportuna para desenvolver os estereótipos e preconceitos. A reação voluntária dos idosos em relação a esse tipo de preconceito foi um exemplo de **interdependência positiva**, da manifestação de um sentimento de co-responsabilidade e do bom desempenho dos demais colegas.

4.3.2.1 As categorias (Teatro06)

Investigação das imagens, sentidos e significados que as gerações mais novas (crianças e jovens) atribuem aos idosos

De acordo com os relatos dos jovens, a imagem percebida das gerações mais velhas é que são dotados de experiências acumuladas ao longo da vida e acolhedoras, pois têm mais maturidade, são conhecedores do que fazem, para eles, o que significa que são fonte de sabedoria para a sua geração.

*São idosos, têm que ter um tempo, adequado para eles, num estão mais com a memória boa mas **sabem mais**, tem mais conhecimento que nós; muitos já fizeram cursos de teatro, conhecem outra coisa que a gente não conhece, uma senhora conhece tricô, a outra conhece xadrez, outro é bom em carta, aí um ajuda o outro.*(grifo nosso)

(Adilson, 14 anos)

*[...] é a **experiência** de vida, o já vivido, a gente tem a idéia do que seja, eles já têm a experiência, eles já passaram por isso, eles já sabem de verdade como é, isso é bom.*(grifo nosso)

(Edivaldo, 21 anos)

*Ah! Eu acho que são pessoas mais **experientes**, mais que assim tem muito a ensinar para gente se a gente der uma oportunidade para eles.*(grifo nosso)

(Mariana, 15 anos)

Nestes achados, os jovens, além de reconhecer que os idosos são portadores de conhecimento, também demonstram disposição para aprender com a experiência deles. Percebem as perdas biológicas com o passar do tempo, mas não se estenderam em comentários a este

respeito; reconhecem as compensações como ganhos de experiências, conhecimentos sobre a vida e sabedoria.

Também se lembram de que serão idosos e talvez passarão pelas mesmas dificuldades observadas nos idosos:

(sobre a paciência com os mais velhos) *eu sempre procuro pensar sabe que eu tenho que... (ter paciência) que um dia eu vou ficar velha também.*

(Daniela, 15 anos)

Esse tipo de depoimento foi comum entre os participantes. Muitos revelaram não ter tido antes a consciência do futuro envelhecimento, o que reflete a segregação etária em nossa sociedade o que retoma os comentários de Ferrigno (2003, p.177), que os idosos podem ser vistos como modelos *positivos ou negativos* frente ao envelhecimento.

Durante as entrevistas, investigou-se qual o modelo de velhice que os jovens atribuem aos velhos. Diferentemente da visão negativa sobre a velhice, de que se fala no âmbito comum, de maneira geral os jovens entrevistados percebem o processo do envelhecimento de forma positiva e relatam à velhice como uma fase de muito saber, não sendo percebidos conflitos, frustrações ou dramaticidade na forma em que os idosos vivenciam as perdas na velhice. Também não foram identificados sentimentos de rejeição e/ou marginalização dos mais velhos.

Investigação das imagens, sentidos e significados que os idosos atribuem às gerações mais novas

Os idosos vêem os jovens em geral com excesso de liberdade como consequência do desamparo da família e da escola, eles não os colocam de forma negativa e reconhecem a influência da mudança social nos comportamentos e estilos de vida:

Mas eu vejo assim em geral a juventude: hoje se dá muito mais valor para criança, deixa que ela se expanda muito mais do que antes. Antes você tinha que entrar numa regra rígida, eu mesma me vejo criticando muitas vezes que: “Imagina deixar fazer isso”, entendeu?! Alguma coisa que... que hoje o..., o... adolescente faz. Quando eu estava dando aula eu não permitia não, eu era muito mais rígida.

(Carime, 65 anos)

[...] o jovem hoje em dia tem idéia própria e ele expressa essa idéia, porque no nosso tempo, na minha época a gente, mesmo que a gente pensasse “ah, eu não quero ficar nessa companhia”, a gente não podia expressar, porque a educação era essa, e hoje não, o jovem de hoje fala mesmo, o que gosta e o que não gosta.

(Zezé, 63 anos)

De acordo com as declarações acima, os idosos, ao comparar a juventude deles com os jovens atuais, demonstram uma dificuldade de classificar a liberdade de expressão, não as definem nem boas ou ruins; por um lado acham bom falar o que pensam, mas por outro acham fundamental algumas regras de conduta na formação deles.

Na formação de um grupo intergeracional são fundamentais esses dados. Um dos grandes compromissos no processo da co-educação é ser sensível e informado de como uma geração percebe a outra, para conhecer o grupo, perceber o nível de consciência geracional, suas necessidades e elaborar estratégias de **interdependência positiva** que conduzem à compreensão do atual estilo de vida e do valor de cada geração; tais observações são no sentido de reverter qualquer preconceito que possa ocorrer na convivência principalmente no início das atividades.

Observação das interações em grupos intergeracionais: contato físico, a disponibilidade para trocar e escutar depoimentos, de colaborar e cooperar nas atividades, assim como manifestações de laços afetivos

No início da oficina foi observada uma distância entre os grupos “A” e “B”⁴¹, considerada até então natural pelos participantes. Estas entrevistas foram as primeiras logo após a primeira oficina com os dois grupos (A e B) juntos:

Na opinião dos jovens:

Eu acho que no começo a interação vai ser meio diferente, a gente não está acostumado assim, mas eu acho que depois vai ficar bem legal porque vai ficar diferente, pessoas mais experientes que talvez já tenham apresentado outros trabalhos vão poder ajudar a gente, ensinar a gente, como também a gente poder estar ajudando eles no que a gente souber.

(Mariana, 15 anos)

⁴¹ Verificar a página 72 desta dissertação

Nos recortes: “*vai ser meio diferente, a gente não está acostumado*”, está implícita a diferença e a segregação, mas para ela nada impede de dar tudo certo entre eles, e declara disponibilidade para trabalhar e conviver juntos: “*mas eu acho que depois vai ficar bem legal*” e projeta algo que pode ser bom para ambas gerações: “*vão poder ajudar a gente, ensinar a gente, como também a gente poder estar ajudando eles no que a gente souber*”.

Em cada depoimento observamos a disposição que os participantes jovens têm para trabalharem juntos, e ao mesmo tempo, aprenderem:

Olha, eu acho essa diferença de idade muito boa para se trabalhar, porque você pode interagir com essas pessoas, saber como essas pessoas vivem, ver as diferenças, saber conviver com essas diferenças, aprender um pouco tanto com os mais novos quanto com os mais velhos.

(Júlia, 15 anos)

Foi investigado se existe a mesma disponibilidade de interação, ajuda e apoio no âmbito familiar; foi perguntado a estes jovens se tinham contato na família com pessoas velhas e paciência com eles. Obtivemos as seguintes respostas:

[convivência com a avó] *Ah é boa porque ela me criou, desde de pequena sempre... porque minha mãe trabalhava, ela (avó) sempre me levava para o serviço dela eu ficava junto com ela então eu sempre fui criada com ela então eu aprendi a conviver com pessoas mais velhas.*

(Júlia, 15 anos)

[...] a minha avó tem alzheimer, [...] mas agora com a mudança [de cidade], deu um avanço, então ela ficou assim, então às vezes ela pergunta assim: "onde é que eu estou?" Então a gente tem que ter paciência para explicar uma, duas, três vezes, mas eu penso tipo, ela me cuidou a vida inteira e agora eu tenho que cuidar dela também, dar mais atenção.

Entrevistadora: *E você tem paciência?*

Ah! Tem dia que eu não tenho muita paciência não, mas eu sempre procuro pensar sabe que eu tenho que... Que um dia eu vou ficar velha, então eu tenho que entender assim que não é culpa dela na verdade.

(Daniela, 15 anos)

Estes dados apontam que compartilhar de atividades grupais entre diferentes gerações além do âmbito familiar é diferente de conviver com as diversas gerações da família. A autora Deps (2002), em revisão de literatura cita os autores Lee e Ishi-Kunts (1988), que comparam os efeitos de interação entre idosos e parentes com resultados da interação entre idosos e amigos; os resultados apontam que o estado de espírito dos idosos tem uma melhora maior através da interação com amigos; também cita os autores Lee e Thinger-Tallman (1980):

[...] enquanto as relações de amizade são baseadas em consenso de valor e afeição, a interação entre parentes é frequentemente consequência de sentimentos tais como de interesse e obrigação (p.61).

[...] interação com outros parentes não se relaciona com a melhoria do estado emocional dos idosos. Segundo eles, as relações baseadas em parentesco, independentemente de serem intra ou intergeracionais, não afetam o estado de espírito do idoso, provavelmente em virtude da restrição na livre escolha e na livre manutenção destes relacionamentos. Isso vem reforçar a importância da autodeterminação como condição para que a interação social surta efeitos positivos (p. 61).

Embora as declarações acima sejam dos jovens, parece haver uma identificação com os resultados de interação citada por Deps (2002); neste sentido é possível que *surta efeitos positivos* para as gerações mais novas também, uma vez que elas mencionam, por um lado, estarem disponíveis para interagirem com idosos além do âmbito familiar, e por outro mencionam a falta de paciência com seus idosos familiares.

Na opinião dos idosos:

Assim como os jovens, a pessoa idosa experimenta situações difíceis por perceber que vive em um mundo muito diferente daquele em que foi criada em sua juventude. As contradições de hoje em dia acabam atingindo seus princípios fundamentais. As possibilidades, escolhas, experiências e valores parecem ser relativos e incertos:

Hiii! Não sei te explicar porque, mas tenho dificuldades. Eu acho assim, não sei, eu tenho impressão que eles não aceitam muito a pessoa mais velha, talvez eu me sinta já achando que não vão me aceitar, então por isso eu já chego com mais receio, talvez isso seja da minha parte!

(Delminda, 60 anos)

Continuando a entrevista, mais adiante depois de refletir um pouco, Delminda relata uma experiência infeliz durante o tempo em que voltou estudar numa escola pública, ela acha que foi essa experiência que afastou-a da convivência com os jovens:

Entrevistadora: *E por que você acha isso?*

Ahhhh!!!! não sei... [...] eu voltei a estudar com 50 anos, aliás com 45, eu voltei a estudar, então a minha classe era bem misturada, eu era a minoria dum grupo de meia dúzia assim mais velha, mais de 40, então era vista como vó; eu era.... na nossa sala... escreviam “asilo” na sala de aula, sabe então a gente sentia um preconceito na escola, na classe, que era uma classe de magistério que eram pessoas que se formando pensando no futuro dentro da educação, e não tinham educação (riso curto irônico), com a gente não tinham o menor respeito, então daí talvez seja esse o meu receio; mas eu acho que no teatro é diferente, é para ser diferente, porque ali... com o professor direcionando, montando uma peça, o direcionamento acho que vai se diferente, então acredito que pode acontecer, pode se bom, mais da minha parte eu tenho receio porque eu já sofri esse preconceito... na época da escola.

(Delminda. 60 anos)

Na declaração acima podemos compreender o reflexo da segregação de espaços discutido por Moragas que mencionamos no início desta dissertação, neste trecho: “*na nossa sala... escreviam ‘asilo’ na sala de aula*”, na seqüência a percepção do: “*preconceito*” e a preocupação com o futuro da educação e implicitamente com futuro das próximas gerações: “*eram pessoas que se formando pensando no futuro dentro da educação, e não tinham educação*”, as experiências discriminatórias são transferidas para a convivência com outros jovens: “*então daí talvez seja esse o meu receio*”. Para ela o receio está presente, mas ao mesmo tempo acredita que pode ser diferente no teatro: “*porque ali... com o professor direcionando, montando uma peça, o direcionamento acho que vai se diferente*”.

As opiniões não mudam se complementam, nesta declaração abaixo está implícito na palavra “*resistência*” o medo de atrapalhar o desempenho dos mais jovens nas oficinas e por isso serem rejeitado:

Eu tenho a impressão que certamente a gente vai enfrentar algum tipo de resistência mais... nada que a gente não supere com boa vontade. Eu acredito que todas as pessoas mesmo elas tendo à mesma preocupação que eu tenho dum encontro como vai ser, mais a gente sempre pensa assim no melhor, certamente a gente vai saber contornar, a gente sendo de mais idade vai saber contornar mais a situação e chegar num consenso, acho... eu acho que consegue.

(Zezé, 63 anos)

As declarações acima revelam a segregação como reflexo da cultura em nossa sociedade, visto que há uma tendência social de exclusão dos idosos que a introjetam e acabam sentindo-se discriminados no convívio da juventude; mas também acham que é possível: *“a gente sendo de mais idade vai saber contornar mais a situação e chegar num consenso”*, isto é, contam com a experiência.

A diferença de **interação** em relação à oficina anterior é que esta não teve um caráter **cooperativo**, não foi estimulada pelo professor, ela apareceu de acordo com as necessidades, como por exemplo, confeccionar as fantasias, decorar o palco para a apresentação, o professor não usou a **estratégia cooperativa** durante os ensaios, nas escolhas dos textos, mas nos exercícios de preparação houve muito contato físico, rodas de canto e danças, exercícios de memória divertidos que provocaram muitas risadas e comentários. Este tipo de **interação** não sensibilizou os participantes para as necessidades do outro, a **solidariedade**, visto que na primeira apresentação três participantes do grupo não participaram da apresentação. Também não foi adotada estratégia da **interdependência positiva**. A **interação** que caracterizou o teatro 06 foi a de provocar habilidades que os capacitassem a iniciar por si mesmos seus relacionamentos e desenvolvimento de amizades.

Descrição e análise de como os participantes dos diferentes grupos etários formulam (nos primeiros encontros) e reformulam (no decorrer das atividades) o conceito da outra geração

Em primeiro lugar é fundamental avaliar a atividade não apenas com os participantes que permaneceram até o final, mas também com aqueles que desistiram no meio da oficina. Entrevistei uma senhora cuja desistência se deu pelo fato de não ter muita disposição para decorar textos, achava que errava muito e assim não era prazeroso fazer teatro. Numa conversa informal com Sr. Machado, constatei que, além do tratamento da vista, havia algo mais como já previa. Quando lhe perguntei sobre o motivo da desistência do teatro, ele me respondeu que as atividades eram muito musicais e não de interpretação e apresentação de texto, além do mais a intergeração era uma ilusão porque, na opinião dele, ali não aconteceu nada de interação entre os jovens e os velhos, acontecia só quando o professor mandava depois cada um ia para o seu grupinho de idade, não se formavam grupos de amizades como no teatro anterior. Sr. Machado era o único

homem idoso do grupo dos idosos, já se sentia discriminado por isto e também pelos mais jovens. Fez uma comparação em relação à metodologia da outra professora do teatro⁰⁵, ao qual se adaptou melhor e fez mais amizades. Durante as atividades o profissional não pode perder o foco (intergeracional) e o domínio do grupo, visto que Sr. Machado apresentou vários sinais de dificuldades na interação com o grupo em geral. Para Bishop, Jubala, Stainback & Stainbach (1999, p. 195), na inclusão não há exigências de habilidade e competências sociais para fazer parte de um grupo, basta estar disponível. Para os autores, no caso de dificuldades para uma aproximação com os outros do grupo, deve-se adotar, além da **interdependência positiva**, também a **reciprocidade**, as atividades devem oferecer recursos de aprendizagem e o compartilhamento dos pertences. No caso do Sr. Machado, a gravação do canto das araras que ele fez para ensaiar melhor o personagem dele com a parceira, seria o elemento oportuno para o grupo reconhecer o valor desta iniciativa, assim como o esforço e os sentimentos que estão envolvidos nele, o que poderia resultar num melhor acolhimento e um sentimento de pertencimento no grupo. Exemplos como esse, podem ajudar esclarecer aos profissionais que queiram trabalhar com grupos intergeracionais, chamar a atenção para o valor de pequenas coisas que aparecem durante as atividades, que aparentemente não tem valor. Para os autores acima:

Um estilo de interação que promova uma atitude positiva e uma apreciação dos outros é importante para qualquer relacionamento. Ensinar os alunos a serem ouvintes ativos, a dar retorno positivo, a fazer perguntas e a responder às necessidades dos outros pode ser um passo para maior aceitação dos colegas (p. 195).

Para os participantes que permaneceram até o final, após dois meses de convivência foi intensificada a **interação**. Dentre os participantes que foram estabelecidos contatos e já não existiam velhos ou jovens em contraposição, mas o respeito às diferenças e o **diálogo intergeracional**. Nessa convivência intergeracional, certamente todos ganharam e a partir dela, foi possível reformular seus (pré) conceitos sobre a outra geração:

Ah! Foi um susto tipo assim... É por que.... Eu tinha visão que o pessoal da terceira idade é um pessoal meio chato, que já tinha vivido muito, já tem sua experiência de vida e... a gente não sabe de nada ainda da vida porque eles já sabem de tudo, então para mim eles eram os donos da verdade e a gente que ia ficar meio por fora, mas eu percebi que não, então esse foi meu medo de ser ignorado pelo pessoal (turma dos idosos) tipo assim: “Háh você num sabe de nada, a gente já passou por isso e você ainda nem chegou nessa fase”, então esse foi o meu medo de ser ignorado pelo pessoal (idosos), mas acabei vendo que não, na verdade a gente aprende muito com eles e eles aprendem com a gente.

(Edivaldo, 21 anos)

Na declaração acima o rapaz reconhece o preconceito atribuído aos idosos: “*Eu tinha visão que o pessoal da terceira idade é um pessoal meio **chato***”; em seguida a reformulação: “*mas acabei vendo que não, na verdade a gente aprende muito com eles e eles aprendem com a gente*”, o que responde à proposta do Programa Sesc “Gerações”, o qual demonstra o efeito da co-educação entre as gerações quando o jovem passa a compreender as atitudes e necessidades dos mais velhos, como eles (idosos) vivenciam o envelhecimento e como uma geração influencia a outra, o que configura o enriquecimento das relações intergeracionais. Para Edivaldo, o teatro intergeracional foi um aprendizado para toda a vida, uma vez que tem pouco convívio com pessoas mais velhas, inclusive na sua família e conclui:

[...] nós formamos uma integração até mais do que quando era só o grupo mais jovem. Acho que agora nós somos mais integrados do que antes, bem unido, todo mundo se ajudando para chegar num resultado legal, acho que está mais divertida a aula, está mais gostosa de fazer, o pessoal (todos) estão se divertindo mais, estão se ajudando mais, eu acredito que (o grupo) está mais integrado.

(Edivaldo, 21 anos)

No recorte: “*todo mundo se ajudando para chegar num resultado legal*” se refere a **interdependência positiva** gerada no momento em que o dia das apresentações se aproximava. Apesar do trabalho interacional ser fortemente dirigido e menos **cooperativo**, a técnica de abordagem adotada pelo professor para aproximar as gerações surtiu efeitos valiosos:

A alegria deles, eles ensinam a gente se expressar mais, se doar mais para as pessoas porque é assim, você num se doa muito, você num se abre muito com as pessoas, então eles fazem isso, eles ensinam a gente de num ver muita diferença sabe, gostar das pessoas como elas são, e aprender a se doar, se abrir com as pessoas.

(Daniela, 15 anos)

Foi possível perceber nestas reformulações de conceitos dos jovens sobre a velhice o reconhecimento de pessoas que já viveram mais, que passaram por experiências que eles (jovens) ainda não alcançaram, e trazem uma série de conhecimentos éticos que oferecem alternativas e soluções advindas da experiência acumulada nomeada por Neri, (2005, p. 181) de sabedoria.

Assim como a oficina de teatro 2005 demonstrou uma forte influência na mudança de percepções em relação aos jovens, no episódio do “preconceito”, a oficina de teatro 2006

demonstrou benefícios mútuos para os participantes das várias idades identificados em torno de um interesse comum. De acordo com Silveira⁴²:

Num grupo é possível discutir temas referentes às características, necessidades, preocupações, semelhanças e diferenças intra e intergerações, conflitos e possibilidades de intercâmbio entre pessoas de faixas etárias bastante diferentes. O grupo é um espaço ímpar para assimilação de novas atitudes, promovendo mudanças rápidas e eficientes. O grupo permite que se veja uma mesma situação de maneiras diferentes, favorecendo o respeito às diferenças. O grupo informa, esclarece, reorganiza. Além do mais, ele apóia e melhora o relacionamento interpessoal.(versão impressa)

Ao levar em conta as duas situações (depoimentos dos participantes desistentes e dos participantes que permaneceram nas atividades) é fundamental a presença de um suporte de outros profissionais que formem uma **rede de apoio** aos professores que atuam em grupos dessa natureza, visto que não é comum trabalhar com crianças, jovens, adultos e velhos para alcançar um objetivo comum numa sociedade onde os espaços e as convivências são segregados, no qual um leva vantagem sobre o outro.

É neste sentido que a **rede de apoio** deve favorecer os profissionais que atuam diretamente com os grupos, pois frequentemente precisam de apoio tanto quanto os próprios participantes. O apoio pode acontecer em reuniões de avaliação durante a realização das oficinas para debater, resolver dificuldades e trocar idéias métodos, técnicas e atividades para ajudar os professores e/ou os participantes a conseguirem apoio que necessitam para serem bem sucedidos em seus papéis. Neste caso, é designada uma pessoa como facilitadora mais abrangente da **inclusão**, pois não se pode esperar que para um grupo intergeracional que ainda não possui uma metodologia própria, o professor detenha todos os conhecimentos necessários para satisfazer a necessidade de uma turma heterogênea.

⁴² SILVEIRA, T. M. Convívio de gerações: ampliando possibilidades. Textos sobre Envelhecimento, v. 4, n. 8, Rio de Janeiro, 2002 – disponível em www.unati.uerj.br/tse/scielo, acesso em: 26/06/2004

4.3.2.2 Observação parcial

Investigação do impacto da oficina Teatro 06 nas possíveis reformulações de conceitos

O conjunto de investigação apresentado demonstra o forte impacto que o teatro tem nas diversas gerações simultaneamente. No processo lúdico que as oficinas (2005 e 2006) oferecem, todas as gerações envolvidas constroem novos canais de expressão possíveis pela necessidade de sentir prazer em novas descobertas e em novas possibilidades. Para os idosos ocorre a recriação do conhecimento já vivido, observado pela busca de novas significações que vai ao encontro da necessidade de se sentirem úteis, sem medo de ser e estar na convivência com os jovens. Os jovens, apesar de desenvolverem valores opostos ao passado, reconhecem a necessidade de compreensão do modo de ser dos idosos, tomam consciência do tempo diferenciado para a execução das tarefas físicas, mas ao mesmo tempo se surpreendem com os desempenhos cognitivos dos idosos nas performances durante os ensaios, tais como memorização dos textos, desenvoltura na forma de interpretar os personagens, e entendem a experiência de vida vivida por eles como forma legítima de sabedoria, um fator determinante para a boa qualidade da relação intergeracional.

Assim as diversas gerações criaram novas formas de se relacionarem, o mais importante é transferir estes benefícios para o cotidiano destas pessoas e unir à linha essencial do curso da vida como um aprendizado ao longo da vida. Estas transferências de conhecimentos e de valores dos idosos, a aprendizagem mencionada através dos laços intergeracionais tem um impacto em longo prazo na aprendizagem, no crescimento, e na segurança das crianças e dos jovens.

Além dos participantes que permaneceram até o final de ambas as oficinas de teatro, optamos por considerar o discurso dos excluídos. Este procedimento teve um efeito significativo em nossas análises, pois nos aproximou de um resultado mais próximo do real, para isso foram necessárias duas entrevistas com os desistentes com as mesmas perguntas em tempos diferentes, a primeira logo após a desistência com gravador e diário de campo, a segunda um mês depois sem o material de coleta, o que conferiu a dúvida da pesquisadora em relação às respostas da primeira entrevista.

Capítulo V

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aproximar gerações é o objetivo de muitos trabalhos na área social que buscam quebrar as segregações e barreiras geracionais, ou seja, abolir o preconceito etário e vencer as discriminações. Este estudo mostra que isto é possível. As atividades intergeracionais analisadas possibilitaram a reflexão sobre as gerações e evidenciaram a possibilidade concreta de recuperar o sentimento de unidade e continuidade da vida quando é oferecido aos grupos um interesse e um objetivo em comum. No caso deste estudo, foram a dramatização, a escrita das cartas, a quadrilha, a poesia e a música que tiveram este papel. Os resultados apontados na análise desse tipo de PI sugerem que os membros de cada grupo de idade têm muito a oferecer um ao outro ao longo das gerações.

5.1 Os mais velhos

O contato da pesquisadora com os idosos é bem amplo no ambiente da pesquisa, uma vez que eles freqüentam outras atividades na mesma instituição. Este é um dos fatores que contribuiu para a investigação acontecer especialmente mais próxima do real, permitindo uma visão ampla do comportamento das pessoas. As declarações feitas nas entrevistas, quando suscitaram dúvidas,

puderam ser esclarecidas num segundo momento, o que demonstra a confiança estabelecida entre a pesquisadora e os participantes.

Para os idosos, o envolvimento e a interação vividos nas atividades intergeracionais foram importantes para a sua adaptação às perdas naturais de papéis e reduziram o impacto do envelhecimento. Eles passaram a entender melhor a linguagem juvenil e a serem mais flexíveis quanto à aceitação do estilo de vida dos jovens. Apesar de a **interação cooperativa** estimular as **relações igualitárias** nas atividades, quando ocorreu a **interdependência positiva**, houve mais condições para o idoso transmitir seus valores éticos e culturais ao jovem sem que existisse uma relação de poder, como pode acontecer na família. Também compartilharam com os mais jovens seus conhecimentos especiais ao prestarem testemunho de como enfrentar as dificuldades advindas do envelhecimento. Esta partilha estimula o desenvolvimento de vínculos entre as gerações e garante condições para que as próximas gerações possam viver melhor. Tais vínculos podem ter um impacto profundo na auto-estima dos idosos. Sentem-se mais motivados e dispostos fisicamente, mais aptos a superar o isolamento e a depressão, o que pode compensar as perdas, manter a funcionalidade em domínios selecionados e aumentar o senso de bem-estar e a resiliência psicológica.

A velhice assumida e vivida foi uma atitude de resiliência percebida em alguns idosos e isto provocou um efeito significativo na reformulação do conceito de envelhecimento pelas gerações mais novas. A aceitação do próprio envelhecimento transmitiu uma **mensagem positiva** do *continuum* da vida, mostrando que é possível um sentimento de gratidão, um olhar compreensivo e otimista para com os anos vividos e um verdadeiro anseio de ajudar a geração mais jovem, não para desempenhar algum tipo de autoridade, mas por **solidariedade** na causa da vida. Essas mensagens são verdadeiros impulsos que movem a esperança dos idosos e geram forças para transmitir o valor do viver para outras gerações, o que reforça neles o sentido da luta pela vida e renova aquilo que dela ficou.

Numa teoria intergeracional, aprender com o diferente deve estar no currículo, pois todas as pessoas de todas as idades são capazes de enfrentar os estereótipos, comportamentos opressivos e a discriminação, mas principalmente os idosos, pela sua gama de experiências acumuladas em favor do combate a estes fatores discriminatórios.

5.2 As gerações mais novas

Os efeitos específicos causados nas gerações mais novas foram percebidos através dos depoimentos que se encontram nas referências aos idosos feitas de modo afetivo; muitas destas declarações revelam que, através das atividades intergeracionais, houve mudança de conceitos em relação aos mais velhos. Ao observarem as atitudes dos mais velhos, as crianças e os jovens tomaram consciência da sua futura velhice e de como querem envelhecer. Vêem os idosos como pessoas acolhedoras e carinhosas, que têm muita experiência porque já viveram muito, portanto têm muito para ensinar. Nas atividades de interação nível três, os jovens declararam que os idosos transmitiram segurança e confiança em momentos de grandes desafios; como por exemplo: antes das apresentações das peças de teatro.

Um dos maiores interesses deste estudo foi investigar *quais são as manifestações humanas subjacentes que promovem a mensagem intergeracional?*⁴³ Quando os mais jovens acolhem a **mensagem positiva** transmitida pelos mais velhos, aproveitam o benefício de sua experiência e sabedoria; eles sabem reconhecer o esforço que os idosos fizeram ao longo da vida e, portanto, são capazes, ao mesmo tempo, de respeitar seus limites físicos e valorizar a sabedoria na velhice, seja a dos participantes das atividades, seja a dos seus próprios familiares. Assim aprendem a compreender os mais velhos. É neste sentido que consideramos a **mensagem intergeracional** como fonte de compreensão do que une as gerações e quebram as barreiras, os preconceitos e os estereótipos veiculados por outros valores, como o estilo de vida consumista e a valorização da beleza física.

Ambos os grupos etários explicitaram nas entrevistas que perceberam uma melhora no relacionamento social, tanto com os amigos como na família e, acima de tudo, sentiram-se mais seguros para se aproximarem de pessoas que não são da sua geração, reconhecendo que, muitas vezes, a segregação é auto infligida, pois pode dever-se ao medo por se acharem muito diferentes. Depoimentos dos mais jovens mostram que as atividades intergeracionais repercutiram positivamente em seus relacionamentos com os seus avós e também com os seus pais. Estes achados até então são considerados pelo nosso estudo como um dado intergeracional fundamental na implementação de programas intergeracionais.

⁴³ Verificar a página 3 desta dissertação

5.3 As atividades intergeracionais (AIs) do Programa “Sesc Gerações”

Cabe lembrar que o tempo de duração das observações das diferentes atividades analisadas não foi homogêneo. O grande encontro da atividade “De carta em carta” e o “Sarau intergeracional” duraram uma tarde, ao passo que as duas oficinas de teatro intergeracional estenderam-se por 3 e 6 meses, respectivamente. Evidentemente as atividades que tiveram um tempo maior de duração são as que promoveram as aproximações mais intensas entre as gerações, mas acima de tudo as que adotaram a **cooperação** como forma de aproximação intergeracional.

Para efeito, as atividades de nível um, ou seja, de apenas compartilhar espaços e de 2hs de duração, não são promotoras de mudanças e transformações de conceitos empíricos a respeito da outra geração, entretanto previnem as segmentações e educam socialmente as gerações para compartilharem um mesmo espaço com respeito e dignidade.

Num primeiro momento, as observações deste estudo apontam que as AIs são oportunidades não apenas de convívio entre as gerações, mas de criar inúmeras formas de relacionamentos, que vão desde aproximações voluntárias (como no caso do sarau intergeracional), até aquelas que são estimuladas pelo professor da atividade (por exemplo: teatro intergeracional e as cartas) através de uma educação não formal, independente de uma preocupação técnica (por exemplo: no teatro, formar artistas), mas voltada para a **reciprocidade**, o desenvolvimento do **respeito mútuo** e estabelecimentos de **igualdade** para todos; são também oportunidades de reflexão e de (trans) formações de conceitos, tanto para os mais jovens quanto para os mais velhos. Portanto, os encontros entre gerações nas atividades são possibilidades de **reflexão sobre a outra geração**, mesmo que o nível interacional seja baixo (sarau), no qual se podem observar alguns contatos físicos durante as despedidas e um até breve (atividade do sarau intergeracional).

Em algumas atividades, inicialmente é muito clara a atitude de distância entre as diferentes gerações, percebida através da estranheza e desconfiança; já num segundo momento, desencadeia-se uma série oportunidades de aproximações entre idosos e as gerações mais novas. Quando a ação pedagógica parte da premissa que as pessoas são iguais nos direitos, mas diferentes em suas características individuais e reconhecem o mesmo status de cidadania para

todos, viabiliza o diálogo não importa a idade. Além disso, no grupo, o fato de ter coisas interessantes para contar ao (s) outro (os), ver o (s) outro (s) como uma fonte de sabedoria e estar aberto para novas experiências que decorrem disso, foi considerado o caminho para o desenvolvimento do **diálogo** entre todos, principalmente **entre as gerações**.

Esses achados confirmam a idéia de que o aumento de redes de apoio social para os idosos que se sentem só pode contribuir com amplos **benefícios recíprocos**, e que envolvam o desenvolvimento de possibilidades específicas dessa faixa etária, como por exemplo, a geratividade. Para Neri (2002, p. 25), a geratividade em idosos é manifestada quando eles têm a preocupação em “passar o bastão para a geração seguinte”. Apesar de tantos benefícios, as atividades temporárias, como o teatro, não deveriam encerrar na primeira e única apresentação, uma vez que os participantes consideram uma ruptura negativa no momento de maior satisfação. De acordo com as colocações dos participantes, uma das possibilidades de geratividade seria esgotar a satisfação do grupo com apresentações em outros locais, como por exemplo, em eventos escolares.

Nas oficinas de teatro, entendemos que não é necessário iniciar com grupos separados (A e B), pois pode realçar as “diferenças”, o que também pode reforçar a discriminação e segregação tanto de espaço quanto de convivência. Além do que, o tempo em que realizaram atividades em grupos separados, perdeu em aprendizagem e convivência entre todas as gerações envolvidas.

5.4 Os profissionais

Deve-se ressaltar que na proposta do Programa Sesc “Gerações”, o documento cita que, apesar de não ter uma metodologia de trabalho intergeracional, é uma oportunidade valiosa para se iniciar tais aproximações e estudos e que cada atividade deve ser avaliada pelo coordenador junto ao professor para que se possa realmente ter uma metodologia efetiva que cumpra a proposta do programa. Já foram realizados dois treinamentos para professores e coordenadores dos Sesc que trabalham com as atividades intergeracionais, nos quais ainda discutem uma metodologia apropriada para o programa.

As observações deste estudo apontam a importância do professor neste processo, pois o educador tem uma grande influência sobre o grupo através da relação que se estabelece com os

participantes. Quando o profissional apresentou uma proposta de atividade intergeracional, onde são incluídas realizações de tarefas que contenham **interdependência positiva** para alcançar os **objetivos comuns** com intuito de conduzir a aproximação entre as gerações, chega-se a resultados mais eficientes, como no caso das atividades analisadas, “De carta em carta” e “Teatro05”. Mais do que o tempo de duração, a forma como o professor conduziu a atividade foi fundamental para atingir os objetivos propostos seja nas atividades de nível 1, seja nas atividades de nível 2 e 3. Para aqueles que estavam mais dispostos e sensíveis, tudo era oportunidade de aproximação harmoniosa, como por exemplo, nos textos compartilhados e, sobretudo nos temas de cada texto a ser interpretado, principalmente, no teatro05; nas poesias do sarau. Nas desistências dos participantes (Teatro05), houve ocasião em que o professor enviou e-mails ou telefonou; alguns desistentes idosos foram sinceros dizendo que a oficina estava mais para jovens do que para os idosos, dos três que haviam desistido, dois voltaram. Outros professores acreditaram que a própria atividade conduziria naturalmente a aproximação intergeracional sem que fossem necessárias intervenções específicas; para estes professores, no caso das desistências não houve interesse da causa e nenhum voltou.

Nas observações que fiz de outras atividades dentro do Sesc, que não estão incluídas no recorte deste estudo, foram notados alguns conflitos entre professores jovens e alunos idosos. Durante o acompanhamento destes fatos, fora do contexto de entrevistas formais, ouvi depoimentos de alguns alunos idosos; os mesmos declararam que, mesmo que o professor (a) estivesse com a razão no diálogo conflituoso entre eles, havia uma “falta de jeito do professor (a) para lidar com o idoso”. A “falta de jeito” refere-se à desconsideração de suas limitações físicas e cognitivas como: dificuldade para ouvir um recado do professor (a) e conseqüente acusação de falta de atenção, ou advertência ao aluno idoso que chega atrasado sem se preocupar com suas dificuldades para chegar à atividade, principalmente em dias chuvosos. Casos assim mostram como a formação das pessoas que ocupam cargos e funções como atividades ou atendimento para idosos precisaria ser mais exigente. A compreensão do envelhecimento biológico e os aspectos psíquicos que envolvem são de importância fundamental. A atividade física e social para qualquer idade contribui para a qualidade de vida, mas, a atividade por si só não garante o bem-estar, é necessário que o aluno principalmente idoso se sinta acolhido, compreendido e percebido como pessoa importante para o seu grupo, principalmente pelo profissional, especialmente se for mais jovem.

Em síntese, alguns reconhecimentos emergem de nossas observações. Por exemplo, quando um grupo, no qual a maior parte das pessoas não se conhece, reúne-se pela primeira vez, é preciso proporcionar um tempo para as pessoas se adaptarem umas às outras, se descobrirem e se aproximarem. O período de adaptação é o momento que mais fornece informações ao profissional de quem tem facilidades ou dificuldades de interação. Os participantes com poucas experiências na realização de trabalhos em grupo e que apresentam dificuldades de relacionamentos, **interação e cooperação**, beneficiam-se de uma inclusão inicial em tarefas pequenas, mas que tenham a mesma importância e significado das demais. Acreditamos que devem ser evitadas escolhas aleatórias, feitas pelos próprios participantes, quando é percebido um desequilíbrio nas competências sociais e no desempenho de tarefas, principalmente na fase de adaptação, pois isto pode acarretar a junção dos (percebidos pelo grupo como os) “melhores” e a exclusão de outros. Uma estratégia que é bem pertinente nestes casos é ensinar todos a trabalhar com todos, desenvolverem **relações igualitárias**, o que proporciona satisfação e realização pessoal e social, e resultado bom para todos. O professor sempre precisa ser altamente sensível e capaz de focar os objetivos na intergeracionalidade.

Deve-se ressaltar também que a rede de apoio aos professores, que pode ser oferecida por outros profissionais, é pertinente em prol da garantia e o cumprimento dos objetivos do programa através de criação de estratégias e verificação das necessidades. Não basta que um bom Programa seja oferecido aos professores para que o façam acontecer. Os professores precisam ser capacitados especificamente para lidar com grupos de idosos e, especialmente, com grupos intergeracionais, pois não se trata, na verdade, de executar uma tarefa técnica, mas de pôr em ação um processo cultural. Desta forma um Programa pode construir a metodologia adequada, estruturada nas adaptações e ajustes específicos que dão segurança aos professores e lhe possibilitam sucesso.

5.5 A interação cooperativa

Este item nos remete a segunda questão deste estudo: *quais são as características que permitem trabalhar de forma diferente e mais eficaz?*⁴⁴ Para um programa que busca uma

⁴⁴ Verificar a página 3 desta dissertação

metodologia própria, é oportuno discutir o papel da **cooperação** como estratégia de trabalho para aproximar as gerações. As atividades cooperativas podem ser utilizadas em grupos de qualquer idade, não exigem um nível de escolaridade definido; são altamente favoráveis e eficazes na superação de comportamentos que segmentam ou limitam as relações humanas, no caso deste estudo, o preconceito, o isolamento e a marginalização dos mais velhos.

Diante do exposto, podemos concluir que o papel da **interação** associado à ação **cooperativa** adotada em algumas atividades (De carta em carta e Teatro 2005) foram dois fatores que determinam a *eficácia* das atividades analisadas. Logo, a aproximação das diversas gerações através do trabalho **cooperativo** promoveu **interações positivas**, sentimento de acolhimento e pertencimento no grupo. A partir das **ações cooperativas**, principalmente na oficina de Teatro 05, o grupo descobriu e experimentou novas e múltiplas possibilidades de convivência, transformando os condicionamentos de modo dinâmico e criativo. Portanto é oportuno afirmar que a **interação cooperativa** promoveu momentos de reflexão, discussão e estimulou os participantes a transporem as situações vividas no processo da atividade para a realidade cotidiana. Foi percebida a transformação positiva de atitudes, tais como individualismo, competição, tendência à omissão ou alienação, exclusão e relação de domínio.

Quando ocorreu algum conflito, em determinados momentos os professores consideraram as desistências dos participantes como desinteresse deles; em outros momentos, foi uma tarefa desafiante, requerendo do professor capacidade de orientação do processo, de modo a possibilitar uma **negociação constante** e um redirecionamento para fins **cooperativos** entre os participantes. Para chegar a resultados comuns nas decisões coletivas foi necessário trabalhar a harmonização das diferenças e a consciência de valores éticos.

Finalmente, a **aprendizagem cooperativa** foi um excelente caminho para educar, ligar as “diferenças” e desenvolver o convívio intergeracional, ou seja, habilidades para os **ajustes nas relações intergeracionais**, tais como: identidade pessoal (de acordo com grau de maturidade), identidade grupal (confiança básica e afeição aos outros, principalmente da outra geração). Estes foram aspectos importantes no desenvolvimento de competências sociais no âmbito intergeracional. Perceberam-se os benefícios nas inter-relações quando os participantes trabalharam **cooperativamente** em direção aos **objetivos comuns**, visto que eram apoiados, motivados e valorizados mutuamente. Isto fortaleceu a auto-estima de cada um e observamos no

processo a **reciprocidade**, um sentimento de apreciação pelo fortalecimento dos outros. O ajuste recíproco que ocorre nas interações abre caminhos para compartilharem significados do que ambas gerações têm em comum, um princípio básico da **cultura cooperativa**; esta empatia mútua é altamente incentivadora da **inclusão**.

5.6 Conclusão

De acordo com a bibliografia levantada, a segregação geracional tem sido vista pelos estudiosos da literatura social como um fator altamente negativo para a sociedade. A Unesco e as várias pesquisas nacionais e internacionais mencionam que as políticas públicas devem incentivar oportunidades mais efetivas no combate ao preconceito e marginalização dos mais velhos em nossa sociedade. Neste sentido, o programa Sesc “Gerações”, ciente dessa realidade, surge baseado em atividades sociais com um interesse especial em todas as etapas da vida. Assim, o programa mostrou-se importante para aumentar a consciência e a participação das crianças, adolescentes, adultos e idosos, “onde os idosos poderiam se renovar, quando necessário e os mais jovens aprender com a experiência” (PACHECO, 2003, p. 233). Para tal, as atividades de **cooperação** têm sido fundamentais para potencializar a **interação** e realizar a aproximação intergeracional. Observamos ao longo deste estudo no cotidiano das atividades, na convivência entre eles, nas declarações feitas sobre a outra geração formas de expressões ricas para se pensar como o preconceito se estrutura na sociedade de forma geral, e conseqüentemente a reformulação de como uma geração percebe a outra, afastando o preconceito, o isolamento e a marginalização não só relacionada ao velho, mas também, como os velhos vêem e aceitam o estilo de vida dos jovens atuais.

Respondendo a terceira questão deste estudo: *o que nos faz pensarmos no valor de um trabalho intergeracional?*⁴⁵ Assim como o número de idosos capazes de contribuir é crescente, aumenta também o reconhecimento de suas contribuições. As percepções sociais sobre o envelhecimento podem gerar mudanças e ter um impacto positivo na auto-imagem dos velhos. A aproximação física e afetiva com o *diferente* e o convívio entre as gerações são caminhos frutíferos para enfraquecer qualquer tipo de discriminação.

⁴⁵ Verificar a página 3 desta dissertação

Para Oliveira⁴⁶, o valor da intergeracionalidade:

“[...] são as pessoas se considerarem iguais nos direitos, mas preservarem suas diferenças, suas peculiaridades, que vêm não somente do jeito de cada um, mas da própria condição etária, [...] a sabedoria não é só o fato de ter as coisas interessantes para contar ao outro, mas também olhar para o outro como uma fonte de saber, não importa a idade, e estar aberto para novas experiências que venham disso, aí sim você encontra o caminho para o diálogo entre as gerações”.

Neste sentido, a aproximação e o diálogo entre as gerações são articulados dinamicamente nas diversas fases do ciclo da vida das pessoas que participam dos programas. Atividades intergeracionais são grandes incentivos para idosos participarem significativamente de forma cooperativa na sua comunidade e no seu mundo e a sociedade pode retribuir ao manifestar seu apreço pela atuação deles. A sensação de serem estimados combate os sentimentos penetrantes de inutilidade e isolamento. As trocas geracionais não devem se restringir apenas à família e aos programas de políticas públicas, mas também expandidas às instituições privadas e a outras representações da sociedade.

Nas atividades analisadas, quando o profissional reconhece e aprecia essas premissas, é possível compreender as razões do sucesso dos PIs; os profissionais sentem-se equipados para argumentar, estimulando sua continuação e expansão. Enquanto esse campo novo (PI) amadurece, torna-se cada vez mais importante examinar suas premissas fundamentais, como também discutir aspectos pedagógicos educativos para crianças, jovens, adultos e idosos, tendo como referência a **interação cooperativa** entre essas gerações.

Os PIs servem como um meio determinante para fomentar a coesão e fortalecer a **interdependência positiva** das gerações ao estimular as relações intergeracionais saudáveis. As atitudes positivas começam nos professores que proporcionam a direção da interação que deve facilitar a aproximação, a comunicação e o desenvolvimento das amizades e o trabalho em grupo. No nosso entender é dessa forma que os participantes aprendem a serem sensíveis,

⁴⁶ Entrevista à CMI Brasil sobre o diálogo entre as gerações, disponível em: www.brasil.indymedia.org/pt/blue/2005/04/313767.shtml

compreensivos, respeitosos e podem crescer confortavelmente com as diferenças e semelhanças individuais entre eles. Para Brotto (2003)⁴⁷:

As atividades que privilegiam os aspectos cooperativos são importantes por contribuírem para o desenvolvimento do sentido de pertencer a um grupo, para a formação de pessoas conscientes de sua responsabilidade social, pois trabalham respeito, fraternidade e solidariedade de forma lúdica e altamente compensatória, levando a perceber a interdependência entre todas as criaturas. Nelas, ninguém perde, ninguém é isolado ou rejeitado porque falhou. Quando há cooperação todos ganham, baseados num sistema de ajuda mútua.

Assim como Brotto (1999 e 2003), entendemos a **cooperação** muito mais que uma ferramenta para atingir objetivos, é algo que necessita ser aprendido e praticado no convívio social, pois nos leva a ver as diferenças como elemento em potencial de desenvolvimento da **solidariedade**. Dentro deste contexto, é vital nos dedicarmos ao aprofundamento de um estudo experimental para a construção de uma **metodologia cooperativa** que o programa almeja e que pode servir a outros PIs, afinados com o bem comum e a ética. O roteiro elaborado pela pesquisadora e apresentado nesta pesquisa foi, além de um uma grande aquisição de conhecimentos, fundamental para a análise de como acontecem nas atividades a aproximação entre as gerações, e como, o que nelas os tornam eficientes ou não na sua condução. Cada elemento do roteiro ampliou o olhar da **cooperação** durante as observações caracterizando a **interação cooperativa** como a melhor forma de aproximar as gerações.

Em longo prazo, acreditamos que nossa pesquisa se insere em um movimento de crescente qualificação de programas de AIs. Esperamos que todo o processo de promoção de encontro entre gerações beneficie as diferentes gerações, propiciando maior compreensão dos valores culturais de cada grupo etário, **relações igualitárias** onde se respeita e se acolhe as diferenças, assim combatendo de frente o preconceito etário. Este estudo assenta-se também na esperança da construção de uma consciência mais crítica dos processos e mudanças que acompanham o desenvolvimento humano, como forma de tornar os idosos mais ativos para discordarem, aprovarem, demonstrarem seus sentimentos, resgatarem sua auto-estima, atualizarem-se em termos de padrões sociais, recapacitarem-se em relação aos novos conhecimentos e tornarem-se seres participativos da sociedade: Quanto às gerações mais novas,

⁴⁷ Disponível em: www.sescsp.org.br/sesc/images/upload/conferencias/14.rtf.

espera-se que a participação em grupos intergeracionais amplie sua consciência do processo de envelhecer e colabore para que, no futuro, tenhamos menos preconceitos e idosos que consigam vivenciar com menos sofrimento o processo do envelhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANGELIS, J. (1992). *The genesis of an intergenerational program*. Educational Gerontology, nº18 (4), 317-327.
- ARIÈS, P. *A História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1986
- BARTLETT, J. R. (2005). *An intergenerational retreat revisited: Adolescent girls and older women share the residual impressions of a single gender group experience on female development four years later*. Journal of Intergenerational Relationships, 3(2), 23-41
- BENINCÁ, C.R.S., *Relatos de mães sobre transformações familiares em três gerações*. Estudos de Psicologia (Natal), vol.3 no.2, 1998
- BISSHOP K.D., JUBALA, K.A., SATINBACK, W. e STAINBACK, S. *Promovendo amizades*. In: Inclusão, STAINBACK e STAINBACK, Ed. Artmed, Porto Alegre, RS, 1999
- BOGDAN, R.C.; BILKLEN, S.K. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto, Portugal: Porto, 1994
- BOGHOSSIAN, C. O. *Vivências de violência em Vigário Geral: experiências de gerações*. [Tese de Mestrado] Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública: 1999.vii, 139p.
- BRANDÃO, L., SMITH, V., SPERB, T.M., & PARENTE, M.A.M.P. *Narrativas intergeracionais*, Psicologia: Reflexão & Crítica, 19(1), 98-105, 2006.
- BROTTO, F. O. *Jogos Cooperativos: se o importante é competir o fundamental é cooperar!* Santos, SP, Re-Novada, Projeto Cooperação, 1997
- _____. *Jogos Cooperativos: O Jogo e esporte como exercício de cidadania*, Campinas, 1999
- _____. *Circulando Cooperação*. Santos: Projeto Cooperação, 2003

- _____, F. O. *Sociedade e Cooperação*. Projeto Cooperação – Comunidade de serviços, 2003. Texto originalmente publicado no livro: *Circulando Cooperação*. Santos : Projeto Cooperação, 2003. Disponível em www.sescsp.org.br/sesc/images/upload/conferencias/14.rtf. Acesso em: 24/04/2006
- BUSSAB, V.S.R. *Compartilhamentos, afetos, e implicações para a co-educação de gerações: reflexões a partir de uma perspectiva evolucionária*, Congresso de Co- Educação de Gerações, Sesc SP, 2003
- CACHIONI, M. e Neri, A L *Educação e velhice bem-sucedida no contexto das Universidades da Terceira Idade* In A L Neri, M S Yassuda e M Cachioni (Orgs). *Velhice bem-sucedida. Aspectos cognitivos e afetivos*. Campinas: Papirus, p. 29-50. (2005).
- CARVALHO, R.A., *A Cooperação como elemento constitutivo da Cultura dos povos*, revista Sebrae, disponível: www.sebrae.com.br, acessado em 28/05/2006
- CHAVES JUNIOR, E. O. *Políticas de juventude: Evolução histórica e definição*. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. *Cadernos, juventude saúde e desenvolvimento*, v.1. Brasília, DF, agosto, 1999.303p. Acesso: 29/06/07. Disponível em: <http://www3.bireme.br/bvs/adolesc/P/cadernos/capitulo/cap03/cap03.htm>.
- DEBERT, G.G. *A reivenção da velhice*, Edusp, São Paulo, 2004
- DEPS, V.L., *Atividade e Bem-Estar Psicológico na Maturidade*. In: NERI, A.L.(org.) *Qualidade de vida e idade madura*, Ed. Papirus, Campinas, 2002
- FERRIGNO, J.C. *Co-educação entre gerações*. RJ, Petrópolis, ed Vozes, 2003
- _____. *O Estigma da Velhice: uma análise do preconceito aos velhos à luz das idéias de Erving Goffman*, Revista A Terceira Idade, Sesc, SP, 2002, p. 49-56
- FORQUIM, J.C. *Relações entre Gerações e Processos Educativos: Transmissões e Transformações*. Congresso Internacional Co-Educação de Gerações, Sesc, 2003. Disponível em: www.sescsp.org.br . Acesso: 23/06/2006

- FRANÇA, L.H., & SOARES, N.E. *A importância das relações intergeracionais na quebra do preconceito contra a velhice*. In: VERAS, R., *Desafios para o Terceiro Milênio*. RJ, Petrópolis, ed. Vozes, 1997
- FREITAS, H.; JANISSEK-MUNIZ, R.; MOSCAROLA, J. *Modelo de formulário interativo para análise de dados qualitativos*. Revista de Economia e Administração, São Paulo-SP, v. 4, nº 1, p. 27-48, Janeiro/Março 2005.
- GALINA, L. D. *Educação para cidadania: Pressupostos para interação, Participação e Autonomia sociais*, Congresso Educação para Cidadania, Sesc São Paulo. Disponível em: www.sescsp.org.br. Acesso em: 28/03/2005
- GIGLIO, Zula Garcia: *Transdisciplinaridade: porque rima com Criatividade* – artigo publicado em www.criabrasilis.org.br, no boletim eletrônico da CRIABRASILIS - Associação Brasileira de Criatividade, fevereiro de 2006.
- GIL, F. M. *Perspectives on Intergenerational Aspects of Aging and Diversity*. Journal Intergenerational Relationship, Vol. 1 (1),p. 5-9, 2003
- GREENGROSS, S. *Intergenerational Programs as a Goal Approach to Social Issues*, Journal Intergenerational Relationships, Vol. 1(1),p. 11-13, 2003
- GUSMÃO, N. M. M (org.). de, *Infância e Velhice , pesquisa de idéias*, Campinas, SP, ed. Alínea, 2003
- HATTON-YEO, A. *Intergenerational Programs: public policy and research implications. An Intergenerational Perspective*. The UNESCO Institute for Education. The Beth Johnson Fundation (2000)
- HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1989.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Perfil dos Idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil 2000*. In: Estudos e Pesquisas: Informação Demográfica e Socioeconômica, nº 9, 2002. Disponível em: www.ibge.gov.br Acesso: 06/11/2005
- IBGE: *Projeção da População do Brasil por Sexo e Idade para o Período de 1980 - 2050 – Revisão 2004 Metodologia e Resultados*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao/populacao/metodologia.pdf> Acesso em 21/09/2006.

- JACOBSON, A. L. *Intergenerational References: Public Policy and Institucional Partnerships*, 2004, disponível em: www.gu.org. Acesso em: 18/06/2005.
- KARAGIANNIS; STAINBACK e STAINBACK, Fundamentos do Ensino Inclusivo. In: Inclusão, Stainback e Stainback, Porto Alegre, Ed. Artmed, 1999
- KIDDER, L.H. (org.) *Métodos de Pesquisa nas Relações Sociais*. Vol.1 Delineamentos de pesquisa, SP, ed. Pedagógica e Universitária Ltda, 2001
- KUEHNE, V. S. *The start of Our Art: Intergenerational Program Research and Evaluation:Part One*. The Journal Intergenerational Relationships, vol.1 (1), 2003
- KVALE S. *Interviews. An introduction to Qualitative Research Interviewing*. Thousand Oaks, CA. Sage Publications, 1996
- LIMA, M.P. *Gerontologia Educacional. Uma Pedagogia Específica para o Idoso. Uma Nova Concepção de Velhice*. Ed. São Paulo, São Paulo, 2001
- LOPES, E.S.L. *Relações Intergeracionais*. In: Palavras-chave em Gerontologia, Ed. Alínea, Campinas, SP, 2005
- LOPES, E.S.L.; NERI, A.L. e PARK, M.B. *Ser avós ou ser pais: Os papéis dos avós na sociedade contemporânea*. In: Textos sobre envelhecimento, v.8, nº2, Rio de Janeiro, 2005, Disponível em: www.unati.uerj.br/tse/scielo. Acesso em: 19/06/2007
- LUDGLEYDSON e cols, *Envelhecimento e Universidade Solidária: Relato de Experiência com Intervenção*. Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária Belo Horizonte – 12 a 15 de setembro de 2004, disponível em: www.ufmg.br. Acesso: 13/12/2005
- LÜDKE, M. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: Ed. E.P.U., 1986
- LUNA, S.V. *Planejamento de Pesquisa: uma introdução*. São Paulo: EDUC, 2003
- MAÇADA, D.L. e TIJIBOY, A.V. *A Colaboração e a Cooperação Via Internet nas organizações*. Anais do 21 Encontro da ENAMPAD, Rio das Pedras, Rio de Janeiro, 1997

- MAÇADA, D.L. e TIJIBOY, A.V. *A Cooperação/Colaboração em Ambientes Telemáticos*, parte integrante do artigo: A colaboração e a Cooperação Via Internet nas organizações. Anais do 21 Encontro da ENAMPAD, Rio das Pedras, Rio de Janeiro, 1997. Disponível em: <http://www.niee.ufrgs.br/cursos/topicos-ie/ana/coop2.htm> . Acesso em: 24/03/2006
- MAGRO, V.M.M. *O Espelho Negativo: a idade do outro e a idade etária*, In: Infância e Velhice, Pesquisas e idéias, org. GUSMÃO, N.M.M.. Ed Alínea, Campinas, 2003, p.33-43
- MANNHEIM, K. *Ideologia e utopia: introducción a la sociologia del conocimiento*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993 [1928].
- MANTOAN, M. T. E. *Ensino Inclusivo/Educação (de Qualidade) para Todos*. Revista Integração, Brasília, DF, v.8, n.20, p. 29-32, 1998.
- MATSUURA, K., *Dia Internacional da Juventude, 2004*, mensagem do Sr. Koïchiro Matsuura, Diretor-Geral da Unesco, disponível em: www.unesco.org.br, acesso: 01/07/2005
- MINAYO, M. C. S. *O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde*. São Paulo - Rio de Janeiro: HUCITEC- ABRASCO, 1999.
- _____, *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. Ed. Vozes, Rio de Janeiro, 2002
- MONERO, C. & GISBERT, D.D. *Tramas: procedimentos para a aprendizagem cooperativa*, Ed. Artmed, Porto Alegre/RS, 2005
- MONTEIRO, P.P. *Envelhecimento: rumo ao paradigma*. Revista Kairós, São Paulo, n.3, 2000, p.53-61
- MORAGAS, R.M. *As Relações Intergeracionais nas Sociedades Contemporâneas*. Revista A Terceira Idade, Sesc, vol.15, nº29, 2004
- _____. *Gerontologia Social Envelhecimento e Qualidade de Vida*, Ed. Paulinas, SP, 1997
- NERI, A.L. *As Múltiplas faces da velhice no Brasil*. Campinas, SP, ed. Alínea, 2003
- _____. *Qualidade de vida e idade madura*, Campinas, SP: Papirus, 2002.

- _____. *Palavras-chave em Gerontologia*, ed. Alínea, Campinas, SP, 2005a.
- _____. *As políticas de Atendimento aos direitos da Pessoa Idosa Expressa no Estatuto do Idoso*, Revista “A Terceira Idade”, Sesc, São Paulo, v.16, nº34, p.7-24, 2005b.
- _____. *Atitudes em relação à velhice: questões políticas e científicas*. In: Tratado de Geriatria e Gerontologia, RJ, Guanabara Koogan, 2ª edição revista e ampliada, páginas 1316-1323, 2006
- NEWMAN, S. *Intergenerational Programs: Past, Present, Future*. Ed. Taylor & Francis, Washington, EUA, 1997a
- _____. *e Cols Children’s Views on aging: Their attitudes and values*, The Gerontologist, 37(3), 1997b
- _____. *Research and Intergenerational Studies: A Global Perspective*. Journal of Intergenerational Relationships, Vol. 4(2) 2006
- NOVAES, M. H. *As gerações e suas lições de vida: aprender em tempo do viver* (org.) R.J., Ed. Puc-Rio, S.P., Ed. Loyola, 2005
- OLIVEIRA, A.M.R. *Entender o outro (...) exige mais, quando o outro é uma criança: reflexões em torno da alteridade da infância no contexto da educação infantil* (GT07). In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 25, 2002, Caxambú. Anais... Caxambú: ANPED, 2002. Disponível em: <http://www.anped.org.br/25/alessandrarottaoliveirat07.rtf> Acesso em: 27/06/2007.
- OLIVEIRA, P.S. *Cultura e Co-Educação entre Gerações*, Revista de Psicologia da Usp, vol.9 n.2 São Paulo 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641998000200011. Acesso em: 26/05/2005
- OLIVEIRA, P. S. *Vidas compartilhadas. Cultura e co-educação de gerações na vida cotidiana*. São Paulo, Hucitec / FAPESP, 1999.

- PACHECO, J.L. *As Universidades Abertas À Terceira Idade Como Espaço De Convivência Entre As Gerações*, In: *As Múltiplas Faces da Velhice no Brasil*, org. Von Sinson, Neri, Cachioni, ed. Alínea, 2003, p. 223-250.
- PAULO, C.A. *Cooperação e Colaboração entre gerações em Ambiente Virtual*, 2004.
Disponível em: www.abed.org/congresso2004. Acesso em: 13/01/2006.
- PINTO, M.E.B. *Concepções de Velhice e Cuidado em Três Gerações Nipo-brasileira*, Tese de doutorado, Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 1997
- POLLAK, M. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos, RJ, v.2, nº 3, 1989, p.3-15
- PRADA, C. *O que você vai fazer com os seus cem anos?* Disponível em:
www.sescsp.org.br/conferencias , acesso: 27/09/06
- PRADA, C. *Revolução dos Velhos*, artigo publicado na revista Problemas Brasileiros, nº 349, jan/fev de 2002. Disponível em:
<http://www.sescsp.org.br/sesc/revistassesc/pb/artigo> Acesso em: 15/05/2005
- PY, L. *De Estrelas e Brilhos Infinitos*. Revista “A Terceira Idade”. Sesc São Paulo, v.17,,nº 35,p.7-17, fev.2006
- RAMOS, M. *Apoio Social e Saúde entre Idosos*, Sociologias, Porto Alegre, ano 4, nº7, 2002
- RICCI, R. *Família e Responsabilidade Social*, Revista espaço acadêmico, nº00, 2001, ISSN 1519, disponível em: www.espaçoacademico.com.br. Acesso em:12/10/2005
- RUSCHEL e CASTRO, *O vínculo intergeracional: o velho, o jovem e o poder*. Psicologia: Reflexão e Crítica, Porto Alegre, v. 11, n. 3, p. 523-539, 1998a.
- _____, *A Intergeracionalidade na Dinâmica das Relações de Poder Familiar*, In: *Velhice, que idade é essa? Uma construção psicossocial*, (org.) CASTRO, O. P., Porto Alegre: Síntese,1998b.

RILEY, M.W.; RILEY, J.W. *Age Integration: Conceptual and Historical Background*. The Gerontologist, vol. 40, nº3, 266-270, 2000

SANTOS, M. P.; CARVALHO, R. E. *Desenvolvendo Políticas e Práticas Inclusivas "Sustentáveis": uma revista à inclusão*. Educação em Foco, Juiz de Fora, MG: v.4, n.2, p.47-56, set./fev. 1999/2000.

SANTOS, S.M.A., *Infância e Velhice: o convívio que nos abre caminho*, In: Gusmão, N.M.M., Infância e Velhice, pesquisa de idéias, ed Alínea, p. 47-56, 2003

SARMENTO, M.J., *Gerações e Alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância*. Educação e Sociologia, Campinas, v.26, n.91, p.361-378, 2005.

SAYÃO, R. Em entrevista na Uol News – Momento em Família, no dia 07/03/2006, às 20:30 hs.

SESC, Documento elaborado pelos técnicos do Sesc que define a proposta do programa "Sesc Gerações", Sesc, 2003

_____, O Século da Terceira Idade, Sesc - São Paulo, 212p., 2003

_____, *Trabalho Social com Idosos, histórico, diretrizes, finalidades, estrutura, dinâmica e metodologia de ação*, GETI - Superintendência Técnico Social, Sesc, SP, 2004.

SILVEIRA, T. M. *Convívio de gerações: ampliando possibilidades*, textos sobre envelhecimento, vol.4, nº 8, 2002, disponível em: www.unati.uerj.br. Acesso:26/06/2004

SIMSON, O. R. M.; GIGLIO, Z. G. *A arte de recriar o passado: História Oral e velhice bem sucedida*. In: NERI, A. L. (Org.) Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas. Campinas: Papirus, 2001, p. 141-160. Coleção Vividade.

SIMSON, O. M. R. *Memória Cultura e Poder na Sociedade do Esquecimento*. In: Arquivos e novas tecnologias: questões para a história da educação, FARIA Fº (org). Coleção Memória da Educação, 2005

- SIMSON, O.R. *O resgate que deu samba*. Entrevista concedida ao Jornal da Unicamp, ed. 305, outubro de 2005. Disponível em:
http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/outubro2005/ju305pag12.html.
 Acesso em: 03/11/2006
- SOUZA, E. M. *Intergenerational interaction in health promotion: a qualitative study in Brazil*. Revista da Saúde Pública, 2003, vol. 37, nº 4, p. 463-469.
- SOUSA, L. *Avós e netos: uma relação afetiva, uma relação de afetos*. In: Portal do envelhecimento, 2006 Disponível em:
www.portalenvelhecimento.net/acervo/pesqment/DATA/Liliana/htm. Acesso em:
 27/05/2006
- SPOSITO, M.P e cols. *Estado do Conhecimento sobre a Juventude em Escolarização*. Brasília: INEP/MEC, 2002, 317p. (Série Estado do Conhecimento, nº 7). 2000. Disponível em:
www.acaoeducativa.org.br. Acesso em 12/07/2007
- STAINBACK S. e STAINBACK W. *Inclusão: Um guia para educadores*. Ed. Artmed, Porto Alegre, RS, (2006)
- TEDRUS, D.M.A.S. *A Relação Adulto/Criança: um estudo antropológico em creches e escolinhas de Campinas*. Campinas: Área de Publicações CMU/Unicamp, 1998.
- THIOLLENT, M. *Metodologia da Pesquisa-ação*. SP, ed. Cortez, SP, 2004
- THOMPSON, P. *A transmissão Cultural Entre Gerações Dentro das famílias: Uma Abordagem Centrada em Histórias de vida*. In: Ciências Sociais Hoje, Hucitec, Anpocs, 1993
- TODARO, M.A. *Crianças e velhos: a imagem do outro*. Revista "A terceira Idade", vol.15, nº29, Sesc SP, 2004.
- _____, Educação continuada/Educação permanente. In: NERI, A.L. (org), Palavras-chave em Gerontologia, Ed. Alínea, Campinas, 2005
- TURATO, E.R. *Tratado da Metodologia da Pesquisa Clínico-Qualitativa*. RJ, ed Vozes, 2003

TURATO, E.R. *Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa*, Rev. Saúde Pública vol.39 no.3 São Paulo, p. 507 – 514, 2005)

UHLENBERG. P., *Why Study Age Integration?*, The Gerontologist, vol. 40, nº3, 261-264, 2000

UNICEF, *Situação Mundial da Infância 2005: Infância Ameaçada*, UNICEF House 3 UN Plaza, New York, NY 10017, USA, 2005. Disponível em: www.unicef.org. Acesso em: 20/06/2007

VERAS, R. *A Novidade na Agenda Social Contemporânea: A inclusão do cidadão idoso*, A Terceira Idade, Sesc, SP, p. 06-29, 2003.

WISENSALE, S. K. *Global Aging and Intergenerational Equity*, Journal of Intergenerational Relationships, Vol.1 (1),p. 29-47, 2003

ANEXO I: **Quadro1:** Análise de conteúdo das cartas das crianças

1. Dados pessoais (8)	2. Gostam de fazer (20)	3. O futuro (7)	4. Palavras de carinho (10)	5. conselhos (1)	6. Pedidos (6)	7. Desenhos (11)	8.Mensagens (1)	9.curiosidades (7)
>tenho ...anos >sou obediente >tiro notas boas na escola >sou magrinha, morena >cor preferida > o dia do meu aniversário é ... >eu faço aniversário dia... >não sou gordo ===== >elas têm uma preocupação de passar uma boa imagem	>Jogar futebol >torcer p/ 1 time de futebol I I I >natação >ajudar as monitoras cuidar dos bebês >cinema, teatro (sesc) >brincar de bonecas >pular corda >dançar >jogar bola >de estudar >navegar na internet (sesc) >queimada >jogar basquete >jogar capoeira > na escola gosto de ciências > de ir no Sesc >gosto de fazer crochê e bordado ===== >envolvem muito o corpo	> ser professora >ser motoboy >ser advogado >ser mecânico >ser modelo >ser dançarina >ser prof. Ed. Física ===== > revelam seus sonhos e fantasias	>sei que vc é legal, carinhosa e alegre >fiquei muito alegre de receber carta >vc é muito legal >pelo jeito vc é muito legal >sua carta é muito bonita >um abç do seu amigo >gostei do desenho da moto que vc mandou >fico feliz quando recebo suas cartinhas >feliz dia das mães >Espero que esteja na alegria e na paz >elas criam no seu imaginário a figura de seu correspondente e um encontro feliz	>deixar as coisas triste da vida e só procurar coisas boas ===== > Estas palavras é de um pré adolescente de perdas dolorosas. Afastado da família por maus tratos	>figurinhas >contar uma historia de terror >Não faltar do encontro >espero que vc venha no encontro .>não deixe de vir na festa >espero que não falte da festa ===== >querem a certeza de que os idosos vão a festa	I I I I I I I I I I I >Nuvens >pássaros >sol .>casa >arvore >Crianças brincado >Coração >bola de futebol ===== >a maior parte dos desenhos são de crianças que não sabem ler e escrever	>só não te dou uma rosa porque tem espinhos, mas te dou meu coração cheio de carinho ===== >está mais pra categoria de carinho	>como vc é? >como vc é? >estou curioso pra te conhecer >estou aguardando nosso encontro >gostaria muito de te conhecer pessoalmente >quero te conhecer logo >espero te conhecer logo ===== >a mais evidente: conhecer os idosos. > o fato delas não terem perguntado a idade deve ser porque os professores das crianças explicaram como é uma pessoa idosa

ANEXO I: **Quadro 2:** Análise de conteúdo das cartas dos idosos

1. Dados pessoais (6)	2. Gostam de fazer (7)	3. O futuro	4. Conselhos (7)	5. Palavras de carinho e/ou apoio (27)	7. desenho (3)	8. Pedidos (1)	9. Curiosidades
>falou de alguns problemas em casa >gosta muito de crianças >gosto das cores do girassol >gosto do Egito e seus mistérios >não tenho time predileto >sou professora aposentada >faço hidroginástica e yoga no dia e hora..., na sala... ===== em nenhuma carta observou o relato de idade dos idosos	>desenhar >jogar dominó >fazer palavras cruzadas >contar histórias >musculação e yoga >gosto das atividades do Sesc >ler livros que falam de coisas misteriosas >fazer amigos ===== >escrevem um tipo de lazer que não envolve muito o corpo que pode ter relação com a criança. >as atividades físicas são específicos para sua idade não têm relação com a criança	===== >em nenhuma ocorrência foi observado algo projetado para o futuro	>esta profissão é perigosa >esta profissão é boa >leiam bastante, a leitura é o caminho do saber, td ficará mais fácil na vida >devem aproveitar o que estão fazendo no Curumim, brincar fazer amizades >aproveitem bem o espaço do sesc > pelo jeito que vc escreveu está faltando um pouco de leitura sugiro ler mais gibis, livros de histórias >Para alcançar os seus sonhos depende do seu próprio esforço ===== >idosos sugerem esforço, vontade, enfatizam muito os estudos	>feliz com suas lindas palavras >Feliz com a cartinha e os desenhos >estou feliz com a cartinha e de saber que gostaria de brincar comigo >gostei muito da sua cartinha >vc parece uma artista >vc é uma pessoa especial >que Deus abençoe >Saudades da cartinha >fiquei contente de saber que é obediente >fiquei muito contente de receber... >gostei muito de vcs, são bons e carinhosos >imagino que vcs são lindos >um abraço >um abraço bem apertadinho e >um beijão de sua amiga >fofinha querida > eu te amo >eu lhe quero bem >sejam felizes >fiquei contente em saber um pouco mais de vcs >gostei muito de receber a cartinha de vcs >vcs são muito legais >gostei muito da sua cartinha >vai ser gostoso te conhecer >as aulas de yoga ficam mais interessante com as crianças >garanto a minha presença no dia da festa >gostei de saber que vc aprendeu fazer bordados com sua avó ===== > em 1º lugar - direcionadas as cartas >em 2º lugar – direcionadas a elogios e afetos >em 3º lugar – direcionadas ao desejo dos idosos as crianças serem felizes	I I I >Moto >carro >mandala ===== >a moto e o carro foi uma maneira que o idoso encontrou de responder delicadamente que não poderia atender seu pedido de presente (bola)	>idoso pede para procurá-lo na atividade >idosos pedem compreensão por não atender seus pedidos de presente, condição do projeto. ===== >alguns idosos foram fiéis, outros não, trouxeram presentes como gibis, livros de história para estimular a leitura.	>fiquei imaginando como seria o nosso encontro >estou ansiosa para chegar o dia de te conhecer >está chegando perto da hora de nos conhecermos >estou curiosa pra te conhecer! >qual sua brincadeira predileta >qual seu time de futebol >Continua estudando bastante >o que gosta de comer? >que pena que não te encontrei na aula de yoga intergeracional =====

ANEXO I: **Quadro 3:** Cruzamento dos dados da atividade das cartas - idosos e crianças:

	1. Dados pessoais (8)	2. Gostam de fazer (20)	3. O futuro (7)	4. Palavras de carinho e/ou apoio (10)	5. conselhos (1)	6. Pedidos (6)	7. Desenhos (11)	8. curiosidades (7)	9. Mensagens (1)
idosos	>Mesmo que as crianças não tivessem perguntado em nenhuma carta observou o relato de idade dos idosos	>escrevem um tipo de lazer que não envolve muito o corpo que pode ter relação com a criança. >as atividades físicas são específicos para sua idade não têm relação com a criança	>em nenhuma ocorrência foi observado algo projetado para o futuro e sim sempre no momento presente	> em 1º lugar - direcionadas as cartas >em 2º lugar – direcionadas a elogios e afetos >em 3º lugar – direcionadas ao desejo dos idosos: que crianças sejam felizes	>idosos sugerem esforço, vontade, enfatizam muito os estudos	>alguns idosos foram fiéis, outros não, trouxeram presentes como gibis, livros de história para estimular a leitura. >Na dúvida se vão ou não aparecer na festa idosos pedem para ir até a sala de atividades e procurá-los	>a moto e o carro foi uma maneira que o idoso encontrou de responder delicadamente que não poderia atender seu pedido de presente (bola)	>em 1º lugar saber como é a criança correspondente, idade, escola, o que gosta de brincar, comer >2º lugar ansiedade do encontro	>não foi observada nenhuma mensagem explícita, mas implícitas nos conselhos e palavras de apoios
crianças	>elas têm uma preocupação de passar uma boa imagem	>envolvem muito o corpo, na maior parte do que relatam não têm relação com os idosos	> revelam seus sonhos e fantasias	>elas criam no seu imaginário a figura de seu correspondente e um encontro feliz	> Estas palavras é de um pré adolescente de perdas dolorosas. Afastado da família por maus tratos	>querem a certeza de que os idosos vão a festa	>a maior parte dos desenhos são de crianças que não sabem ler e escrever	>a mais evidente: conhecer os idosos. > o fato delas não terem perguntado a idade deve ser porque os professores das crianças explicaram como é uma pessoa idosa	>está mais pra categoria de carinho

AnexoII: **Quadro 4:** Análise das entrevistas Sarau” - Crianças e técnicos

O que vc acha das pessoas velhas?	O que vcs acharam dos idosos recitando as poesias aí no Sarau?	O que que as pessoas velhas ensinam pra vcs?	Coordenador: Frank	Professora: Maira
RENATO(10): O nosso vô a nossa vô, a gente tem que respeita muito eles porque logo eles vão morrer e a gente não vai ter mais nem vô e nem vô JOEL 12): Eu acho que as pessoas velhas são muito boas e simpáticas igual a minha vô. Eu respeito muito ela quando ela conversa comigo. TODOS: legais >Por que um dia os velhos podem ser nossos avós >Por que eles contam muitas histórias pra mim e música > Amigas >Por que elas sabem muito mais do que a gente, ensina a gente, né então é bem interessante. > Elas ensinam brincadeiras de antigamente como a amarElisanha MARCIA (9): Elas sentem muito amor pelas crianças, tem vez que..... tem gente que também gosta da gente como filha, como neta, como amigo né, porque tem muita gente que gosta de criança. Eu também gosto muito deles. DARA 9): Quando vejo as pessoas, elas, elas olham com amor pra gente né... elas olham com carinho; elas não são nossos avós mas elas olham pra gente... até parece que elas são nossos avós né? (falou olhando para Marcia com um tom de pergunta) CARLOS (9): Que são meus parentes e que eles me conhecem e ponto final	TODOS: Legal, bonito, interessante DARA (9): Elas falaram versos muito bonitos, que é de muito tempo... de quando a gente nem existia, eu acho muito legal tudo isso que elas falam. FABIO (10): eu lembro de quando brincava com a minha avó. MARCIA (9): Quando eu olho pra eles, tem alguns homens que parece meu pai, que meu já morreu faz muito... quando eu era menor eu nem conhecia ele, quando fui conhecer ele, eu tinha 7 anos, e olho para eles como meus pais, meus avós, meus tios....gostei deles! (referência) HELOISA (7): Ah! É que sê eles bem...o..... parece que eles sê eles tivê netos é que eles são bem avós, porque assim quando a gente vê parece que eles tratam bem todo mundo entendeu? Porque se a gente for legal com eles vão ser bem legal com a gente é claro, entendeu? MARIANA (12): Dá pra vê os rostos alegres né, parece que eles são bem simpáticos assim com as pessoas. FERNANDO (10): Ah eu acho que eles é umas pessoas alegres assim que.... viveram a vida inteira e eles merecem fica um pouco com a gente né porque somos criança, aí eles lembram do passado como eles eram, mas aí eles ficam triste né porque não volta mais.	Respeito Não bater Não fazer coisa errada Fazer lição de casa Não xingar, não fazer coisa errada, educar Respeitar os mais velhos MARIANA (12): Ah! ensina muitas coisas porque elas já passaram muitos problemas já teve uma vida. Ah! eu não gosto quando começa a falar aquelas coisas muito antiga essas coisas assim que a gente não entende porque a gente não conhece DARA (9): Isso aí eu também não gosto, eu não gosto de quando eles falam de antiguidade, a gente não viu não bem...do que eles estão falando né, aí a gente não entende o assunto, então a gente não fica sabendo do assunto aí eu não gosto de fica..... (não completou...) ENTREVISTADORA: Mesmo quando eles explicarem mostrarem talvez uma fotografia do assunto DARA (9): Aí eu gosto, daí eu gosto FERNANDO(10): Ah eles ensinam muita coisa porque quando a gente olha pra eles assim, aí nós lembra que quando.... que quando nós fica velho nós vamo fica assim que nem eles. Ah eu não gosto porque eu gostaria que eles tivessem na mesma idade que a gente assim... porque quando eu vejo eles assim aí nummmm.... (pausa ficou sensibilizado alvez um pouco triste) aí eu não gosto,	esta atividade de hoje ela é considerada uma atividade leve porque não foi elaborada pra se ter ainda uma interação do idoso com a criança olhando olho no olho, onde a criança e o idoso pudessem estar se tocando, ainda essa atividade de hoje nós fizemos uma atividade, que é considerada leve, porque só foi dividida o espaço, e uma relação de poesias onde alternadamente uma criança falava uma poesia e depois o idoso falava uma outra poesia. Entrevistadora: É válido? Frank: É valido, toda intervenção, toda atividade que nós fazemos pra ta diminuindo a distância do idoso e as outras faixas etárias mais jovens é sempre importante, e isto serve como se fizesse parte de um processo porque até então existe muito preconceito ainda por parte dos idosos, então nós temos que ir devagar pra que nós não causemos a eles um choque e aí sim ter uma reversão e uma rejeição né de estarmos fazendo esse trabalho que provavelmente no futuro vai estar tendo assim bastante sucesso.	>Já tivemos uma outra vez que eu acho que foi mais interessante que hoje, talvez porque as crianças ficaram condensadas num lugar só, elas ficaram todas sentadas no chão perto uma da outra e... (...) hoje eu acho que ficou assim, as crianças no lugar delas, os idosos no lugar deles, não houve tanta (integração), na minha opinião assim tá, analisando assim, não acho que houve essa relação, eu acho assim, eu acho que todo mundo sai com uma reflexão né, da tolerância, que por exemplo, isso tudo faz parte de uma educação né, uma educação de co-gerações porque, pros idosos não deve ser fácil agüentar as crianças falando, elas não param de fala, elas se movimentam, elas não param quietas, e eu percebi assim em alguns, eu fiquei analisando o comportamentos deles de como eles reagiam em relações a essas ações, e aí cê percebe que tem alguns que falam “ah meu Deus oh como eles são...” ou “eles não param quietos”. > cada um lembro do avô que morreu, ou do avô que tava doente, ou do avô que ta presente que eles adoram tal..... e aí ... e aí eu acho que teve menos dispersão, hoje eu acredito que teve um pouco mais, e, acredito que da outra vez também a...o contato entre eles aconteceu mais, hoje eu acho que ficou assim, as crianças no lugar delas, os idosos no lugar deles, não houve tanta, na minha opinião assim tá, analisando assim, não acho que houve essa relação, eu acho assim, eu acho que todo mundo sai com uma reflexão né, da tolerância, que por exemplo, isso tudo faz parte de uma educação né, uma educação de co-gerações porque, pros idosos não deve ser fácil agüentar as crianças falando, elas não param de fala, elas se movimentam, elas não param quietas, e eu percebi assim em alguns, eu fiquei analisando o comportamentos deles de como eles reagiam em relações a essas ações, e aí cê percebe que tem alguns que falam “ah meu Deus oh como eles são...” ou “eles não param quietos”. > De repente eu tava pensando que o número de crianças mesmo ta muito grande e de repente trazem menos e elas sentarem entre os idosos na mesa não de forma separada, porque as vezes a gente faz a coisa pra facilitá e esse “facilitar” na verdade ele vira um fator de negatividade pro trabalho né porque... cada um fica no seu canto, então cada um continua

		não me sinto legal assim eu não gosto ENTREVISTADORA: Você acha que eles não são felisazes nesta idade? FERNANDO (10): É DARA (9) Eu acho que eles são felisazes FABIO (10): Mais ou menos, né		no seu canto. É uma proposta nova, mas é legal a gente colocá pra gente que estratégias utiliza né, eu acredito não sei..., que essa educação né, que esse diálogo de gerações aconteça através de mediações né, por si só assim, o estalo UH vai acontece eu acho que demora mais tempo, não que não aconteça mas demora mais tempo, mas se houver mediação que daí é o nosso papel de educador meu, seu, da forma como a gente mediar isso pode acontecer melhor, pode ser mais produtivo né, nesse sentido, então por exemplo do meu ponto de vista, eu, a próxima vez que for ajuda, colaborar com o Sarau, traze menos criança, colocar na mesma mesa, então cada mesa dois idosos, duas crianças.
--	--	---	--	--

ANEXO II: **Quadro 5:** Análise das entrevistas - Sarau: Idosos

O que vc achou das crianças no Sarau?	O quê que vc acha que sua geração pode ensinar pra eles?	Avaliação sobre a atividade	preconceito	O que vc aprende com estas crianças de hoje?
ELISA (68): Ah, eu acho que transmite assim...como que eu falo... eu acho que eles sentem muita falta de carinho, porque a mãe ta sempre trabalhando, correndo, então quando eles vêem uma pessoa de idade dando carinho, conversando, eu acho que eles se apegam porque eles sentem falta disso, de conversá, de entra na brincadeira que nem aqui, aqui tem muitos jogos, então de participá com eles, eu acho que é isso. MARISA (70) e eu também sô dessa opinião (Elisa), as crianças ficam muito longe dos pais, os pais trabalham, a gente percebe que alguns são muito carentes, sente falta de carinho (começa uma certa emoção na sua fala), né, e nós também idosos (começa a chorar) achamos falta de carinho, eu sinto muita falta de afeição, eu fico muito só sabe, então por isso que eu não saio daqui. ENTREVISTADORA: E vc acha que as crianças pode ajuda nesse sentido? MARISA: Eu acho sim ENTREVISTADORA: Ajudá nessa carência? MARISA (70): A gente pode encontra em alguma criança que não seja nada da gente, uma estranha, aquilo que a gente não tem na família, dos netos, dos filhos porque trabalham, porque estudam, então eu gosto. Eu fico muito sensibilizada quando vejo uma criança assim uma criança carente (porque ela também é carente, continua chorando).	ELISA: Ah, ensina assim coisas que a gente, que eu acho que não tem mais, porque no meu tempo era ali mais junto, almoçar junto, junto com os pais, e agora não, agora é uma correria, as crianças vivem mais em creches ou com empregada, a gente pode ensiná a ficá junto, conversá, a dá mais aquela atenção, porque mesmo as vezes os pais tem a vida muito corrida, então acho que eles sentem falta disso. MARISA: Eu acho assim que as crianças deveriam ter um pouquinho mais de....amor e sensibilidade por pessoas idosas, sabe.... porque tem muita criança não ta nem aí com o pai, com a mãe...	ELISA (68) eu acho que o entrosamento das crianças com a terceira idade uma coisa ótima pra gente bate-papo, acho que com um menino que se chama Mateus parece, que tem síndrome de Down. Achei ótimo ir lá conversar com ele, brinquei com ele, ele deu risada. As poesias que as crianças falaram, teve uma que falou da vovó eu gostei muito então achei que o Sesc deveria fazer mais, dar essa oportunidade dos de idade conversar com as crianças. MARISA (70) acho ótimo o entrosamento aqui dos idosos e das crianças, gostaria mesmo que tivesse mais vezes escola aberta com as crianças e gostaria de participa também no que eu pudesse ajuda MAIRA (...) eu acredito não sei..., que essa educação né, que esse diálogo de gerações aconteça através de mediações né, por si só assim, o estalo UH vai acontece eu acho que demora mais tempo, não que não aconteça mas demora mais tempo, mas se houver mediação que daí é o nosso papel de educador meu, seu, da forma como a gente mediar isso pode acontecer melhor, pode ser mais produtivo né, nesse sentido, então por exemplo do meu ponto de vista, eu, a próxima vez que for ajuda, colaborar com o Sarau, traze menos criança, colocar na mesma mesa, então cada mesa dois idosos, duas crianças.	MARISA: Já, principalmente na hora de pegar condução (ônibus) Muito preconceito. Eles nem param pra gente, eles vêem que a gente mostra a carteirinha que não para MARISA: E essas pessoas que (não entendi....barulho junto com a fala) criança que talvez fosse mal educadas... ENTREVISTADORA: Que idade? MARISA: Tipo assim de adolescente, que chama a gente de velha, “Ah essa velha”, isso eu já senti. ENTREVISTADORA: Você sente que a palavra “velho”.... (não deixou eu continuar a pergunta) MARISA: Ofende, ofende (respondeu enfaticamente) ENTREVISTADORA: A palavra “velho” ofende? MARISA: Ofende, ofende (nesta fala observa o peso do significado muito mais do que quando ela se refere à condução). Eu acho que se você fala idosa, ou uma jovem senhora, uma senhora de idade, aí não mas, falar “velho” acho que ofende. MARISA: Por que eu não me sinto “velha” é aquela que fica dentro de casa ali, sem saí de casa, vendo televisão o dia inteiro, aquela lá é “velha” agora a gente que faz atividade física, não me considero “velha”. ENTREVISTADORA: Mas existe muito adolescente que fica dentro de casa, e é rabujento.... MARISA: Isso é verdade ENTREVISTADORA: Não é?	MARISA: Ah, aprendo muita coisa viu! ENTREVISTADORA: Por exemplo? MARISA: Aprendo a dar amor e receber

ANEXO III **Quadro 6:** Análise geral dos dados teatro05 - categoria crianças e jovens

Imagem que as gerações mais novas têm dos idosos:	O que as gerações mais novas acham da convivência com os idosos	O que mudou no processo da Interação
Danilo (10) >Experiente >uma pessoa um pouco mais frágil > eles conhecem um monte de coisa que eu não conheço > sabe convive com essas diferenças, Júlia (15) Tem uma experiência de vida né, diferente, porque sai da rotina, vc vê a experiência de vida dos mais velhos por exemplo, eles já viveram bastante coisas que eles podem passá pra gente Rafael (15) (sobre a paciência com os mais velhos) eu sempre procuro pensá sabe que eu tenho que... que um dia eu vô fica velha né	Júlia (15) eu acho que a união do grupo tá sendo bastante forte, acho que ta todo mundo num só, tá todo mundo... são todos artistas, são todos no mesmo... que querem uma mesma coisa. Danilo (10) Não adianta conviver só com pessoas de 10 anos, 11 anos 12 anos..., (...) eu só vou tá com crianças, eu gosto também de conviver com pessoas maiores também.. podendo passá (pausa, elaborando uma idéia melhor), qui... podendo passa um pouco de mim pra elas e um pouco delas pra mim, pr podê aprende entendeu? Acho até legal! Rafael (15) acho super legal, acho até mais legal porque aí tipo dá pra troca bastante idéia né, com o pessoal da 3ª idade com um pessoal mais novo que eu, é bem legal. eu acho até mais legal assim, porque você vê assim a outras pessoas da mesma idade fazem tipo, estão sempre fazendo a mesma coisa que você, vão pros mesmos lugares, agora quando juntam várias idades já tem uma variação. > é muito legal isso porque é uma experiência que é uma troca né, de ensinamentos e, experiências. > vc aprende muito com eles o jeito deles muito engraçado, sabe,	Prof. Adriana (30) quando teve um trabalho em comum foi onde a integração aconteceu mais forte, que foi nas encenações, nos ensaios. > quando tem alguma coisa em comum, um objetivo acaba todo mundo trabalho junto assim > no começo acho tava meio estranho a relação, eu acho que não por preconceito, mas as pessoas não estavam muito acostumadas a conviver com pessoas mais velhas > foi suficiente pra aprende a lidá com pessoas mais velhas, o grupo inteiro tiro isso > acho que uma pessoa mais velha vc tem que ter mais respeito, mais atenção porque ela tem na maioria das vezes mais experiência que vc, já viveu mais tem muito mais coisa pra passa, então acho que tem te mais paciência, que lida com calma com outras pessoas mais velhas Júlia (15): Eu acho que não, eu acho que a união do grupo tá sendo bastante forte, acho que ta todo mundo num só, tá todo mundo... são todos artistas, são todos no mesmo... que querem uma mesma coisa. Júlia (15) por mais que eu convivi com minha vó por muito tempo, eu não convivi com outros idosos (...) conheci pessoas novas com jeitos diferentes, com modos de se comportar diferentes do meu bisavô e da minha avó, (...) Rafael (15) De lição....? (pausa) De lição tirei bastante experiência em relação a compreensão, responsabilidade. (...)eu sô uma pessoa que não tem muita paciência, eu aprendi com essas pessoas, não só com os idosos, também com as crianças, gente da minha idade a ter paciência, porque não com todo mundo que eu tenho que dá uma..... explodi né..., então achei super legal assim foi é... a experiência que eu tive com essas pessoas super legais é... que eu tirei deles foi isso. De compreensão por exemplo... em casa, com a minha mãe, com o meu pai, com toda a família, tenho mais compreensão assim sabe? (...) eu ouço mais elas; eu não consigo mais... porque antes eu não ouvia muito, eu falava mais do que ouvia, então agora eu to conseguindo mais ouvi essas pessoas, (...) é que eu falo bastante, mas eu na hora de ouvi da pessoa fala eu não quero entendeu?! Então eu aprendi isso também, foi legal!

ANEXO III **Quadro 7:** Análise geral Teatro05- Categoria dos idosos

Imagem que os idosos têm gerações mais novas :	Convivência: Idosos x jovens (antes de juntar os grupos e logo após)	Quais os conceitos que foram mudados depois que juntaram os grupos – 2 últimas oficinas
Sr. Machado (63) > O mundo dos jovens não é mundo de adultos, eles tem um modo de pensa diferente, um modo de fala diferente, um modo de se vestir diferente, e o adulto, ele já tem um outro tipo de linguagem, já carrega uma bagagem muito grande, pra ensiná, pra...então...(não termina a idéia); eles não aceitam por exemplo, coisas antiga, por exemplo, cê dá um conselho pro jovem ele num vai aceitá, ele acha que tá na dele, fala prum jovem: num pode fazê isso, num pode tomá droga, fazê isso fazê aquilo, então eles num aceita, por que? Porque é questão do quê? É questão de idade, de tempo, de época. > Então o jovem em si não é ruim, uma vez que haja uma pessoa que possa direcionar pra coisas boas. Não sô contra jovens de forma nenhuma, sô uma pessoa que (..), tem jovens bons até por sinal, boas, respeitosa, mas têm alguns mal direcionado, então nesse aspecto aí né (...)	Sr. Machado (63) me dou bem no meio de jovens, adultos e velhos, aí não tem problema. Elenice (52) No começo Cris, o grupo tava assim bem na nossa faixa, tava muito gostoso, a gente se sentia à vontade. > Não tá correspondendo com aquilo que eu queria. Quando era só o grupo de 3ª idade agente se soltava ía lá na frente...nossa! Eu me surpreendi comigo mesma. >> Agora não ficou muita ciancice, Ah! Assim não quero virou muito pastelão > A forma como está sendo colocada que não tá agradando, talvez por ter mais jovens então tá sendo voltado aos jovens, e ficou esquecido...(a experiência delas) > De repente a interação tinha que acontece mesmo não de repente o grupo perde em função de maior nº de criança e adolescentes, mas não de repente as crianças e os adolescentes entrarem também no clima, entendeu? Dos mais velhos, dos mais idosos com respeito e não tá tendo isso; não, não, não estamos questionado a professoara é o grupo mesmo o que tá faltando mesmo é a educação é o respeito do grupo, dos jovens, que não houve isso. Odete (60) É parece que a gente não ta no planeta da gente! > Eu acho que tá mais pra jovem do que pra mesmo!	Odete (60): eu senti assim que achava que eles estavam com falta de respeito com a 3ª idade né! Mas com o correr do tempo foi melhorando a convivência; eles foram... (pensou um pouco); num sei se eles foram chamados atenção ou não, sei que eles foram prestando mais atenção eeeeeee..... no decorrer da peça (quer dizer das várias oficinas) tornamos grandes amigos porque aí eles tratavam a gente com respeito, com carinho. > Então... eu.... no começo eu senti mesmo, assim... falta de atenção, falta de respeito com a idade, mas com o decorrer dos ensaios a gente foi notando que eles foram prestando atenção, foram chegando mais perto da gente >Eu acho que foi mais mal entendido, eu na hora eu achei que era preconceito, como eu falei pra vc (na entrevista anterior), mas depois com o decorrer do tempo e pelo jeito dele, não foi mais mal impressão, foi uma impressão que eu tive assim de te falado uma coisa e a gente tê entendido, ele quis dizê num sentido e a gente interpretô do outro porque ele foi um menino legal, trabalhamos juntos, era companheiro, chegava e me abraçava sempre, me beijava, a mim e a todos os outros também, então sempre tem umas pessoas que eles se adaptam mais né, e eu como sou muito brincalhona, eu sei que logo nós ficamos bastante amigos e... terminamos muito bom, num teve mais atrito nenhum.

ANEXO III **Quadro 8:** Cruzamento dos dados

Preconceito	Mais respeito com os mais velhos	Idosos entendem melhor a linguagem dos mais jovens	Trocas de experiências
Rafael (15): : Eu até percebi mais é... eu penso que é assim é criança então..... (pausa) num..., num..., sabe num conta, num vale a pena, se for fala por causa que...(pausa) Ah! Num sei as vezes num tem nada a vê... Sr. Machado (63) (...) não, eu não acho que houve preconceito...acho que o preconceito está na cabeça das pessoas na minha não está ... É, eu num assim num dô valor pra esse negócio de preconceito sem preconceito porque eu me abro assim mesmo né (gagueja e muito), então, agora, não senti preconceito (gagueja e muito), quanto a minha pessoa até presente data não Júlia (15):Ah eu acho que foi só um mal entendido, acho que não houve preconceito nenhum. Rafael (15): se fizeram alguma coisa acho que foi sem intenção de magoa sabe.	Odete(60): mas com o decorrer dos ensaios a gente foi notando que eles foram prestando atenção, foram chegando mais perto da gente, (...) aí eles (crianças e jovens) tratavam a gente com respeito, com carinho. Júlia (15): Todas (pessoas) exigem respeito, mas acho que uma pessoa mais velha vc tem que ter mais respeito, mais atenção porque ela tem na maioria das vezes mais experiência que vc, já viveu mais tem muito mais coisa pra passa, então acho que tem te mais paciência, que lida com calma com outras pessoas mais velhas; as pessoas mais novas já sabe mais ou menos na mesma, então sabe o que falá, o que fazê, como agi; é isso.	Júlia(15): O palavreado eles (mais jovens) falava mais gírias, é isso muda também, o jeito de se expressá, eles ficavam menos tímidos porque tavam lidando com as pessoas da mesma idade, então sabiam que é se vc fizesse alguma coisa a outra pessoa ia entende da mesma maneira, não com os mais velhos as vezes vc fala de um jeito ele podia interpreta de outro, e... mas, eu acho que, até com o tempo se acostumaram com isso e...acho que deu pra assimilar as duas coisas e não houve muito desentimento	Odete(60): No camarim assim foi muito legal na hora de se pintá, eles..., de se trocá, eles..., como muitos nunca tinha participado, eles tavam perdidos: me ajuda aqui, me pinta alí..., arruma meu cabelo; porque Adriana (prof. de teatro) coitada..., sozinha ela não conseguia né! Então pintá, arrumá, na hora de se trocá também, foi aquele carinho, e depois na hora de tomá o lanche (...) Então eu achei que mostrô neles que eles respeitaram a gente e gosto de trabalha e sentiu bem com a gente.

ANEXO III **Quadro 9:** Avaliação final Tatro05

Crianças e jovens	Idosos	Professores
Júlia (15): Acho que foi suficiente pra aprender a lidar com pessoas mais velhas, é... quem conviveu pouco, que eu num fiquei desde o começo, mas, eu consegui aprender bem, sabe, o que eu não sabia consegui, o grupo inteiro tiro isso, e é....Ah! Não vejo ninguém que não conseguiu lidar com o grupo acho que foi uma harmonia boa, principalmente que tava no final, todo mundo acostumado. Júlia (15): E conheci pessoas novas com jeitos diferentes, com modos de se comportar diferentes do meu bisavô e da minha avó, e... consegui me comportar muito bem na frente delas, não tive nenhum problema. Eu acho que isso me ajudou bastante porque eu sei que se eu conhece outras pessoas idosas ou nas mesmas condições eu sei que eu vou poder me comportar bem; agora já sei como agir. Rafael (15): Nossa nem acreditava, nem acreditei que acabou; num queria que acabasse, tava muito interessante aquele grupo, nunca tinha participado de um grupo de teatro tão legal.	Odete (60): e tornamos assim...grandes amigos, até agora (alguns momentos atrás) encontrei um deles aí e a gente continua assim... quando se encontra na rua vem abraçar a gente: (exclama) oi que legal te vê! Então eu achei que é questão de convivência, porque mesmo nós adultos, com um pouco mais de eficiência pra conversar, pra entender e pra escutar, as vezes entre nós de 60/70 (anos), as vezes há um pouco de atrito né; então eu acho que a gente tem que conviver, com jovem, com a criança, com adolescente e o idoso; a gente trabalhando junto e um tentando compreender o outro, no fim cabô tornando.... (mudou de frase); eu achei que terminou muito bom mesmo, foi gratificante. (a importância da integração)	Adriana (30) quando começou a integrar as idades dispersou muito, no começo, era muito difícil trabalhar, tinha uns que desciam, queriam sair mais cedo né, então foi difícil, difícil, até os adolescentes aceitarem a terceira idade, e a 3ª idade também aceitá, flexibilizá os dois lados, foi difícil, mas foi muito rápido o retorno, e eu acho que por conta dessa apresentação, vamos montar uma peça, e vamos fazer alguma coisa em comum. Eu acho que quando tem alguma coisa em comum, um objetivo acaba né, todo mundo trabalha junto assim, achei que foi...E aí eu fui observando um pouquinho do outro né, tiveram os atritozinhos mas isso é normal, 25 quis dizer nº de participantes). Adriana (30) eu fiquei muito satisfeita com a apresentação, eu não esperava assim, uma coisa assim de profissional, 3 meses um espetáculo de 1 ½ h, pô 27 pessoas, tinha muita coisa a ver com eles.

ANEXO IV **Quadro 10:** Análise de dados Teatro 06 – categoria crianças e jovens

Imagem que as gerações mais novas têm dos idosos	Convivência: jovens x idosos (antes de juntar os grupos e logo após)	O que mudou no processo da Interação
Adilson (14): São idosos, tem que te teu tempo, adequado pra eles, num tão com a memória mais boa mas sabem mais, tem mais conhecimento que nós; muitos já fez mais curso de teatro, conhece outra coisa que a gente não conhece, uma senhora conhece tricô, a outra conhece xadrez, outro é bom em carta, aí vai né, um ajuda o outro. Adilson (14): (...) as vezes a classe social mesmo, na rua, no ônibus, numa praça pública há esse preconceito, então eu acho que pra ameniza, pra acaba com ele, ameniza esse preconceito, é também fazendo isso (apontou com os olhos para a oficina de teatro), isso ajuda bastante, diminui muito... Edivaldo (21): é a experiência de vida, o já vivido, a gente tem a idéia do que seja, eles já têm a experiência, eles já passaram por isso, eles já sabem de verdade como é, isso é bom. Gustavo (15): De uma pessoa sábia, que tem bastante experiência, e tenho muito respeito pelas pessoas velhas, idosas. (...) a pessoa tem muito mais experiência que eu, muito mais conhecimento e pode me ajudá a... no meu caminho pra adquirir esse conhecimento. Mariana (15): Ah! Eu acho que são pessoas mais experientes, mais que assim tem muito a ensina pra gente se a gente dá uma oportunidade pra eles.	Adilson (14): Por que o quê ta no grupo “A” (idosos), é um grupo de maior idade, maior conhecimento, então com o conhecimento deles com o conhecimento do teatro, vai influenciá muito mais, vai ta tendo uma junta muito maior e também a união faz a força né? Que nós sozinho num somos ninguém. Gustavo (16): No princípio acho que vai tê tipo de um choque porque estamos trabalhando em ritmos diferentes, então aquela menininha Yohana (6 anos) por mais que ela consiga acompanhá dão trabalho pras pess... (não terminou), pra própria meninha por causa do ritmo diferente, mesmo porque as pessoas que entram novas, (não entendi, gravação muito baixa), há uma diferença de ritmo... (pausa) de velocidade que as pessoas estão trabalhando, então acho que de princípio rolaria isso mais... Júlia (16): No começo tem choques, tudo, mas tudo se acostuma, eu acho que este grupo, eu acho que por terem mais experiências, por não serem mais criança, eu acho que eles já tem um pouco mais de noção de como vão agi. Acho que não vão nota muita diferença. Mariana (15): Eu acho que no começo a gente vai fica meio, a gente num vai.... ai... num sei explica, num vai te....., a interação vai se meio diferente, que a gente não ta acostumado assim, mas eu acho que depois vai fica bem legal assim, éééé.....porque vai fica diferente, pessoas mais experientes que talvez ééé.... já tenham ééé..... apresentado outros trabalhos vão pode ajuda a gente, ensina a gente ééé... como também a gente pode ta ajudando eles no que a gente soubé. Não acho que vai estrnhá porque eles me receberam muito bem, quando eu cheguei, então acho que eles vão receber as pessoas bem também independente da idade.	Edivaldo (21): Uma experiência que no começo quando eu soube que iam juntá as turmas, me assustô, por que eu nunca trabalhei com... com pessoas de terceira idade né, não sabia que ia ter gente do tamanho da Yohana (6 anos) tal; eu nunca trabalhei como pessoas da terceira idade, então me assustô um pouco né, mas depois de juntá a turma eu vi que é muito bom, eu gosto muito, aprendi a gostá, convivê com o pessoal, com pessoal muito alegre e já tem uma certa experiência, que traz uma carga de vida muito boa pra gente sabe?! Eu que sô novo já tenho uma certa experiência no teatro, mas eles têm uma experiência de vida, sabe?! Isso juntando no teatro dá uma fórmula muito gostosa muito boa, sabe?! Isso é muito bom eu tô gostando muito. Edivaldo (21): Há foi um susto tipo assim... é porque....eu tinha visão que o pessoal da terceira idade é um pessoal meio chato, um pessoal que já tinha vivido muito, já tinha, já tem sua experiência de vida e... a gente não sabe de nada ainda da vida porque eles já sabem de tudo, então pra mim eles eram os donos da verdade e a gente que ia fica meio por fora assim né, mas, eu percebi que não né, então esse foi meu medo de sê ignorado tal pelo pessoal (turma dos idosos) tipo assim: “Háh se num sabe de nada, a gente já passo por isso e cê ainda nem chego nessa fase”, né, então esse foi o meu medo de sê ignorado pelo pessoal (idosos), mas acabei vendo que não, na verdade a gente aprende muito com eles e eles aprendem com a gente. Edivaldo (21): acho que agora nós somos mais integrados do que antes, bem unido, todo mundo se ajudando pra chegá num resultado legal, acho que tá mais divertido a aula, ta mais gostoso de se fazer, eu acho que o pessoal (todos) tá se divertindo mais, tá se ajudando mais, eu acredito que tá mais integrado. Júlia (16): Ah! eu acho que a-assim, a-na nossa turma de adolescentes tem grupinho né, fica um grupinho separado, um grupinho em outro e um grupinho das pessoas idosas e eu sô mais do grupinho das pessoas idosas né. Eu fico lá decorando falas com eles e tudo né! Aí fica o grupinho da criançada que é tudo meio irresponsável, junta prum lado junta pro outro e: “Ah vamo decorá fala? Ah não dexe pra depois, vamo come primero” sabe então eu to me afastando mais pra vê se eu consigo me fixa mais no trabalho, e eu acho que eles tão agindo, ai.. num tão com muita responsabilidade, tão mais com brincadeiras infantis tudo, num se dando pra peça.

ANEXO IV **Quadro 11:** Análise geral Teatro 06 - Categoria dos idosos

Imagem que os idosos têm gerações mais novas :	Convivência: Idosos x jovens (antes de juntar os grupos e logo após)	Quais os conceitos que foram mudados depois que juntaram os grupos – 2 últimas oficinas
Carime (65): Eu vejo aqui que o adolescente é mais tímido né, do que o idoso, o idoso tem mais limites, mas que o adolescente o limite é psicológico né, na hora que vai fazer os exercícios, então se teve os outros eles também vai ficar mais curiosos pra ficar olhando. (...) Mas eu vejo assim em geral a juventude, hoje se dá muito mais valor pra criança deixa que ela se expanda muito mais do que antes. Antes você tinha que entrar numa regra rígida, eu mesma me vejo criticando muitas vezes que: “Imagina dexta fazer isso”, entendeu?! Alguma coisa que... que hoje o..., o... adolescente faz. Quando eu tava dando aula eu não permitia não, eu era muito mais rígida. Zezé (63): e hoje não o jovem hoje fala mesmo, (...) o que gosta e o que não gosta, Eu acho, por exemplo, assim... que as crianças né, as pequeninhas né, elas já tão... nossa elas já são tão instruídas né, criança com 4-5-6 anos elas mexem na internet, elas têm um campo de visão, elas têm uma possibilidade tão grande, e eles já vem desde pequeno conhecendo vivendo isso né! Agora já ao passo do jovem, eu acho que quando ele chega ali nuns 12-13 pra 14 anos assim ele, ele, ele parece que fica um pouco alienado ele não caminha com tanta seriedade como uma criança de 5-6 anos caminha; sabe não sei se to sabendo te explicar! Vamos supor uma criança de 5-6 anos pega um computador, ela vai, ela estuda, ela aprende, ela tem interesse, ela tem um relacionamento com os avós com pessoas mais velhas muito melhor do que um jovem de 13-14 anos acho que faz parte né. Agora, eu acho principalmente assim, se você pega um jovem e pergunta a respeito da política, a respeito do momento político que o Brasil... dificilmente você vai encontrar uma opinião mais sensata: “ah eu não to nem aí, ah, não quero nem saber”, eles não querem nem saber, eles não querem nem saber, uma coisa tão importante né, num sei talvez falta diálogo, falta... éééé... vamos supor um professor lá na classe antes de começar uma aula dele mesmo ele disser a respeito dum assunto, duma corrupção, coloca os jovens ao par do que tá acontecendo, mostrando, cobrando deles ali né; “o que é que vocês acham?”, “Como é que vai ser?”, “olha tá tendo um processo de cassação, vamos ver se realmente essa pessoa vai se cassar!”(???não entendi), sabe, porque é lógico né, eles, eles tem a liberdade toda, eles têm tanta... tanta coisa na vida que eles não vão querer se preocupar com coisa seria né? Eu acho! Banco de dados: uma criança de 5-6 anos pega um computador, ela vai, ela estuda, ela aprende, ela tem interesse, ela tem um relacionamento com os avós com pessoas mais velhas muito melhor do que um jovem de 13-14 anos acho que faz parte né. falta diálogo, eles tem a liberdade toda, Não se interam de assuntos como a política e a situação econômica do país	Carime (65): Ah, eu acho que vai ter um pouquinho de dificuldade, assim, principalmente acho que os mais jovens vão até ficar muito furiosos, e acho que até os outros vão se entrosar melhor, os mais idosos vão se sentir melhor, eu acho, do que com a turma jovem porque eles são menos acostumados a se preocupar com o outro entendeu, de segui, de vê, de igual pra igual; eu tenho essa sensação não sei se é verdade, mas é gostoso de fazer. Delminda (60): Como é um grupo de teatro, eu espero que realmente essa união seja uma coisa boa, saudável; porque se não fosse um grupo de teatro eu já acho que teria dificuldades, porque é completamente diferente né, a idade, o modo de agir de pensar, então como é no teatro eu estou acreditando que vá acontecer alguma coisa legal. (...)Eu acho assim, não sei, eu tenho impressão que eles não aceitam muito a pessoa mais velha, talvez eu me sinta já achando que não vão me aceitar, então por isso eu já chego com mais receio, talvez seja isso... da minha parte. Zezé (63): Não digo um estranhamento mais... vai... eu acho que vai apresentar alguma dificuldade sim, porque o jovem hoje em dia, ele..., ele..., ele tem a ideia própria e ele expressa essa ideia, porque no nosso tempo, na minha época a gente, mesmo que a gente pensasse “ah, eu não quero ficar nessa companhia” né, a gente não podia expressar, por que a educação era essa, e hoje não o jovem hoje fala mesmo, (...) o que gosta e o que não gosta, e eu tenho a impressão que certamente a gente vai enfrentar algum tipo de resistência mais... nada que a gente não supere com boa vontade. (...)certamente a gente vai saber contornar, a gente sendo de mais idade vai saber contornar mais a situação e chegar num consenso, acho... eu acho que consegue	Sr. Machado (63): Perguntei a ele porque parou de fazer o teatro, ele me respondeu que foi por causa da metodologia do professor, as atividades eram muito musicais e não de interpretação e apresentação de texto (ele acha que não tem uma boa voz para cantar) além do mais a intergeração era uma ilusão porque na opinião dele ali não aconteceu nada de interação entre os jovens e os velhos, acontecia só quando o professor mandava, depois cada um ia para o seu grupinho de idade, não se formava grupos de amizades como no teatro anterior.

ANEXO IV **Quadro 12:** Cruzamento dos dados

Preconceito	Mais respeito com os mais velhos	Idosos entendem melhor a linguagem dos mais jovens	Trocas de experiências
Adilson (14): eu sô contra essas pessoas que chega e “ah! cata o veio” ou “Num gosto desses véio chato”, claro que não! Edi (21): Não, eu não senti preconceito de ninguém, eu senti um medo, um receio como eu disse que eu senti, eu acho que eu senti que o pessoal.... eu acho que o grupo também sentiu uma responsabilidade maior, né, achei que teve esse medo e não um preconceito. Júlia (16): Eu acho que não, acho que esse grupo foi super tranquilo, num teve nenhum problema quanto a isso, foi só risada, só diversão, sabe na hora de pega pesado e pega todo mundo do seu jeito, mas ta todo mundo caminhando, espero que dê tudo certo né. Mariana (15): Eu acho que muitos falam, pensam: “Ah não velho é cabeça quadrada, não vai..., não entende o mundo de hoje”, mas eu não, acho que assim, qualque pessoa pode ajuda a gente... pode..., independente da idade, acho que não é idade que vai diferencia o que ela pode ou não faz. Raquel (15): Não, eu não vi assim, se teve eu não reparei. Delminda (60): acho que vendo assim... no geral, né. Por que eu também eu estudei, eu voltei a estudar com 50 anos, aliás com 45, eu voltei a estuda, então a minha classe era bem misturada, então eu fazia parte era a minoria dum grupo de meia dúzia assim mais velha, mais de 40, então era vista como vó; eu era.... na nossa sala... escreviam “asilo” na sala de aula, sabe então a gente sentia um preconceito na escola, na escola, na classe, que era uma classe de magistério que eram pessoas que se formando pensando no futuro dentro da educação, e não tinham educação (riso curto irônico), com a gente não tinham o menor respeito, então daí talvez seja esse o meu receio; mas eu acho que no teatro é diferente, é pra ser diferente, porque ali... com o professor direcionando, montando uma peça, o direcionamento acho que vai se diferente,	Edivaldo (21):estamos lidando com pessoas mais velhas, pessoas da idade das nossas mães, das nossas avós, tem todo um respeito e tal...,	Júlia (16): Ah, o que eu acho que marca mais é esse negócio das falas mesmo, do jeito de agi, de se comunica que é diferente tanto dos idosos quanto dos adolescentes, crianças, adultos, é tudo muito diferente, e eles também ficam ligados assim pra vê o quê que a gente ta falando, como a gente agi, pra tenta agi junto, pra se entrosa, pra brinca mais com a gente.	Adilson (14): acho que vai se um pedacinho que preenche a vida, e vai ajudá também né porque assim, se eu posso ajuda eles, eles podem me ajuda, e é uma coisa boa pra eles também de convive com outras pessoas mais novas, conhecimento nosso também que eles não conhecem, eles vão ta conhecendo, acho que isso é bom, agora depende da..., depende da convivência, assim muda de opinião. Edivaldo (21):Eu acho que sim, eu acho, eu acho que... é.... a gente, a gente sempre tem que aprendê com as pessoas mais novas, né, tanto a gente tem que aprende com eles (idosos) que já viveram como eles com a gente, porque o mundo muda a cada dia, né, então a nova geração sempre tá mais antenada no dia a dia no que acontece, na, nas novidades, né, então acho que isso é útil pra todo mundo, pra... tanto pras pessoas mais idosas, pra todo mundo; eu aprendo muito com as pessoas novas do que eu, né, e eu acredito que eu tenho coisas pra ensiná as pessoas mais velhas também. Mariana (15): acho que a gente vai pode se ajuda, na interação, no que eu sei faz acho que eu posso ajuda eles, como eles também podem me ajudá, me mostra outras formas, outros caminhos pra facilita... o desenvolvimento do trabalho. (...) Como você tem que sabe lida com uma criança que apronta, você também tem que sabe lidá com idosos, então, acho que a sua maneira de éé’..., de convivê com as pessoas, acho que é você que tem que sabe lidá com tudo, se não não flui, no trabalho. Raquel (15): Ah! é uma coisa assim que vc ensina pros pequenininhos né... e aprende com os grandões, é legal, é uma troca de aprendizagem.(...) . A alegria deles, eles ensinam a gente também que é... como se diz..... de se expressa mais, se dá mais pras pessoas porque assim, cê num se dá muito assim, cê num se abre muito com as pessoas, então eles fazem isso, eles, eles ensinam a gente assim de num vê muita diferença sabe, e gostar da pessoa como ela é, e aprender a se dá assim, se abri com as pessoas mais assim. (fala de seu avô)E fica lá tranca xingando Deus e o mundo. Aí a gente pode fala a vô vamo lá comigo né, lá no shopping, no cinema ele vai gostando e aprendendo í sozinho sabe, é uma coisa que vai passando o tempo deles mais rápido e eles vão gostando sabe. Se divertindo mais.

então acredito que pode acontece, pode se bom, mais da minha parte eu tenho receio porque eu já sofri esse preconceito... na época da escola. Zezé (63): Não, não, não eu me sinto bem, eu me sinto bem, eu me sinto bem; eu não sinto barreira não. Prof Murilo (40): Há uma tendência natural dos jovens se juntarem aos jovens, né, e os mais velhos, por exclusão até porque eles têm mais abertura pra se juntarem aos jovens, então eu sinto que.... é... os jovens são um tanto mais críticos também né, e criticam mais abertamente, até entre eles mesmo, então tem essas pequenas dificuldades, mais não senti nenhum preconceito de cor, não senti... (mudou o rumo da conversa), e esse preconceito que eu falo também não é uma forma agressiva, é uma forma instintiva, né, talvez até por timidez, é... eles busquem seus nichos, né onde se sintam um pouco mais protegidos.			
---	--	--	--

ANEXO IV **Quadro 13:** Avaliação final do Teatro06

Crianças e jovens	Idosos	Professores
Júlia (16): Ah! E aí tomara que teja outra, que tenha outra pra podê fazê isso de novo, tomara que entra mais gente, ou forme duas turmas. (...) eu acho que o desenvolvimento desse trabalho foi muito melhor que o outro (teatro05). A peça com certeza vai sê melhor também.. Raquel (15): Ah! Por que assim, cê tá aprendendo agora, aí quando vc acha que ta melhorando, caminhando pra consegui fazê uma coisa melhor ainda.... pára!!!!!! Aí perde a graça, aí cê fica boiando!!!! (...) Tristeza né porque tá acabando. Ah é chato né cê tá fazendo uma coisa, cê tá gostando, agora pego no tranco cê tem que pará né, é meio chato; mas foi legal, foi bom, não me arrependo; acho que devia ter estudado um pouco mais no começo, mas tudo bem, tava conciliando escola com teatro, aí fica meio difícil, mas agora.... tá bom eu gostei, vai acaba né?!!!.	Odete (60) Eu gostei mais dessa oficina do que a anterior. Acho que deveríamos continuar, porque agora que ficou bom! Delminda (60) Demoramos tanto para chegar até aqui e agora vai acabar, não entendo!	Prof. Murilo (40): É... tô sentindo agora no meio do processo que essa integração de fato é...tá indo um pouco mais lento do que eu imaginava, determinado momento parecia que tava caminhando melhor, agora sinto que deu uma..., uma diminuída assim a integração até porque....como não tem um compromisso profissional, e o tempo da oficina é longo, as pessoas não comparecem todos os dias, todas as pessoas todos os dias; então fica 15 dias, 20 dias uma pessoa que não tem integração

ANEXO V TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____ declaro para os devidos fins, que participarei, por livre espontânea vontade, da pesquisa de campo a ser realizada pela mestrandia Cristina Rodrigues Lima, como parte do mestrado em Gerontologia, realizado na UNICAMP no ano de 2005/2007.

Entendo que o estudo tem como objetivo pesquisar a dinâmica de trabalho de grupo intergeracionais, parte do Programa Sesc “Gerações” da unidade de Campinas, tendo em vista sua proposta de melhoria das relações entre diferentes gerações.

Declaro estar ciente de que esta pesquisa constatará de observação de minha participação em atividades do referido projeto, registrada através de gravação audio-visual, registros fotográficos e que serei solicitado (a) a prestar depoimentos orais em entrevistas, coordenados e propostos pela mesma. Entendo também que:

- a minha participação não acarreta danos para minha saúde;
- as informações prestadas por mim serão voluntárias e confidenciais;
- ao estudo interessam informações obtidas nos depoimentos orais, entrevistas, sem a identificação individual, preservando a minha privacidade;
- a minha participação é voluntária e tenho o direito de obter quaisquer esclarecimentos sobre o processo da pesquisa a qualquer momento. Caso queira me retirar do estudo em qualquer fase, isto não implicará qualquer tipo de dano, custo ou penalização à minha pessoa.

Campinas, ____/____/____

Participante

Cristina Rodrigues Lima

ANEXO VI TERMO DE AUTORIZAÇÃO (para participante menor)

Cristina Rodrigues Lima, funcionária do Sesc, professora de atividades físicas para terceira idade, aluna regular de mestrado em Gerontologia (estudos do envelhecimento) da Unicamp, na qual realiza um projeto de pesquisa (estudo) com crianças e idosos no Sesc Campinas, convido a participação do (a) menor para fazer parte desta pesquisa através de entrevistas e depoimentos orais, com as seguintes características:

- As perguntas serão exclusivamente sobre o que elas acham dos idosos, num tempo máximo de 20 minutos de duração;
- A participação das crianças não acarreta danos à sua saúde;
- As informações dadas serão confidenciais;
- Ao estudo interessam apenas as informações obtidas para a pesquisa;
- A participação é voluntária, caso ocorra desistência não haverá nenhum tipo de dano, custo ou penalização ao menor ou à sua família.

Serão utilizados relatos orais, entrevistas com e sem gravações em fitas cassetes, gravações em áudio e fotografias. Peço ademais sua autorização para efeito de publicação da pesquisa a possível inclusão de fotos e as gravações de vídeos. Sendo assim, agradeço sua colaboração, pois com certeza estará colaborando para um estudo que poderá no futuro melhorar a qualidade de vida dos idosos. Obrigada.

Autorizo o(a) menor, _____ a participar do Projeto de Pesquisa “Programas Intergeracionais: um estudo das atividades que aproximam as diversas gerações” da prof^a Cristina, pesquisa do Mestrado em Gerontologia da Unicamp/2005/2007, realizada no Sesc Campinas.

Campinas, ____/____/____

Responsável

Cristina Rodrigues Lima

ANEXO VII

TERMO DE AUTORIZAÇÃO
(ao Serviço Social do Comércio - Sesc/Campinas)

Cristina Rodrigues Lima, funcionária do Sesc Campinas, cargo instrutora de atividades, aluna regular de Mestrado em Gerontologia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), que pretende realizar uma pesquisa com finalidade de investigar a dinâmica das relações intergeracionais, tendo como sujeitos, os participantes das atividades do Programa Sesc “Gerações” da unidade de Campinas. Por meio deste termo, a mestrandia solicita a autorização ao Sr. Gerente Evandro Marcus Ceneviva, a sua participação nas atividades do referido Projeto, necessária para a realização da referida pesquisa. O estudo busca entender a contribuição das atividades direcionadas aos idosos e às gerações mais novas (crianças e adolescentes), na promoção da melhoria das relações entre as diferentes gerações.

Serão realizadas coletas de depoimentos orais e observações diretas dos participantes; gravação em fitas cassetes e audiovisuais; registros fotográficos.

Os participantes deverão assinar um termo de Consentimento Livre e Esclarecido conforme o modelo anexo.

Esclarecimentos:

A atuação da mestrandia não acarretará danos aos sujeitos e aos locais da unidade Sesc Campinas. Caso ocorra, estarei à disposição para possíveis esclarecimentos, a mesma isenta o Sesc Campinas de qualquer responsabilidade por qualquer dano decorrente da pesquisa.

Campinas, ____/____/____

Evandro Marcus Ceneviva

Cristina Rodrigues Lima

ANEXO VIII

TERMO DE AUTORIZAÇÃO - FEAC

Cristina Rodrigues Lima, funcionária do Sesc, professora de atividades físicas para terceira idade, aluna regular de mestrado em Gerontologia (estudos do envelhecimento) da Unicamp, na qual realiza um projeto de pesquisa (estudo) com crianças e idosos no Sesc Campinas, convido a participação dos (as) menores vinculados à FEAC para fazer parte desta pesquisa através de entrevistas e depoimentos orais, com as seguintes características:

- As perguntas serão exclusivamente sobre o que elas acham dos idosos, num tempo máximo de 20 minutos de duração;
- A participação das crianças não acarreta danos à sua saúde;
- As informações dadas serão confidenciais;
- Ao estudo interessam apenas as informações obtidas para a pesquisa;
- A participação é voluntária, caso ocorra desistência não haverá nenhum tipo de dano, custo ou penalização ao menor ou à sua família.

Serão utilizados relatos orais, entrevistas com e sem gravações em fitas cassetes, gravações sem áudio e fotografias. Peço ademais sua autorização para efeito de publicação da pesquisa. Sendo assim, agradeço sua colaboração, pois com certeza estará colaborando para um estudo que poderá no futuro melhorar a qualidade de vida dos idosos e das futuras gerações. Obrigada.

Autorizo as crianças vinculadas à FEAC, a participar do Projeto de Pesquisa “Programas Intergeracionais: um estudo das atividades que aproximam as diversas gerações” da prof^a Cristina, pesquisa do Mestrado em Gerontologia da Unicamp/2005/2007, realizada no Sesc de Campinas.

Campinas, ____/____/____

Representante da FEAC

Cristina Rodrigues Lima

ANEXO IX**TRANSCRIÇÕES BRUTAS DAS ENTREVISTAS**

1. “De carta em carta	(09 entrevistas)		pg. 202
2. “Sarau Intergeracional	(05 entrevistas)		pg. 210
3. “Teatro Intergeracional (2005)	(14 entrevistas)		pg. 221
4. “Teatro Intergeracional” (2006)	(14 entrevistas)		pg. 243
Total		42 entrevistas	

Entrevistas “De carta em carta”

As entrevistas foram realizadas durante o lanche do “Grande Encontro”, esta foi oportunidade única de entrevista em grupo, isto é, crianças, adolescentes e idosos, pois não haveria outro encontro. Os idosos e suas crianças correspondentes estavam distribuídos em mesas, cada mesa compunha-se em média de dois idosos e duas crianças, aqueles idosos que corresponderam com até três crianças ficavam numa mesa só, em outros casos, as crianças e jovens que estavam sem seus idosos correspondentes se uniram com outros grupos formando um grande grupo. Destaco o grupo do Americano que tinha só ele de idoso com três crianças e quatro adolescentes. O lanche durou uma hora e algumas entrevistas foram feitas apenas com os idosos, enquanto as crianças e os jovens preparavam-se para ir embora, é o caso das entrevistas 4, 7 e 8.

As entrevistas de 1 e 2 foram realizadas no período da manhã e de 3 a 5 no período da tarde. Todas as entrevistas em que estava presente o grupo completo (crianças, jovens e idosos) foram iniciadas pelas crianças para que não ocorresse influência de opiniões dos adultos.

1ª Turma (manhã)

Nº 1 Wilson (76 anos); LL(M),11 anos; MG(F), 11 anos; TS(F), 13 anos

Nem todas as crianças se corresponderam com Sr. Walter, Tais não conheceu seu correspondente, mas foi convidada pelas amigas para ficar junto com elas.

Entrevistadora: LL(M),11 anos, o que você achou das cartas?

LL(M),11 anos Ah! Eu achei muito bom que todo mundo participe que pena que algumas pessoas ficaram sem par e alguns idosos que tiveram coisa, éééé...tiveram sem par (gagueja um pouco) é ajudaram as pessoas que tavam sem par, aí achei bacana porque isso daí também ajuda, eles dançaram, viram o teatro, bastante coisa, foi muito legal.

Entrevistadora: O quê que você, achou de mais interessante nas cartas quando ele escreveu pra você?

LL(M),11 anos é.. achei muito interessante porque ele participou também, ele escreveu pra mim eu respondi, é isso daí também.

Entrevistadora: Na carta ele falou quantos anos tinha?

LL(M),11 anos Falo

Entrevistadora: E agora vendo ele com 76 anos como você acha que ele é?

LL(M),11 anos que ele já passo muita coisa na vida dele, que ele ainda pode aproveitar bastante se ele sabe usa a vida dele

Entrevistadora: E você achava que ele era uma pessoa que podia tá usando bengala, uma coisa assim

LL(M),11 anos Não

Entrevistadora: Você fez a idéia dele de uma pessoa ativa, saudável, com dificuldades de andar, de se locomover...

LL(M),11 anos Ah! Uma pessoa saudável

Entrevistadora: Obrigado.

Entrevistadora: LL(M),11 anos o que você achou das cartas?

LL(M),11 anos Legal! (alguém das crianças perguntou: certeza?) de eles corresponderem, ele falava da vida dele a gente da nossa

Entrevistadora: como é a vida dele? Pelo que ele escreveu você acha que a vida dele é boa?

LL(M),11 anos É

Entrevistadora: E o que você escreveu pra ele?

LL(M),11 anos Ele perguntou o nome dos meus professores aí eu respondi se eu cantava, quantos anos eu tinha

Entrevistadora: E ele chegou escrever na carta quantos anos ele tem?

LL(M),11 anos Falo

Entrevistadora: E qual idéia que você fez dele? (demorou muito pra responder) Não chegou fazer nenhuma idéia?

LL(M),11 anos Não

Entrevistadora: Ta bem obrigada.

Entrevistadora: MG(F), 11 anos, o que você achou das cartas?

MG(F), 11 anos Legal também

Entrevistadora: Quando ele escreveu pra você o que você achou de mais interessante

MG(F), 11 anos Ah! Eu achei que ele conheceu D. João, a nossa escola

Entrevistadora: e o que você escreveu pra ele?

MG(F), 11 anos Escrevi o meu nome inteiro, minha série, nome da minha escola, nome da minha família, meu endereço

Entrevistadora: Você achou interessante escrever carta, receber carta, qual emoção que vem? (demorou pra responder)

MG(F), 11 anos De ficar conhecendo a pessoa que manda carta pra mim

Entrevistadora: E quando ele falou a idade dele que idéia você fez?

MG(F), 11 anos Ah! Não sei... (ou não quis responder)

Entrevistadora: nenhuma idéia, de cabelo branco, que usava óculos,

MG(F), 11 anos Não

Entrevistadora: Uma bengala ou não? Apenas balançou a cabeça

Entrevistadora: Não (risadas) Uma idéia de consegue fazer as coisas sozinho, de subir no ônibus, descer do ônibus, ir sozinho pra cidade voltar. Você fez a idéia de uma pessoa saudável?

MG(F), 11 anos Fiz

Entrevistadora: É, obrigada

Entrevistadora: TS(F), 13 anos, o que você achou das cartas?

TS(F), 13 anos Nossa achei que foi uma boa experiência de conviver com as pessoas mais velhas, de idade. Assim meu correspondente não veio, mas encontrei Sr. Wilson que é uma pessoa nossa... demais. A gente vê que pela idade que ele tem a gente não imagina que é uma pessoa assim que anda brincando fazendo brincadeiras, muito alegre assim. Foi uma experiência muito boa, inesquecível.

Entrevistadora: Você tem idéia de que uma pessoa na idade do Sr. Wilsom é uma pessoa fechada, mal humorada.

TS(F), 13 anos Até pelas novelas que a gente assiste dá pra perceber que as pessoas de idade são mais mal humoradas porque já teve muita experiência e até que não é, as pessoas de mais idade tem que ensinar os menores pra não comete erros como eles cometeram

Entrevistadora: Sr. Wilson, conta pra mim a experiência do Sr.

Sr. Wilson (76 anos): Eu digo experiências mas isso é coisas que já foram coisas passadas pelo meu pai, então meu pai já era criativo, e é lógico que desde criança ele passou tudo isso pra mim, então isto é uma coisa que me divertiu e eu gostei demais e como a Beth me convoco eu passei eu passei tudo estas brincadeiras aí pra eles.

Entrevistadora: e a experiência das cartas?

Sr. Wilson (76 anos): Eu acho um lado muito interessante, porque traz muita emoção, emotiva muito.

Entrevistadora: Qual é o tipo de emoção? De receber de escrever?

Sr. Wilson (76 anos): Não, de vê a manifestação, o amor, o carinho e a vontade que eles tem de se expor e conhecer pessoas de fora da família.

Entrevistadora: E quando o Sr. conheceu as crianças, agora esse momento, o que que o Sr. está sentindo neste momento?

Sr. Wilson (76 anos): num tem uma...

Entrevistadora: Qual o tipo de troca?

Sr. Wilson (76 anos): A correspondência, a troca achei importante, mas o lado interessante é que eu me sinto criança e me sinto bem no meio deles, entendeu, eu não cresci, eu não sô o que eu aparento, eu continuo criança, pode perceber no meu modo, no meu comportamento, eu continuo me sentindo criança até o dia de hoje.

Entrevistadora: Obrigado

Nº 2: Celina (64 anos) e MCB(F), 9anos

Entrevistadora: MCB(F), 9anos o que você achou das cartas ?

MCB(F), 9anos: Ah! Muito legal, a tia (profª do Curumim) também deu uma ajudinha pra nós, ajudo nois a realiza meus sonhos de quere conhece a tia Celina, isso.

Entrevistadora: O que você escreveu na carta pra Celina?

MCB(F), 9anos: que eu gostei muito da foto que ela me deu, do lago encantado e da igreja mais bonita que eu nunca vi.

Entrevistadora: Qual é a igreja?

MCB(F), 9anos: Como que é tia?

Celina: É uma igreja dos Estados Unidos

MCB(F), 9anos: É uma igreja dos Estados Unidos

Celina: É a maior igreja de Atlanta

MCB(F), 9anos: É a maior igreja de Atlanta

Entrevistadora: E o que ela escreveu pra você?

MCB(F), 9anos: Se tava tudo bem..., se eu posso conhecer ela, eu falei pode, se eu posso mandar uma carta, eu mandei, e também mandei um beijo pro filho dela.

Entrevistadora: E ela falou a idade dela na carta?

MCB(F), 9anos: Ah isso eu não lembro

Entrevistadora: Quando ela escreveu pra você, você fazia a idéia dela uma pessoa muito velhinha ou não

MCB(F), 9anos: Não

Entrevistadora: Que jeito?

MCB(F), 9anos: Igual a Cíntia (instrutora do Curumim que tem 26 anos).

Entrevistadora: Jovem, saudável, uma pessoa cheia de saúde, bem humorada

MCB(F), 9anos: HaHa...

Entrevistadora: Você tem avós?

MCB(F), 9anos: Tenho

Entrevistadora: Como são os seus avós

MCB(F), 9anos: São bons, me ajuda também muito.

Entrevistadora: Tem paciência mais com você do que seus pais?

MCB(F), 9anos: Os dois tem

Entrevistadora: Você acha que uma pessoa mais velha do que seus pais tem mais paciência com você?

Entrevistadora: São mais carinhosos ou mais rabujentos?

MCB(F), 9anos: Os dois

Entrevistadora: Qual a emoção que você mais sentiu escrevendo e recebendo cartas?

MCB(F), 9anos: nenhuma

MCB(F), 9anos foi embora, ficou apenas a entrevistadora e Celina

Entrevistadora: Celina (64)o que você achou escrevendo e recebendo as cartas das crianças?

Celina (64 anos) Eu gostei muito, eu gosto muito de escrever, trocamos muitas idéias, a correspondência da criança é muito rica. Essa que você acabou de entrevistar é do lar, ela não vive com os pais, e é por isso que ela tem assim uma dificuldade de expressar seu afeto, havia mais duas na mesa. Os outros dois que corresponderam comigo já saíram (lanche oferecido pelo Sesc para conhecer os correspondentes). O (P,M9) um garotinho de 9 anos que faz a segunda série, e a (A,F13) uma garota de treze que cursa a 5ª série no Fco Glicério. O (P,M9) tem mais três irmãos e, a menina que você acabou de entrevistar a (MCB,F9) tem mais três irmãos, mas uma irmãzinha vive com ela no lar.

Entrevistadora: e os outros?

Celina (64 anos) Vivem com a mãe. Agora a gente não tem muita oportunidade de pesquisar porque ela cria uma barreira e também a gente não quer tocar a emoção da criança, eu acho que se sente diferenciada por viver no lar, ela é muito carente. Os pais têm 4 filhos, os dois maiores foram pro orfanato e tem dois em casa, eu acho que seria a hora de orientar essa família pra fechar a fábrica, senão logo os maiorzinhos vão pro lar de novo, eles não têm condições financeiras e nem emocionais, nem psíquicas pra ficar com essas crianças, aí é que eu acho que o estado tem que responder por um projeto de orientação, senão vai continuar botando criança no mundo e jogando pro orfanato depois acabar de criar. É uma tristeza viu. Toda carta que eu escrevia, eu mandava pras criança um postal escolhido das viagens que eu já fiz, e a mais carente delas que é a Mariana, essa menina que mora no lar, ela quando me conheceu falou: Tia você é muito viajada, você é rica? Falei não a tia não é rica, a tia é aposentada, eu trabalhei 30 anos pra agora ter um dinheirinho e fazer as minhas viagens. E assim que você vai fazer você vai estudar bastante, você vai ser uma boa profissional, pra você poder depois quando você for adulta também fazer as suas viagens. E elas estavam encantadas pra saber se eu fui à Disney, e eu falei que tinha ido e elas quiseram saber uma porção de detalhes, daí eu contei, mas a preocupação deles é se eu tinha encontrado o Mikey e o Pateta (risadas). Muito engraçadinho o universo deles viu, eu ri muito, mas a mais carente delas é a Mariana.

Entrevistadora: Qual a emoção que mais te marcou neste encontro, nas cartas?

Celina (64 anos) Eu achei muito interessante nas cartas, elas têm muitas idéias, querem descobrir quem é você, o que você faz, se você é casada, quanto tempo, quem é seu marido, elas são muito criativas, muito... Achei muito interessante. E aqui no contato elas, as três que me encontraram,

elas estavam assim sedentas de saber quem era a Celina, e quem era o meu marido, o que ele fazia, como é que era, achei muito interessante, a curiosidade delas é muito grande. Foi muito legal mesmo, eu fiquei feliz, enriquecida nesse contato com as crianças. Achei um projeto muito interessante. Hoje tenho uma reunião de grupo de mulheres que eu frequento, coordeno, eu vou levar essa idéia, porque eles têm também um trabalho com a favela de São Marcos, e tem um projeto lá do ABC e eu quero levar essa idéia que eu achei sensacional. Esse projeto não pode morrer aqui tem que ser repetido em várias comunidades de Campinas, o Sesc Feac está de parabéns.

Entrevistadora: Obrigada Celina.

2ª turma: período da tarde

Atividades: idem ao período da manhã

Nº 3: Adailton (61 anos) e JKRS(F), 9 anos

Entrevistadora: O seu nome é JKRS(F), 9 anos (quis perguntar como pronunciava o nome). **JKRS(F), 9 anos** o que o Adailton escreveu na carta, você lembra? (E ela não lembrou alguém no fundo respondeu por ela e sugeriu para o Adailton ajuda-la).

Adailton (61 anos): Ah! escrevi que eu faço yoga, eu faço hidroginástica, e vocês, pra vocês serem bem bacana pros professores, o que vocês fazem no Sesc vão ter um futuro melhor, então bastante coisas escrevi é que eu não lembro de tudo agora né.

Entrevistadora: Ele disse a idade na carta pra você?

JKRS(F), 9 anos disse

Entrevistadora: e como você imaginava, que ele era assim como uma pessoa de 61 anos?

JKRS(F), 9 anos Eu pensava que ele é mais ou menos jovem, não idoso.

Entrevistadora: agora você sabe como que é uma pessoa de 61 anos?

JKRS(F), 9 anos Sei

Entrevistadora: Qual a emoção foi de escrever carta, receber carta?

Adailton: você gostou...

JKRS(F), 9 anos Eu gostei muito, e achei ele muito legal.

Entrevistadora: Você acha que estas pessoas da idade do Adailton são mal humoradas ou são mal humoradas?

JKRS(F), 9 anos Bem humoradas

Entrevistadora: Você tem avós? Você tem contato com sua família?

JKRS(F), 9 anos Tenho

Entrevistadora: Você tem avô, avó?

JKRS(F), 9 anos Tenho

Entrevistadora: E eles também têm 60 – 70 anos?

JKRS(F), 9 anos Tem. São idosos igual ele, e precisam de ajuda

Entrevistadora e Adailton ao mesmo tempo: que tipo de ajuda?

JKRS(F), 9 anos De ligar pros médicos e de marcar consulta

JKRS(F), 9 anos presenciou a entrevista o tempo todo.

Entrevistadora: Adailton o que você achou desta história das cartas?

Adailton (61 anos): achei bacana, achei bacana isso aí, eu nunca tinha participado, então achei legal.

Entrevistadora: qual foi a emoção de escrever, de...

Adailton (61 anos): É sempre bacana a gente corresponder assim com crianças, ainda mais elas que tem um pouco de dificuldade de as vezes né, pra escrever alguma coisa e a gente entender bem, eu entendi bem o que elas queriam passa pra gente, é, é bacana.

Entrevistadora: veio alguma emoção?

Adailton (61 anos): Veio, claro, veio sim

Entrevistadora: Que tipo de emoção

Adailton (61 anos): É por exemplo a JKRS(F), 9 anos quer ser professora né, o menininho que não está aqui agora, quer se motoboy, (risadas do Adailton). Então escrevi pra ele ser motoboy no início e depois fazer outras coisas porque é muito perigoso ser motoboy; e ela seguir nisso aí, ser uma professora aqui no Sesc, é muito bom seguir o exemplo de vocês professores aqui né, então foi isso aí

Entrevistadora: E na hora do encontro qual foi a emoção?

Adailton (61 anos): foi legal, não sei se ela sentiu porque ela é meia quietinha assim, talvez eu também seja

Entrevistadora: foi boa a experiência? Valeu à pena?

Adailton (61 anos): Valeu, bastante

Entrevistadora: Obrigado

Nº 4 John, 75 anos; RW(M),12 anos; JAB (M),10 anos, FO (F), 7anos.

John estava acompanhado de várias crianças porque três delas estavam sem correspondentes e como outros eram amigos todos ficaram juntos em duas mesas acopladas. John é de nacionalidade norte americana por isso que em suas falas têm muito *ééé...*

Entrevistadora: Como foi pra você receber cartas e escrever cartas para o John

RW(M),12 anos Foi muito legal,

JAB (M),10 anos Eu tenho vergonha (do gravador)

Entrevistadora: não tem importância vou deixar longe (Gravador). Foi muito legal? O que que ele escreveu na carta pra você?

FO (F), 7anos Que ele gosta muito de mim e da G..., e que ele também gosta muito da natureza.

Entrevistadora: É. E você, o que você escreveu pra ele?

FO (F), 7anos Que eu gosto também muito dessas coisas sobre montanha, o Egito.

Entrevistadora: e você conhece essas coisas do Egito?

FO (F), 7anos Não respondeu verbalmente balançou a cabeça dizendo que sim.

Entrevistadora: E você viu aonde?

FO (F), 7anos Revista

Entrevistadora: revista? É, e... você ficou emocionada quando viu o John? Ficou!!? Respondeu que sim com a cabeça. Lá do fundo John falou:

John(75) Eu também fiquei emocionado é!

Entrevistadora: Que tipo de emoção que você teve?

FO (F), 7anos Muito alegre

Entrevistadora: É gostoso isso? Respondeu com a cabeça que sim.

Entrevistadora: É! E você tem vontade de continuar correspondendo? Você conhecia o que que era uma carta, sabia o que que era carta antes?

FO (F), 7anos Ele escreve bem, hein, contou muita coisa interessante

Entrevistadora: O que você achou das cartas?

JAB (M),10 anos legal!

Entrevistadora: que mais?

(RW, M12) gostei muito de escrever

Entrevistadora: que mais? É gostoso receber cartas das pessoas?

RW(M),12 anos É

Entrevistadora: Escrever um pouquinho de você pra outra pessoa te conhecer? É gostoso

RW(M),12 anos É

Entrevistadora: e a Juraci tem quantos anos? Lembra quantos anos tem a Juraci?

RW(M),12 anos nem lembro

Entrevistadora: Você estava correspondendo com ela também?

RW(M),12 anos 68

Entrevistadora: John, como é que foi escrever cartas, receber cartas pras crianças?

John, 75 anos: Foi muito gostoso, eu senti que eles tem muita emoção, muito amor é, interessante as cartas, tio eu te amo éh, eu acho que é muito importante eles não só trocarem informações, mas também sentimento, eu acho isso muito importante éh. Pra mim foi uma experiência muito boa, e me ajudou a voltar no tempo de criança (risadas). Mas agora a coisa que eu senti aqui também na hora do encontro, achei eles muito bonitos, muito simpáticos, e também os outros três...aqui que chegaram...

Entrevistadora: Se somaram né

John, 75 anos: (continua) eu gosto de ver, de conhece-los melhor éh, de poder sentar, conversar um a um. Agora me senti muito frustrado por causa do meu problema de audição né, que eles falaram muita coisa que não peguei, mas mesmo assim nós comunicamos com amizade éh, comunicação não verbal éh. Uma experiência bacana éh,. Espero que de vez em quando quem sabe encontrar eles na rua ou em algum lugar ou aqui no Sesc de vez em quando éh, ter algum elo pra gente poder bater papo.

Entrevistadora: O que você deixa de mensagem pra eles?

John, 75 anos: Estudar,

Entrevistadora: Vocês gostam de estudar? (ver resposta na gravação VHS)

John, 75 anos: aprender na vida, procurar ter uma profissão, fazer amizades com gente boa e, porque amizade que nós temos é uma coisa muito importante na nossa vida e que nos leva pra frente éh, que nos faz melhorar.

Nº 5: Lúcia (64 anos) e K(M), 10 anos

Entrevistadora: K(M), 10 anos como foi pra você receber e escrever carta da Lúcia?

K(M), 10 anos Foi muito importante, foi bom.

Entrevistadora: por que foi importante?

K(M), 10 anos Aprendo mais...

Entrevistadora: Você aprendeu o quê?

K(M), 10 anos Escrever carta

Entrevistadora: Você não sabia escrever carta?

K(M), 10 anos Não

Entrevistadora: Agora você sabe o que que é carta!?

K(M), 10 anos Respondeu que sim com a cabeça.

Entrevistadora: O que a Lúcia escreveu na carta?

K(M), 10 anos Quando ela era pequena, ela gostava de andar de bicicleta como eu gosto e gostaria de poder brincar comigo.

Entrevistadora: e isso é bom?

K(M), 10 anos É, muito

Entrevistadora: você tem contato com sua família?

K(M), 10 anos tenho

Entrevistadora: Vê seu pai, sua mãe...?

K(M), 10 anos Meu pai ele não mora aqui, meu pai mora em SP

Entrevistadora: É, você tem avós?

K(M), 10 anos Balançou a cabeça acenando que sim

Entrevistadora: Vê sempre eles?

K(M), 10 anos idem

Entrevistadora: como eles são? Fala um pouquinho.

K(M), 10 anos Minha avó que morava em SP que veio pra cá, ela é boa, só que quando é... faz muita bagunça, meus irmãos faz tanta bagunça que até eu tenho que ajudar ela.

Entrevistadora: Você ajuda sua avó então?

K(M), 10 anos Balançou a cabeça acenando que sim. Meu avô não tenho nada pra fala por causa que ele morreu

Entrevistadora: eu também não tenho mais avós, também nem mãe. Você teve alguma emoção de alegria por exemplo ao ver a Lúcia?

K(M), 10 anos Tive

Entrevistadora: É gostoso? Ter aquela sensação de conhecer a pessoa na carta e depois conhecer ela de frente a frente assim?

K(M), 10 anos Tive

Entrevistadora: foi uma emoção boa pra você?

K(M), 10 anos Foi

Entrevistadora: Ta bom, obrigado.

K(M), 10 anos foi embora seu ônibus estava de saída.

Entrevistadora: Lúcia ...Pode falar

Lúcia (64 anos): Foi uma experiência muito gratificante, o (L,M11) é muito carinhoso, ele serviu de elo de ligação com (K,M10) também, e a troca das cartas a gente esperava com ansiedade também. A mesma ansiedade dele, nós também esperávamos dessa... o recebimento das cartas. Eu acredito que foi uma experiência positiva sabe...

Entrevistadora: Qual foi o tipo de emoção que você teve durante assim quando você escrevia..., ou recebia... as cartas dele.

Lúcia (64 anos); Veio a lembrança de quando eu era professora (risadas), uma volta ao passado, uma vontade de ensinar um pouco mais.

Entrevistadora: E no encontro?

Lúcia (64 anos); O encontro foi muito gratificante, muito emocionante. O carinho que eles trouxeram foi impressionante.

Num outro momento da entrevista....

Lúcia (64 anos); Se você visse o que eles folhearam esse livrinho...(foi um presente que Lúcia trouxe para as crianças, não podia trazer, era uma condição para todos para não ficar assim um ganha outro não, mas ela não resistiu).

Entrevistadora: Pena que não pode trazer

Lúcia (64 anos); Mas eu não agüentei

Entrevistadora: Fala mais um pouco. Eu vi você dançando com ele, eu filmei

Lúcia (64 anos); Olha foi uma emoção assim... uma coisa maravilhosa que essas crianças... todo mundo parece que tem receio de aproximar dessas crianças, mas quando a gente abre a guarda eles se abrem com a gente também. Muito carentes também, a gente percebeu isso viu, um pouquinho que a gente faz já preenche o espaço deles. Se tiver outras experiências eu vou participar também.

Entrevistadora: O que te motivou a participar?

Lúcia (64 anos); A vontade de fazer alguma coisa por essas crianças. **A solidariedade.**

Entrevistadora: Ta jóia.

Voltamos a conversar num outro momento depois da entrevista 5:

Lúcia (64 anos); Eles têm dificuldade de se comunicarem nas cartas, aquele atraso que eu falei pra você (não foi gravado isso). Tanto é que eu achei que quem tinha dificuldade de escrever fosse o K(M), 10 anos e não é a dificuldade de escrever é do L... (outro amigo que ela correspondeu), porque o K(M), 10 anos é o melhor alfabetizado.

Lúcia (64 anos); você sabe que a família inteira participou da experiência. Toda família ficava ansiosa esperando, hoje tem carta mamãe? não sei o que. Da festa hoje então vai ser um interrogatório de como foi o encontro com o meu correspondente.

Entrevistadora: Bacana, muito bacana, obrigada

Entrevistas Sarau

As entrevistas ocorreram logo após a atividade intergeracional, no dia 25/08/2006. O tema foi a música e a poesia, os idosos e as crianças apresentaram música e/ou poesia de conteúdos intergeracionais, logo depois das apresentações foi feito um lanche comunitário. Durante o lanche foi realizada as entrevistas com as crianças, pois não havia tempo hábil e portanto foram feitas coletivamente. As entrevistas com a instrutora Maira e o coordenador do programa Frank, os idosos foram individuais logo após o término do Sarau.

Entrevista nº 1 Me aproximei de dois meninos que estavam lanchando em uma mesa: RENATO (10 anos), JOEL (12)

ENTREVISTADORA: o que você acha das pessoas velhas?

RENATO (10): A gente tem que respeitá muito elas. O nosso vô a nossa vó, a gente tem que respeita muito eles porque logo eles vão morre e a gente não vai ter mais nem vô e nem vó

ENTREVISTADORA: Agora vou fazer uma pergunta para todos, responde quem quiser ta. Fala primeiro o nome e depois responde. O que vocês acharam dos idosos recitando as poesias aí no Sarau?

RESPONDERAM AO MESMO TEMPO: Legal, bonito, interessante.

ENTREVISTADORA: Por quê interessante?

RENATO (10): Há porque eles são legais!!!!!!

Entrevistadora: O quê que tem neles que você gosta?

RENATO (10): Paz, amor, carinho

ENTREVISTADORA: Quando ela fica brava você acha que ela tem razão?

Passei para um outro grupinho de crianças, numa outra mesa, Joel e Renato acompanharam.

Estavam presentes: Heloisa (7), Dara (9)

ENTREVISTADORA: A maioria dos velhos são legais ou rabujentos?

TODOS RESPONDERAM AO MEMO TEMPO: Legais! (responderam rápido e com firmeza)

ENTREVISTADORA: Por quê?

RENATO (10): Por que eles contam muitas histórias pra mim e música

ENTREVISTADORA: O que que as pessoas velhas ensinam pra vocês?

DARA (9) Respeito

ENTREVISTADORA: O quê mais?

MARIANA (12): Não bater,

FABIO (10) não fazer coisa errada

RENATO (10): Fazer lição de casa

Outro grupo:

ENTREVISTADORA: O que vocês acham daquelas pessoas velhas? daquelas que estão ali sentadas (numa outra mesa lanchando apenas idosos, alguns tinha feito apresentação)

TODAS JUNTAS (MENINAS): Legal!

MENINA: Amigas

Todos começaram responder juntos, e:

ENTREVISTADORA: Péra aí, um de cada vez!

MENINA: Amigas porque é assim éééé....elas..... são muito legais com a gente eu quis dizer

MENINA: porque elas são interessantes

ENTREVISTADORA: Por que elas são interessantes?

MENINA: Por que elas sabem muito mais do que a gente, ensina a gente, né então é bem interessante.

MENINO: (este menino estava na outra mesa e correu atrás de mim para responder mais perguntas) São muito legais e educadas, fazem muitas coisas pra gente, fazem um monte de coisa.

ENTREVISTADORA: O quê as pessoas mais velhas ensinam pra vocês?

Todas: eu eu eu eu, (as crianças não tem vergonha e nem se inibem com o gravador, querem pega-lo na mão para responder)

ENTREVISTADORA: Fala você (Este menino não queria deixar as meninas responderem, então escolhi uma menina):

MENINA: Educar..... (menina brava falou) Ela ta falando comigo

Mas não teve jeito todas começaram responder juntas

TODAS: Não xingar, não fazer coisa errada, educar..... há dá licença ÔÔÔ!!!(todos começaram falar juntos)

ENTREVISTADORA: Péra aí, um de cada vez, você (escolhi uma criança)

DARA (9): Minha avó ensina “um monte de coisa”, ela ensina me educar....

ENTREVISTADORA: O que é este “um monte de coisa”?

DARA (9): educar, respeitar os mais velhos, não xingar as pessoas mais velhas e....

ENTREVISTADORA: Oh , outra pergunta:

TODOS: eu eu eu eu (uma verdadeira disputa para ser escolhido e responder)

ENTREVISTADORA: As poesias que todos fizeram e recitaram vocês gostaram?

MENINA: Eu gostei, achei interessante, foi legal a poesia

ENTREVISTADORA: Qual que você mais gostou?

MM MENINA: Da M..... (menina do grupo), porque foi ela que inventou a poesia e pegou um pouquinho da vida de cada um, eu gostei.

MENINO: Sô eu, sô eu

O menino continuava insistindo, mas, ele falava sempre a mesma resposta então eu escolhia uma menina que me despertava confiança nas resposta, passei a perceber que ele só queria brincar com gravador.

ENTREVISTADORA: Qual o seu nome?

MENINA: Dara.

MENINO: Sô eu, sô eu

ENTREVISTADORA: Quantos anos você tem?

DARA: 9

MENINO: Sô eu, sô eu

DARA: Elas falaram versos muito bonitos, que é de muito tempo... de quando a gente nem existia, eu acho muito legal tudo isso que elas falam.

OUTRO MENINO: Elas ensinam brincadeiras de antigamente como a amarelinha

ENTREVISTADORA: Com quem você aprendeu amarelinha

MM MENINO: Com minha avó, meus amigos

ENTREVISTADORA: Ela pulou amarelinha junto com você?

MENINO: Não.

ENTREVISTADORA: Como ela te ensinou?

MENINO: Ela me mostrou, colocou o 1,2,3, até o 10, colocou o céuzinho e a terra, jogava a pedra e começava a pular, não podia pula no um

MENINO INSISTENTE: Sô eu, sô eu

ENTREVISTADORA: Como é seu nome?

MENINA: Marcia

ENTREVISTADORA: Marcia, quantos anos você tem?

MARCIA: 9

ENTREVISTADORA: Olha para aquelas pessoas (idosos que fizeram parte do Sarau conversando e lanchando numa mesa) e fala o que você sente?

MARCIA: Elas sentem muito amor pelas crianças, tem vez que..... tem gente que também gosta da gente como filha, como neta, como amigo né, porque tem muita gente que gosta de criança. Eu também gosto muito deles. (ela quis dizer como tratamento)

DARA: Quando vejo as pessoas, elas, elas olham com amor pra gente né... elas olham com carinho; elas não são nossos avós mas elas olham pra gente... até parece que elas são nossos avós né? (falou olhando para Marcia e com um tom de pergunta)

MARCIA: Hã hã...

DARA: A gente até pensa as vezes, só.

ENTREVISTADORA: Fala seu nome

MENINO: Meu nome é Carlos

Entrevistadora:Quantos anos?

CARLOS: Eu tenho 8 anos

ENTREVISTADORA: Pode falar

CARLOS (8): Meus avós me ensinam a respeitar os mais velhos, a brincar direito e não xingar

ENTREVISTADORA: Quando você olha pra eles o que acha?

CESAR: Que são meus parentes e que eles me conhecem e ponto final

MENINO: Chegou e ficou escutando a conversa, nem perguntei seu nome e tomou a iniciativa: Meu nome é Fabio e tenho 10 anos, eu lembro de quando brincava com a minha avó.

ENTREVISTADORA: E, que mais?

FABIO: Só

MARCIA (9): Quando eu olho pra eles, tem alguns homens que parece meu pai, que meu já morreu faz muito... quando eu era menor eu nem conhecia ele, quando fui conhecer ele, eu tinha 7 anos, e olho para eles como meus pais, meus avós, meus tios....gostei deles! (referência)

ENTREVISTADORA: Fala seu nome e sua idade

MENINA: Heloisa, eu tenho 7 anos

ENTREVISTADORA: Quando você olha pra eles o que acha?

ENTREVISTADORA: Fala seu nome e sua idade

MENINA: Mariana, tenho 12 anos

ENTREVISTADORA: Olha para aquelas pessoas (idosos que fizeram parte do Sarau conversando e lanchando numa mesa) e fala o que você sente ou o que você acha?

MARIANA (12): Dá pra vê os rostos alegres né, parece que eles são bem simpáticos assim com as pessoas.

Entrevistadora: O que você acha que as pessoas dessa idade podem te ensinar?

MARIANA (12): Ah! ensina muitas coisas porque elas já passaram muitos problemas já teve uma vida.

DARA(9): Muitas alegrias.

ENTREVISTADORA: e o que não ensina ou que você não gosta neles?

MARIANA: Ah! eu não gosto quando começa a falar aquelas coisas muito antiga essas coisas assim que a gente não entende porque a gente não conhece

DARA: Isso aí eu também não gosto, eu não gosto de quando eles falam de antigüidade, a gente não viu não sabe do que eles estão falando né, aí a gente não entende o assunto, então a gente não fica sabendo do assunto aí eu não gosto de fica..... (não completou...)

ENTREVISTADORA: Mesmo quando eles explicarem mostrarem talvez uma fotografia do assunto

DARA: Aí eu gosto, daí eu gosto

MARIANA: Daí é mais fácil entendê

ENTREVISTADORA: Tá, mais alguma coisa?

DARA e MARIANA: Não

ENTREVISTADORA: Obrigada. (outra criança) Você qué fala? (balançou a cabeça que sim) Então fala seu nome e sua idade

MENINO: Meu nome é Fernando e tenho 10 anos

ENTREVISTADORA: Quando você olha pra eles o que você acha?

FERMANADO (10) Ah eu acho que eles é umas pessoas alegres assim que.... viveram a vida inteira e eles merecem fica um pouco com a gente né porque somos criança, aí eles lembram do passado como eles eram, mas aí eles ficam triste né porque não volta mais.

ENTREVISTADORA: O que você acha que eles te ensinam?

FERMANADO (10) Ah eles ensinam muita coisa porque quando a gente olha pra eles assim, aí nós lembra que quando.... que quando nós fica velho nós vamo fica assim que nem eles.

ENTREVISTADORA: Quando você olha pra eles o que você não gosta de vê?

FERMANADO (10) Ah eu não gosto porque eu gostaria que eles tivessem na mesma idade que a gente assim... porque quando eu vejo eles assim aí nummmm..... (pausa ficou sensibilizado alvez um pouco triste) aí eu não gosto, não me sinto legal assim eu não gosto

ENTREVISTADORA: Você acha que eles não são felizes nesta idade?

FERMANADO (10) É

DARA: Eu acho que eles são felizes

FABIO: Mais ou menos, né

Entrevista nº 2

MAIRA, 29 (INSTRUTORA): Meu nome é, sou instrutora de atividades do Curumim aqui do Sesc Campinas. E hoje no Sarau é... nós fomos convidados né pra, pra trazer as crianças pra participa (do Sarau), aí nós pensamos em como a gente poderia fazer pra que esse evento acontecesse; então a gente convidou 10 crianças que tivesse afinidade de falar uma poesia, que fosse da própria autoria ou que eles buscassem em algum livro, tanto que por exemplo teve uma menina que pegou um livro que avó escreveu e trouxe uma poesia da vó, então essa relação é tal. Aí pegamos 5 crianças que... pra cantar o rap do Curumim que é um trabalho que a gente desenvolveu o semestre passado que é a coisa do ritmo e da poesia juntos, pra eles cantarem e mostrarem mais menos um produto aí do que a gente vem desenvolvendo, e um pessoal ficou dançando junto ali que eles adoram dançar uma música mais eletrônica, e eu preparei uma história que é a história do Guilherme Augusto Araújo Fernandes, que é a história de um menino que descobre o significado da palavra memória e busca objetos que remetam a memória e leva pra D. Antonia num asilo perto da casa dele pra ela reviver a sua memória e aí ela revive é muito interessante, e aí é uma relação desse menino com uma idosa.

O que eu acho desse evento? O que aconteceu hoje? Já tivemos uma outra vez que eu acho que foi mais interessante que hoje, talvez porque as crianças ficaram condensadas num lugar só, elas ficaram todas sentadas no chão perto uma da outra e... o tempo de duração, por exemplo, de falas, de recados essas coisas foram mais rápidas, então já não desperdiçaram tanto, e porque também foi a primeira vez, e aí entrou no assunto da questão do avô e da avó, e cada um lembrou do avô que morreu, ou do avô que tava doente, ou do avô que tá presente que eles adoram tal..... e aí ... e aí eu acho que teve menos dispersão, hoje eu acredito que teve um pouco mais, e, acredito que da outra vez também a...o contato entre eles aconteceu mais, hoje eu acho que ficou assim, as crianças no lugar delas, os idosos no lugar deles, não houve tanta, na minha opinião assim tá, analisando assim, não acho que houve essa relação, eu acho assim, eu acho que todo mundo saiu com uma reflexão né, da tolerância, que por exemplo, isso tudo faz parte de uma educação né, uma educação de co-gerações porque, pros idosos não deve ser fácil agüentar as crianças falando, elas não param de falar, elas se movimentam, elas não param quietas, e eu percebi assim em alguns, eu fiquei analisando o comportamento deles de como eles reagiam em relações a essas ações, e aí eu percebo que tem alguns que falam “ah meu Deus oh como eles são...” ou “eles não param quietos”. Eu fiquei lendo assim os lábios de alguns e...vi algumas falas e outras que não, que você percebe que já conseguiu olhar de outra forma né, da mesma forma as crianças né, algumas não tão entendendo muito bem o que tá acontecendo, outras... tem um outro olhar né, por exemplo, quando a Rebeca vai no microfone (Fomos interrompidos). Quando a Rebeca, aquela menininha de 7 anos vai e fala a poesia dela, super singela de 3 linhas e fala o nome dela e

percebe que ela se preocupa em fala o nome dela, se apresenta, então assim tem algumas, algumas crianças que tem já uma pré-disposição pra isso, por “N” fatores que podem ter acontecido, algumas coisas que a gente trabalho, a própria história de vida eu acho que contribui pra que isso aconteça, mas eu acho que nós estamos caminhando entendeu? Que é um processo e que podemos pensar outras formas de isso acontecer. De repente eu tava pensando que o número de crianças mesmo tá muito grande e de repente traz menos e elas sentarem entre os idosos na mesa não de forma separada, porque as vezes a gente faz a coisa pra facilitar e esse “facilitar” na verdade ele vira um fator de negatividade pro trabalho né porque... cada um fica no seu canto, então cada um continua no seu canto. É uma proposta nova, mas é legal a gente colocá pra gente que estratégias utiliza né, eu acredito não sei..., que essa educação né, que esse diálogo de gerações aconteça através de mediações né, por si só assim, o estalo UH vai acontecer eu acho que demora mais tempo, não que não aconteça mas demora mais tempo, mas se houver mediação que daí é o nosso papel de educador meu, seu, da forma como a gente mediar isso pode acontecer melhor, pode ser mais produtivo né, nesse sentido, então por exemplo do meu ponto de vista, eu, a próxima vez que for ajuda, colaborar com o Sarau, traz menos criança, colocar na mesma mesa, então cada mesa dois idosos, duas crianças.

ENTREVISTADORA: Você não fez parte da preparação?

MAIRA, 29 (INSTRUTORA): Na verdade assim eu pedi pra... a Geisa (estagiária do trabalho social com idosos) que montou assim essa parte deles e eu que fiquei com essa parte das crianças sentarem, então como não cabiam nas mesas, não sabia que o número era pequeno, que o lugar era pequeno, eu falei põe as cadeiras em volta, as crianças sentam em volta que elas são maioria né, na hora não pensei de sentar na mesma mesa, porque se fossem senta na mesma mesa ia que triplicar o número de mesas e não cabe nesse espaço que é um outro problema que nós temos né. Mas na verdade assim, quando o >>>>???? (não entendi o nome) falô ele nem táí hoje, quando ele falô da gente fazer o Sarau aí novamente ele tinha pedido para convidar 10 crianças só, nós não achamos legal isso porque de repente aquela criança que cê convida e não qué, ela pode ouvi e ela pode se sensibiliza e de repente quere faze né, então foi nesse intuito, mas temos que pensa aí em algumas formas, de repente, dessa vez não teve mas, da outra vez eu fiz uma dança circular, então era idoso e criança junto, eles faziam pares, então algumas coisas colaboraram mais, hoje como a gente ele ía faze eles lancharem junto, esse junto mais ou menos, então não tinham esse espaço aqui da dança que foi esse a onde a gente tá agora, porque da outra vez eles não lancharam juntos; da outra vez nós fizemos todas as atividades e na hora de lanchar nossas crianças foram pra lá e eles ficaram aqui, aí eu achei que não que o lanchar tinha que acontecer ao mesmo tempo que as crianças criticaram: “porque que agente não vai lanchar lá” entendeu? “com eles” e tal, porque tinha falado que era uma festa junina e de repente eles ficaram pra lá, então para não cometer o mesmo erro né eles comeram do mesmo lanche e da mesma coisa, por que eles chegaram refletir sobre isso. Então a gente dessa vez tomou muito cuidado, aí então se você toma esse cuidado não tem espaço pra dança, a gente até ia faze a dança, mas não tem espaço pra dança e tem o problema do espaço que interfere um pouco né! Por que se tivesse o espaço talvez teria acontecido aí, mas eu, como eu falei, é um processo mesmo, a gente vai aprendendo a até lidar com isso, a como lida com isso.

ENTREVISTADORA: De alguma forma tem que acontecer pra vocês avaliarem, não é?

MAIRA, 29 (INSTRUTORA): Se não como é que vai avalia né? É isso aí espero que tenha contribuído.

ENTREVISTADORA: Com certeza, obrigado.

Entrevista nº 3

FRANK tenho 53 anos. Sou coordenador da Ação Social do Sesc-Campinas e hoje em especial nós tivemos uma atividade que nós denominamos como atividade intergeracional, onde nós temos a presença dos idosos e também das crianças do projeto Curumim. Eu achei muito saudável fazer essa união dessas faixas etárias porque aí nós percebemos que existe uma carência nesse sentido do enfrentamento tanto do idoso como da criança e este é o mecanismo que nós estamos usando pra que nós possamos estar diminuindo essa distância dessas faixas etárias.

ENTREVISTADORA: O que você achou da atividade de hoje (Sarau)?

FRANK Eu achei muito importante, apesar né de dentro de um conceito de um trabalho intergeracional, ainda esta atividade de hoje ela é considerada uma atividade leve porque não foi elaborada pra se ter ainda uma interação do idoso com a criança olhando olho no olho, onde a criança e o idoso pudessem estar se tocando, ainda essa atividade de hoje nós fizemos uma atividade, que é considerada leve, porque só foi dividida o espaço, e uma relação de poesias onde alternadamente uma criança falava uma poesia e depois o idoso falava uma outra poesia.

ENTREVISTADORA: É válido?

FRANK É valido, toda intervenção, toda atividade que nós fazemos pra ta diminuindo a distância do idoso e as outras faixas etárias mais jovens é sempre importante, e isto serve como se fizesse parte de um processo porque até então existe muito preconceito ainda por parte dos idosos, então nós temos que ir devagar pra que nós não causemos a eles um choque e aí sim ter uma reversão e uma rejeição né de estarmos fazendo esse trabalho que provavelmente no futuro vai estar tendo assim bastante sucesso.

ENTREVISTADORA: Ta jóia, obrigado.

(DISCORDO EM PARTES, o impacto de uma interação bem estruturada e elaborada onde se colocam atividades afins o resultado é bem maior é preciso melhor elaboração em idéias de atividades que estimule a interação mais forte, mais intensa, todo resultado que sai positivo gera transformação de pré-conceitos. Até mm porque as crianças que estão hoje, poderão não estar amanhã então também é emergente. Na atividade penso que não devemos ter estes cuidados excessivo mas sim no tipo e na qualidade da atividade e estratégias como Maira colocou. Quanto ao preconceito dos idosos em que ele menciona, isto faz me lembrar ÀRIES que na época em que eles foram crianças e adolescentes a criança não tinha representatividade, então para muitos a criança é um projeto de adulto e que vai ter um valor maior quando crescerem).

Entrevista nº 4

Entrevistando as senhoras que estiveram presentes no Sarau de hoje.

ENTREVISTADORA: Seu nome?

SENHORA: ELISA 68 anos, freqüento o Sesc a mais de trinta anos, venho frequentemente.

ENTREVISTADORA: O que você achou do Sarau de hoje?

ELISA (68): Eu achei hoje o Sarau muito bom, eu acho que o entrosamento das crianças com a terceira idade uma coisa ótima pra gente bate-papo, acho que com um menino que se chama Mateus parece, que tem síndrome de Down. Achei ótimo ir lá conversar com ele, brinquei com ele, ele deu risada. As poesias que as crianças falaram, teve uma que falou da vovó eu gostei muito então achei que o Sesc deveria fazer mais, dar essa oportunidade dos de idade conversar com as crianças, como já tive oportunidade uma vez de escrever cartinha pra duas crianças, e

elas me respondiam, aí um dia teve uma festinha, acho que foi tipo um Sarau e nós ficamos conversando, fiquei conversando as crianças que eu não o conhecia, duas meninas e um menino, ainda pegamos aquela amizade e guardo as cartinhas até hoje.

ENTREVISTADORA: O que você acha que as crianças de hoje ensina para as pessoas que tem mais de 60 anos?

ELISA (68): Ah, eu acho que transmite assim...como que eu falo... eu acho que eles sentem muita falta de carinho, porque a mãe tá sempre trabalhando, correndo, então quando eles vêm uma pessoa de idade dando carinho, conversando, eu acho que eles se apegam porque eles sentem falta disso, de conversá, de entrar na brincadeira que nem aqui, aqui tem muitos jogos, então de participá com eles, eu acho que é isso.

ENTREVISTADORA: O quê que você acha que sua geração pode ensinar pra eles?

ELISA(68): Ah, ensina assim coisas que a gente, que eu acho que não tem mais, porque no meu tempo era ali mais junto, almoçar junto, junto com os pais, e agora não, agora é uma correria, as crianças vivem mais em creches ou com empregada, a gente pode ensiná a ficá junto, conversá, a dá mais aquela atenção, porque mesmo as vezes os pais tem a vida muito corrida, então acho que eles sentem falta disso.

ENTREVISTADORA: Valeu a atividade de hoje?

ELISA(68): Ah, eu achei, gostei

ENTREVISTADORA: Ok, obrigada.

Entrevista nº5

ENTREVISTADORA: Fala seu nome e idade

SENHORA: Meu nome é MARI, eu tenho 70 anos, participo no Sesc há 14 anos, acho ótimo o entrosamento aqui dos idosos e das crianças, gostaria mesmo que tivesse mais vezes escola aberta com as crianças e gostaria de participa também no que eu pudesse ajuda certo, porque nem sempre eu posso ajuda, e eu também sô dessa opinião (ELISA), as crianças ficam muito longe dos pais, os pais trabalham, a gente percebe que alguns são muito carentes, sente falta de carinho (começa uma certa emoção na sua fala), né, e nós também idosos (começa a chorar) achamos falta de carinho, eu sinto muita falta de afeição, eu fico muito só sabe, então por isso que eu não saio daqui.

ENTREVISTADORA: E você acha que as crianças pode ajuda nesse sentido?

MARI(70): Eu acho sim

ENTREVISTADORA: Ajudá nessa carência?

MARI (70): A gente pode encontra em alguma criança que não seja nada da gente, uma estranha, aquilo que a gente não tem na família, dos netos, dos filhos porque trabalham, porque estudam, então eu gosto. Eu fico muito sensibilizada quando vejo uma criança assim uma criança carente (porque ela também é carente, continua chorando).

ENTREVISTADORA: E o que você viu hoje no Sarau?

MARI (70): Ah, eu adorei, achei muito bom. As crianças gostam de participar, a gente percebe que elas gostam, como eu gostei né, (continua chorando), então a gente percebe que eles gostam, que elas se sentem bem, parece até que eles queriam ficar mais, pena que terminou cedo (terminou no horário previsto).

ENTREVISTADORA: Você achou que foi pouco o tempo?

MARI (70): Achei que foi pouco, gostaria que fosse mais. Eu sô muito assim só sabe, então eu sinto assim...quando eu conheço uma criança eu me apego, eu me apego até em bicho, em animais, porque eu sinto falta sabe, então eu acho que o mesmo que eu sinto as crianças sentem.

Tem criança que fica o dia inteiro sem o pai e sem a mãe, o pai trabalha, a mãe trabalha, fica na creche, as vezes ficam sozinhas.

ENTREVISTADORA: Justamente por isso, por eles viverem longe da família, o pai vai trabalha, a mãe vai trabalhá, o que você vê nesta geração das crianças de hoje?

MARI (70): (passou o choro) Ah, eu acho assim que essas crianças precisariam um pouco de... não sei assim...ter palestras né, pra eles, não digo que futuramente seriam crianças assim que fizesse alguma coisa errada, porque eles tem bastante estrutura, os pais dão estrutura pra eles, só que eles que ficam as vezes parece meio assim... meio perdidos né, eu acho eles meio perdidos porque eles não tem com se conselhar, se vão fazer uma lição não tem o pai ou a mãe ali do lado pra ensinar.

ENTREVISTADORA: O que você aprende com estas crianças de hoje?

MARI (70): Ah, aprendo muita coisa viu!

ENTREVISTADORA: Por exemplo?

MARI (70): Aprendo a dar amor e recebe

ENTREVISTADORA: Hã hã

(Uma pausa)

MARI (70): Acho que estas pessoas sozinhas de idade, que ficam em casa sozinha elas não tem este tipo de integração, o que eu acho que devia ter mais... e essas crianças, acho eles vem aqui em busca disso, que os professores são muito amorosos, então eles encontram no professor aquilo que talvez não têm em casa, eu acho, eu acho que é isso. Você desculpa d'eu fica emocionada viu.

ENTREVISTADORA: Não fique preocupada não...

MARI (70): Fiquei até com vergonha agora

ENTREVISTADORA: Você demonstra sinceridade...

MARI (70): Acho falta disso sabe...carinho

ENTREVISTADORA: Hã hã

MARI (70): Coisa que eu não tenho

ENTREVISTADORA: Você tem quantos filhos?

MARI (70): Tenho 2

ENTREVISTADORA: Quantos netos?

MARI (70): Quatro

ENTREVISTADORA: E você tá sempre sozinha?

MARI (70): Não, não é, eu tenho um neto que tem 31 anos, casado e a esposa dele está esperando bebê.

ENTREVISTADORA: Vai ser bisavó.

MARI (70): Vou ser bisavó, quer dizer trabalha; a minha outra neta de 25 anos casou este ano trabalha na Unicamp, tem a casinha dela pra cuidar e o marido, a outra de 21 mora em SP, tá fazendo faculdade de moda e a outra de 16 mora em Valinhos com meu filho e com minha nora, então quer dizer que....A minha filha trabalha o dia inteiro né, meu filho também trabalha, tem loja, então você já viu né....

ENTREVISTADORA: E eles sabem dessa carência sua?

MARI (70): Não eu nunca me queixei.

ENTREVISTADORA: Porque nunca se queixou?

MARI (70): Por que não adianta, não adianta se queixar não tem como eles me compensar, por que eu tô sozinha não tenho marido né, então eu encontro afeição... se vê né eu não saio daqui, eu não saio daqui, gosto muito daqui, das pessoas daqui; eu saio muito com a minha irmã (ELISA, entrevistada antes dela), a gente sai muito junto

ENTREVISTADORA: Ainda bem que tem ela né!?

MARI (70): É, a gente sai muito junto (ela e a irmã), e as amigas também, tenho muita amizade, amizade assim que eu nem sei a conta de tanta amigas que eu tenho. Então quando me sinto muito só em casa, eu.... a minha diversão é pegar o telefone e liga pras amigas.

ENTREVISTADORA: E isso cobre a sua carência?

MARI (70): É em parte né! Em parte cobre, porque a gente escuta umas palavras boas ali e cabô!! Vai fazê o quê? A vida hoje em dia tá muito corrida, as pessoas não podem dar o amor que a gente ta precisando.

ENTREVISTADORA: O quê que a sua geração pode ensinar para as gerações mais novas?

MARI (70): Eu acho assim que as crianças deveriam ter um pouquinho mais de....amor e sensibilidade por pessoas idosas, sabe.... porque tem muita criança não ta nem aí com o pai, com a mãe...

ENTREVISTADORA: Você já sofreu algum tipo de preconceito?

MARI (70): Com respeito à idade?

ENTREVISTADORA: É

MARI (70): Já, principalmente na hora de pegar condução (ônibus)

ENTREVISTADORA: É?

MARI (70): Muito preconceito. Eles nem param pra gente, eles vêem que a gente mostra a carteirinha que não paga.

ENTREVISTADORA: Onde mais?

MARI (70): E essas pessoas que (não entendi....barulho junto com a fala) criança que talvez fosse mal educadas...

ENTREVISTADORA: Que idade?

MARI (70): Tipo assim de adolescente, que chama a gente de velha, “Ah essa velha”, isso eu já senti.

ENTREVISTADORA: Você sente que a palavra “velho”.... (não deixou eu continuar a pergunta)

MARI (70): Ofende, ofende (respondeu enfaticamente)

ENTREVISTADORA: A palavra “velho” ofende?

MARI (70): Ofende, ofende (nesta fala observa o peso do significado muito mais do que eu quando ela se refere à condução). Eu acho que se você fala idosa, ou uma jovem senhora, uma senhora de idade, aí não mas, falar “velho” acho que ofende.

ENTREVISTADORA: É?

MARI (70): Por que eu não me sinto “velha” é aquela que fica dentro de casa ali, sem saí de casa, vendo televisão o dia inteiro, aquela lá é “velha” agora a gente que faz atividade física, não me considero “velha”.

ENTREVISTADORA: Mas existe muito adolescente que fica dentro de casa, e é rabujento....

MARI (70): Isso é verdade

ENTREVISTADORA: Não é?

Somos interrompidas pela ELISA dizendo que estava demorando muito, aproveitei e fiz uma pergunta para ela:

ENTREVISTADORA: Perguntei pra sua irmã se você já sofreu algum tipo de preconceito por causa da idade.

ELISA (68): Não

MARI (70): Sofreu sim, há pouco tempo.

ELISA (68): Aonde?

MARI (70): Aqui mesmo na escola aberta.

ELISA: Ahhh, lembrei.

MARI (70): Você mesmo me contou.

ELISA(68): Todo lugar que eu vô sou muito bem atendida, até hoje mesmo no ônibus que eu vim pra cá que eu fui ao médico, noooossa do jeito que eles me trataram motorista, cobrador, noooosssaaaa..... não, não parece que você nem tem 60, não sei o quê, me tratou muito bem. Agora um aqui um dia, na arte culinária, um dia, não o ano passado né (direcionou o né para a irmã MARI), eu fui muito mal tratada por uma moça; a Z.... está de prova porque ela ficou boba, aí minha filha chegou depois. Acontece que arte culinária tava todas as cadeiras em fila aqui (apontou o local próximo onde estávamos), foi aqui (ela quis dizer neste mesmo local), e eu fui na hidro, que começa as três (horas) falei....., foi de bolo a arte culinária, aí eu falei assim: Z..., guarda lá (uma cadeira), um lugar que foi minha filha que pediu pra bolo coberto, pra cobertura, tudo bem! Aí a Z.... ficou conversando e não guardou o lugar. Quando eu vim aqui tinha lugar na 3ª fila então eu coloquei as bolsas em três lugares, aí eu olhei na primeira fila tinha mais lugares que podia por mais cadeira. Aí eu perguntei pra S..... (profª de culinária) se poderia por as cadeiras na continuação daquela fila, ela falou pode, tava naquele postinho (pilar de sustentação da sala). Aí eu vim aqui pega a cadera e tinha uma moça muito antipática, grandona de roupa de ginástica, HÂH essa cadera eu também vou pega, aí eu falei mais tem mais né, Háh então ta bom, aí peguei e levei as caderas, como minha bolsa e minha pasta estava na outra fila, eu puis as caderas e falei pruma senhora: Guarda pra mim que eu vou pegar mais uma, quando eu voltei a moça tava sentada, eu falei: essa cadera....., porque não tinha mais lugar na fila, fui eu que puis aí, (a moça respondeu) Que pois o que, a hora que você foi pega eu também tava pegando, eu falei: Não mais eu... fui pega mais uma, você viu que eu fui pegá mais uma. (a moça) Não o que você ta pensando se ponha no seu lugar porque você é uma “velha” e fica aqui brigando por causa de cadera, a cadera é minha. Você não tem um pingão de educação, por eu ser uma “velha” você deveria me respeitá, porque você é bem mais moça do que eu você deveria ter educação comigo e você não ta. (moça) Ah, é isso mesmo, o que você tá pensando, vai senta em outro lugar, não sei o quê. Aí eu peguei mais duas cadeiras (pronunciou a palavra inteira) que a Z... sentou junto com minha filha e sentei atrás daquele coisinho lá

ENTREVISTADORA: Pilar

ELISA (68): Pilar porque não tinha lugar, aí eu nem olhava pra trás, eu fiquei tão nervosa e ela lá resmungando e falando. Aí eu fui e falei pra S....., baxinho eu falei: Ó S....., tô chateada, né. Aí S..... antes de começar a aula falô: Olha eu quero que vocês, quando tem arte culinária, o ceis faiz mais pra pega amizade, pra te um lugar pra tê com quem conversá, então a gente não qué que brigue por causa de cadera, principalmente com as pessoas que são da terceira idade, da aula aberta, a outra ficô lá resmungando, aí dali a pouco veio mais uma parecidíssima com ela, com roupa de ginástica, sento perto a Z.... me cutucou, acho que veio mais umas quatro crianças e mais uns três rapazes que acho que tavam jogando tudo pra come na hora que tava servindo, porque eu nunca vi ela na aula (em outras aulas de arte culinária).

ELISA(68): Eu fiquei chateada

MARI (70): Porque é assim sabe, tem que faze degustação e pegá as receitas né, só que chega na hora (de degustar) aqui aparece muitas pessoas, e a Solange como é muito educada ela atende a todos. Então aquela inscrição que você fez, não adiantou de nada né, ela atende todo mundo, serve todo mundo com educação né? Que é o errado né? Porque eu acho que deve atender quem fez inscrição né? Eu acho no meu ver, no meu entender! Em quem ta interessado em aprende né? Não em quem vem só pra come né? Então é isso que acontece.

FIM

Entrevistas: Teatro intergeracional (2005)

Entrevista nº 1 Danilo (10 anos)

20/10/2005

Local: Sesc, sofá em frente ao setor administrativo.

Situação: A entrevista foi feita no intervalo da oficina, ele é uma criança que tem bom nível de integração com todos, é alegre e muito gentil com os mais velhos.

Entrevistadora: Você sabe que pessoas de várias idades no grupo de teatro o que você acha disto?

Danilo: Eu acho que é bom! Não adianta conviver só com pessoas de 10 anos, 11 anos 12 anos... Que aí só vou ta aprendendo, tipo, eu só vou ta com crianças, eu gosto também de conviver com pessoas maiores também... podendo passá (pausa, elaborando uma idéia melhor), qui... podendo passa um pouco de mim pra elas e um pouco delas pra mim, pra podê aprende entendeu? Até pra podê...(não completa) Acho até legal!

Entrevistadora: Na sua família você convive com várias pessoas de várias idades?

Danilo: Convivo!

Entrevistadora: E você convive com pessoas “velhas”?

Danilo: Eu não moro mas... minha casa, eu moro perto das minhas duas vós.

Entrevistadora: Como elas são (fisicamente)?

Danilo: Ah! Elas são... uma acho que tem 58 anos, a outra tem 67, e elas são magras. Você ta falando fisicamente?

Entrevistadora: também

Danilo: Magra e não tão alta médio, e a outra ela é um pouquinho gordinha mas normal não obesa assim (Danilo)é gordinha e mostrou o seu corpo apontando o dedo para si) é que a que tem 57 anos ela tem um pouco mais de cabelos brancos e toma bastante remédio, mas...

Entrevistadora: ela toma remédio?

Danilo: toma...

Entrevistadora: Pra quê?

Danilo: (pensa um pouco) Ân..... pressão essas coisas, ela tem problemas de joelhos e toma bastante remédio

Entrevistadora: Qual é a imagem que você tem de uma pessoa velha. Pra você como é uma pessoa velha?

Danilo: uma pessoa experiente, experiente é... uma pessoa um pouco mais frágil... que nem a senhora viu, a Benê, ela... os ossos das pessoas assim, elas são mais gastos, mais, mais frágeis (Benê ...anos, é uma as integrantes do grupo de teatro e recentemente quebrou o braço num tombo)

Entrevistadora: e quando você fez aquela cena com o Sr. Machado (63 anos)?

Danilo: Ân ?

Entrevistadora: lembra a cena a cena que você fez com o Sr. Machado ?

Danilo: Qual?

Entrevistadora: Que ele ficava bravo com você e você tinha que obedecer

Danilo: Ah! Lembro!

Entrevistadora: como é que você se sentiu naquela cena com ele?

Danilo: Ah! Do mesmo jeito que eu iria me sentir com uma pessoa de 12 anos como de um adolescente, adulto de 30 anos, do mesmo jeito.

Entrevistadora: Você não se sente mal ficando perto dele?

Danilo: Eu até prefiro

Entrevistadora: prefere ficar perto dele?

Danilo: prefiro

Entrevistadora: Você está gostando do teatro?

Danilo: adorando

Entrevistadora: Que bom! Outra pergunta aquela cena dos pregos que você fez com a Odete (60), o que você sentiu?

Danilo: Ah! Até aprendi um pouco

Entrevistadora: com o quê?

Danilo: Por causa que é a mesma coisa que ela disse: Se você xinga uma pessoa, por mais que você peça desculpas isso vai sempre ficar um... nem que for um... grãozinho de areia, mas sempre vai te um, sempre ela vai te uma mágoa de você, eu..., porque já aconteceu comigo.

Entrevistadora: Que bom! É isto então, obrigado Danilo:!

A fala do Danilo me surpreendeu com sua clareza de opiniões, como é seu primeiro dia fiquei pensando até em não ser verdade, mas, eu ainda tinha mais 2 meses para observá-lo.

Depois de observá-lo durante dois meses constatei que foi verdadeiro na sua exposição acima sempre estava pronto para ajudar, colaborar e cooperar com todas as idades e um respeito, cuidado carinho maior com os mais “velhos”.

Entrevista nº 2

(Sr. Machado), 63 anos

Odete, 60 anos

Elenice, 51 anos

Local: Sesc, lanchonete, tomando um café sentados numa mesa.

Situação: um bate papo informal, entre os participantes do teatro durante um café na lanchonete, eles me chamaram e percebi algo de estranho, pedi licença e permissão para gravar a conversa, foi concedida, pois sabiam sobre a pesquisa, o gravador não os inibiu)

Elenice: No começo Entrevistadora, o grupo tava assim bem na nossa faixa, tava muito gostoso, a gente se sentia à vontade, eu pelo menos é o primeiro contato mesmo que tenho assim com o teatro.

Sr. Machado: É o que a gente fica mais assim fora de (interrompido pela Odete)

Odete: É parece que a gente não ta no planeta da gente!

Sr. Machado: É parece que a gente num ta a vontade

Elenice: É parece que agora inibiu

Odete: é inibiu

Elenice: Eu to me sentindo (...), eu me soltei, eu me encontrei, eu tava me soltando. Chegava em casa contava pras minhas filhas, os meus netos;;; AH! Hoje eu fiz isso, contava sabe! Mesmo porque vencendo minha timidez, porque sou muito introspectiva né! Agora, agora não, eu to sentindo que eu to fechando de novo. Não ta correspondendo com aquilo que eu queria. Quando

era só o grupo de 3ª idade agente se soltava ía lá na frente...nossa! Eu me surpreendi comigo mesma.

Entrevistadora: E assim o problema ta onde? Ta na professora, mudou muito a atividade, infantilizou?

Odete: Eu acho que ta mais pra jovem do que pra nós mesmo!

Elenice: Eu acho também que mudou muito

Odete: O meu jeito de pensar, de vê, eu sinto assim...

Elenice: Porque era uma coisa madura, porque a gente trazia as nossas experiências e tentava coloca lá, ou seja, contando uma história... ou encenando um momento que a gente viveu, então era muito rico, eu principalmente me emocionava com a história das outras colegas entendeu? (... pausa com fisionomia meio de chateação e bravesa) Agora não ficou muita criancice, Ah! Assim não quero virou muito pastelão

Odete: É ta muito pra jovem então não vamos poder fazer nada! Eu acho.(acho que elas confirmaram a pergunta feita anteriormente, que realmente infantilizou e que suas experiências passadas para o grupo não foram valorizadas pelos mais jovens)

Entrevistadora: Mas pode ser que seja um exercício!

Odete: Não mas já é pra apresentar agora em outubro

Elenice: É pelo jeito que ela falou é pra apresentar alguma coisa, e o que que sai disto? Hoje já fiquei ½ desestimulada pra vir. Tava falando pra Odete, não sei se é porque estou saindo de uma gripe que eu fiquei acamada alguns dias, então não sei se eu levo isto em conta esse desânimo né! Ou se já perdi o pique mesmo entendeu?

Odete: Nós já fizemos aula com ela, né?

Sr. Machado: Já, já anteriormente já fizemos...

Entrevistadora: É eu vejo ela (professora do teatro) fala

Sr. Machado: É exato, é...

Odete: É e até já apresentamos no Sarau no rol do teatro, assim, tudo, mas era tudo assim +/- a nossa idade. (Sarau é uma atividade cultural que acontece uma vez por mês com grupos de idosos no Sesc, onde tem uma parte de revelação de talentos). Agora tô me sentindo assim mais deslocada, sabe! Não tô me sentindo assim a vontade. Se o dentista me chamar na 2ª pra fazer a prova da prótese, tudo bem, porque o dentista só tem de 2ª e 5ª (5ª é o dia do teatro também). Eu venho mais uma vez, agora, se ele me chamar na 5ª eu vou ligar pra ela e dizer que não venho mais. É porque a Marinês..., eu entrei mais pra tirar a Marines da depressão que ela ta entrando na depressão, que ela ta muito ruim! Aí eu vim porque ela viu na revistinha (programação mensal do Sesc) aí ela falou Ah! Odete, vamos fazer a oficina de teatro que eu tô com vontade! Eu fiquei com dó dela e entrei mesmo, mais por isso. (depois de 2 meses Marines faleceu). Porque eu já tenho atividade, tenho problema de joelho, de quadril né, então eu to evitando de fazer as coisas, até se eu pará de fazer dança (grupo de dança da 3ª idade do Sesc) eu nem sei o que vou fazer. Yoga eu não sei se vou pode fazer porque eu to com artrose na virilha, então não sei o que vo fazer. Eu entrei mais pra fazer a Marines pra ela saí da depressão.

Sr. Machado: É aquela senhora? (mas não apontou ninguém)

Odete: É, é aquela senhora! Ela quase não tem vindo. Um dia é uma coisa, outro dia é outra. A Ivone também entrou pra ajuda ela, no fim marco dentista de 5ª feira lá em Hortolândia, num sei que lugar é, toda 5ª feira, num vem! Então não sei, eu pago condução vô e volto quando chego aqui não aproveito nada!

Elenice: não ta enriquecendo, pra mim to assim, não ta mais aquela coisa acesa, indo pra casa contente, Óhhhhhhh que legal! Porque no começo Entrevistadora, parece que despertava alguma

coisa, a gente parece que retomava, pegava um fiozinho, entendeu? Agora não... eu não quero mais isso eu não quero.

Entrevistadora: e o Sr. Machado ?

Sr. Machado: É..., bom, analisando o meu ponto de vista realmente não tornou-se um isto de pessoas da 3ª idade com crianças, não como se fosse só pessoas da 3ª idade, mas..., que tem uma experiência e tudo. Agora eu, no meu caso, no meu modo de análise devia ter assim só a parte deles e depois a nossa pra depois ter uma interação.

Odete: Então é isso que eu falo

Sr. Machado: Na hora ...(interrompido)

Odete: Num tá dando certo!

Elenice: Eu achei até desrespeitoso hoje, é, ser comentado isso, eu não sei, eeu, eu, pra mim, me...me, eu eu ainda não sou da 3ª idade, eu precisei pedir até pra Beth (coordenadora das atividades culturais do Projeto “Gerações”) pode entrar nisso aí, até a Beth que autorizou eu entrar, então fico meio assim pisando em ovos até pra fala, entendeu?

Odete: É o menino (Rafael, 12 anos) que falou que não vinha porque era 3ª idade, então...

Elenice: Eu até achei preconceituoso, acho que tinha que até ser trabalhado isso aí.

Entrevistadora: Eu acho que o que aconteceu que ele tinha achado (fui interrompida)

Elenice: Ela tentou depois dá uma melhorada!

Entrevistadora: Eu vou perguntar pra ele também porque eles estão fazendo atividade e não quero atrapalha-los, mas, inclusive eu pedi pra menina mostrar o menino! Caso ele não voltasse e ela me respondeu. Ah! Ela já está subindo (pra sala de oficina)

Elenice: Porque eu achei sabe! Eu achei que não é por aí, é jovem hoje, mas vai ter idade, inclusive achei bem pesado.

Odete: E não tem nada disso, eu não gostei.

Entrevistadora: Inclusive eu vou esclarecer isso eu vou ver se houve preconceito.

Elenice: não foi só eu, outras pessoas ficaram chateadas também lá (oficina).

Entrevistadora: Quando vocês começaram não foi explicado que era um teatro intergeracional?

Odete: É mas era assim, nós íamos fazer das duas hs as...

Sr. Machado: às 3 e ½ hs

Elenice: É, e depois entrar o outro grupo.

Odete: É e quem quisesse ficar com as crianças ficasse um pouco mais se não nosso horário ia até aquele horário (das 2 as 3 e ½ h). Agora, to achando... pra mim tá ½ difícil.

Sr. Machado: É porque o ano passado nós tivemos, a Odete, a Cléria. Agora, já houve uma apresentação, agora...

Entrevistadora: tinha outras idades?

Sr. Machado: não, não...

Odete: Fizemos com a Delminda (participou da oficina numa outra ocasião que era só terceira idade e não está participando atualmente)

Sr. Machado: Agora não sou contra outras idades to dizendo que...

Odete: Não ninguém é contra é que parece que...

Sr. Machado: É que até que eles iam fazer é que a aula deles ia ser separado, a gente faz a nossa parte e posteriormente eles faziam a parte deles, depois integraria.

Odete: Ou no final ensaiar juntos

Entrevistadora: mas você não acha que causaria estranhamento?

Elenice: não o que foi colocado foi. Desde o início, pra mim foi colocado isso, que ia ter em alguns momentos separados, e depois que ia junta e é o que está acontecendo agora. O meu incomodo, é que está sendo justamente é que não está sendo feita esta integração, é esse o meu

incomodo, não que eu não soubesse que isso ia acontece, entendeu? A forma como está sendo colocada que não ta agradando, talvez por ter mais jovens então tá sendo voltado aos jovens, e ficou esquecido... Aquele conteúdo muito mais rico, eu não sei se é que faz parte da nossa experiência, entendeu? Então era muito mais enriquecedor pro grupo porque havia muita troca de experiência e agora não, ta virando um pastelão, virou uma coisa muito criancice mesmo, perdeu Entrevistadora, na verdade foi isso que aconteceu. Tinha muito mais de encantamento de recordação. A parte da 3ª idade tava trabalhando isso da recordação dos bons momentos, até ajudando, no começo eu achei que tava muito depressivo em função das histórias das pessoas, ficava um pouquinho depressivo, carregado, mas aí você via mudar, ce vê que é uma experiência daquela pessoa, então é um incômodo passageiro. Agora isso que está instalando é incomodo que parece que vai permanece, porque ta perdendo sabe?! De repente a interação tinha que acontece mesmo não derepente o grupo perde em função de maior número de crianças e adolescentes, mas não derepente as crianças e os adolescentes entrarem também no clima, entendeu? Dos mais velhos, dos mais idosos com respeito e não ta tendo isso, não, não não estamos questionado a professoara é o grupo mesmo o que ta faltando mesmo é a educação é o respeito do grupo, dos jovens, que não houve isso. E hoje que aconteceu (com o Rafael) já ta assim, já deu um arrepio, já deu um... encrespou alguma coisinha entendeu se mexer a coisa até dislancha, mas no 1º dia já ter um

Odete: E ta só nois três e a Bene...

Elenice: É hoje faltou muita gente da terceira idade, é hoje faltou bastante, então daí que a gente sentiu mais.

Entrevistadora: É isso que eu ia perguntar quando faltam essas pessoas (idosos) vocês sentem mais?

Odete: é mais assim deslocadas

Elenice: Nós viemos aqui pra tomar um cafezinho, até gostei que o Sr. Machado chegou também porque entrei (na sala de oficina), vi toda aquela criançada (estado de choque), eu... já foi difícil eu vir hoje, aí eu olhei assim puxa não tem ninguém, aí vi a Odete, ainda bem que tem a Odete sabe?! Estava tudo bom pra elas enquanto os grupos estavam separados, depois que abriu mais espaço para as crianças e jovens que eram em nº maior não concordaram em compartilhar.

Odete: A Bene (verificar idade) chega na última hora, e a Bene não presta atenção em nada e é mais uma brincadeira pra ela né!

Elenice: é que agente criou uma expectativa entendeu, eu particularmente criei uma expectativa de me soltar, porque como eu sou muito introspectiva, sô sozinha, então de repente vou conhecer pessoas e me soltar mais, vou me expor né! Porque você expor na frente de um grupo pequeno você aprende também a lidar com outras situações, você não se inibe tanto, você já se projeta mais, você já se interage com o grupo.

Entrevistadora: Re-significa outras coisas...

Odete: (pergunta para Entrevistadora) Você assistiu aquele coral cênico?

Entrevistadora: Não

Odete: foi muito bom! Assim todas as senhoras +/-, foi muito bom, eu gostei. A gente cantava e encenava, então foi muito bom, foi muito gratificante, eu achei! Agora aí eu to me sentindo..., eu nunca senti isso, eu to me sentindo pra baixo, sabe!

Elenice: Eu a Odete e a Marines íamos embora juntas, (comentava) aí que legal fizemos isso hoje, sabe assim gostoso que a gente sente (isto é, só com o grupo que se identifica como as tribos juvenis)

Odete: Fiquei encenando um negocio um tempão...

Elenice: Eu e essa (Odete) brincando com coisa que a gente já brincou lá na frente (da oficina) fazendo.....Agora não, hoje eu vô embora murchinha sabe! (uma grande pausa, ficou um silencio grande, todos refetindo)

Odete: Vamo vê então

Elenice: Eu não sei se venho 5ª feira eu venho se tivé legal (risadinhas) se não eu ligo (p/ a profª) e falo que desisti.

Elenice: Penso que no começo também que não foi só o pessoal da 3ª idade, teve alguns jovens, tipo, aquela menininha Mayara e aquele menininho

Odete: que machucou o pé

Elenice: Aquele que fez com você hoje a cena do prego, o Danilo, são crianças que interagiram perfeitamente com o grupo, enriqueceram no grupo, agora também tem alguns que vieram pra entendeu..., não respeitam o idosos, acha porque ele é jovem então ele pode mais, já vai passando por cima, já vai menosprezando, diminuindo o mais, quer dizer idoso esquece toda a experiência, toda... o que ele podia ta aprendendo, o que ele podia ta crescendo como um ser entendeu! Aquele juvenzinho né! Porque ta começando a vida agora, quer dizer se ele já ta caminhando assim, que que vai leva isso? O quê que vai levá?! (Aqui ficou bem claro que a aceitação foi maior do grupo de crianças quando se referiu aquela menina Mayara e menininho Danilo e elas se sentiram rejeitadas pelo grupo de adolescentes)

Durante a oficina percebi que houve um estranhamento entre as gerações e logo que acabou a oficina fui atrás do grupo da 3ª idade que já saiu comentando, dei um tempo e quando me aproximei propositalmente eles me chamaram para me contar o que estavam sentindo. Na verdade estes dados foram muito mais um bate papo do que uma entrevista pois quase não fiz perguntas os entrevistados foram abertos claros quanto aos seus sentimentos. Isto me deu uma prova de confiança e de bom relacionamento com os sujeitos como sugere a autora:

(MINAYO, 1994, p. 61) *As capacidades de empatia e de observação por parte do investigador e a aceitação dele por parte do grupo são fatores decisivos nesse procedimento metodológico, e não são alcançados através de simples receitas.*

(p.62) *O objetivo prioritário do pesquisador não é ser considerado um igual, mas ser aceito na convivência.*

Minha surpresa aqui é que sempre esperei o preconceito vir dos jovens, como a teoria diz, eles se identificam melhor com pessoas da mesma idade e mais próximas formando tribos, guetos etc., mas na verdade isto também existe observado principalmente em pessoas que freqüentam grupos de faixas etárias segmentadas e que acontece com a terceira idade assim como acontece com os jovens, como por exemplo, a Odete faz dança com grupos fechados de a terceira idade, fazem inúmeras apresentações e o grupo é muito aplaudido (que merece pois, é um trabalho muito bonito) mas por um outro lado quando é para apresentar uma encenação para os jovens não acontece o mesmo fica parecendo que sua expectativa é igual a da dança.

(MINAYO, 1994, p.64) *O que atrai na produção do conhecimento é a existência do desconhecido, é o sentido da novidade e o confronto com o que nos é estranho.*

= = =

Entrevista nº 3

Sr. Machado (63 anos)

Local: Lanchonete do Sesc, logo após a conversa anterior

Dia: 20/10/2005

Horário: 16:10

Situação: ele participou da conversa anterior

Sr. Machado: (falando da professora) muito competente, muito boa, uma pessoa que estimo muito por sinal, uma pessoa que... Agora a interação entre jovens, adultos e idosos tem que (...pausa), quer dizer no meu modo de avaliar teria que ter uns dias antes pra fazer a prática do teatro pra depois... Agora há uma (...pausa) como ela falou aí que realmente tem uma relação preconceituosa talvez há. Procurando não ser...

Entrevistadora: Sr. acha existe preconceito com o Danilo?

Sr. Machado: Como assim com o Danilo

Entrevistadora: O Danilo, o menininho que vem com a profª.

Sr. Machado: Não eu acho que ele já é muito infantil, ele já não tem aquele preconceito. Aquele gordinho né?

Entrevistadora: Isso

Sr. Machado: Não aquele lá não, porque já não tem ainda por exemplo chega...ele aquela idéia que é preconceito e o que não é (gagueja muito), então ele num é como adolescente, jovens que já tem uma... então com ele não existe preconceito

Entrevistadora: quem ali da turma Sr. acho que tem preconceito?

Sr. Machado: Não no meu modo de avaliá, eu (gagueja) não vi ninguém com preconceito porque pra mim tá tudo bem, eu chego lá faço, e...

Entrevistadora: Sr. se sente bem no grupo?

Sr. Machado: É, eu num assim num dô valor pra esse negócio de preconceito sem preconceito porque eu me abro assim mesmo né (gagueja e muito), então, agora, não senti preconceito (gagueja e muito), quanto a minha pessoa até presente data não, então eu me dou bem no meio de jovens, adultos e velhos, aí não tem problema. Agora, isto é questão das pessoas avalia, a avaliação que as pessoas fazem (estava dizendo sobre Elenice e Odete), eu não me senti assim que foram preconceituosas quanto a minha pessoa não. Agora eu tô dizendo....avaliação geral, geralmente há preconceito não é só entre jovens e adultos, há entre ricos e pobres, há entre a cor da pele, negro por exemplo, tem muita gente que não gosta de negro e não se manifesta, então é isso aí que ocorre, ele apenas aceita mas....ele não é!? Todos os tipos de preconceito, então reveladamente ele não se manifesta. Por exemplo, o empregador, você pega um peão pra trabalhá, geralmente, eles não aceita a cor da pele, não vai falar na sua cara: Não você não seve porque você é negro não, geralmente eles fazem a avaliação da sua ficha chama lá e manda aguarda, no mercado de trabalho tem isso, mesmo a pessoa que é negra. Pega uma secretária, num vai pega uma secretária negra, geralmente o patrão pega uma secretária loira de olhos azuis né, pra outros fins também é evidente né, sabe como é que é, a gente não é bobo né, ter uma secretária bonita, linda, que fala um monte de língua, isso é fato, isso é (...) realmente é isso. Agora entre rico e pobre existe, por exemplo, ele, ééé discrimina o pobre, que num tá na dele, tem mais dinheiro, mais poder aquisitivo, então já fica discriminado também. Entre adulto,(reformulou a idéia) jovens, velhos e adultos também há preconceito, porque eles discriminam também os idosos.

Entrevistadora: Por que o Sr. acha que eles discriminam?

Sr. Machado: Por que é o seguinte, porque aí (...) diremos que há uma reunião de jovens (...), cada um tem o seu mundo. O mundo dos jovens não é mundo de adultos, eles tem um modo de pensar diferente, um modo de falar diferente, um modo de se vestir diferente, e o adulto, ele já tem um outro tipo de linguagem, já carrega uma bagagem muito grande, pra ensiná, pra...então...(não termina a idéia); eles não aceitam por exemplo, coisas antiga, por exemplo, cê dá um conselho

pro jovem ele num vai aceitá, ele acha que tá na dele, fala prum jovem: num pode fazê isso, num pode tomá droga, fazê isso fazê aquilo, então eles num aceita, por que? Porque é questão do quê? É questão de idade, de tempo, de época. A época (... , não termina a idéia). Então é isso aí, então num tem uma concepção de assim muito idéias, a idéia num cunjuma a idéia do jovem com a idéia do adulto, porque é o que eu falei, o mundo dele é esse o mundo dos jovens é esse, o mundo do adulto é aquele. (Talvez ele não se sinta atingido por preconceito devido a esta consciência das diferenças de idéias e respeita a maneira como os jovens se manifestam no mundo, ficou bem claro que isto depende da cabeça de cada um). Não to dizendo que eles sejam assim ruins, de forma nenhuma, o jovem bem direcionado é uma beleza né. Agora o jovem mal direcionado é uma ...como você vê lá, posso nota lá no Centro de Convivência lá (não deu pra entender o que falou na gravação) cheios de tatuagem, drogas girando, então é um jovem que ta mal direcionado. Agora você os jovens por exemplo da toca de São Francisco que que eles fazem? São tudo jovens, que que eles fazem? Vão cuidar de mendigos, dar banhos, dá comida, leva lá pra...então são jovens bem intencionados e bem direcionados por que? Quer dizer que há duas alas então. Então o jovem em si não é ruim, uma vez que haja uma pessoa que possa direcionar pra coisas boas. Não sô contra jovens de forma nenhuma, sô uma pessoa que (...), tem jovens bons até por sinal, boas, respeitosa, mas têm alguns mal direcionado, então nesse aspecto aí né, a imprensa a convivência, então tem uns que, por exemplo a Toca de Assis né, pode nota eu vejo aí, eu passo aí, eu vejo ele vestido com aquele ponche preto, marrom, que eles tão fazendo? (a toca de Assis fica perto do Sesc) Entrevista interrompida não foi terminada.

Minha intenção de entrevistar Sr. Machado à parte foi que durante o bate papo anterior percebi que falou muito pouco concordou pouco e isto me despertou curiosidade, o que que ele estava pensando? A conclusão foi que em sua fala: *É, eu num assim num dô valor pra esse negócio de preconceito sem preconceito porque eu me abro assim mesmo né (gagueja e muito), então, agora, não senti preconceito (gagueja e muito), quanto a minha pessoa até presente data não, então eu me dou bem no meio de jovens, adultos e velhos, aí não tem problema. Agora, isto é questão das pessoas avalia, a avaliação que as pessoas fazem.*

Assim como Sr. Machado, outras pessoas da terceira idade que não entrevistei extensivamente mas, fiz uma pergunta breve: Você acha que existe preconceito dos adolescentes para as pessoas de mais idade? Cleria, Bene, Marines, não sentiram o mesmo, disseram que são pessoas (crianças e adolescentes) muito legais e carinhosas.

Entrevista nº 4

Rafael 12 anos

Dia: 27/10/2005

Local: Sesc no sofá em frente ao setor administrativo

Horário 15:30 hs

Entrevistadora: Rafael você está gostando do teatro?

Rafael: Ah! Tô, super legal. É difícil d'eu vim porque eu estudo á tarde

Entrevistadora: Ah é! (espanto)

Rafael: É, mas tipo, esse mês agora, minha mãe conseguiu dá um jeito d'eu vim nas 5ª feira, aí eu to vindo

Entrevistadora: E os professores lá da escola te dispensaram?

Rafael: Então, porque tipo, as matérias que tem de 5ª feira são matéria que eu tô indo bem, aí os professores falaram que não ia fazer falta uma aula

Entrevistadora: AHhhhhh! (espantada)

Rafael: Aí eu tô conseguindo vim.

Entrevistadora: Por isso que você às vezes chega atrasado?

Rafael: É, a maioria das vezes é por causa disso.

Entrevistadora: Agora eu entendi porque você tá chegando atrasado

Rafael: solta uma risadinha

Entrevistadora: E você ... gosta da turminha?

Rafael: Gosto, gosto de todo mundo que tem feito até agora, é super legal.

Entrevistadora: Você tem uma amizade mais próxima com alguém ali?

Rafael: Não, até que não.

Entrevistadora: Você não conhecia ninguém antes de chegar aqui no teatro?

Rafael: Ah! Conheci tipo, acho que tem um monte de gente que conheci, mas, não de ser bastante amigo, só de conhece.

Entrevistadora: Da onde?

Rafael: Ah! Tem gente que conheci do Clube Bonfim, tem gente que conheço da escola de futebol, tem umas meninas que estudavam comigo.

Estava tentando chegar devagar nas perguntas principais que era em relação aos idosos

Entrevistadora: Quem são as pessoas que estão lá, que você tá dizendo?

Rafael: Ah! Eu não sei o nome delas, tem uma menina que uma vez ela tava no carnaval do Bonfim, tem um pessoal que fazia futebol comigo, ah acho que é só que eu conheço é só!

Entrevistadora: Quem é o menino que ta lá que fazia futebol?

Gab: Eu não sei o nome dele

Entrevistadora: Esse aqui?

Rafael: É,

Entrevistadora: O Danilo

Rafael: É, o Danilo

Entrevistadora: Ce conhece o Danilo?

Rafael: Ele fazia futebol comigo, lá no Santos

Entrevistadora: Onde? No Bonfim

Rafael: No Colégio Doctus

Entrevistadora: Ah! Ele estuda lá

Rafael: Ah é! Eu jogava com ele lá

Entrevistadora: Então você tá enturmadinho (ele dá risadinhas)

Rafael: É bom

Entrevistadora: O que te desperta vontade de vim no teatro?

Rafael: Eu já fiz teatro no Tespis um tempo. E aí eu gostava, mas que eu tive que pará, porque era muito cedo e era longe eu não conseguia acorda. Aí eu parei um tempo e eu gosto do teatro porque eu gosto de fala, aí o teatro me faz ficar mais comunicativo, é bem legal.

Até aqui procurei conquistar o Rafael para ganhar confiança e quem sabe esclarecer o mal entendido com a Odete e Elenice á respeito do menosprezo e preconceito ditos na entrevista nº 2. então daqui pra frente eu inicio uma conversa mais específica.

Entrevistadora: Você percebeu que tem outras idades, pessoas mais velhas, você se incomoda com isso?

Rafael: Não, até acho super legal, acho até mais legal porque aí tipo dá pra troca bastante idéia né, com o pessoal da 3ª idade com um pessoal mais novo que eu, é bem legal.

Entrevistadora: Cê tá no meio né!?

Rafael: É eu gosto, (Entrevistadora dá risada)

Entrevistadora: Você fica no meio..., entre os mais novos e os mais velhos

Rafael: Ah! Mais é legal assim, é bom

Entrevistadora: Semana passada você tava jogando xadrez lá em baixo, e aí o pessoal (do teatro) já tava reunido aqui em cima e a M... foi te chama e...(procurei ter cuidado para continuar a idéia da pergunta um assunto um pouco delicado para a pesquisa é o X da questão) o que você respondeu pra ela?

Rafael: Ah, eu disse péra aí, péra aí que já to indo, sobe lá que já vou. Porque eu não gosto de pará o xadrez no meio, xadrez é uma coisa que eu gosto, aí tava esperando acaba aquela partida eu já subia

Deveria ter continuado o assunto

Entrevistadora: E você convive com pessoas mais velhas na sua casa, tipo assim pessoas que tem mais de 60 anos?

Rafael: Não

Entrevistadora: Você não tem avós?

Rafael: Tenho mas mora em SP, na praia ou em Riberão Preto, ou em Campinas.

Entrevistadora: Você convive pouco com eles? (Ele respondeu com a cabeça que sim). É! E quando você convive com eles é legal?

Rafael: É, eu morei um ano com a minha vó, porque eu tenho uma vó só viva. Aí eu morei um ano com ela, mas tipo, ela é muito legal, ela me leva no clube, ela acorda cedo, ela é bem elétrica, eu gosto dela.

Entrevistadora: É que bom, se eu tive mais algumas outras perguntas eu volto te perguntar, ta bom?

Rafael: Ta bom!

Entrevistadora: Obrigado

Mas o papo continuou depois da entrevista e voltei a gravar

Rafael: Uma vez eu falei com o H.... da informática (profº que dava aulas de informática para a 3ª idade), porque ele dá curso pra 3ª idade, e como eu sei mexer bastante em computador, mexer em vários programas eu perguntei pra ele se podia da algum curso ou ajuda, e ele falo que dá algum curso antes d'eu faze uns 14 ou 16 (anos) não, mas pra ajudá ele; e aí o ano que vem eu vou fazer 14 vou começa a da cursos aqui no Sesc pro pessoal da 3ª idade de informática.

Entrevistadora: Que legal, que bacana

Rafael: Legal mesmo, que bacana

Entrevistadora: Que bacana mesmo, porque eu vô dizê uma coisa pra você Rafael eles precisam muito da gente, porque o mundo mudo. Quando eles tinham a idade de você o mundo era completamente diferente, então o mundo de hoje é muito estranho pra eles. Então a gente da geração mais nova precisa ajudá eles a entendê o mundo de hoje, porque eles ficam com aquela imagem do mundo de lá de trás que não tinha computador, celular, não tinha uma série de coisas que tem hoje e que as vezes eles não aceitam, e a gente que é mais novo, ensinando eles a mexerem com essas coisas eles começam a se sentirem mais no mundo de hoje.

Rafael: Ah! É legal né!

Entrevistadora: É, sabe é essa troca que você falô do teatro... ah legal porque a gente troca experiência e é justamente isso mesmo.

Rafael: Ah então eu gosto porque tipo, eles conhecem um monte de coisa que eu não conheço por eu se mais novo e eu conheço um monte de coisa que eles não conhecem por não ser da época deles que nem você falo.

Entrevistadora: exatamente, muito legal, gostei muito do você falo, muito obrigado.

Nesta entrevista ficou constatado que não houve preconceito por parte do Rafael, apenas um mal entendido quando M.... entrou na sala e disse que ele não vinha porque era 3ª idade, o problema foi a comunicação de M....., fui perguntar pra ela o que realmente havia acontecido ela confirmou o que Rafael relatou na entrevista. Até então as oficinas eram separadas, 3ª idade e jovens e crianças. Ele estava esperando acabar a oficina da terceira idade para iniciar das crianças e jovens, mas naquele dia estavam todos juntos e ele não sabia porque tinha faltado a oficina anterior. A professora esclareceu o ocorrido, mas não convenceu a Elenice e Odete.

Entrevista nº 5

Julia, 15 anos

Local: Sesc, sala corpo e arte

Dia: 03/11/2005

Horário: 17:00hs

Júlia: Eu moro em Campinas a pouco tempo, eu to fazendo teatro no Sesc a oficina, eu já fiz teatro por bastante tempo, mas esta é uma experiência diferente que eu to tendo porque eu já fiz teatros que você faz pecinhas na escola, normal, apresenta pros pais tudo ou uma alguma coisa mais elaborada como foi César e Cleópatra que foi uma peça de uma hora e meia, que eu fui a protagonista no caso, que foi muito bom me desenvolveu bastante nos ensaios tudo, e eu me interessei pelo teatro de variedades por envolver artes circenses, é várias modalidades na área de teatro que eu gosto muito inclusive que fazer faculdade arte de cênicas ou cinema ou alguma coisa nessa área.

Entrevistadora: É... você... como que você chegou até aqui ?

Júlia: Ah! eu fiquei sabendo...eu queria fazer algum curso de teatro aqui em Campinas, mas eu não sabia de ninguém, eu não sabia de nada, porque faz um ano só que eu to morando aqui, e eu ouvi falar muito bem do Sesc, várias apresentações tudo e eu vim me informa, minha mãe acabou virando sócia mais por causa do teatro mesmo pra eu entrar na área de teatro, porque depois que você faz uma apresentação, é, te encaminham pra outras áreas sabe, te dão....

Entrevistadora: e você faz mais amizades, acabam te levando pra outros lugares.

Júlia: É, é....

Entrevistadora: Você já percebeu que esse teatro ele é diferente, em nº de participantes tem pessoas de todas as idades, num tem adulto de meia idade porque a R... saiu, que teve que sair, mas tem crianças, você vai encenar com uma catatauzinha desde 4 anos até 60 e tantos anos. O que você acha de interagir com essas pessoas?

Júlia: Olha eu acho essa diferença de idade muito boa pra se trabalha, porque você pode interagir com essas pessoas, sabe como essas pessoas vive, vê as diferenças, sabe convive com essas diferenças, aprendê um pouco tanto com os mais novos quanto com os mais velhos, eu que to ali na adolescência né, na metade.

Entrevistadora: No meio né...

Júlia: É. E... você aprende muito com eles o jeito deles muito engraçado, sabe, e é diferente porque tanto que já passei pela idade de criança, um dia sabe que eu vo chega nos mais velhos e aprendendo um pouquinho com eles.

Entrevistadora: Nesse convívio você sente uma distância entre você e os idosos?

Júlia: Eu acho que não, eu acho que a união do grupo tá sendo bastante forte, acho que ta todo mundo num só, tá todo mundo... são todos artistas, são todos no mesmo... que querem uma mesma coisa.

Entrevistadora: E dentro do grupo você percebeu aquele preconceito que foi comentado?

Júlia: Ah eu acho que foi só um mal entendido, acho que não houve preconceito nenhum, acho que o povo ta bem ciente, ta gostando até da...

Entrevistadora: Por que você ficou sabendo houve um afastamento de certas pessoas porque gero uma imagem de preconceito em relação a eles e se sentiram menosprezados e saíram, aí parece que de alguma forma retornaram e comentaram alguma coisa hoje. Qual foi sua opinião em relação a isso?

Júlia: Ah eu acho que foi um mal entendido, se fizeram alguma coisa acho que foi sem intenção de magoa sabe, agora acho que ta tudo certo, ta todo mundo até ce ta chegando ta todo mundo te esperando que dê tudo certo.

Entrevistadora: E na sua família você convive com pessoas mais velhas?

Júlia: Bastante, bastante. Eu moro com a minha mãe, meu pai mora em Sorocaba, então eu vô pra lá de 15/15 dias aí tem minhas tias tudo pra lá, mas aqui é eu minha mãe e minha avó, minha vó mora em outra casa sozinha e eu moro com a minha mãe, então eu tenho esse convívio, agora mais com o pessoal da escola na parte da manhã né.

Entrevistadora: Como é sua relação com sua avó?

Júlia: Ah é boa porque ela me criou, desde de pequena sempre... porque minha mãe trabalhava, tudo...e ela sempre me levava pro serviço dela eu ficava junto com ela então eu sempre fui criada com ela então eu aprendi a conviver com pessoas mais velhas.

Entrevistadora: Existe diferença de afeto entre a sua mãe e sua avó?

Júlia: Eu acho que não, eu acho que as duas pra mim sabe são duas mães, minha vó faz papel de mãe duas vezes.

Entrevistadora: Que legal, ta bom se eu esqueci de alguma pergunta eu volto a te entrevistar, ta bom . Obrigada Júlia

Júlia: Imagina.

Ela é muito amorosa com todas as idades, dá mais atenção ao Sr. Machado que os outros, é tímida mas quando é pra se expor faz, mas apenas o necessário, ela não tem a iniciativa de procurar as pessoas.

Depois de dois meses entrevistei:

Entrevistadora: O que você mais tirou de lição deste teatro?

Júlia: Aprendi ter mais compreensão com algumas pessoas que são pequenas e com adultos, porque eu sou uma pessoa que não tenho muita paciência. Mas aí eu aprendi com essas pessoas, não só com os idosos, mas também com as crianças e gente da minha idade a ter paciência, porque não é com todos que eu tenho, me dá uma.... [vontade] de explodir, então essa foi a experiência que eu tive com essas pessoas super legais o que eu tirei deles foi isso.

Entrevistadora: E você conseguiu levar isso para sua vida particular, fora do teatro?

Júlia: Consegui. Consegui ter mais compreensão.

Entrevistadora: Dá um exemplo.

Júlia: [...] em casa, com a minha mãe, com o meu pai, com toda a família, tenho mais compreensão assim sabe? Antes eu mais falava do que ouvia as pessoas, agora ouço mais elas... É

que eu falo bastante, mas na hora de ouvir a pessoa falar eu não queria entendeu?! Então eu aprendi isso também, foi legal!

Entrevistadora: Obrigada!

Entrevista nº 6: Elenice

Idade: 53 anos

Termo de Consentimento: Ok

Local: Foiê (teatro)

Data: novembro de 2005

Horário: 17:55 hs

Situação: no dia da apresentação final, durante o intervalo entre uma apresentação e outra. Foi feita uma única pergunta, pois o tempo era curto, precisa se arrumar para a próxima apresentação e, não era possível outra ocasião.

Entrevistadora: O que o teatro significou para você

Elenice: Hoje tenho mais facilidade de conversar, me sinto menos tímida e mais segura de me expor.

Entrevistadora: E quanto ao Rafael, você acha que ele faltou com respeito ou um suposto preconceito?

Elenice: É acho que foi um pouco de precipitação da nossa parte achava que ele era preconceituoso, mas não é nós fizemos bastante coisas juntas.

Entrevistadora: O que ficou de lição para você nesta oficina de teatro?

Elenice: Se tivesse com grupo de apenas idosos não teria aprendido lidar com outras gerações, agora me sinto bem melhor conversando com todos, com as crianças e com os jovens, minha família também percebeu esta mudança.

Entrevista nº 7 : Odete

Idade: 60 anos

Termo de Consentimento: Ok

Local: Foiê (teatro)

Data: novembro de 2005

Horário: 17:30 hs

Situação: no dia da apresentação final, durante o intervalo entre uma apresentação e outra

Entrevistadora: Odete, conta pra mim, dando seqüência daquela conversa na lanchonete; de lá pra cá o que quê aconteceu no teatro (2005), como procedeu e como terminou em relação ao relacionamento do grupo?

Odete: No começo foi como eu te falei tava, tendo atrito, que as crianças não tava assim dando a devida atenção no nosso momento de falá né, de passá a nossa dexta (é a fala do ator na peça), passa o nosso texto, então eles num prestavam atenção, conversavam, brincavam, então houve assim uma...; eu senti assim que achava que eles estavam com falta de respeito com a 3ª idade né! Mas com o correr do tempo foi melhorando a convivência; eles foram... (pensou um pouco); num sei se eles foram chamados atenção ou não, sei que eles foram prestando mais atenção eeeeeee.....

no decorrer da peça (quer dizer das várias oficinas) tornamos grandes amigos porque aí eles tratavam a gente com respeito, com carinho.

Entrevistadora: Como você percebia esse respeito, esse carinho?

Odete: Assim através de abraços, de chegá abraçá a gente, chamava as vezes a gente de mãe, de tia... (Odete substituiu uma personagem mãe num dos ensaios da peça) (nós duas rimos juntas). Então... eu.... no começo eu senti mesmo, assim... falta de atenção, falta de respeito com a idade, mas com o decorrer com a peça (ela quis dizer com os ensaios) a gente foi notando que eles foram prestando atenção, foram chegando mais perto da gente (trabalho de integração proposto pela troca de idéias que eu e a professora fizemos), e tornamos assim... grandes amigos, até agora (alguns momentos atrás) encontrei um deles aí e a gente continua assim... quando se encontra na rua vem abraçá a gente: (exclama) oi que legal te vê! Então eu achei que é questão de convivência, porque mesmo nós adultos, com um pouco mais de eficiência pra conversá, pra entendê e pra escutá, as vezes entre nós de 60/70 (anos), as vezes há um pouco de atrito né; então eu acho que a gente tem que conviver, com jovem, com a criança, com adolescente e o idoso; a gente trabalhando junto e um tentando compreender o outro, no fim cabô tornando.... (mudou de frase); eu achei que terminô muito bom mesmo, foi gratificante. (a importância da integração)

Entrevistadora: Você olhando pra eles, você acha que então eles mudaram, em relação a 3ª idade?

Odete: Mudaram, mudaram; naquele grupo (2005) mudô; o grupo que terminô mudô, que foi até o fim mudô mesmo.

Entrevistadora: Fala alguma coisa assim que você notô que mudô, por exemplo no dia da apresentação, que vocês se preparam no camarim.

Odete: (momentos antes da apresentação foi observado colaboração e cooperação; o idoso pode passar seu apoio, experiência, e segurança num momento do grupo onde gerou a insegurança, ansiedade, emoção do desafio da apresentação) No camarim assim foi muito legal na hora de se pintá, eles..., de se trocá, eles..., como muitos nunca tinha participado, eles tavam perdidos: me ajuda aqui, me pinta alí..., arruma meu cabelo; porque Adriana (prof. de teatro) coitada..., sozinha ela não conseguia né! Então pintá, arrumá, na hora de se trocá também, foi aquele carinho, e depois na hora de tomá o lanche, (neste momento sua voz alterou para um tom mais alto e mais rápido representando uma emoção talvez alegria ou satisfação) aquela coisa deles falarem: ah! você não comeu isso, come isso aqui ta gostoso, isso aqui foi minha mãe que fez. **Então eu achei que mostrô neles que eles respeitaram a gente e gosto de trabalha e sentiu bem com a gente** (sua voz voltou ao normal e falou com mais pausa e com certa convicção). Então eles...;(lembrou de uma passagem divertida) no camarim foi muito engraçado, teve gente que pois roupa na lâmpada (ela quis dizer, pendurado na lâmpada), começou chamiscá, eu falei : pelo amor de Deus gente num pode por na lâmpada que vai queimá! Eles tiraram; eles num tinham experiência (Segurança que os idosos passaram momentos antes da preparação da peça, com certeza na hora da correria); outro, fui pintá ele e ele: Ah! num tô muito pintado. Falei: não, teatro tem que aparecê, o palco..., você é um palhaço, se você não pintá bem a bochecha aqui, aqui (apontando as bochechas) num vai aparecê; que tem um gordinho lá, esqueci o nome dele!

Entrevistadora: Danilo (deduzindo que seria o palhaço)

Odete: o Danilo foi um menino assim doce, doce; os pais dele participaram bastante, a irmãzinha dele, e eu sei que ele se tornô como um neto pra mim; pra mim foi muito bom mesmo (já se percebe mais emoção na voz do que no começo da conversa).

Entrevistadora: E em relação ao Rafael que foi o “X” da questão.

Odete: É o Rafael foi o “X” da questão, ele no fim ele, ele...tornô, eu acho que é o jeito dele assim.

Entrevistadora: Esse "X" da questão cê acha que foi um mal entendido ou você acha que ele tinha um preconceito?

Odete: Eu acho que foi mais mal entendido, eu na hora eu achei que era preconceito, como eu falei pra você (na entrevista anterior), mas depois com o decorrer do tempo e pelo jeito dele, não foi mais mal impressão, foi uma impressão que eu tive assim de te falado uma coisa e a gente tê entendido, ele quis dizê num sentido e a gente interpretô do outro (nota-se que o preconceito também está na mente dos idosos e confirma-se aqui o engano, um pré juízo que ela faz de um dos adolescentes, inclusive confirmado na fala da entrevista dele que foi um engano), porque ele foi um menino legal, trabalhamos juntos, era companheiro, chegava e me abraçava sempre, me beijava, a mim e a todos os outros também, então sempre tem umas pessoas que eles se adaptam mais né, e eu como sou muito brincalhona, eu sei que logo nós ficamos bastante amigos e... terminamos muito bom, num teve mais atrito nenhum.

Entrevistadora: (voltei a conversa do teatro 2005 no meio de uma outra parte da entrevista do teatro de 2006, recortei e coloquei nesta sequência) Daquele teatro do ano passado (2005) qual é a pessoa que mais você acha que se transformo?

Odete: Do ano passado (2005)?

Entrevistadora: É que mais mudô, que mais se beneficiô com o teatro?

Odete: (demora pra responder) A Elenice ela disse que era uma pessoa super fechada e acho que ela se saiu super bem, Elenice; agora das criança, das criança ôôô...

Entrevistadora: Num teve nenhuma revelação?

Odete: Não acho que não! A Daniloné? (balanceia a cabeça acenando que sim) é ele era muito tímida no começo, ela nem fala ela nem saía a voz e sê (ser) palhaço, no fim ela saiu que foi maravilhoso, eu achei que ela mostrô uma coisa que jamais pensei porque ela era tão assim quietinha, com medo de falá, nem saía a voz e no fim ela fez um palhaço e tanto saiu muito bem. Aquele Éter lá!

Entrevistadora: Ettore.

Odete: Ettore, menino...que aquele me surpreendeu, pra mim surpreendeu, apesar que ele ele já mostrô, logo no começo ele já mostro que ele era tal, mas ele mostrô um menino que tem talento; num sei se ele tá participando aí ou não mas...(nas oficinas de teatro 2006)

Entrevistadora: Tá tentando

Odete: Tá tentando? Porque ele óh! (de admiração)

Entrevistadora: Ele depende mim para vim

Odete: Ele depende de você pra vim?

Entrevistadora:(acenei com a cabeça que sim).

Odete: Eu acho que aquele menino daria um excelente ator se ele entra mesmo pra valê, ele tem tudo pra ir pra frente.(imagem positiva que ela faz dos meninos)

Nº 8 Júlia (16 anos)

Data: 23.03.06

Horário: 16:35 hs

Local: sofá em frente ao administrativo, logo após a oficina de teatro 2006

Entrevistadora: Fale sobre o teatro do ano passado

Júlia: Olha no começo acho tava meio estranho a relação, eu acho que não por preconceito, mas as pessoas não estavam muito acostumadas a conviver com pessoas mais velhas nem sempre, as vezes...é... pessoas mais novas até uns 10 anos ia na casa da vó no máximo uma vez por semana,

sabe, ía almoçar na casa da vó de domingo, então não conviviam muito, e com o tempo com o teatro foram aprendendo como que lidava, mas ficaram meio com medo pra não ofende, num falar coisa que ofendesse, no começo acho que foi isso que fico, a timidez, só no começo mas depois eles desenvolveram melhor o trabalho...Até que ficou um teatro bacana.

Entrevistadora: E você acha que fico alguém, não precisa citar nomes, precisando melhorar isso?

Júlia: Acho que foi suficiente pra aprende a lidar com pessoas mais velhas, é... quem conviveu pouco, que eu num fiquei desde o começo, mas, eu consegui aprende bem, sabe, o que eu não sabia consegui, o grupo inteiro tiro isso, e é....Ah! Não vejo ninguém que não conseguiu lidar com o grupo acho que foi uma harmonia boa, principalmente que tava no final, todo mundo acostumado.

Entrevistadora: O que mais realçava quando grupos da mesma idade estavam juntos?

Júlia: O palavreado eles (mais jovens) falava mais gírias, é isso muda também, o jeito de se expressar, eles ficavam menos tímidos porque tavam lidando com as pessoas da mesma idade, então sabiam que é se você fizesse alguma coisa a outra pessoa ia entende da mesma maneira, não com os mais velhos as vezes você fala de um jeito ele podia interpreta de outro, e... mas, eu acho que, até com o tempo se acostumaram com isso e...acho que deu pra assimilar as duas coisas e não houve muito desentendimento

Entrevistadora: Qual é a diferença entre trabalhar ou ter uma amizade entre uma pessoa da tua idade e uma pessoa mais velha?

Júlia: Todas exigem respeito, mas acho que uma pessoa mais velha você tem que ter mais respeito, mais atenção porque ela tem na maioria das vezes mais experiência que você, já viveu mais tem muito mais coisa pra passa, então acho que tem te mais paciência, que lida com calma com outras pessoas mais velhas; as pessoas mais novas já sabe mais ou menos na mesma, então sabe o que falar, o que fazer, como agir; é isso.

Entrevistadora: Quando te liguei dando a noticia do falecimento da Marinês, como foi sua reação?

Júlia: Nossa fiquei triste, porque convivi tanto tempo com ela né, foi.. nossa.. uma mãe de verdade, porque ela foi minha mãe na peça, eu acho que fui uma das pessoas que mais trabalhei com ela, por causa dela ser minha mãe td, ela me abraçava. Quando você me falo!!!

Entrevistadora: Teve contato físico né.

Júlia: Nossa!!! Na hora do telefone, falei nossa...! Porque já tava esperando, assim mais ou menos, porque ela tava muito doente e td sabe...só que depois que eu desliguei o telefone foi aquele baque! Daí eu liguei pra minha mãe do Céu e agora? Minha mãe tava em SP aí não tinha como eu fala com ela, não tinha como ela fala pra eu vim sabe. Ela ficou super triste também porque eu cheguei apresenta a Marinês pra ela quando ela veio assisti, ela veio me busca tudo (no ensaio), ela fico também super triste de te que muda o papel também, aí depois te aconteceu isso. Acho que comoveu bastante.

Entrevistadora: Mais alguma coisa pra falar? Do teatro? Dos meninos das meninas? Dos mais novinhos, das mais criancinhas?

Júlia: Acho que quanto ao sexo num teve muito problema não, acho que foi o menor problema (isto é, ela quis dizer nada de problemas). Principalmente os mais criancinhas que estudavam na mesma escola ou...ah! tinham, o mesmo nível; agora... (...elabora um pensamento), ah! Eu acho que não, os mais velhos também td na mesma fxa, acho que tinha a Rose só que era no meio da idade, mas acho que num teve nenhum problema quanto a isso.

Entrevistadora: Fazendo uma avaliação geral de td, o que você acha que poderia melhorá mais ainda? O relacionamento das diferentes gerações?

Júlia: Ah, eu acho que precisava é... o Sesc precisava promovê mais projetos como esse, não só do teatro mas como assim natação, pra as pessoas mais jovens exercitarem os mais velhos, ajuda eles a fazerem as coisas que eles não conseguem, é, ou num esporte, sabe competirem juntos (gagueja um pouco) ao invés de jovens contra os outros sabe...Acho que o Sesc devia promover...porque foi uma experiência muito bom, foi uma experiência que eu nunca tinha vivido.

Entrevistadora: Isso mudou alguma coisa na tua vida particular, fora daqui?

Júlia: Ah mudô, mudô (falou com muita certeza e repetiu varias vezes a palavra “mudô” enfatizando a certeza).

Entrevistadora: Fala um pouco

Jú: Mudo porque eu num convivia..., por mais que eu convivi com minha vó por muito tempo, eu não convivi com outros idosos a não ser com meu bisavô e minha avó.

Entrevistadora: Hahã.

Jú: E conheci pessoas novas com jeitos diferentes, com modos de se comportar diferentes do meu bisavô e da minha avó, e... consegui me comportá muito bem na frente delas, não tive nenhum problema. Eu acho que isso me ajudo bastante porque eu sei que se eu conhece outras pessoas idosas ou nas mesmas condições eu sei que eu vô podê me comportá bem; eu já sei como agi.

Entrevistadora: Você se sente melhor?

Júlia: Hahã, mais segura.

Entrevistadora: Ta ótimo, é isso aí Júlia, obrigado.

Entrevista nº 09

Adriana (Dri) professora do teatro de variedades

Local: Sala 1 – Sesc

Dia: 01/12/2005

Horário: 17:20 hs

Situação: Logo após a confraternização final da oficina de teatro

Adriana: Eu trabalho na educação não formal há 8 anos e uso o teatro pra trabalhar como mapeamento pro meu trabalho e, esse projeto né, do Sesc projeto intergerações, é um projeto pra integra as gerações, pra que nessa troca exista um enriquecimento cultural, artístico de todas as formas de experiência entre os grupos né, então uma troca entre as gerações que ficam tão distanciadas né, não existe esse vínculo formam-se clãs nas gerações e nas diferentes gerações e dentro das gerações também, então tem essa diferença, essa separação. E então a oficina de teatro de variedades é um meio pra trabalhar esse programa intergeracional, é integra as gerações, criar um espaço de convívio entre eles né, entre as gerações. É... oficina teatro de variedades ela trabalha, engloba teatro de rua, técnicas de circo, teatro convencional, é... tradição oral, então engloba várias...é... como diria... engloba várias linguagens artísticas pra se trabalha de uma forma mais rica. Então nisso eu consigo trabalha a oralidade, a expressão na fala, é...a pessoa conseguiu se expressa..., coloca pra fora como que ela sente, as sensações, sentimentos, opiniões, é... trabalha a criatividade.

Entrevistadora: E quando a Beth te fez esta proposta como é que foi?

Dri: É eu já tinha feito... bom eu já trabalho com crianças e adolescente há muito...já a 8 anos assim na educação não formal e antes já tinha trabalhado no conservatório, adolescentes com cenografia e crianças...(interrompi queria especificar mais a fala dela)

Entrevistadora: Quantos anos?

Dri: Crianças tinha de 9 até 17 no conservatório, em cenografia, cenografia e adereços, e... técnicas de circo era de 4 a 10 anos trabalhei lá 2 anos depois fui pra educação não formal, aí trabalhei em escolas particulares de teatro dando workshops e aqui. Então minha experiência com crianças era muito grande e adolescentes também muito vasta assim. Com 3ª idade minha experiência é daqui. E aí pra integra foi assim então, eu quis fazer os trabalhos separados pra senti primeiro o grupo que eu tinha, que eram né, é..., como eram as crianças, como eram..., na verdade eu queria separa, crianças, adolescentes, é..., nem sabia... nem os prês eu sabia como eu ia fazer, e 3ª idade minha idéia no começo era essa separa as idades, separa bem, trabalha separado pra eu conhece meu grupo e sabe por onde, que porta que eu ia entra pra pode integra. Então no começo, então tem grupos que você trabalha muito mais assim com sentimentos como foi esse grupo, muito mais a coisa da emoção a flor da pele, essa coisa de, é... as pessoas aqui trabalhei muito mais com sentimento mas já em outras vezes eu consegui entra muito mais assim com a coisa da técnica mesmo de teatro, da auto estima, elevação da auto estima no sentido olha vamos apresenta uma super peça e essa importância pra eles aí eu entrei e conduzi por outros lados, aqui foi pelos sentimentos que a gente conseguiu trabalhar cada um, então eu consegui trabalhar aqui até essa coisa assim da mensagens... é integração, dinâmicas de grupo.

Entrevistadora: e você pegou a história da vida deles.

Dri: Ah! Sim é, a idéia quando a Beth me chamou é, ela contou a história de uma senhora que conheceu por carta, se correspondia com o marido dela em Portugal, ele em Portugal e ela aqui, e aí eles se encontraram né, e ela contando essa história já veio na minha mente assim eu e João né, e foi o dia que o João disse que não poderia continuá, então pra mim foi um desafio muito grande. Que nem com grupos muito grandes eu sempre trabalhei com o João e aí eu falei nossa!...Trabalhar com intergerações, integrá grupo sozinha como é que eu vô fazer! Aí..., é e ela passô essa idéia né, e eu fiquei apaixonada, falei muito, muito legal é por aí que eu vô, que tem a ver com tradição oral e acho que por isso a coisa do sentimento né, tem a ver com você com sua história e valorização da história de cada um. Aí... eu já..., então desde o começo foi essa a minha idéia, então foi com isso que eu fui trabalhando. Até a Elenice fala no começo achei um pouco depressivo, era legal depois fico depressivo, porque cada um começou trazer o seu lado, é... triste, decepções, só que se isso não vem à tona, assim até um processo eu podia leva, até outro eu comecei interrompe que daí viraria terapêutico, né, poderia é entra, até um certo ponto seria legal porque quando você deixa vir um medo ou um sentimento aí que você..., é como se você enfrentasse de frente aquilo e de repente aquilo se dissipa, é eu penso por esse lado, então é... depois mudo, então veio esse lado muito alegre, um lado muito negativo e depois volto esse lado alegre. Eu percebi que no começo tinha muita separação entre as idades, teve um momento que a Elenice tentou se aproximar muito da Odete, e não conseguia, e ela fico muito tímida, muito... aí quando ela conseguiu que foi pelo aniversário da Odete, que ela pediu pra ir assim né, ela falo assim: *Ah! Posso ir*, e a Odete meio que deu um gelo, aí ela... depois elas ficaram amigas, acho que começaram ir embora juntas, então começo...(não termina). Aí foi nesse momento que a Elenice é... conseguiu se revela, conseguiu confia mais nela, eu penso assim na minha visão de trabalho. Aí como acontece, logo que integra os grupos, o curto tempo, porque foi assim eu tinha dois, eu ficava passando aqui assim Mayara, consegui Mayara e Rafael só, um mês trabalhando com dois só, um mês, tinha uma de vinte anos, a Julia Ceni, a Julia vinha depois começou trabalhar e encontrei ela numa loja de Cd trabalhando mesmo assim, no começo até eu achei que

ela não gosto quis abandona, e eu precisando...queria trabalha a primavera aqui com todo mundo, atrás de Vivaldi, saí daqui na hora do almoço correndo aí cheguei lá na loja ela lá trabalhando, daí ela volto mais algumas vezes mas ela não conseguiu aderi. Quando eu uni os grupos foi aí que teve aquele choque né, do Rafael, aquela coisa... que na realidade não era, mas eu acho que pela parte dos adolescentes é maior (ela não fala com clareza os termos e os detalhes do ocorrido apenas o que achou!?) o preconceito com a terceira idade o choque maior (interrompi)

Entrevistadora: Você chegou perceber alguma coisa?

Dri: É... o choque maior entre os adolescentes e terceira idade, do que com crianças, porque criança tem muito aquela coisa (imagem) do avô, da vó, da proteção, da mãe, então eu acho que nas crianças eu não percebi isso. É o pre adolescente eu percebo que eles ficam muito... eles nem sabem onde que eles tão ainda... são crianças, eles são adolescentes, eles ficam... então onde eles tentam, onde eles podem pega eles vão...

Entrevistadora: Mas eu percebi ali que as crianças foram a ponte da integração também, dos adolescentes com os idosos.

Dri: Foram, com certeza foram

Entrevistadora: Porque é assim, as crianças, os adolescentes e os idosos; as crianças trocaram de lugar e fizeram com que os adolescentes se aproximassem dos idosos

Dri: Mas eu acho que uma desistência que teve eu acho foi por isso, que não quis trabalhar com a terceira idade, foi da Bianca Ucha, porque eu ouvi um comentário: *Ah saiu por causa da 3ª idade*, e ela saiu dizendo: *Ah dia 25 eu não to mais aqui, to de férias na escola, to viajando*, e dia 25 nem escola particular não acabo ainda, porque eu meus alunos de teatro eu lembro que era dia 8 de dezembro, dia 6 por aí, quando eu dava aula lá em Sousas, então aí eu percebi que foi uma desculpa, eu não consigo entender se ela não gosto da proposta, que ela tava empolgada que ela ia fazer uma coisa de GRD (ginástica rítmica desportiva) na apresentação tal..., e de repente ela desistiu, e não sei se foi uma briga com a Mayara que elas eram mais amigas, então eu fico nestas três dúvidas ou se a mãe que não deixar mais. É então quando teve essa integração que teve esse choque né, que teve uma parte de querê desistir mesmo de alguns da 3ª idade, é num vô mais ficá, aí que eu comecei usá algumas dinâmicas de grupo que foi a coisa da, da lã, da integração, aí foi que eu peguei no sentimento de cada um assim, tentei pega no lado sentimental e trabalhei muito valores com eles, coisas que a gente faz com as crianças lá traz quando ela é pequeninha que você vai trabalhando valores e isso vai refleti lá na frente, aí fui trabalhando que os pessoal da 3ª idade tem isso muito forte, que isso é... antigamente era trabalhado com muita intensidade essa coisa de valores né de valores de resga... de amizade, de fidelidade, pelo menos é o que eu percebo assim. Hoje em dia perdeu muito disso porque eu percebo que as crianças (fomos interrompido por um funcionário que queria usar a sala onde estávamos).

Dri: Que eu ia fala mesmo

Entrevistadora: Tudo bem, fala mais agora dos resultados, do final

Dri: No final, nesse um mês assim, tinha um mês pra trabalha, então eu acho que como todo mundo tinha um ideal em comum, o mesmo objetivo que era apresenta uma encenação...(não terminou), primeiro tive um cuidado de cada um traze o que queria, é o Ettore queria fazer aquela coisa do... do...Chuk (é um boneco assassino que tem uma faquinha na mão), no começo eu cortei; ah! vai ser uma coisa estranha, depois fiquei pensando, poxa, mas não é pra traze um pouco de cada um! Se eu corto isso aí eu tô errando, então que eu fui lembrando de cada um em oficina e fui montando uma peça. Então teve uma cena com a Juliaque ela tava grávida, ela fez que ela saiu de casa, ela engravidou, não sei se você lembra disto, a mãe dela era a Bene na época. A Marines tinha aquela coisa trágica né, toda de conta a história, mas que tinha um lado muito positivo também, então por isso que eu tentei positiva no final.

Entrevistadora: Mas isso foi uma história verdadeira da gravidez.

Dri: Não, não foi, mas usaram em cena, é...algumas pessoas não conseguiram expor sua história. A Andréia ela conseguiu expor a história da irmã dela não. Muita gente não conseguiu conta sua, sua própria história, e eu não podia forçar muito, porque o tempo é muito, muito curto, eu teria que trabalhando até que a pessoa fizesse isso espontaneamente, eu queria que fosse espontâneo porque se não, não teria prazer, não teria uma coisa, seria só fala, fala quando você deseja falá. A Joyce não queria fazer teatro quando ela contou a história dela e aí quando ela contou a história...(não terminou mas quis dizer que ela, prof. Se empolgou e demonstrou interesse aí então convenceu a menina.

Entrevistadora: Do gato (ela deu uma risada legal, porque a cena foi muito engraçada)

Dri: Ela falou que vai fazer teatro.

Entrevistadora: Foi uma das melhores cenas

Dri: Foi, ela vai continuar fazendo isso, então eu vejo assim é...

Entrevistadora: Trouxe até o namorado

Dri: Trouxe o namorado, no começo ela não queria depois a irmã acabou arrastando, e quem desistiu foi a prima né! Mas eu acho que ela acabou ficando um pouco com medo dos textos né, assim muito longos e eu percebia nela um pouquinho de preconceito também assim, não preconceito meio que tiração de sarro, as vezes assim do Sr. Machado, tirava um pouquinho de sarro, num sei né, sei lá eu percebi. Então peguei um pouquinho do que saiu, no improviso, *ó monta uma cena aqui, monta outra ali*, e saiu isso da grávida, da gravidez, que eu acho que é muito forte na adolescência, isso né, a adolescente grávida né, de classe média alta e enfim sofre também preconceitos, sofre dificuldades do mesmo jeito que uma outra pessoa, extremos, muita rica e muito pobre vivendo na rua miserável também sofrendo do mesmo jeito, né mas que no final pode mudar. Quando eu vejo que cada um (não terminou), aí eu tentei tomar cuidado pra que não ficasse muitas salas pra um poucas salas pra outro, pra não ter problemas de ciúme, uma coisa que rola muito em teatro, dança, essas coisas assim, ciúme, ciúme, e aí a pessoa se sente inferior né, quando você não elogia. Eu acho que quando teve um trabalho em comum foi onde a integração aconteceu mais forte, que foi nas encenações, nos ensaios. Depois eu vejo que quem se tornou uma ponte muito grande foi a Elenice, que ela tentava tanto aproximar o Sr. Machado, quanto se aproxima dos demais, a 3ª idade, elogia a Cleria que fica muito isoladinha, tenta é..., ela vai com a criança menor ela vai com a criança maior, ela vai com o adolescente, ela foi a maior ponte, a Odete também, mas ela foi a ponte, da 3ª idade ela quem foi consegui, aliás do grupo todo uma das que mais conseguiu fazer uma ponte geral, ela se cobrou isso, depois do que aconteceu acho que ela se cobrou.

Entrevistadora: e quem menos conseguiu essa integração.

Dri: Integração, não consigo assim, que ficou muito quietinho no canto, num consigo fazer menos assim quem menos fico. Eu acho que talvez tenha conseguido pouco, mas menos que os outros eu não consigo perceber. Eu acho essa coisa assim da Cleria se isola um pouquinho, mas eu acho que ela tem coisa do marido também que faleceu a pouco tempo, num sei se ela fica nesse casulinho ou se ela não se sente.... (não terminou a ideia). Ah! também quando começo a integrar as idades disperso muito, no começo, era muito difícil trabalhar, tinha uns que desciam, queriam sair mais cedo né, então foi difícil, difícil, até os adolescentes aceitarem a terceira idade, e a 3ª idade também aceita, flexibiliza os dois lados, fica difícil, mas foi muito rápido o retorno, e eu acho que por conta dessa apresentação, vamos fazer que monta uma peça, e vamos fazer alguma coisa em comum. Eu acho que quando tem alguma coisa em comum, um objetivo acaba né, todo mundo trabalha junto assim, achei que foi...E aí cada um foi observando um pouquinho do outro né, tiveram os atritos mas isso é normal, 25... (ela quis dizer nº de participantes).

Entrevistadora: e o espetáculo?

Dri: A apresentação? Eu achei muito legal eu achei que ficou a cara deles né, dessa parte...(começamos a rir juntas), foi muito rápido, mas acho que foi muito legal. Não trabalhar com texto e pega alguma coisa que já tinha sido trabalhado eu acho que facilito. Agora o espetáculo super extenso porque era um nº muito grande (25), se não nenhum ia aparece, não é, que elenco grande! Agora se você calcula 2 minutos pra cada um, 3 minutos pra atua ali porque vieram a Daiane e o Luizinho (que foram dois adolescentes que vieram só no dia como acrobatas para realçar a apresentação), então ficou 27, contando com a Marines tudo, então arredonda pra 30. 3 minutos pra cada um já dava 1 ½ hs, então assim na verdade cada um aparecia um pouquinho. Se eu fizesse uma coisa menor ia aparece. Elenco muito grande, grande elenco, integração, olha só, o elenco muito grande, foram chegando pessoas. Eu tenho uma coisa assim de acolhe (a entrevista foi interrompida por funcionários que queriam a sala, mais uma vez, fomos para outro espaço)

Dri: A Beatriz a Bea e a Carol, elas tinham saído do grupo, não sei se você lembra? E quando elas voltaram é.....elas voltaram e sentaram na platéia, ficaram sentadinhas assistindo e eu: *olha vocês por aqui*, até cumprimentei e continuei numa boa, jamais eu imaginava que elas queriam volta, aí elas foram atrás de mim de novo falaram: ah então a gente não conseguiu....será que a gente pode fica? Como que eu vô negá, isso se é um trabalho de integração? Como eu vô fala não assim, não, não fica, né? Então todo mundo que foi chegando (risadas) eu fui integrando. Se fosse uma peça de teatro, com propósito diferente. Ah monta uma peça eu não colocaria, mas isso era uma integração num tinha um objetivo.

Entrevistadora: Um compromisso grande

Dri: É, não é uma encenação teatral, e se via que o grupo acolhia todo mundo que ia entrando?

Entrevistadora: hãhã

Dri: O grupo acolheu.

Entrevistadora: Até no último dia...

Dri: Foi né a Daiane e o Luizinho. (se deu conta de mais) Quem mais? Nossa o Tom que veio faze no final (apenas tocou uma musica no final da apresentação, ele apareceu para assistir o ensaio com uma das participantes dois dias antes e acabou participando), e achei muito legal, não tinha aquela coisa: aí vai entra mais um, aí, aí... num teve aquela coisa de picuinha. Todo mundo acolheu, né, eu achei isso muito legal. Eu não...é assim também eu sô desse jeito no PROGEM também, vem pedi pra mim eu não consigo dexá de fora ninguém assim, até a coordenadora do outro lugar que eu trabalho reclama muito, ela fala: nossa se dé você leva 50 né. Eu dô uma funçãozinha pra cada ali, mas eu aho que é legal, você trabalha uma oficina de integração e o objetivo é integrá né. Eu não tenho coragem de fechar as portas pra...

Entrevistadora: Fala do final, o dia da apresentação!

Dri: Ah então como eu me senti assim? É eu tava mais tranqüila do antes. (virei a fita). Quando vai chegando perto de apresentação, é uma tensão muito grande, porque assim, por mais que seja uma coisa livre, simples, tem uma proposta, e meu medo não é nem assim: ah não vou conseguir faze, é...causar uma decepção grande nos alunos entendeu, eles pô, não vamos, não conseguimos, sabe aquela coisa, aquela frustração? Ai não consegui, então meu medo é...meu medo grande é esse, porque aí eu perderia todo um trabalho de 3 meses, se eu não consigo, fecha por mais simples que seja. Erraram isso é super normal com iniciantes, né. Teatro amador...

Entrevistadora: Por isso que é legal a improvisação né, achei o máximo a improvisação, achei o máximo.

Dri: É, o meu trabalho... é coisa da comédia (disse um nome estrangeiro e eu não entendi), a base é improvisacional, e você sabe a essência do trabalho, sem precisa sabe decora né. Quando eu

percebi que a Odete não conseguia decora, eu falei pra ela assim: Odete entra fala oi, é... cumprimenta a platéia, é...brinca com ela um pouquinho e joga a flor pra ela é isso, aí ela memorizo, e no dia ela fez foi super legal. E então é assim é... quando eu comecei a estudar teatro um professor meu trabalho isso de não decora, não decora o texto; trabalha essência e aí é esse o objetivo do improviso, você aprende te jogo de cintura não é, e a criatividade, é muita criatividade o improviso e sempre sai coisas muito melhores do que quando, do que trabalhado, fica pensando ah vô fazê isso, isso,isso; quando você improvisa é muito mais legal. Então assim, eu tava nervosa lógico é um trabalho junto com eles entendeu, acho que eu tava mais nervosa que eles assim.

Entrevistadora: É o tamanho do compromisso né, pra eles ta distribuído, mas pra você é centralizado.

Dri: Centralizado, e assim, aí na hora tinha mil coisas na cabeça; monta cenário, eu que ía te que passa sonoplastia na verdade o legal seria outra pessoa passa a sonoplastia, que no primeiro momento eu pensei no João né passa pra eu fica lá traz orientando o pessoal, que na verdade..., por mais que o João tenha muita facilidade eu era a referência né. Eu achei muito legal também o grupo é...acolhe o João assim...

Entrevistadora: Mas é porque você fala dele com um sentimento tão grande que ele já era mais conhecido do que ele imaginava ali dentro (Dri sorri).

Dri: É ele ficou super feliz todo mundo: *João, João, João*, ele falo: *nossa fiquei tão feliz, fiquei com vergonha*.

Entrevistadora: Mas tem o carinho né, tem o carinho...

Dri: Nossa ele adoro, adoro, ele falo: *gente que turma boa, que turma boa*. E assim, mas nossa acolheram ele, e assim foi muito legal, um grupo muito bom, muito bom, se esse grupo, se a gente conseguisse mantê esse grupo, trabalha um ano, mais um ano com esse grupo, nossa..

Entrevistadora: Coisas muito boas.

Dri: Maravilhosas, porque daí eu trabalharia não mais 2 hs, trabalharia 4 hs com esse grupo num período em comum, daria pra trabalhar muita coisa. Daria pra trabalhar expressão corporal, daria pra trabalhar voz, daria...várias coisas, e monta um espetáculo lega. Aí eleva a auto estima, eu acho que...a pessoa fica mais confiante, vence medos, acho que vence preconceitos né como aconteceu. Então pra mim eu fiquei muito satisfeita com a apresentação, eu não esperava assim, uma coisa assim de profissional, 3 meses um espetáculo de 1 ½ h, pô 27 pessoas ali atrás... tava todo mundo... eufórico demais. Então assim pra mim foi muito bom que eles trouxeram. Eles trouxeram o que eles... A apresentação foi nossos encontros.

Entrevistadora: É.

Dri: Sintetizado numa peça.

Entrevistadora: Eu acho que por isso que fico muito bom, porque tinha muita coisa a ver com eles.

Dri: Tinha, era a carinha de cada um né. A singeleza do Danilo né, aquele palhacinho meigo que todo mundo que leva pra casa, o Augusto. O Ettore, aquele malandrão que só se dá bem, que vem, chega e encanta todo mundo, o malandrão que...eu senti muito num te tido aquela coisa da dupla do Daniel com Ettore, do jornal nacional, que era uma cena curtinha, mas era a coisa do Klaum, jogo do klaum. O Ettore que virou o Branco naquela hora e o Dani Augusto, viro Augusto naquela hora fico muito legal muito 10, eu achei assim, essa dupla dava pra fazer muito trabalho com eles, com os dois, aquela amizade que eles tem.

Entrevistadora: E começo fica forte no teatro mesmo, aqui e ali, aqui e ali, e ele ligava muito em casa, eu falei *cata o Ettore, ai mãe mas o Ettore...aí ele vai fica ligando mais ainda em casa*, eu falei: *Vamo lá, cata o Ettore , qual é o nº do Ettore? É tal..*E eu liguei e convidei. O Ettore

adoro a idéia, eu falei: *tá vendo eu vô passa na casa dele todos os dias pra pega ele*(Dri deu risadas). Aí passo uns dias o Ettore acho que fico enchendo ele lá na escola. *Mãe eu vô pra dá uma olhada*. E é o que eu to investigando né Adriano, eu vô dá um tempo já que eu to em casa, vô dá um tempo pra ele, mas gravador escondido e ir convesando com ele pra vê se não tem preconceito também né.

Dri: Eu acho, pode até ser que tenha, mas ele veio até o final. Eu acho que é uma decepção grande pra ele eu acho que ele tenha se cobrado muito e a medo da turma cobra ele de ele te entrado na hora.

Entrevistadora: Pode ser

Dri: Eu acho que teve uma cobrança de alguém nele, em cima dele na hora ele fico meio constrangido. Ele se integro bem e é um dos pres adolescentes que eu acho, ele e o Ettore ficaram com todo mundo assim. Todo mundo adoro os dois. O Danilo eu percebi assim, numa encenação que ele fez, ele é muito criativo, muito criativo. Na cena que ele fez, num minuto de vida, que é um exercício Belga.

Entrevistadora: acho que eu filmei

Dri: Ele jogou uma idéia assim...muito inusitada. Então eu acho que ele precisa assim canaliza essa criatividade, canaliza não só no teatro, canaliza. Porque mesmo ele na escola, com aquela coisa da disciplina, isso, isso causa bloqueios assim em algumas pessoas. Sei porque no meu caso, quando eu to pressionada minha criatividade não flui e aí vai enchendo né, isso vai sendo um...Eu percebo que ele e o Ettore são muito criativo, eles tem que canaliza, canaliza isso de alguma forma, não só no teatro, teatro é muito pouco, é uma vez por semana, tem que canaliza. Que é diferente daquela coisa de você lê estudando, que é uma coisa mais direcionada, criatividade é você, vem de você, é uma coisa que brota. Tem uma frase que fala assim: faça uso da sua criatividade antes que ela faça uso de você, então é isso muita criatividade sem uma função pra você canaliza ela vira contra você, e aí existe conflitos que você não sabe o que é. Ele é muito criativo é muito escolado viu, os dois é muito escolado, o Ettore e o Danilo (dá risadas)

Entrevistadora: O que que é escolados

Dri: São muito espontâneos, relaxados, se dão bem com todo mundo. To aqui vô faz amizade, assim sem preconceito os dois. Acho que eu percebi o Danilo com vergonha na hora de fazer o menino de rua, que ele fico meio assim, mas ele se enturmou bem com todo mundo, achei ele foi bem com todo mundo assim, talvez mais tempo perceberia melhor né, legal da dupla né. Legal da dupla né.

Entrevistadora: Ta bom Adriana, ta ótimo

Adriana soube lidar com o grupo, foi sensível ao notar os preconceitos e buscar soluções. Muitas vezes nós conversamos no final ou início das oficinas e trocamos idéias se estávamos percebendo a mesma coisa, e se sim, como resolvê-las. Para ambas foram trocas de experiência que ajudou a aproximar as gerações, solidificar o grupo, ela na estratégia do teatro, eu nas literaturas sobre as interações em idades de RILEY e UHLENBRG e juntas a nossa criatividade. Assim fomos juntas cercando atitudes que geravam mal estar nos grupos Ela entrou com encenações que envolviam atitudes de ajudar o próximo e atividades cooperativas, foi o que alavancou o grupo se unir e correr atrás de um objetivo comum para todos.

FIM

Delminda (60): Como é um grupo de teatro, eu espero que realmente essa união seja uma coisa boa, saudável; porque se não fosse um grupo de teatro eu já acho que teria dificuldades, porque é completamente diferente né, a idade, o modo de agir de pensar, então como é no teatro eu estou acreditando que vá acontecer alguma coisa legal.

Entrevistadora: Você acha que, ali no grupo inclusive você tá preparada pra esse encontro? Você acha que vai ter estranhamento?

Delminda (60): Eu acho que vai particularmente dizendo eu pelo menos eu acho que sim.

Entrevistadora: Fala

Delminda (60): Porque nós somos diferentes né, eu não sei bem o que ele vai desenrolar com essas diferenças né, o que ele vai criar com essa diferença de terceira idade com jovem, eu tô lá esperando que seja alguma coisa que realmente dê certo, mas pra mim é uma expectativa sim, é uma interrogação.

Entrevistadora: Você tem pré-disposição para se relacionar com jovens?

Delminda (60): Eu tenho dificuldades

Entrevistadora: Tem?

Delminda (60): Tenho.

Entrevistadora: Por quê?

Delminda (60): Hiii, não sei te explicar porque mas tenho dificuldades. Eu acho assim, não sei, eu tenho impressão que eles não aceitam muito a pessoa mais velha, talvez eu me sinta já achando que não vão me aceitar, então por isso eu já chego com mais receio, talvez seja isso... da minha parte.

Entrevistadora: E por que você acha isso?

Delminda (60): Ahhhh!!!! não sei... acho que vendo assim... no geral, né. Por que eu também eu estudei, eu voltei a estudar com 50 anos, aliás com 45, eu voltei a estudar, então a minha classe era bem misturada, então eu fazia parte era a minoria dum grupo de meia dúzia assim mais velha, mais de 40, então era vista como vó; eu era... na nossa sala... escreviam “asilão” na sala de aula, sabe então a gente sentia um preconceito na escola, na escola, na classe, que era uma classe de magistério que eram pessoas que se formando pensando no futuro dentro da educação, e não tinham educação (riso curto irônico), com a gente não tinham o menor respeito, então daí talvez seja esse o meu receio; mas eu acho que no teatro é diferente, é pra ser diferente, porque ali... com o professor direcionando, montando uma peça, o direcionamento acho que vai ser diferente, então acredito que pode acontecer, pode ser bom, mais da minha parte eu tenho receio porque eu já sofri esse preconceito... na época da escola.

Entrevistadora: Tá muito bom, Ok, obrigada.

Delminda (60): Tá jóia.

Entrevista nº3 Zezé

Idade: 63

Termo de Consentimento: Ok

Data: 06/04/06

Horário: 16:10hs

Local: Foier do teatro

Situação: Ao chegar convidei-a para entrevista e marcamos após o término da oficina do dia.

Considereei uma entrevista rica em informações para acrescentar no trabalho, ela foi espontânea e clara em suas idéias.

Pergunta: eu quero que você fala um pouquinho é... se quando o professor de teatro for junta os grupos dos jovens com idosos você acha que vai ter algum tipo de estranhamento?

Zezé (63): Não digo um estranhamento mais... vai.... eu acho que vai apresentar alguma dificuldade sim, porque o jovem hoje em dia, ele..., ele..., ele tem a idéia própria e ele expressa essa idéia, porque no nosso tempo, na minha época a gente, mesmo que a gente pensasse “ah, eu não quero ficar nessa companhia” né, a gente não podia expressar, porque a educação era essa, e hoje não o jovem hoje fala mesmo, (...) o que gosta e o que não gosta, e eu tenho a impressão que certamente a gente vai enfrentar algum tipo de resistência mais... nada que a gente não supere com boa vontade.

Pergunta: e você acha que o grupo tá preparado pra isso?

Zezé (63): Eu acredito que sim

Pergunta: Pra esse encontro?

Zezé (63): De gerações?

Zezé (63): Eu acredito que sim. Eu acredito que todas as pessoas mesmo elas tendo a mesma preocupação que eu tenho né, dum encontro como vai ser, mais a gente sempre pensa assim no melhor, certamente a gente vai saber contornar, a gente sendo de mais idade vai saber contornar mais a situação e chega num consenso, acho... eu acho que consegue. E só dessa turma assim em tá interessada em fazer um teatro vocês vêem que eles têm uma cabeça muito aberta, porque óbvio, nesta profissão que eles estão iniciando no caso, eles vão interagir com muita gente, eles vão te....., éééé....vamos supor, se for fazer filme eles não vão fazer um filme ou uma peça de teatro só com jovens da idade deles; vai ter que ter um conceito uma continuidade da vida com certeza. Eu acho.

Pergunta: Você no seu particular quando você tá num ambiente que tem várias idades, você sente alguma barreira entre você e os jovens ou as crianças?

Zezé (63): Não, não, não eu me sinto bem, eu me sinto bem, eu me sinto bem; eu não sinto barreira não.

MJ comentou comigo antes da entrevista que participou de um coral intergeracional (não no Sesc), então pedi para ela comentar sobre a sua experiência nesta atividade.

Pergunta: Fala um pouquinho da sua experiência com o coral

Zezé (63): Com o coral! Então inclusive essa, essa turma que... esses jovens né que apresento são pessoas de uma classe média menor um pouco né, e... com muitos problemas sociais que eles enfrentaram ali, com problemas de família, então eram...., são realmente pessoas com problemas né, numa escola lá de Paulínia. E, no entanto, o maestro foi ensaiar a gente separado primeiro e depois ele juntou aquele coral (... mudou o curso da conversa) nós não tivemos nem por um momento atrito algum. Não muita gente estranhava: “Ah mais é muita bagunça, muita grit....” mas isso é natural, que nós velhos achamos que tá muita bagunça, e é natural que eles jovens façam bagunça! Não é mesmo? Eu achei que foi muito boa a experiência, porque a gente é... quando eles chegaram eles vieram somar com aquela potência da voz deles de criança né, tudo menino ali, tinha ali de 14-15 anos, mas tinha criança mais nova né, e com aquele pulmão todo, aquilo deu muita vida no nosso coral. Foi muito bom, foi muito interessante; foi sim, foi muito GRA-TI-FI-CAN-TE. É você vê que naquele momento antes de se organizar aquela bagunça aquela panfúria, e falando... e depois quando a gente começa a cantar que era realmente o foco né, o nosso coral, a nossa música, era o foco. Todo mundo uniu e ficou uma voz só. Foi muito bom, foi bom sim, pode ter certeza!

Pergunta: Qual que é a sua imagem, primeiro das crianças de hoje e depois dos jovens; o que quê vc acha olhando pro Brasil, olhando na televisão onde você.....

Zezé (63): Eu acho, por exemplo, assim... que as crianças né, as pequeninhas né, elas já tão... nossa elas já são tão instruídas né, criança com 4-5-6 anos elas mexem na internet, elas têm um campo de visão, elas têm uma possibilidade tão grande, e eles já vem desde pequeno conhecendo vivendo isso né! Agora já ao passo do jovem, eu acho que quando ele chega ali nuns 12-13 pra 14 anos assim ele, ele, ele parece que fica um pouco alienado ele não caminha com tanta seriedade como uma criança de 5-6 anos caminha; sabe não sei se to sabendo te explicar! Vamos supor uma criança de 5-6 anos pega um computador, ela vai, ela estuda, ela aprende, ela tem interesse, ela tem um relacionamento com os avós com pessoas mais velhas muito melhor do que um jovem de 13-14 anos acho que faz parte né. Agora, eu acho principalmente assim, se você pega um jovem e pergunta a respeito da política, a respeito do momento político que o Brasil.... dificilmente você vai encontra uma opinião mais sensata: “ah eu não to nem aí, ah, não quero nem sabe”, eles não querem nem sabê, eles não querem nem sabe, uma coisa tão importante né, num sei talvez falta diálogo, falta... éééé....vamos supor um professor lá na classe antes de começa uma aula dele mesmo ele disser a respeito dum assunto, duma corrupção, coloca os jovens ao par do que ta acontecendo, mostrando, cobrando deles ali né; “o que é que vocês acham?”, “Como é que vai ser?”, “olha tá tendo um processo de cassação, vamo vê se realmente essa pessoa vai se cassada!”(???não entendi), sabe, porque é lógico né, eles, eles tem a liberdade toda, eles têm tanta... tanta coisa na vida que eles não vão quere se preocupa com coisa seria né? Eu acho!

Pergunta: Tá ótimo, muito boa sua fala!

Zezé (63): Então ta, bom

Pergunta: Obrigada.

Entrevista nº 4: Odete

Idade: 60 anos

Termo de Consentimento: Ok

Data: 06/04/06

Horário: 16:30hs

Local: Foier do teatro

Situação: Ao chegar convidei-a para entrevista e marcamos após o término da oficina do dia.

Entrevistadora: Que bom! E fala um pouquinho desse teatro (2006)

Odete: Ah! eu tô gostando muito, tô mesmo, acho que ele é um professor excelente, dá bastante atenção pra gente, tá dando bastante exercício, tanto de expressão corporal como assim... aquecimento bastante, muita atenção pra gente.

Entrevistadora: Você acha que estas pessoas idosas que ainda não tiveram contato com esses jovens eles vão estranhá? Na sua opinião eles vão estranhá?

Odete: Olha tem gente que vai estranhá sim, (Fiz a pergunta ao mesmo tempo que ela dizia essa frase seguinte):

Entrevistadora: Como

Odete: que tá estranhando até com a gente.

Entrevistadora: Ah! tá eu ia perguntá como você observa isso?

Odete: É, se tá estranhando até com a gente assim certas coisa que a gente fala ele fica assim... meio assim..., então eu acho que com os jovens eles vão estranhá sim.

Entrevistadora: Cê acha que eles num tão preparado pra... (deixei ela completar a opinião)

Odete: É, eu acho que tem gente que vai dá choque no começo a não ser que seja um (?) de grupo, algumas jovens que seja diferente assim, que seja bem extrovertida que já tá acostumado a fazê (teatro) então vai aceitá ou já trabalhô com idosos, que se não vai dá um pouco de atrito eu acho! Ele falô que talvez a semana que vem já vai juntá, eu creio que não porque vai faltá bastante 3ª idade e vai passá a páscoa fora, então... mais na outra já vai juntá, cê já vai senti alguma coisa.

Entrevista nº 5 Carime

Idade: 65 anos

Termo de Consentimento: Ok

Dia: 06/04/06

Horário: 16:50 hs

Local: Foier do teatro

Situação: Logo depois da oficina de teatro

Entrevistadora: Carime, o que você acha que vai acontece quando os dois grupos se encontrarem, dos idosos e das gerações mais novas?

Carime (65): Ah, eu acho que vai tê um pouquinho de dificuldade, assim, principalmente acho que os mais jovens vão até fica muito furiosos, e acho que até os outros vão se entrosar melhor, os mais idosos vão se senti melhor, eu acho, do que com a turma jovem porque eles tão menos acostumados a se preocupa com o outro entendeu, de segui, de vê, de igual pra igual; eu tenho essa sensação não sei se é verdade, mas é gostoso de fazer. Eu vejo aqui que o adolescente é mais tímido né, do que o idoso, o idoso tem mais limites, mas que o adolescente o limite é psicológico né, na hora que vai fazer os exercícios, então se tive os outros eles também vai fica mais curiosos pra fica olhando, e o idoso já entra meio de olho fechado, porque aí faiz...e faiz de qualquer jeito, não sei mas acho que vai sê muito bom! Porque a gente começa medi a velocidade das coisas, a criatividade, né...coisas que a gente não fez na idade deles né, e que eles também vão tá passando por uma experiência diferente né de te contato com a gente; acho que vai se proveitoso.

Entrevistadora: No seu grupo, é você acha que as pessoas estão preparadas para se unirem principalmente aos jovens?

Carime (65): Eu acho que vão sê assim metade, acho que alguns vão fica meio inibidos.

Entrevistadora: Por quê?

Carime (65): Por que não tem tanta liberdade corporal, principalmente corporal né! Você tem que se mexe no meio deles, alguns que têm dificuldade com a gente mesmo né? Acho que estão se expandindo quando se junta com os jovens vai tê mais limite.

Entrevistadora: E o que quê você acha de lá pra cá, dos jovens pro teu grupo.

Carime (65): Ah! eu acho que os jovens também, têm alguns que são inibidos né, e os outros vão acha uma boa, vão brinca, mas eles vão fica muito mais furiosos de entra no nosso grupo do que o adulto eu acho, o adulto pode se inibi porque tem inibição da vida inteira entendeu?! Não consegue se solta com ninguém, eles tão... eles tão aprendendo, e eu acho que os jovens eles ainda não têm a experiência os que são bloqueados, mas eu acho que de qualquer jeito o teatro é a melhor coisa que a gente pode fazer, quem nunca fez deveria fazer, TODOS NÊ!

Entrevistadora: Você acha que esse grupo, o seu grupo, a sua faixa etária, vai tê alguma coisa pra contribui pra esses jovens e as crianças né, porque ta entrando crianças também?

Carime (65): Ah! eu não sei se a criança vai percebe agora isso, mais sei lá pra uma experiência de vida que mais tarde elas vão pode lembrar de coisas que.... que... foi bom o entrosamento;

agora não porque o adulto sempre limita um pouco, porque os menorzinhos são mandados, os outros..., é, é.... um policiamento vamos dizer, o adulto eles estão se liberando, e o adulto vai cercar um pouco né! Mais eu espero (defeito na fita, o gravador engoliu uma parte da fita e estragou um bom pedaço)

Entrevistadora: Como que você acha que as crianças de hoje em dia estão?

Carime (65): Estão como? Em relação ao adulto

Entrevistadora: Não em relação a outras gerações das mesmas crianças?

Carime (65): Ah!...Bom eles são mais desinibidos, quer dizer, eu acho que...eles ééé...

Entrevistadora: Pode fala dos dois, das crianças e dos jovens.

Carime (65): É as crianças são menos inibidas, quer dizer, elas ..., elas..., acho que a educação atual deixa a criança éé...mais senhora de si, ela respeita menos os outros, entendeu...? Pra mim do meu tempo você tinha mais medo porque você, você...me sentia assim: você ta entrando no mundo dos outros, que não era o seu, agora, acho que a criança de hoje, ele acha que o mundo já é dele, então a criança de hoje....

Entrevistadora: Você ta falando da criança ou do jovem?

Carime (65): O jovem, o jovem.

Entrevistadora: Por que o jovem é de 12 anos pra frente.

Carime (65): É, acho que mesmo o jovem; mas eu até to achando estranho aqui porque alguns são muito inibidos, eu to assistindo aí e vendo (depois que acaba a oficina dela, ela fica um pouco assistindo a oficina do grupo mais jovem), e eu achei que eles eram mais desenvoltos, por isso que eu falei que eles vão fica mais inibidos assim. Mas eu vejo assim em geral a juventude, hoje se dá muito mais valor pra criança deixa que ela se expanda muito mais do que antes. Antes você tinha que entra numa regra rígida, eu mesma me vejo criticando muitas vezes que: “Imagina deixa fazer isso”, entendeu?! Alguma coisa que... que hoje o..., o... adolescente faz. Quando eu tava dando aula eu não permitia não, eu era muito mais rígida.

Entrevistadora: Você era professora?

Carime (65): É

Entrevistadora: Do que?

Carime (65): Português... (pausa). É português e francês também dei aula é um pouco diferente né, outra língua. Mais, eu acho que..., que antes..., você..., pelo que eles contam né, a coisa foi evoluindo, mais eu..., quando eu dava aula no colegial, num colégio mais assim conceituado em SP, eu percebi os adolescentes mais desenvolto, alguns queriam se impor mais. Já começou essa coisa de eles ... ah... quererem desrespeita mesmo o professor, então você tinha que fica atenta, tinha que tê criatividade inclusive porque não adianta só proibi né, tem que muda de tática.

Entrevistadora: Então era isso que eu gostaria de saber, obrigada!

Entrevista nº 6 Mariana

Idade: 15 anos

Termo de autorização: Ok

Dia: 06/04/06

Local: Área de Convivência (lanchonete)

Horário: 17:20

Situação: Logo após a oficina de teatro, não foi agendado, apenas perguntei se ela estava disponível.

Pergunta: Você sabe que este teatro tem dois grupos?

MARIANA(15): Sei

Pergunta: Sabe né! Então... vai te um momento que os esses dois grupos vão se junta, o teu grupo tem pessoas mais novas e o outro grupo tem pessoas mais velhas; o que quê você acha que vai acontece quando esses dois grupos se juntarem?

MARIANA(15): Eu acho que no começo a gente vai fica meio, a gente num vai.... ai... num sei explica, num vai te....., a interação vai se meio diferente, que a gente não ta acostumado assim, mas eu acho que depois vai fica bem legal assim, éééé.....porque vai fica diferente, pessoas mais experientes que talvez ééé.... já tenham ééé..... apresentado outros trabalhos vão pode ajuda a gente, ensina a gente ééé... como também a gente pode ta ajudando eles no que a gente soubé.

Pergunta: Você acha que a experiência deles te inibe?

MARIANA(15): Não acho que é um incentivo

Pergunta: E você acha que ali no teu grupo alguém vai estranha?

MARIANA(15): Não, eu não conheço muito bem esse pessoal ainda mais eu acho que não.

Pergunta: Pelo que você já percebeu ali não vai tê problema?

MARIANA(15): Não porque eles me receberam muito bem, quando eu cheguei, então acho que eles vão receber as pessoas bem também independente da idade.

Pergunta: Hahã.... eeee... você acha que você tem alguma coisa a contribui com essas pessoas mais velhas?

MARIANA(15): Acho que sim..., acho que a gente vai pode se ajuda, na interação, no que eu sei fazo acho que eu posso ajuda eles, como eles também podem me ajudá, me mostra outras formas, outros caminhos pra facilita... o desenvolvimento do trabalho.

Pergunta: Tá. Quando se fala de pessoa idosa ou pessoa velha, qual que é a imagem que vem na tua cabeça? Primeira imagem?

MARIANA(15): Ah! Eu acho que são pessoas mais experientes, mais que assim tem muito a ensina pra gente se a gente dé uma oportunidade pra eles.

Pergunta: Você acha que os jovens dão essa oportunidade pras pessoas mais velhas?

MARIANA(15): Nem todas! Eu acho que muitos falam, pensam: “Ah não velho é cabeça quadrada, não vai..., não entende o mundo de hoje”, mas eu não, acho que assim, qualquer pessoa pode ajuda a gente... pode....., independente da idade, acho que não é idade que vai diferencia o que ela pode ou não fazo.

Pergunta: Hahã.... é isso, tá bom! Obrigada

Depois disso ela se interessou pela minha pesquisa e expliquei com mais detalhes e ela continuou falando:

MARIANA(15): Como você tem que sabe lida com uma criança que apronta, você também tem que sabe lidá com idosos, então, acho que a sua maneira de éé´..., de convivê com as pessoas, acho que é você que tem que sabe lidá com tudo, se não não flui, no trabalho.

Pergunta: Hahã.... E na sua família, você tem contato com pessoas idosas?

MARIANA(15): Tenho.

Pergunta: Como que é?

MARIANA(15): Ah! eu adoro, assim eu não convivo muito eu só tenho os meus avós da parte da minha mãe vivos, mais eu adoro..., porque é as únicas pessoas assim....., eles me contam coisas

antigas como que era, eu gosto, tem um carinho maior assim com a gente. (solta um sorriso de satisfação por falar deles).

Entrevistadora: Ta bom Marina, obrigada.

Entrevista nº 7 prof. Murilo

Dia: 27/04/06

Horário: 17 hs

Local: Sala Multiplo Uso

Situação: Foi escolhido este dia para entrevista, porque foi a primeira oficina que juntou as duas turmas. Gostaria de ter feito antes, mas, não foi possível ele sempre estava ocupado com os alunos e no final das oficinas ele saía com pressa.

1. Fale sobre o grupo das gerações mais jovens, do grupo das gerações mais velhas e a junção dos dois neste contexto que é a proposta intergeracional

R: Na diferença dos mundos em que os dois grupos cresceram. O pessoal mais velho cresceu num mundo mais cordial, (falha da fita, a seguir acho que ele está falando das gerações mais novas) menos individualista, em que o contato e as relações humanas ééé...são mais difíceis, (falha da fita) e isso se espelha no comportamento deles, eles são mais introvertidos (falha)e... tem um pouco menos de iniciativa (?)...(falha) pra fazer os exxs, pouca coisa, mas eu sinto que o grupo dos mais velhos, até porque já tem uma experiência maior de vida, (falha) expostos; já casaram, já tiveram seus filhos, já trabalharam (...pausa...), e se depois de tudo isso ainda tem disposição pra vir fazer uma aula de teatro, então vão querer aproveitar da melhor maneira possível; isso faz muita diferença no comportamento entre os dois (grupos). No primeiro dia de junção (dos grupos), não dá pra te uma avaliação muito profunda de como vai ser o envolvimento.

2. Mais um a primeira impressão

Continua: Mais a..... de primeira... assim, deu pra vê aqui, não vai ter grandes rejeições não.

3. Teve uma imagem antes (da junção), do que vc pensou antes, a sua expectativa.... (fui interrompida com sua fala)

Continua: Na verdade eu não tinha imagem nenhuma e nem expectativa nenhuma, porque eu nunca fiz esse tipo de trabalho, é a primeira vez que eu estou fazendo, e..., você percebia que tinha dois grupos, né.; aí já na hora de fazer as apresentações dos exxs da roda de apresentações de nomes (das pessoas), batendo palmas eu já coloquei os grupos intercalados né, depois fui fazendo outras dinâmicas pra aproximá-los. (falha) mesmo porque dos antigos pros mais jovens, tem um carinho maternal, né, porque tá ligada.....

O fato de a grande maioria...., só tem um homem no grupo dos mais velhos, então são todas avós ou mães, ou se alguém ali por acaso não tenha parido (pausa), mas a.... (falha), mas é relativo, então da parte deles não vai ter problema nenhum não e acredito que da parte dos meninos também não porque, eles sentiram acolhidos e como eu venho trabalhando esses dois primeiros meses dinâmicas parecidas com os dois (grupos), é e... eles já estavam maisss é...é.... o que eu

vou passar daqui pra frente não vai ser novidade pra ninguém, né, eles já tem uma musica pra cantar em comum, então isso facilita eu penso.

4. Então vc tá contente com o resultado?

R: Até aqui sim, pro primeiro dia achei bem bacana. É..... eu tô um pouco ancioso porque é muita gente junta, né...

Cris: (risadas) É verdade

Continua: Pra uma oficina de teatro, mas..... então vamos ver

Cris: vc tem bastante experiência

Continua: É já dei bastante curso né

5. Com este número de pessoas?

R: Mas nunca com pessoas com idade tão diversas né!

6. Tá sentindo dificuldade?

R: Por enquanto não porque foi a primeira vez que eu os juntei.(pausa pensou um pouco) Vamos ver como é que vai ser ainda

7. Eu cheguei atrasada, e... quando eu cheguei você estava pedindo pro pessoal sentá lá (apontei para algumas cadeiras dispostas num dos lados da sala)da platéia, e, os mais jovens apresenta ...a platéia eram os mais velhos aqui (apontei para o local de apresentação) eram mais jovens. Quando eu cheguei a impressão que eu tive é que algumas pessoas foram embora.....?(eu quis dizer os mais velhos) ou não?

R: Algumas pessoas foram embora porque tinham limites de horário, nem todo mundo vai poder ficar a oficina inteira.

Cris: até 5 hs?

Continua: É, e também (falha) vão ter que conviver com isso.

8. Não assim foram embora porque, porque assim não acho legal...

R: não, não...

Nº 8 Próxima entrevista:

1. A primeira e última entrevista que eu fiz com vc foi no dia em que juntou-se as turmas pela primeira vez. De lá pra cá deu pra perceber até que ponto o teatro pode aproximar as gerações?

R: Que o teatro é uma excelente ferramenta eu não tenho dúvida. A dificuldade mesmo fica por conta da capacidade da pessoa que tá orientando o processo, no caso eu. É....(pausa), além da distancia de mundos né, provocado pela distância de idades tem a questão comportamental muito importante, porque, além de idade diferentes as pessoas têm personalidades muito diferentes, né;

então que o teatro é uma excelente ferramenta não tenho dúvida, agora quanto a possibilidade de levar isso a bom termo, depende muito mesmo de quem tá orientando, eu acho.

2. Vc observou algum preconceito tanto das gerações mais velhas quanto das mais novas?

R: Há uma tendência natural dos jovens se juntarem aos jovens, né, e os mais velhos, por exclusão até porque eles têm mais abertura pra se juntarem aos jovens, então eu sinto que.... é... os jovens são um tanto mais críticos também né, e criticam mais abertamente, até entre eles mesmo, então tem essas pequenas dificuldades, mais não senti nenhum preconceito de cor, não senti... (mudou o rumo da conversa), e esse preconceito que eu falo também não é uma forma agressiva, é uma forma instintiva, né, talvez até por timidez, é... eles busquem seus nichos, né onde se sintam um pouco mais protegidos. É... tô sentindo agora no meio do processo que essa integração de fato é...tá indo um pouco mais lento do que eu imaginava, determinado momento parecia que tava caminhando melhor, agora sinto que deu uma..., uma diminuída assim a integração até porque....como não tem um compromisso profissional, e o tempo da oficina é longo, as pessoas não comparecem todos os dias, todas as pessoas todos os dias; então fica 15 dias, 20 dias uma pessoa que não tem integração

Obrigado!

Entrevista nº 9 Guto

Idade: 15 anos

Termo de Autorização: Ok

Data: 27/04/06

Local: no teatro logo após a oficina do dia

Horário: 17 hs

Situação: apresenta dificuldade de interação e comunicação.

ENTREVISTADORA: O que você acha quando os dois grupos se juntarem?

GUTO: No princípio acho que vai ter tipo de um choque porque estamos trabalhando em ritmos diferentes, então aquela menininha Yohana (6 anos) por mais que ela consiga acompanhá-los trabalho pras pess... (não terminou), pra própria menininha por causa do ritmo diferente, mesmo porque as pessoas que entram novas, (não entendi, gravação muito baixa), há uma diferença de ritmo... (pausa) de velocidade que as pessoas estão trabalhando, então acho que de princípio rolaria isso mais...

ENTREVISTADORA: Você acha que quando juntá o grupo do idoso com os jovens e as crianças vai dá o quê?

GUTO: Ah, acho dá um trabalho legal porque vai dá pra trabalhar desde a menininha até o idoso que são... (pausa, formula o pensamento), vamos dizê, várias experiências diferentes, por exemplo, pra menininha pensa de um jeito, inocente, o idoso já pensa de outra maneira, diferente do adolescente e do adulto.

ENTREVISTADORA: Qual é a imagem que tem de uma pessoa “velha”?

GUTO: De uma pessoa sábia, que tem bastante experiência, e tenho muito respeito pelas pessoas velhas, idosas.

ENTREVISTADORA: Hahã

GUTO: Mas é justamente por causa disso, a pessoa tem muito mais experiência que eu, muito mais conhecimento e pode me ajudá a... no meu caminho pra adquirir esse conhecimento.

ENTREVISTADORA: Você tem facilidade pra escuta os conselhos que as pessoas mais velhas te dão?

GUTO:: As vezes.

ENTREVISTADORA: Fala esse as vezes

GUTO: Depende muito da situação, se é uma situação que eu discordo da pessoa mais velha eu provavelmente não vou escuta o conselho, se é algo que eu concordo eu vou seguir o conselho.

ENTREVISTADORA: Hahã, É... quando se fala de velho o que vem na sua cabeça? Mais uma pessoa pra doente ou mais uma pessoa.....?

GUTO: HUMMMMM! Que me vem é mais uma pessoa saudável, assim que vive bem. Por que com meus avós eu não tive muita experiência, o que tive de mais próximo de velho foi meu pai, meu pai tem 55 anos, então é o mais próximo de velho que eu cheguei e ele vive super bem, come bem, assim tem uma vida normal, o mais próximo de contato de idoso também foi com meu avô e via da mesma maneira, fazia tudo como se fosse um jovem, uma pessoa de qualquer idade, então eu acho que o velho, na minha opinião tem, a mesma capacidade de fazer as coisas de qualquer outra pessoa de qualquer outra idade

ENTREVISTADORA: De acordo com isso que você falou você acha que não vai ter dificuldade de se interagir com pessoas mais velhas?

GUTO: Eu acho que não.

ENTREVISTADORA: Ok era isso que eu queria saber, obrigado!

Entrevista nº 10 Adilson

Idade: 14 anos

Termo de Autorização: Ok

Data: 20 de abril

Horário 14:30 hs

Situação: Na semana passada eu dei carona pra ele, e comentou alguma coisa comigo a respeito do teatro, portanto já tínhamos conversado antes dessa entrevista. Hoje ele chegou atrasado e não quis entrar no meio da atividade então vai esperar até a hora do intervalo para entrar na oficina, enquanto isso, o convidei para uma entrevista.

Ele começou incomodado com o gravador e o deixei a vontade para opinar quanto a gravação, ele topou mesmo envergonhado, arrisquei!

Entrevistadora: Conta pra mim um pouquinho do teatro, se você tá gostando.

Adilson: (na vibração da voz percebi ele meio nervoso) Tô gostando, assim é uma experiência nova, uma experiência boa, uma experiência assim que eu já te disse né, eu queria desisti mas eu não consegui e vou continuá, e é bom né?

Entrevistadora: É? Respondi com tom de pergunta. (O tempo todo que ele falou eu fui reforçando com: “é”, “hahã”, porque percebi-o inseguro pra falar, achei isto poderia deixá-lo mais seguro dando atenção).

Adilson: É, é gostoso, até agora eu gostei né!

Entrevistadora: Hahã

Adilson: Dessas últimas aulas, quero continuaááá! Até o fim do curso né!

Entrevistadora: E você veio busca o teatro por causa do quê?

Adilson: Por que eu quero cursa a carreira de ator mesmo

Entrevistadora: Ah é?!

Adilson: Quero fazer artes cênicas, (não entendi, gravação baixa), nessa área também, quero fazer até me aposenta, eu quero me aposentar nisso, eu quero ir até o final da vida.

Entrevistadora: É?

Adilson: Até o dia que eu for descansar, (...) desde pequeno, desde quando eu tinha 6 anos.

Entrevistadora: Hahã

Adilson: Eu não sei da onde saiu isso, mas desde pequeno tive vontade de atuar.

Entrevistadora: Hahã

Adilson: Eu acho que foi assim, a vontade da minha mãe querer que eu atue na minha vida, que eu quis dar um pára e falar assim “eu vou fazer o que eu quero”.

Entrevistadora: A tá!

Adilson: Por que é assim sempre ela tava em cima influenciando no que eu ia fazer.

Entrevistadora: Hahã

Adilson: Decidindo no que eu ia fazer, até um tempo que ela não conseguiu, que ela viu que não dava mais certo, que eu queria fazer teatro e atuar aí ela desistiu.

Entrevistadora: Ela te apoiou hoje?

Adilson: Agora apoiou um pouquinho, ela apoiou, porque é assim, na verdade ela queria algo que podia ser tudo, menos teatro (risos), em qualquer coisa ela ia me apoiar, só que foi difícil também ela me apoiar no teatro. Por que é assim, pra ela é importante mais é o dinheiro.

Entrevistadora: Hahã

Adilson: Que pra ela envolve mais felicidade, aí eu falo que a felicidade no trabalho é fazer o que gosta, a pessoa é boa naquilo que ela gosta, não naquilo que ela não gosta; a pessoa chega, vai trabalhar ali, vai trabalhar lá, desconfortável, num uniforme feio horrível que não gosta (risos), num sapato apertado e tem que dar um sorriso (risos), aquele sorriso falso (dá uma risada, eu também) (não entendi a gravação) aí que eu bati o pé “é teatro que eu quero fazer”, aí eu consegui; aí na primeira oportunidade que apareceu no folheto do Sesc eu fui folhear, na hora que eu bati os olhos: o teatro! Aí eu já chorei pra minha mãe por causa do horário da escola (risos).

Entrevistadora: Hahã.

Adilson: Aí eu tô fazendo!

Entrevistadora: Aí quando ela apoiou você ela abriu o jogo, de fazer o que você quer, depois faz o que você quer seu relacionamento começou melhorar com ela? Você tinha algum relacionamento ruim por causa disso?

Adilson: Não, não porque era assim... até certo tempo, até agora mesmo “Ah! você vai prestar isso, vai prestar prova pra isso, vai prestar prova pra aquilo, pra conseguir isso, pra fazer um curso técnico do que você quiser”, ela continua até hoje mas, influência no teatro ela já falou uma vez só, agora por causa do teatro ela falou só uma vez: “o que vai fazer? Quer fazer prova? Por que antes era assim dia e noite, vai fazer isso, vai fazer aquilo, aí por causa do teatro ela desistiu um pouquinho. Então vou convencendo aos poucos. Ela aprendeu a se... esperar né! Minha mãe não sabe esperar.

Entrevistadora: É?

Adilson: Num sabe..., num sabe esperar, tem que ter paciência pra esperar o ritmo dela, se não segui o ritmo dela tem que dançar na corda bamba.

Entrevistadora: Quer dizer então que você tá realizado!

Adilson: To, to feliz (risos de ambos), se eu falar que tô triste, que eu tô deprimido, não porque se eu falo assim, que eu venho aqui pra passar o tempo, pra..., que eu tô triste algo assim..., eu vou tá mentindo pra você, porque eu venho aqui por que me sinto mais feliz mesmo, porque só a escola mesmo eu me sinto em ordem..., em ordem alfabética, eu sou o primeiro da lista então meus amigos ficam lá na última fileira, nos últimos lugares

Muito longa essa conversa que não é do teatro!

Entrevistadora: Você sabe que o teatro ele tá dividido em dois grupos né? O grupo dos mais jovens e o grupo dos mais velhos,

Adilson: dos mais idosos.

Entrevistadora: É dos mais idosos, você...(pausa) que quê você acha que pode acontecer quando junta os dois grupos? Você acha que vai se legal?

Adilson: Eu acho sabe por quê? Por que o quê tá no grupo “A” (idosos), é um grupo de maior idade, maior conhecimento, então com o conhecimento deles com o conhecimento do teatro, vai influenciá muito mais, vai tá tendo uma junta muito maior e também a união faz a força né? Que nós sozinho num somos ninguém. Se a gente fizé só nós, ou se houvé alguém “Ah! se cata o véio”, eu sô contra essas pessoas que chega e “ah! cata o veio” ou “Num gosto desses véio chato”, claro que não! São idosos, tem que te teu tempo, adequado pra eles, num tão com a memória mais boa mas sabem mais, tem mais conhecimento que nós; muitos já fez mais curso de teatro, conhece outra coisa que a gente não conhece, uma senhora conhece tricô, a outra conhece xadrez, outro é bom em carta, aí vai né, um ajuda o outro, aí...(a fita foi danificada e precisou fazer um recorte, continuando a fita, acho que devo ter perguntado algo sobre preconceito pra ele)

Adilson: Não até agora não (risos), acho que assim as vezes a classe social mesmo, na rua, no ônibus, numa praça pública há esse preconceito, então eu acho que pra ameniza, pra acaba com ele, ameniza esse preconceito, é também fazendo isso (apontou com os olhos para a oficina de teatro), isso ajuda bastante, diminui muito... (risada de ambos).

Entrevistadora: Você tem avós?

Adilson: Tenho.

Entrevistadora: E é próxima sua convivência?

Adilson: É convivência com a minha vó materna só, meu vô materno se separou da minha vó já a 14 anos (contou um pouco da história de seus avós de seus pais separados).

Entrevistadora: Essa avó materna você sempre vê ela?

Adilson: Vejo quase sempre.

Entrevistadora: Você se relaciona bem com sua avó?

Adilson: Sim.

Entrevistadora: É?

Adilson: Se não fosse minha avó.... (não entendo o que ele fala)

Entrevistadora: o que ela interfere no seu relacionamento com sua mãe?

Adilson: Nada, ela não interfere, ela ajuda na minha educação se você qué sabe, eu queria dizer na verdade, ela é mais mãe do que aquelas pessoas... porque eu sô o neto mais velho, eu tive que ter aquela convivência até os nove anos, aí depois ela foi pra uma cidade aqui perto, mais mesmo assim nós mantemos contato, eu vô passa as férias na casa dela, ela vem pra cá, ela não consegue ficar distante de mim né! Ela volta pra cá (outros comentários que não tem nada com teatro fala do tio documentação etc..), então isso ajuda a gente fica mais próximo, do meu tio te ido pro Japão.

Entrevistadora: Tá legal, Você disse que tem uma idéia de quando vai juntá os dois grupos de teatro, que vai se bom, você tem essa expectativa, depois vou entrevistá novamente, pra conferi tá bom?

Adilson: acho que vai se um pedacinho que preenche a vida, e vai ajudá também né porque assim, se eu posso ajuda eles, eles podem me ajuda, e é uma coisa boa pra eles também de convive com outras pessoas mais novas, conhecimento nosso também que eles não conhecem, eles vão tá conhecendo, acho que isso é bom, agora depende da..., depende da convivência, assim muda de opinião. (acho que isso é bom isso me faz pensar se em épocas anteriores era previsível as coisas na vida das pessoas, pelos jovens de hoje serem mais livres, me parecem que tem

opiniões próprias e se sentem donos de um conhecimento que as gerações anteriores não conheceram, pois o estilo de vida era mais recatado!!!!!!!, com menos liberdade, menos vivência, e com uma educação mais imposta e rígida.

Entrevistadora: Aí eu vô querê sabe (risos de ambos)

Adilson: Eu também, eu querê sabe dessa opinião. Por que é assim, é diferente né! Que eu to falando uma coisa agora eu não tive na pele, eu num senti na pele.

Entrevistadora: É a idéia que você tem né!?

Adilson: Eu nunca convivi com outros senhores de idade, eu convivi só com a minha avó né!

Entrevistadora: Mas é a idéia que você tem.

Adilson: Essa é a grande diferença.

Entrevistadora: É isso que eu queria sabe de você, obrigado!

Entrevista nº 11 Edilson

Idade: 21 anos

Termo de Consentimento: Ok

Dia: 29/06/06

Hora: 17:00 hs

Local: Dentro do teatro

Situação: A entrevista aconteceu logo após a oficina do dia, já tinham se apresentado para uma platéia pequena duas semanas atrás. Hoje, no teatro, passaram a fita da apresentação e fizeram algumas discussões para melhorar nas próximas apresentações. Ele não participou da primeira apresentação, mas, ajudou o Sr. Machado fazer a fantasia dele de arara e no dia da apresentação ajudou no som.

Esta entrevista foi muito bem feita, ficou rica em conteúdos. Edilson foi muito claro e seguro em suas colocações.

1. O que você está achando do teatro?

R: Do teatro (ele olha para o palco), eu gosto muito do teatro, eu já faço teatro algum tempo, e o teatro é um momento que eu me realizo; hoje é o que eu faço, é minha profissão e pra mim é tudo de bom.

2. Você já apresentou alguma peça?

R: Já, algumas

3. Você é profissional?

R: Ainda não, mas estou no caminho.

4. E esse teatro o que você acha?

R: Há eu gosto muito, porque, apesar de ser uma iniciação teatral né, já ter passado por essa fase e tal, mas a gente que já faz algum tempo, sempre tem alguma coisa nova pra aprender. Então tem

algumas coisas que eu já passei, que eu já sei, mas tem coisas que eu aprendo, coisas novas que ele (prof.) e que eu não aprendi.

5. Por que você não quis apresenta (O ensaio cênico)

R: Por que eu não gostei do texto. Acho que talvez por..., por ter alguma estrada no teatro, alguma experiência e já posso... , já tenho uma liberdade de escolhe o que eu faço e o que não faço, hoje né, enquanto eu não sou profissional, porque quando eu for profissional a coisa muda, mas hoje eu tenho essa escolha, não gostei do texto e não quis ta lá em cima (palco), mas me propus estar ajudando de outras formas.

6. Por isso que você ajudou o Sr. Machado?

R: Sim, sim.

7. E o que você achou disso?

R: Há eu gostei muito porque..., eu, eu gosto muito de ta fazendo outras coisas no teatro também e também podê tá ajudando outras pessoas, pra mim é bom, não só me satisfaz, eu não só me satisfaço estando em cena só pensando em mim, mas... Como o teatro é em conjunto, teatro é conjunto eu fico satisfeito com todo mundo bem , todo mundo legal e no que eu pude ajuda , eu só ganho com isso.

8. E o que você acha de ta aqui junto com pessoas desde os 6 até 66 anos? (OBJETIVO 6)

R: Uma experiência que no começo quando eu soube que iam juntá as turmas, me assustô, por que eu nunca trabalhei com... com pessoas de terceira idade né, não sabia que ia ter gente de 6 anos tal; eu nunca trabalhei como pessoas da terceira idade, então me assustô um pouco né, mas depois de juntá a turma eu vi que é muito bom, eu gosto muito, aprendi a gostá, convivê com o pessoal, com pessoal muito alegre e já tem uma certa experiência, que traz uma carga de vida muito boa pra gente sabe?!! Eu que sô novo já tenho uma certa experiência no teatro, mas eles têm uma experiência de vida, sabe?!! Isso juntando no teatro dá uma fórmula muito gostosa muito boa, sabe?!! Isso é muito bom eu tô gostando muito.

9. E quando te assustô como vc descreve isso? (OBJETIVO 5)

R: Háh foi um susto tipo assim... é porque....eu tinha visão que o pessoal da terceira idade é um pessoal meio chato, um pessoal que já tinha vivido muito, já tinha ..., já tem sua experiência de vida e... a gente não sabe de nada ainda da vida porque eles já sabem de tudo, então pra mim eles eram os donos da verdade e a gente que ia fica meio por fora assim né, mas, **eu percebi que não né**, então esse foi meu medo de sê ignorado tal pelo pessoal (turma dos idosos) tipo assim: “Háh se num sabe de nada, a gente já passo por isso e cê ainda nem chego nessa fase”, né, então esse foi o meu medo de sê ignorado pelo pessoal (idosos), mas acabei vendo que não, na verdade a gente aprende muito com eles e eles aprendem com a gente.

10. Isso é o que vc acha que aprendem com eles?

R: Sim, sim é a experiência de vida, o já vivido, a gente tem a idéia do que seja, eles já têm a experiência, eles já passaram por isso, eles já sabem de verdade como é, isso é bom.

11. Vc acha que a tua geração tem alguma coisa pra ensiná pra eles (Idosos)?

R: Eu acho que sim, eu acho, eu acho que... é.... a gente, a gente sempre tem que aprendê com as pessoas mais novas, né, tanto a gente tem que aprende com eles (idosos) que já viveram como eles com a gente, porque o mundo muda a cada dia, né, então a nova geração sempre tá mais antenada no dia a dia no que acontece, na, nas novidades, né, então acho que isso é útil pra todo mundo, pra... tanto pras pessoas mais idosas, pra todo mundo; eu aprendo muito com as pessoas novas do que eu, né, e eu acredito que eu tenho coisas pra ensiná as pessoas mais velhas também.

12. Vc acha que no grupo aí, rolô algum preconceito?

R: Preconceito? (ficou pensando por um tempo)

13. Principalmente ali nos rapazes.... em relação ao grupo?

R: Não, eu não senti preconceito de ninguém, eu senti um medo, um receio como eu disse que eu senti, eu acho que eu senti que o pessoal....

14. Os outros sentiram também?

R: Eu acho que sim, eu acho que sentiram uma responsabilidade maior, né, estamos lidando com pessoas mais velhas, pessoas da idade das nossas mães, das nossas avós, tem todo um respeito e tal..., achei que teve esse medo e não um preconceito.

15. Vc acha que o grupo tá integrado?

R: Eu acho, acredito sim que, nós formamos uma integração, eu acho que até mais do que quando era só o grupo mais jovem, né, acho que agora nós somos mais integrados do que antes, bem unido, todo mundo se ajudando pra chegá num resultado legal, acho que tá mais divertido a aula, ta mais gostoso de se fazer, eu acho que o pessoal (todos) tá se divertindo mais, tá se ajudando mais, eu acredito que tá mais integrado.

Entrevistadora: É isso muito obrigada

Nº 12 Júlia (16 anos)

Data: 23.03.06

Horário: 16:35 hs

Local: sofá em frente ao administrativo, logo após a oficina de teatro 2006

Terceira e última entrevista com a Julia

Dia: 31/08/2006

Horário: 17 hs

Situação: Véspera da apresentação, foi feito o convite antes de começar a oficina de hoje. O motivo da entrevista foi terminar as três seqüências de entrevistas. Também percebi um preconceito de sua parte em relação ao Adauto (14) e gostaria de ouvi-la.

Pergunta: O teatro tá terminando, fala pra mim, faz um resumo de tudo que você vivencio nesse teatro 2006 até agora.

Julia (16): Ah ele é muito mais voltado pra área profissional, é, no começo ele pedia muito mais dos atores do que ele tá pedindo agora, eu achei isso, o começo que ela quis dizer foi antes de juntar com os idosos realmente o ritmo foi alterado segundo a entrevista com o professor e...a... o desenvolvimento do grupo foi bom apesar do final assim ta meio enrolado meio corrido mas, o desenvolvimento do trabalho foi bom, bem proveitoso pra todos eu tenho certeza, e, espero que apresentaremos uma boa peça, acho que vai se bom.

Pergunta: Tá acabando e aí?

Julia (16): Ah! E aí tomara que teja outra, que tenha outra pra podê fazê isso de novo, tomara que entra mais gente, ou forme duas turmas.

Pergunta: Você ficô sabendo que vai tê o coral agora né? E daí ta animada?

Julia (16): Há não, não vô faze, não, num me desperta, acho que..., acho que mais pra área de encená assim, de decorá textos, acho que é mais a minha área, agora assim cantá eu não me interesseo muito não.

Pergunta: Ta. Fala mais um poquinho, pra completa a entrevista anterior, o que você ta achando desse grupo de idosos.

Julia (16): Ah eu achei eles..., num sei se eu posso falá..., mais... muito extrovertidos, muito mais animados sabe, o outro parece que era meio parado, acho que a Delminda tudo ela dá o animo da turma e..., eu acho que o desenvolvimento desse trabalho foi muito melhor que o outro.

Pergunta: Hahã.

Julia (16): A peça com certeza vai sê melhor também.

Pergunta: E o que você pode dizer assim de uma maneira geral que aprendeu com os idosos?

Julia (16): Ah, que eu aprendi, pensa um pouco, nossa essa pergunta é difícil e sorri. Ah, acho que tanta coisa assim é... o modo deles falarem assim você fica prestando atenção, que nem essa..., essa..., essa esquete que ele fez da Antigüidade, o jeito deles falarem, o jeito que eles declamam: “ah era verdade, nossa era isso” e começa conta história do que eles passaram cê fica escutando atenta né, é um negócio tão gostoso e acho que devia te mais disso, (MEMORIA CULTURAL) eu acho que tanto a gente aprende com eles quanto eles aprende com a gente né.

Pergunta: O quê que eles aprendem com vocês?

Julia (16): Ah, o que eu acho que marca mais é esse negócio das falas mesmo, do jeito de agi, de se comunica que é diferente tanto dos idosos quanto dos adolescentes, crianças, adultos, é tudo muito diferente, e eles também ficam ligados assim pra vê o quê que a gente ta falando, como a gente agi, pra tenta agi junto, pra se entrosa, pra brinca mais com a gente.

Pergunta: E isso pelo que você ta dizendo não é mesmo que acontece com a tua geração?

Julia (16): Ah não!

Pergunta: Por exemplo?

Julia (16): Ah! eu acho que a-assim, a-na nossa turma de adolescentes tem grupinho né, fica um grupinho separado, um grupinho em outro e um grupinho das pessoas idosas e eu sô mais do grupinho das pessoas idosas né. Eu fico lá decorando falas com eles e tudo né!(VEFIFICAR NAS FITAS E SE FOR O CONTRÁRIO COMO FICA?) Aí fica o grupinho da criançada que é tudo meio irresponsável, junta prum lado junta pro outro e: “Ah vamo decorá fala? Ah não dexa pra depois, vamo come primero” sabe então eu to me afastando mais pra vê se eu consigo me fixa

mais no trabalho, e eu acho que eles tão agindo, aí.. num tão com muita responsabilidade, tão mais com brincadeiras infantis tudo, num se dando pra peça.

Pergunta: Hahã, e hoje você perdeu a paciência?

Julia (16): Ah hoje eu estorei, falei ah que brincadeira idiota no meio do ensaio, sabe, sabendo que a peça vai se amanhã e fica com brincadeira no meio da peça pra tira atenção dos atores e eu não concordo com isso, acho que tem que se concentra pra tentá fazer o melhor possível porque amanhã vai ta mostrando tanto pros nossos familiares quanto pra gente que a gente não conhece, né!

Pergunta: Ta chegando no objetivo final

Julia (16): É

Pergunta: Você percebeu algum preconceito tanto dos mais velhos pros mais jovens quanto dos mais jovens pros mais velhos?

Julia (16): Eu acho que não, acho que esse grupo foi super tranquilo, num teve nenhum problema quanto a isso, foi só risada, só diversão, sabe na hora de pega pesado e pega todo mundo do seu jeito, mas ta todo mundo caminhando, espero que dê tudo certo né.

Pergunta: Mais uma comparaçãozinha ainda do teatro anterior.

Julia (16): É o que eu te falei da área técnica né, que esse teatro é muito mais voltado pra área técnica o outro ficava muito mais na brincadeira, na improvisação e esse ta mais voltado pras falas, voltado, centralizado, e a câmera, marca o passo, marca a posição e volta, faiz isso e faiz aquilo sabe.

Cris: E você gosta mais disso?

Julia (16): Eu gosto mais disso, eu gosto mais que o ator se concentra na hora que ele vai porque se ele entra brincando sabe, entra não sabendo direito o que ele vai fala (ela não gosta de improvisação), eu gosto que ele tenha exato no que ele vai fala, o que ele vai fazer, os movimento que ele vai fazer e tudo, eu acho isso tudo muito mais legal. Você entra muito mais confiante no palco, ele fala assim oh: eu vou entrar vou fazer isso e-e não ele fica aí meu Deus e agora? Será o que eu vou falar? Como será que eu vou fazer, será que eu pode entrar (no palco) no mesmo lugar? E quando tem tudo marcado é tudo mais fácil, o teatro, a peça se desenvolve melhor.

Entrevistadora: Tá bom era isso, obrigada.

Entrevista nº 13 Daniela

Idade: 15 anos

Dia: 03/09/06

Horário: 15:20 hs

Local: Foier do teatro

Situação: Foi feito o convite antes de iniciar a oficina, a entrevista foi realizado durante o intervalo, a primeira entrevista não foi gravada, o gravador falhou e não gravou, portanto esta entrevista é refeita, a anterior foi muito mais rica em detalhes.

Pergunta: O que que vc ta achando do teatro?

Daniela (15): Muito bacana, num tempo curto (solta um sorriso), muito bom

Pergunta: Tempo de cada oficina ou total?

Daniela (15): Total, devia ter continuidade

Pergunta: Por quê?

Daniela (15): Ah! Por que assim, cê tá aprendendo agora, aí quando vc acha que ta melhorando, caminhando pra consegui fazê uma coisa melhor ainda.... pára!!!!!!

Aí perde a graça, aí cê fica boiando!!!!

Nesta fala dá para avaliar o impacto do teatro, independente de avaliar a intergeracionalidade, mas...

Pergunta: E o que vc acha de fazer teatro com pessoas de 6 a 66 anos?

Daniela (15): Ah! é uma coisa assim que vc ensina pros pequeninhos né... e aprende com os grandões, é legal, é uma troca de aprendizagem.

Pergunta: E o que vc aprende com os grandões?

Daniela (15): Nossa muita coisa né. Fala com tom de muita admiração e balançando a cabeça. A alegria deles, eles ensinam a gente também que é... como se diz..... de se expressa mais, se dá mais pras pessoas porque assim, cê num se dá muito assim, cê num se abre muito com as pessoas, então eles fazem isso, eles, eles ensinam a gente assim de num vê muita diferença sabe, e gostar da pessoa como ela é, e aprender a se dá assim, se abri com as pessoas mais assim.(Excelente depoimento, na fala dela pode perceber que a aproximação com os idosos quebram os supostos paradgmas ou conceitos de socialização com idades diferentes da dela, me parece que os jovens estão tão acostumados com suas tribos que se sentem estranhos diante de pessoas de outras idades, ela ,se surpreende, o discurso é claro quando a fala é: eles ensinam a olhar as pessoas como elas são, isto é são sinceras, sem julgamentos e preconceitos quantpo a idade deles. É isso eles tem receio do julgamento e da imagem que os idosos possam ter a respeito dos jovens).

Pergunta: Vc acha que teve algum tipo de preconceito no grupo?

Daniela (15): Não, eu não vi assim, se teve eu não reparei.

Pergunta: Você acha que as pessoas que saíram, as pessoas mais velhas que saíram se sentiram menosprezada ou menorizadas?

Daniela (15): Acho que não, o Dorival saiu porque tinha... aquele negócio lá na Unicamp de quinta feira (tratamento da catarata), eu acho que não é por causa disso, as vezes é por causa do tempo, do horário, meio de semana, é meio complicado né.

Pergunta: O que a sua geração pode ensiná pras pessoas mais velhas?

Daniela (15): Ah eu acho que ééééé....., como que fala.....não é alegria assim, que alegria eles tem de sobra mas alguns são meio.... fechadinhos assim, é diversão, porque tem muito velho que não sai de casa, não sai dali por nada nesse mundo! Foi enfática uma das únicas se não a única a tocar nesse assunto parece que os mais jovens tiveram receio chegar nesse comentário. E fica lá tranca xingando Deus e o mundo. Aí a gente pode fala a vô vamo lá comigo né, lá no shopping, no cinema ele vai gostando e aprendendo í sozinho sabe, é uma coisa que vai passando o tempo deles mais rápido e eles vão gostando sabe. Se divertindo mais.

Pergunta: Você convive tem contato com seus avós?

Daniela (15): Tenho

Pergunta: Como é seu relacionamento com eles?

Daniela (15): Ah... a minha avó tem alzheimer, [não entendi algumas palavras] mas agora com a mudança [de cidade], deu um avanço, então ela ficou assim, então às vezes ela pergunta assim: "onde é que eu estou?" Então a gente tem que ter paciência para explicar uma, duas, três vezes, mas eu penso tipo, ela me cuidou a vida inteira e agora eu tenho que cuidar dela também, dar mais atenção.

Pergunta: E você tem paciência?

Daniela (15): Ah! Tem dia que eu não tenho muita paciência não, mas eu sempre procuro pensar sabe que eu tenho que... Que um dia eu vou ficar velha, então eu tenho que entender assim que não é culpa dela na verdade.

Pergunta: Como que é pra você uma pessoa velha?

Daniela (15): Como que é? Acho que é uma pessoa que tem muita experiência de vida né porque, cê vê a Suzana Vieira, ela tem 60 anos cê vê o rosto dela, tudo bem que foram duas plástica né....rsssssss, acho que é uma experiência a mais do que cabelo branco, pele enrugada... acho que é mais experiência, cê vê um velho mais por experiência, digamos assim, ce as vezes se espelha em alguns que você conhece mais intimamente pra... não completou. ah cê vê aquele senhor correndo no Taquaral de manhãzinha, aquele shortinho curtinho... vô fica assim quero sê igual ele sabe, cê se inspira nele, nas personalidades. Modelo de envelhecimento positivo e negativo falado por Ferrigno

Pergunta: E o que você sente agora no final?

Daniela (15): Tristeza né porque tá acabando. Ah é chato né cê tá fazendo uma coisa, cê tá gostando, agora pego no tranco cê tem que pará né, é meio chato; mas foi legal, foi bom, não me arrependo; acho que devia ter estudado um pouco mais no começo, mas tudo bem, tava conciliando escola com teatro, aí fica meio difícil, mas agora.... tá bom eu gostei, vai acaba né?!!!.

Entrevistadora: Tá bom, obrigada.

Observação direta: Ela foi uma das meninas que mais interagiu com o grupo todo. Não percebi indiferenças. Uma das cenas do teatro tinha um grupo só de senhoras e quando uma delas faltou num dos ensaios, ela se disponibilizou para fazer a vez em duas oficinas, ensaiou com o grupo de senhoras, trocaram de idéias na distribuição das falas, riram bastante, houve toques físicos sem receio. Esta entrevista foi depois de ter ocorrido esse fato, esse foi o critério de ter escolhido ela para entrevista.

Muito interessante a imagem que ela fala do velho: é mais uma experiência do que cabelo branco, pele enrugada

Numa passagem anterior ele comenta como se espelha nos velhos saudáveis correndo na lagoa do taquaral

Nº 14 Conversa informal com Sr. Machado

Dia: 26/01/07

Horário: 12:30 hs

Situação: Eu estava almoçando na lanchonete do Sesc quando ele se aproximou e convidei-o para me fazer companhia. Depois de conversarmos vários assuntos, inclusive sobre a visão, motivo pela qual ele para o teatro⁰⁶ para tratamento, lhe perguntei: Por quê o Sr. Parou de fazer teatro⁰⁶?

Ele me respondeu que foi por causa da metodologia do professor, as atividades eram muito musicais e não de interpretação e apresentação de texto, além do mais a intergeração era uma ilusão porque na opinião dele ali não aconteceu nada de interação entre os jovens e os velhos, acontecia só quando o professor mandava, depois cada um ia para o seu grupinho de idade, não se formava grupos de amizades como no teatro anterior. Sr. Machado era o único homem idoso do grupo dos idosos, já se sentia discriminado por isto e também pelos mais jovens. Fez uma comparação em relação a metodologia da outra professora do teatro⁰⁵, se adaptou melhor e fez mais amizades. É bom lembrar que existia uma diferença entre a formação de sujeitos entre as

duas turmas de teatro, a turma de 2005 tinha mais crianças do que adolescentes, e a turma de 2006 tinha mais adolescentes.